SUBSÍDIOS PARA A LEITURA

DOS

LUSÍADAS

POR

J. BARBOSA DE BETTENCOURT

PROFESSOR DO LYCEU NACIONAL DE LISBOA

NOTAS EXPLICATIVAS, GEOGRAPHICAS, HISTORICAS E LITTERARIAS

SEGUIDAS DE DUAS CARTAS GEOGRAPHICAS

AILLAUD & C.IA

CASA EDITORA E DE COMMISSÃO

96, boulevard Montparnasse
PARIS

Filial: 242, rua Aurea, 1.º
LISBOA

LIVRARIA ACADÉMICA
J. Guedes da Silva
R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 2 5988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

RC PQ9224 B38

SUBSÍDIOS

PARA A LEITURA

DOS

LUSÍADAS

PREFACIO

Entre os trabalhos mais necessarios relativos ao nosso primeiro poeta conta-se a composição de um commentario simples que dê sufficiente auxílio para a leitura dos Lusíadas. Tal foi o trabalho que emprehendemos. Não é commentario erudito; não pretendemos profundar as numerosas questões que suscitam os Lusíadas, mas apenas dar subsídios para a simples leitura do poema, isto é, ministrar as explicações estrictamente indispensaveis para uma leitura intelligente e proficua. As allusões geographicas, historicas e litterarias são innumeras; sem as conhecer não é possivel entender parte alguma do poema; procuramos dizer de cada uma das mais importantes o necessario para se comprehender o seu objecto e opportunidade. Indicamos os principaes pontos de contacto com os autores anteriores, tanto antigos como modernos, o que é indispensavel para se conhecerem as origens da poesia camoneana, e assignalamos os passos parallelos dos Lusíadas, para facilitar o estudo do estylo do poeta.

São os Lusíadas um poema essencialmente historico e geographico. Uma das suas principaes fontes é Barros. Muitas citações fazemos do grande historiador, nalgumas transcrevendo o texto; mas ao leitor que queira estudar mais profundamente a génese dos Lusíadas, não bastarão essas citações: deve cotejar passo a passo a obra do historiador e a do poeta. Só assim poderá verificar bem como esta surgiu d'aquella; como, sem deixar esta base em grande parte do poema, Camões se eleva nas asas de uma inspiração que nunca se perde em vôos longinquos, mas sempre paira sobre a realidade, cujas cores aviva e embellece.

Sobre os successos da viagem preferimos, porém, citar o *Roteiro* escrito por um dos companheiros de Vasco da Gama, por ser obra de testemunha presencial.

Serviram de base ao nosso trabalho o commentario de Faria e Sousa e as notas de Burton e de Storck; para a parte botanica utilizamos as indicações do excellente livro do conde de Ficalho *Flora dos Lusiadas*.

Nas cartas juntas reùnimos as indicações necessarias para a leitura do poema concernentes á Africa, Arábia e India e ao extremo Oriente. A derrota de Vasco da Gama foi indicada conforme o traçado do snr. Ravenstein (*The First Voyage of Vasco da Gama*. London 1898-Hakluit Society).

Escrevemos com a orthographia usual de base etymologica, expurgada, porém, de differentes erros que nella se tem introduzido. Assim escrevemos *sossego* e não *socego*, *ansia* e não *ancia*. Estamos, porém, convencidos de que a orthographia não tardará muito a simplificar-se no uso geral. Deveriamos escrever *ditongo* e não *diphthongo* nem *dithongo*, *filosofia* e não *philosophia*, etc.

Nas referencias ao texto dos Lusíadas citamos em geral as palavras com a orthographia actual, muito mais complicada que a do poeta. Pode parecer digno de censura, mas entendemos dever proceder assim num trabalho destinado ao público em geral, como é este, em cujo plano não incluimos o estudo da lingua, e destinado a ser utilizado com qualquer texto, mòrmente não havendo ainda outra edição crítica do poema além da do snr. dr. Adolpho Coelho, publicada pelo Diario de Noticias, da qual poucos exemplares se encontram em circulação.

Na accentuação não pretendemos seguir rigorosamente o systema que julgamos melhor. Numa época de transição não quisemos applicar constantemente, num livro como este, principios ainda não introduzidos no uso geral; mas não nos podiamos abster de marcar a accentuação com mais frequencia do que geralmente se faz. Os principios que adoptámos foram os seguintes:

Nas palavras terminadas em *a*, *e*, *o*, *as*, *es*, *os*,

não se marca o accento tonico quando está na penultima syllaba; excepto se aquellas vogaes são precedidas de *e* ou *i*, *o* ou *u* na mesma syllaba, como em *macedónio*.

Nas palavras terminadas em *i*, *u*, *is*, *us*, ou diphthongo, seguido ou não de *s*, e nas que terminam noutra consoante, não se marca o accento tonico quando está na ultima syllaba.

Marca-se o accento quando está na antepenultima syllaba (palavras exdrúxulas) ex. : *cálido*.

Marcam-se as vogaes *a*, *e*, *o* abertas (i e, com o valor alphabetico) em syllaba átona, quando fôr conveniente, com o signal (`), ex.: *pègada*.

Marcam-se as vogaes *a*, *e*, *o* fechadas em syllaba tonica com o signal (^) quando importa distinguir a palavra de outra que só differe em ter a vogal tonica aberta, ex. : *côrte*, para distinguir de *corte*.

Quando se seguem duas vogaes que não formam uma só syllaba, e uma dellas é accentuada, marca-se esta com o signal (´) ex.: *ruína;* se ambas são átonas, marca-se a segunda com o signal (`), ex.: *ruìnoso*, *ismaèlita*.

Como fica dito, não quisemos applicar sempre estes principios. Mesmo nos casos em que coincidem, salvo a posição do accento, uma forma nominal e uma forma verbal, como *crítico* e *critíco*, *auxílio* e *auxilío*, não accentuamos todos os exdrúxulos. Nos nomes communs foi nosso unico intento chamar a attenção para a necessi-

dade que ha de se adoptar geralmente um systema que indique em todos os casos sem a menor dúvida a posição do accento tonico. Nos nomes proprios applicamos, porém, quasi sempre as regras formuladas, e por vezes até accentuamos nomes que, segundo estas, não careciam de ser accentuados, para evitar os effeitos da falta de reflexão e das suggestões produzidas por analogias apparentes.

Lisboa, 1º de Julho de 1904.

J. Barbosa de Bettencourt.

AUTORES E OBRAS CITADAS

I. — AUTORES ORIENTAES

RAMÁIANA, poema sánscrito (pode consultar-se a traducção francesa de Hippolyto Fauche e a italiana de Gorresio).

ZINADIM. Vej. Lopes (David).

II. — AUTORES GREGOS

DIODORO SÍCULO, Historiae.

ESTRABÃO, Geographica.

HERÓDOTO, Historiae.

HESÍODO, Theogonia.

ILÍADA (ILIAS), ODYSSÉA (ODYSSEIA), poemas attribuídos a HOMERO.

PLUTARCHO, Vitae parallelae.

PTOLOMEU (Ptolemeu), Megale Syntaxis.

TZETZES, Chilias.

III. — AUTORES LATINOS ANTIGOS

ACTUS APOSTOLORUM (na Bíblia).

AUGUSTINUS (S^to^ Agostinho), De trinitate.

CAPELLA (Martianus), De nuptiis philologiae et Mercurii et de septem artibus liberalibus.

CICERO, De officiis, Somnium Scipionis (no De republica), De oratore, Pro Archia.

CLAUDIANUS, De raptu Proserpinae, Gigantomachia (fragmento), De nuptiis Honorii et Mariae.

EVANGELIUM (Matthei, Marci, Joannis).

GÉNESIS (na Bíblia).

HORATIUS, Carmina.
JUDICUM (LIBER) (na Bíblia).
JUSTINUS, Historiae.
JUVENALIS, Satirae.
LIVIUS (Titus), Historiae.
LUCANUS, Pharsalia.
MARTIALIS, Epigrammata.
MATTHAEUS (vej. Evangelium).
OVIDIUS, Metamorphoses, Fasti, Amores, Heroidae.
PETRI Epistolae (na Bíblia).
PLINIUS, Naturalis historia.
PROPERTIUS, Carmina.
PSALMORUM (LIBER) (na Bíblia).
REGUM (LIBRI) (na Bíblia).
SAMUEL (1º e 2º livro dos Reis, na Bíblia).
SENECA, De Ira, Tragediae.
VALERIUS MAXIMUS, Facta et dicta memorabilia.
VERGILIUS, Bucolica, Georgica, Aeneis.

IV. — AUTORES LATINOS MODERNOS

ALLATIUS (Leo, *Allaci*), De septem orbis miraculis.
CHRONICON GOTHORUM.
MAFFEO, Supplementum libri duodecimi Aeneidos.
SANNAZARO. De partu Virginis.

V. — AUTORES ITALIANOS

ARIOSTO, Orlando furioso.
BOIARDO, Orlando innamorato.
DANTE. La divina comedia.
PETRACA, Rime (Sonnetti, Canzoni, i Trionfi).
POLIZIANO, Stanze.
SANNAZARO, Rime.
TASSO (Bernardo), L'Amadigi, Amori.

VI. — AUTORES HESPANHOES

FARIA I SOUSA (Manoel de), Lusiadas de Luis de Camoens, comentadas, Madrid 1639.

GARCILASSO DE LA VEGA, Obras.

SOEIRO (Manoel), Anales de Flandes.

MENA (Juan de), Coplas.

VII. — AUTORES ALEMAES

STORCK (Wilhelm), Luis de Camões, Die Lusiaden.

VIII. — AUTORES PORTUGUESES

BARBOSA (Duarte), na Collecção de noticias para a geographia e historia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes, publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa.

BARROS (João de), Asia (Décadas).

CAMÕES. Canções, Redondilhas.

CASTANHEDA (Fernão Lopes de), Chronica do descobrimento e conquista da India pelos portugueses.

CASTILHO (Antonio Feliciano, Viconde de), Os fastos de Ovidio.

CASTRO (Gabriel Pereira de Castro), Ulyssea.

CASTRO (D. João de), Roteiro de Diu a Suez.

COELHO (Adolpho), Edição dos Lusiadas do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

CORREIA (Gaspar), Lendas da India.

CORREIA (Manoel) Os Lusíadas do grande Luis de Camoens, commentados pelo licenciado Manoel Correa. Lisboa 1613.

CORTE REAL (Jeronymo), O naufragio de Sepulveda. O segundo cerco de Diu.

COUTO (Diogo do), Asia (Décadas).

DIAS (Epiphanio), Edição do Esmeraldo de Duarte Pacheco.

FICALHO (conde de), Flora dos Lusíadas, Viagens de Pero da Covilhã.

GARRETT (Visconde de Almeida) Camões.

GOES (Damião de), Chronica do felicissimo Rei D. Emanuel.

VIANA (Gonçálvez), Ortografia nacional.

HERCULANO (Alexandre), Historia de Portugal.

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, publicada por Bernardo Gomes de Brito.

LOPES (David de Mello), Historia dos portugueses no Malabar, por Zinadim (introducção, texto árabe, traducção), Chronica dos reis de Bisnaga (introducção, texto, traducção).

LOPES (Fernão), Coronica de El Rei D. João de boa memoria.

MACEDO (Antonio de Sousa de), Ulyssipo.

MARIZ (Pedro de), Dialogos de varia historia.

MENESES (Francisco de Sá de), Malaca conquistada.

MONARCHIA LUSITANA, por fr. Bernardo de Brito continuada por fr. Antonio Brandão e outros.

NUNES (Pero), Tratado em defensão da carta de marear.

PACHECO PEREIRA (Duarte), Esmeraldo de Situ Orbis.

RESENDE (Garcia de), Chronica de D. João Segundo, o verdadeiro título é mais extenso.

ROTEIRO da viagem de Vasco da Gama em 1497, publicado por Alexandre Herculano e o barão de Castello de Paiva, 2e edição, Lisboa 1867.

SANTOS (fr. João dos), Ethiopia oriental.

SOUSA (Manoel Caetano de), Historia genealogica da real casa de Bragança.

VASCONCELLOS (Jorge Ferreira de), Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda.

VASCONCELLOS ABREU (Guilherme de), Fragmentos de uma tentativa de estudo scoliastico da epopea portugueza, Lisboa 1880, Alguns passos dos Lusiadas estudados á luz da mitologia e do orientalismo, Lisboa 1892.

IX. — PUBLICAÇÕES PERIODICAS

BOLETIM da Sociedade de Geographia de Lisboa.
INSTITUTO (o), Coimbra.
MEMORIAS da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

SUBSÍDIOS PARA A LEITURA

DOS

LUSÍADAS

CANTO PRIMEIRO

I

As estancias 1 a 3 contém a *proposição*, isto é, a indicação do assumpto do poema. O ponto de partida foi a proposição da Eneida (I, 3) que começa

Arma virumque cano Troiae qui primus ab oris

mas logo o poeta se afasta do modelo, mostrando-se original. — *Barões*, X, 108₇, homens illustres. A concepção do assumpto, indicada nas notas ás est. 2 e 12, justifica o plural. Comparando-se toda a introducção do poema com a do Orlando Furioso de Ariosto (Veja-se a nota á est. 11), encontram-se algumas pequenas reminiscencias da sua leitura. — *Lusitana*, portuguesa. Os sabios do seculo XVI, escrevendo em latim, usavam da palavra *lusitani* para designar os portugueses, por ser o nome dum povo que habitara a parte central do moderno Portugal, e se distinguira pela sua heroicidade nas lutas que sustentara com os romanos para defender a sua independencia, principalmente sob o commando de Viriato, e ter designado a palavra *Lusitânia*

uma provincia romana que em grande parte correspondia a Portugal. Parece que foi o bispo D. Garcia de Meneses, num discurso em latim que pronunciou em Roma em 1481, o primeiro que em prosa empregou a palavra *lusitani* para designar os portugueses. — *Nunca de antes navegados*, I, 27[3]; V, 41-2; 37[3]; VII, 25[5]. Os antigos tinham chegado nas suas navegações ao longo da costa d'Africa, ao occidente até á região do Senegal, e ao oriente até Zanzibar. Todo o resto da costa occidental era desconhecida, e se povos vindos da banda do mar Vermelho se tinham adiantado, como é provavel, até Sofala, a antiguidade classica não tivera disso conhecimento. A forma do sul d'Africa era inteiramente desconhecida e não se sabia se havia communicação entre o Atlantico e o Indico. — *Taprobana*, X, 51 forma com que se encontra nos geographos gregos a palavra sánscrita Tamraparna, um dos nomes da ilha de Ceilão. Era muitas vezes citada como ficando nos limites do mundo conhecido, confundindo-a os geógraphos umas vezes com Sumatra, outras dizendo que ficava fóra do orbe. Comp. « Passaram o rio Ganges tão nomeado, a grande Trapobana ». Pero Nunez, *Tratado em defensão da carta de marear*, Lisboa, 1537. — *Mais do que promettia*, II, 55[2].

2

E tambem as memorias. Na est. 1 indica-se a parte central do assumpto, em roda da qual se agrupa o resto : a viagem de Vasco da Gama á India e as descobertas e conquistas que se lhe seguiram; na est. 2 os esforços, feitos desde o reinado de D. João I, que levaram a este resultado. Nas est. 12 a 14 serão recordadas estas partes do assumpto, e indicado mais expressamente o resto : os feitos dos antigos portugueses, que igualmente serão contados, de forma a completar-se uma narrativa seguida da historia de Portugal. — *Vicio-*

sas, habitadas por povos que não professavam a religião christã. — *Devastando*, para castigo de seus habitantes: julgava-se lícito, e até meritório, o estrago feito em terras de infieis. — *Da lei da morte*, I, 14$_8$; VIII, 27$_8$. — *Se a tanto me ajudar...*, comp. Orl. Fur., I, 2$_{5-8}$. — *Engenho e arte*, assim como *esforço e arte*, eram fórmulas muito usadas pelos poetas italianos e por Camões. Comp., I, 75$_6$; VI, 73$_8$; VII, 71$_1$. *Engenho*, dom natural que faz imaginar ao poeta caracteres e situações; *arte*, aptidão, em parte natural, em parte adquirida pelo estudo, que lhe permitte expressar o que imagina e sente, de forma a produzir no leitor effeitos análogos.

3

Cessem as navegações, cesse a sua fama, deixem de ser celebradas. — *O sabio grego*, o astuto Ulysses, cujas longas navegações e aventuras, desde que, após a tomada de Troia, II, 35 N, partiu desta cidade, até que logrou chegar á patria, a ilha Íthaca, uma das Jónias, são narradas na Odysséa, poema grego attribuído a Homero. — *O troiano*, Enéas, príncipe troiano, filho de Anchises e da deusa Vénus, que, tendo escapado da tomada de Troia com alguns companheiros, se dizia ter chegado á Italia e ter-se estabelecido no Lácio. Descendentes seus teriam fundado Roma. A navegação de Enéas e o seu estabelecimento no Lácio formam o assumpto da Eneida, poema latino de Vergilio, de que Camões se inspirou em muitos passos. — *Cale-se*, comp.

Barbara Pyramidum sileat miracula Memphis.
Mart., I, 1.

e

Taccia Lucano...
. . . . . .
Taccia di Cadmo e di Aretusa Ovidio.
Dante, Inf., XXV.

Alexandre, rei da Maeedónia, filho de Filippe. Tendo assegurada a sua supremacia na Greeia e nas regiões vizinhas do seu reino, invadiu em 334 A. C. o imperio da Persia, que conquistou completamente, levando as suas armas até á India, onde attingiu o rio Hýphase, extrema do Panjabe. Poueo depois de voltar desta expedição morreu em Babylónia, em 323 A. C. — *Trajano*, 13º imperador romano (88-117). Venceu os dáeios e os persas. I, 75_7 mostra que Camões não o nomeia aqui unicamente pela sua grande fama militar, mas em especial pelas suas victorias na Asia. Trajano chegou mesmo a formar o projecto duma expedição á India e a mandar construir para esse fim uma frota no mar Vermelho, mas não chegou a realizar tal projeeto. IV, 64_8, porque morreu. — *Peito illustre lusitano*, II, 50_6; X, 23_3, o valor dos portugueses. — *Neptuno e Marte obedeceram*, os portugueses triumpharam dos perigos do mar e venceram sempre na guerra. — *A musa antigua*, os poetas da antiguidade. — *Outro valor*, outros feitos illustres, os dos portugueses. Comp. II, 44_{5-8}.

4

As est. 4 e 5 contém a *invocação*, euja forma differe da da Eneida. Em vez da musa, o poeta invoea as Tágides, nymphas filhas do Tejo (Tagus), ereação sua. As musas eram primitivamente divindades de certas fontes, e differentes, nomeadas pelos poetas, lhes eram eonsagradas : por isso Camões lhes substitue muito naturalmente as Tágides. — *Verso humilde*, poesias pastoris : éelogas e idýllios. — *Phebo*, Apollo, deus do sol, e tambem da poesia. — *De vossas aguas*, aeerea de... — *Hippocrene* (fonte do Cavallo), fonte junto ao monte Hélieon na Beócia, consagrada ás musas, que se diz ter brotado com uma patada do cavallo Pégaso. — *Que não tenham inveja*, que as vossas aguas, ó Tágides, onde bebo a inspiração, não tenham que invejar ás de

Hippocrene, onde a bebiam os poetas gregos; isto é, não tenha eu que invejar a glória de Homero e de Vergílio, por vós me terdes igualado a elles.

5

Furia, VII, 87_6, enthusiasmo poetico. — *Sonorosa*, I, 47_8; IX, 54_8; X, 128_7. — *Avena*, aveia, canna, flauta pastoril. — *Tuba*, trombeta de guerra. — *Igual canto aos feitos*, canto igual aos feitos. — *Se tão sublime preço*, III, 5_{3-4}; X, 71_8. Aqui, como no último verso da est. 3, e mesmo no último da est. 10, é a hypérbole apresentada de modo mui natural, como convém, conforme a grande arte do poeta. — O pedido formulado nas duas est. da invocação: que as Tágides, que tinham inspirado Camões nas poesias pastoris, o inspirem agora na epopéa, é o que se contém nos quatro versos que nalguns manuscritos se encontram no principio da Eneida:

Ille ego qui quondam gracili modulatus avena
Carmen, et egressus silvis vicina coegi
Ut quamvis avido parerent arva colono,
Gratum opus agricolis; at nunc horrentia Martis
Arma virumque cano...

Estes versos, perfeitamente improprios em tal logar, e que decerto não são de Vergílio, foram por Camões muito felizmente aproveitados para a invocação.

6

As est. 6 a 18 comprehendem a *dedicatória* a D. Sebastião. Nella ha, porém, tres partes a distinguir: *a*) dedicatória propriamente dita, e pedido de favor, est. 6 a 9; *b*) justificação do pedido, que consiste numa nova exposição do assumpto, tendente sobretudo a mostrar o caracter dos heroes, est. 10 a 14; *c*) exhortação a D. Sebastião a que pratique novas façanhas atacando os infieis. Esta última parte recorda nalguns pontos a

dedicatória das Georgicas de Vergílio a Mecenas, a parte da prophecia de Anchises no 6º livro da Eneida que se refere a Augusto, e a dedicatória da Pharsália de Lucano a Nero. — *Bem nascida segurança...*, generoso príncipe (de preciosos dotes) que és penhor da nossa independencia. — *Certissima esperança...*, *Spes o fidissima Teucrum*. Aen., II, 281; *Ferma speranza e certa sicurtade*. Orl. Fur., XXVII, 96. — *Que todo o mande*, para que conquiste todo o mundo para fazer converter ao christianismo muitos dos seus habitantes.

7

Tenro e novo. A dedicatória foi evidentemente composta antes de D. Sebastião, que nascera em 1554, assumir o governo, que tomou em 1568. — *Ramo*, VIII, 71₁. — *Uma árvore*, a familia real portuguesa. — (Árvore) *cesárea*, a série dos soberanos do antigo imperio de Alemanha, III, 11₅, que se denominavam césares e imperadores dos romanos, usando este título como successores de Carlos Magno, I, 13₁. — *Christianissima*, VII, 6₆, a de França, cujos reis usavam este título desde o meado do século XV. — *No vosso escudo*, o escudo das armas portuguesas, em que estão figuradas, nas quinas, as (cinco chagas) que Christo recebeu na cruz. Veja-se outra explicação em III, 53 e 54. — *A victoria* de Ourique, III, 42-54.

8

O sol logo em nascendo... Comp., no epigramma de Jorge Buchanam a D. João III,

> *Inque tuis Phoebus regnis oriensque cadensque*
> *Vix longum fesso conderet axe diem*

Hemisphério, I, 65₃. — *Torpe*, I, 64₆, 99₄; VII, 5, repugnante, pela sua falta de fé. — *Ismaèlita*, árabe, descendente de Ismaél, filho de Abrahão e da escrava

Agar. Trata-se dos marroquinos (em opposição *oriental*). — *Cavalleiro*, porque anda muito a cavallo e guerreia principalmente a cavallo. — *Gentio*, IV, 75$_1$; VIII, 56$_2$; X, 14$_8$. A palavra *gentiles* designa, na litteratura ecclesiastica dos primeiros tempos, «os das nações», por opposição ao primeiro núcleo christão, assim como os judeus designavam já os outros povos pela palavra *goim*, caracterizando a distincção religiosa que havia entre elles e o povo hebréo, unico adorador de Jehová. Depois o christianismo espalhou-se e os que no mundo greco-romano ainda conservavam as antigas religiões, passaram a chamar-se pagãos (*pagani*), porque era sobretudo nas aldeias (*pagi*) que essas religiões ainda conservavam adeptos. Gentíos chamamos aos povos que não professam o christianismo, nem o islamismo ou o judaismo. — *Santo rio*, X, 121$_4$, o Ganges.

9

Gesto, rosto. — *Na inteira idade*, depois de terdes completado vossa vida, I, 17$_7$. Diz Lucano a Nero na dedicatória da Pharsália:

> *Te cum statione peracta*
> *Astra petes serus, praelati regia cœli*
> *Excipiet gaudente polo.*
>
> Phars., I, 45-47.

Eterno templo, I, 17$_7$, o logar dos bemaventurados. *Templum* em latim significava primitivamente recinto, logar demarcado; depois região do ceu demarcada com a vara do áugur; em seguida região em geral, nas expressões vulgares nos poetas; *cœli templa, templa mundi*, etc. O vocabulo templo, suggerido por essas expressões, tem, porém, aqui, a significação christã: o ceu é o verdadeiro templo, onde Deus propriamente reside e se manifesta aos bemaventurados. — *Numerosos*, V, 93$_{3-4}$, bem medidos, melodiosos.

10

Ninho meu, VII, 68s; VIII, 3s, expressão muito dos poetas do renascimento.

11

Vãs façanhas. Refere-se o poeta principalmente ao *Orlando Furioso*, do poeta italiano Ariosto, publicado pela primeira vez em 1516 e na sua forma definitiva em 1532. É o Orlando um poema de aventuras, em que o autor brinca com os assumptos dos romances de cavallaria da idade média, tratando-os, não em epopéa heroica, á maneira de Vergílio, mas romanticamente e por vezes com a veia galhofeira dos contos italianos e dos *fabliaux* franceses. Camões accentua a differença entre este genero de poema epico, que era o que até então tinha apparecido no renascimento, e o que elle apresenta; os personagens do Orlando são phantasticos, os dos Lusiadas verdadeiros, e as suas façanhas excedem muito as daquelles, embora essas sejam fingidas. — *Rodamonte* (it. Rodomonte), *Rogério*, *Orlando*, personagens do poema de Ariosto. Foi Boiardo que imaginou o nome de Rotomonte para um dos heroes do seu poema *Orlando Innamorato;* Ariosto adoptou este nome, mas modificando-o em Rodomonte. Rotomonte, o Rolamontes, é um nome como Arranca-pinheiros e outros dos contos populares; *Rodomonte* significa Roemontes; desta forma deriva a palavra francesa *rodomontade*, bravata. Orlando é o Roland (Ruitland) do cyclo de tradições que tem por centro Carlos Magno (I, 13).

12

Nuno, D. Nun' Alvares Pereira, condestavel no tempo de D. João I, que teve parte importante nas victorias do mestre de Avis e na sua acclamação, IV, 14-

46. — *Egas*, Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques, III, 25 a 41. — *Dom Fuas*, D. Fuas Roupinho, VIII, 16, 17. — *Homero*, pretendido autor da *Iliada*, poema epico grego que narra factos do cerco de Troia, e da *Odysséa*, I, 3. — *Cithara*, instrumento de cordas com que se acompanhava a recitação epica; aqui está pela inspiração epica. Este vocábulo, com deslocação do accento, e outras mudanças, tomou a forma guitarra. — *Doze pares*, os doze pares de França, que figuram nas tradições do cyclo de Carlos Magno, e no poema de Ariosto. — *Os doze de Inglaterra*, VI, 43 a 69. — *Gama*. Note-se que Vasco da Gama nunca tem no poema, nem se lhe annuncia no começo, logar proeminente : o seu nome não é mencionado na proposição propriamente dita, est. 1 e 2 (*as armas e os varões*), e aqui é mencionado no meio dos outros heroes, sem que a comparação com Enéas logre dar-lhe entre elles logar especial. Nas est. 99 e 100 do canto V confessa mesmo o poeta que não se sentia nada inclinado a celebrar especialmente Vasco da Gama e affirma que seu intento é celebrar todos os heroes portugueses. O proprio título do poema « Os Lusíadas », isto é, os portugueses, I, 24 N, annuncia uma glorificação de toda a historia patria : é o poema duma nacionalidade, não dum homem.

13

Carlos, Carlos Magno, rei dos francos, coroado imperador pelo papa. Reinou de 742 a 814. As suas guerras deram origem a narrações epicas, em que se incorporaram tradições anteriores. — *César*, III, 71 ; IV, 32₈. Julio César, que no fim da república romana, depois de brilhantes campanhas na Hispánia e nas Gállias, derrotou na batalha de Pharsália, na Thessália, o seu rival Pompeu, que defendia o partido do senado, e fazendo-se investir das principaes magistraturas, preparou a nova forma de governo que se designa com o nome de

imperio. — *E aquelle...*, D. João I, que assegurou a independencia de Portugal, principalmente com a victoria de Aljubarrota. — *Outro Joanne*, D. João II. Notabilissimo como politico, as unicas empresas militares em que entrou, sendo ainda principe real, foram a tomada de Arzilla, em que foi armado cavalleiro, e a campanha que terminou pela batalha de Touro, onde o principe se houve com grande bravura, compensando de algum modo o desastre da ala real, IV, 57-59.

14

Pacheco, Duarte Pacheco Pereira, X, 12 a 25. — *Almeidas*, D. Francisco d'Almeida, primeiro viso-rei da India, e seu filho D. Lourenço, X, 26-28. — *O Tejo chora*, I, 32; III, 60; IV, 28; X, 38; X, 118_{1-2}. E' vulgar empregarem os poetas o nome dum rio ou monte célebre para designar uma região. — *Albuquerque*, Affonso d'Albuquerque, X, 39-49. — *Castro*, D. João de Castro, X, 67-72. — *Poder não teve...*, I, 2_6.

15

Tomai as redeas. Mostra este verso que estas estancias foram escritas no fim da menoridade de D. Sebastião. — *Tomai... dareis*, estou ancioso por vos vêr tomar as redeas do vosso reino, porque, assim que as tomardes, dareis... Comp. X, 145-146.

16

Frio, apavorado, X, 13_{6-7}. — *Afigurado* personificado. — *Téthys*, deusa do mar, filha do Ceu e da Terra, esposa do Oceano. — *Cerúleo senhorio*, reino azul, o mar. — *Comprar-vos pera genro.*

Et genèrum te Tethys emat omnibus undis.
(Verg., Georg., I., 31.)

E lo vorrian per genero comprare
Thetide e l'Ocean con tutto il mare.

B. Tasso, L'amadigi, I. 63.

Queria Vergílio significar que Augusto, terminada a sua existencia terrestre, poderia ser deus do mar e governá-lo como tal; Camões quer exprimir que D. Sebastião será um monarcha poderoso nos mares. A mesma idéa de terem os portugueses o senhorio do mar é expressa nos cantos IX e X pela allegorica união de Vasco da Gama com Téthys e dos outros portugueses com as nereidas.

17

Vêm, III, 51; IV, 29, contracção de *vêem*. Comp. *crêm*, II, 16₇. Em vós se estão revendo, estão vendo com satisfação que tendes as suas qualidades e sereis semelhante a elles. — *Olympica morada*, o ceu, o logar dos bemavemturados, aqui designado por uma expressão pagã. Olympo era o nome dum monte ao norte da Thessália, onde se suppunha, como noutros, residirem divindades. Este nome foi depois dado á região superior onde se supposeram mais tarde residir muitos dos principaes deuses. — *Dos dous avós*, D. Sebastião era filho (póstumo) do principe real D. João, filho de D. João III, e da princesa D. Joanna, filha de Carlos V, rei de Hespanha e imperador da Alemanha. — *Paz dourada*, III, 96. É epítheto usual da paz, que reinava sem alteração na primeira e mais feliz das quatro idades mythicas do mundo, chamada idade de oiro, IV, 98. — *Angelica*, porque os anjos no ceu vivem em paz, ou porque a annunciaram ao mundo quando nasceu o redemptor. — *No fim da idade: no templo*, I, 9₃₋₄. — *Suprema eternidade*, I, 71₅, Deus (Padre Eterno).

18

Mas emquanto..., mas emquanto não chega o momento de tomardes conta do governo, como deseja o povo, a quem o tempo está parecendo lento... Tal seria o primitivo sentido destes dois versos, escritos durante a menoridade do rei, I, 15_3. Tenham ou não soffrido algum retoque para melhor se accomodarem a um rei que já exercia o geverno, podiam significar ao tempo da publicação do poema « em quanto não começaes essas altas empresas em terras distantes e vos consagraes á occupação uniforme de governar o vosso povo, que estima vêr-vos no meio delle... » Nesta interpretação o tempo seria *lento* para o rei, que anciava pela existencia variada e cheia de emoções das empresas militares. — *Dai vós favor-... Audacibus adnue coeptis.* Georg., I, 40. — *Novo atrevimento.* Era o primeiro poema epico português. Era mesmo o primeiro do renascimento : os poemas italianos eram romances e não epopéas nacionaes, I, 11 e N. — *Salso* II, $_{2-4}$, etc., salgado. — *Argento*, prata ; aqui o mar. — *Argonautas*, os heroes gregos que tomaram parte na expedição á Cólchida, para conquistar o vello de oiro. Phryxo e sua irmã Helle, príncipes de Thebas, na Beócia, fugindo, segundo uma tradição, ás furias de seu pae Athamante, segundo outra, ás da madrasta, dirigiram-se para a Cólchida, montados num carneiro cuja lã era de oiro. Helle caiu e afogou-se ao passar o estreito dos Dardanellos, e deste facto se fazia derivar o nome de Hellesponto, que este tinha na antiguidade. Phryxo chegou á Cólchida e ahi, por indicação dos deuses, matou o carneiro e pendurou a pelle (*vellum*) numa árvore. A Cólchida era a região situada a leste do mar Negro, ao sul do Cáucaso. A expedição partiu da Thessália no navio Argos, de cujo nome deriva o de Argonautas, commandada por Jasão. Graças ao auxílio

que lhe prestou Medéa, filha do rei da terra, e grande feiticeira, que por elle se apaixonou, logrou Jasão, apesar da opposição do rei, apoderar-se do vello de oiro. Teve primeiro que submetter ao jugo dois toiros de pés de bronze, que expiravam chammas, e lavrar com elles um campo, em que semeou dentes de dragão. Nasceu uma multidão de homens armados que se voltaram contra Jasão, mas em seguida uns contra os outros, e se mataram (Comp. a lenda de Cadmo, VII, 9). Depois o heroe adormeceu o dragão que guardava o vello de oiro e levou o precioso objecto. Esta lenda, que só podia ter-se localizado na Cólchida depois de terem começado as viagens commerciaes dos gregos para aquelle país, é muito mais antiga, e acha-se muito espalhada, sendo facil reconhecê-la em differentes contos que ainda se conservam na tradição popular entre nós e no estrangeiro. Neste logar Argonautas significa simplesmente navegadores audazes, descobridores.

Desta lenda procede a denominação e insignia da célebre ordem do Tosão d'Oiro, instituida em 1429 por Filippe o Bom, duque de Borgonha, por occasião do seu casamento com a infanta D. Isabel, filha de D. João I de Portugal. Consiste a insígnia num carneiro d'oiro ou vello d'oiro, pendente dum collar de fita vermelha escura ou de pedras scintillantes.

E costumae-vos... Vergílio no principio das Georgicas, tendo invocado, depois dos outros deuses, o proprio Augusto, cuja proxima divindade annuncia e já anticipa, assim termina a invocação dirigindo-se ao soberano:

Da facilem cursum atque audacibus adnue coeptis
Ignarosque viae mecum miseratus agrestis
Ingredere et votis jam nunc assuesce vocari.

Georg., I, 40-42.

19

Consagradas, sagradas, I, 35$_8$; II, 56$_3$. — *Próteo*, accentuação conforme com a latina (Próteus), mas, que Camões adopta só neste logar, em vez da usual Protéo, VI, 20, 36, X, 7. Era um deus marinho, filho de Neptuno, que guardava os peixes e as phocas (gado de Protéo). Dera-lhe o pae o dom da prophecia, e como era frequentemente instado para revelar as coisas futuras, para se esquivar, tomava differentes formas, VII, 85$_4$.

20

Quando os deuses... A narração da viagem continúa na est. 42. Compare-se a descripção do concílio dos deuses com os episódios similares dos poetas antigos, especialmente Aen., X, 1-117 e Met., I, 163 sg., de que se encontram reminiscencias em Camões. Se se quisesse precisar a situação cosmica do Olympo, em face da doutrina cosmographica do canto X, 77$_{19}$, teria de procurar-se no Empýreo, e não no ceu de Júpiter. Comp. Aen., X, 116-117. Ha contradicção entre a idéa de que cada deus preside a um planeta e tem seu ceu proprio e a que attribúe a Júpiter a soberania dos deuses e o governo do mundo. — *Via láctea* (estrada de leite), tambem chamada « estrada de San Tiago », faixa do ceu, em parte simples, em parte dupla, bifurcando-se na constellação do Cysne e no Cruzeiro, na qual se vêem muitas estrellas em direcções proximas, apresentando o conjunto uma côr esbranquiçada.

> *Est via sublimis, caelo manifesta sereno :*
> *Lactea nomen habet, candore notabilis ipso.*
> *Hac iter est superis ad magni tecta Tonantis*
> *Regalemque domum.*
>
> Ovid., Met., I, 168-171.

Tonante (trovejante), Júpiter. — *Pelo neto*, Mercúrio, filho de Júpiter e de Maia, filha de Atlas ou Atlante. Era o mensageiro de Júpiter.

21

Dos sete ceus. Supposeram alguns dos antigos que em volta da terra giravam sete espheras transparentes como crystal, envolvendo-se umas ás outras e com o centro no centro da terra, em cada uma das quaes estava eravado um planeta, que com ella se movia, por esta ordem, de dentro para fóra: Lua, Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno, II, 32; X, 86 a 90, especialmente 89. A lua (Diana) e os planetas tinham nomes de deuses, por isso diz o poeta que cada deus habita e rege a respectiva esphera. — *Do poder mais alto*, expressão vaga, que pode entender-se de Júpiter, mas tambem duma divindade superior. Comp. a interpretação allegorica em X, 82-84. — *Arcturo* (gr. *Arctouros* = *arcto-oros*, que olha pela Ursa, guarda da Ursa), estrella da constellação do Boieiro; designa, porém, aqui a Ursa, o Norte. — *Austro*, sul. — *Tem* lat. (*tenent*) ao mesmo tempo occupam, habitam, e governam.

22

Padre, lat. *pater*, designava na antiga sociedade o chefe da *gens* (familia em sentido lato); applica-se aqui a Júpiter (*divum pater atque hominum rex*) como chefe da familia dos deuses. Como os *patres* formavam com suas familias a nobreza, em opposição ás familias plebéas, sem culto religioso, a palavra *pater* era um titulo de nobreza, e correspondia a *veneravel*. Assim diz Vergilio *Pater Aeneas*, e Camões tambem *o padre Baccho*, I, 30. — *Dino*, digno, grave. A orthographia *dino*, *malino*, *indino*, etc., era commum no seculo XVI; por influencia do estudo do latim, se introduziu depois a actual orthographia e pronúncia. — *Que vibra*, V, 514. — *Vulcano* era o ferreiro dos deuses; era elle que fabricava os raios para Júpiter, de quem o

poder de lançar raios e fazer soar trovões era um dos principaes attributos. — *Com gesto alto.* Era caracteristica de Júpiter a serenidade majestosa, como era proprio dum deus que primitivamente personificava o ceu sereno. Maravilhosamente a tinha expresso Phídias na estatua de Jupiter de *Olýmpia*, segundo as descripções dos antigos e as representações em moedas. — *Tornara*, tornaria (o corpo humano que o recebesse). — *Mais clara que diamante.* Avisadamente procedem os poetas, quando, não podendo deixar de recorrer a objectos terrestres para as suas descripções do ceu ou do inferno, insinuam que não são precisamente esses objectos que lá existem, mas são esses os que mais se parecem com os de lá.

23

Horrendo, que faz estremecer de temor.

24

Pólo, ceu. — *Assento*, morada. — *Luso*, I, 39; III, 21; VI, 30; VII, 77-78; VIII, 2-4. Suppôs-se derivar o nome celtico dos *Lusitani* dum imaginario heroe chamado Luso, que teria sido chefe daquelle povo; dahi o titulo do poema, os Lusiadas, isto é, os descendentes de Luso. — Os poetas portugueses do seculo XVI que compunham em latim introduziram as palavras Lýsia, como equivalente de Lusitania, para designar Portugal, e *Lusíades* (acc. pl. *Lusiadas*) e *Lusiadae*, equivalentes a *Lusitani*, para designar os portugueses. Formaram esta última á semelhança de diversos nomes gregos patronýmicos. Em grego existia a palavra feminina Lusíades, que designava as nymphas do rio Lúsias, proximo de Thúrios. — *Dos fados grandes*, I, 28. — *Certo intento*, resolução inabalavel. — *Os humanos*, os homens.

25

Toda a terra..., Portugal. — *Pois...*, e não é menos certo que... — *Contra o Castelhano* (os castelhanos). Allude especialmente ás victorias de D. João I. — *Ceu sereno*, I, 106$_7$. — *Teve pendentes*, pendurou, ou poude ostentar pendurados. — *Tropheos* (Gr. *tropaios*, lat. *tropeus* e não *tropheus*, como depois se escreveu), era a commemoração da victoria que se fazia ao voltar pendurando num tronco d'árvore despojos dos inimigos.

26

Co'a gente de Rómulo, VIII, 6$_8$, combatendo contra os romanos. Roma fôra fundada, segundo a tradição, por Rómulo, descendente de Enéas, I, 3. — *Inimiga*, difficil. — *Guerra romana.* Os lusitanos resistiram muito tempo á conquista romana, principalmente emquanto os commandou Viriato, pastor do monte Hermínio (talvez a serra da Estrella). Viriato derrotou successivamente os generaes Apimano, Cesarão e Canthero, até que os romanos conseguiram assalariar dois soldados delle, que o assassinaram na sua tenda emquanto dormia (140 A. C.) Diz-se que a reacção lusitana que Viriato dirigiu fôra provocada pela traição de Servio Galba, que, tendo convocado os lusitanos desarmados a uma conferencia, fizera envolver e trucidar todos os que tinham comparecido. — *Um que peregrino* (estrangeiro)..., Sertório, III, 63; VIII, 7$_{5-8}$, romano do tempo das luctas entre Mário e Sylla. Proscrito por Sylla vencedor, retirou-se para Africa, donde passou á Hispania, de grande parte da qual se fez senhor, disputando-a aos romanos até 73 A. C., em que, desesperando de o vencer, o fizeram matar por seu logar tenente Perpenna. Tinha-lhe um lusitano dado uma corça branca que elle persuadia aos hispanos ser Diana, que tomara aquella forma para sempre o acompanhar e aconselhar;

27

Por vias nunca usadas, I, 1_3; V, 4_{1-2}; 37_3; VII, 25_5. — *Áfrico*, vento de oeste, propriamente de W S W (a. port. ábrego); *noto*, vento sul. Estão estes ventos indicados em vez de todos. — *Onde o dia...* I, 29_3. Tendo vivido muito tempo sem saír da zona temperada, onde é sensivel a variação da grandeza dos dias e das noites com as estações, quiseram conhecer outras terras, navegaram para o sul, atravessando a zona tórrida e por ella se dirigem ás regiões orientaes.

28

Fado eterno, I, 24, 31. Fado, (lat. *fatum*, gr. *moira*) ou fados (*fata*), o destino, que invariavelmente fixou o que está para succeder, superior á vontade dos proprios deuses, cujas acções tambem lhe estão sujeitas; ou, propriamente, o encadeamento necessario de causas e effeitos, concepção primitiva, mas perfeitamente scientifica, porque a discussão acerca da liberdade humana só pode versar sobre os actos secundarios, sendo a direcção geral da actividade dos homens determinada por condições exteriores, resultado complexo das circumstancias antecedentes. Note-se a expressão *longos tempos*, que prevê um termo. Comp., X, 107_8.

29

Tem passados. Forma antiga do pretérito perfeito composto, em que o participio concordava com o complemento directo, o que igualmente succedia no pretérito mais que perfeito composto e futuro perfeito. Em francês ainda hoje se faz esta concordancia quando o complemento directo é um pronome pessoal ou relativo que está antes do verbo. Comp. II, 76_4; III, 27_3; 81_4; IV, 22_4; 42_4; V, 47_7; VI, 82_{1-2}; VIII, 6_5; X, 2_7. Alguns destes exemplos mostram como se formaram estes

tempos compostos. Primitivamente o verbo destas orações era *ter* e o participio era nome predicativo do complemento directo, por isso concordava com elle; e empregava-se este modo de dizer quando se queria indicar que o effeito expresso pelo verbo ficava subsistindo. Assim, IV, 22₄, a ferrugem tinha gastado as armas e gastadas estavam; o sangue derramado na batalha de Aljubarrota tinha tingido as flores de vermelho, IV, 42₄, e ao fim da batalha ainda conservavam essa côr; Viriato humilhou as armas de Roma, VIII, 6₅, e Roma ficou sob essa humilhação; emfim, em X, 2₇ se vê, melhor que em qualquer outro exemplo, como duma expressão do presente se formou um tempo passado. — *Climas*, I, 27 N. Os antigos geógraphos davam esta denominação ás zonas parallelas ao equador em que dividiam a superfície terrestre, attendendo ás differenças de duração do dia e noite nas diversas latitudes. Esta differença vae augmentando do equador para os pólos. A primeira zona a partir do equador, em cada hemispherio, era limitada pelo parallelo para o qual o maximo dia (no equador o dia tem sempre 12 h.) é de 12 h. 30'; o clima immediato estendia-se dêste parallelo até áquelle em que o maximo dia é de 13 h. e assim por diante.

30

Sentença, parecer. — O *Padre Baccho*, I, 22 N. No tempo em que foram compostos os mais antigos poemas gregos, a Ilíada e a Odysséa, acreditava-se que os deuses intervinham constantemente nas coisas humanas, não differindo a sua natureza consideravelmente da dos homens, cujas paixões sentiam. Por isso estes poemas, e aquelles a que depois serviram de modelo, apresentam constantemente os deuses na narração. Não era, naquellas antigas épocas de crença, artificio poetico; tão verdadeiros eram para o poeta os actos

que referia dos deuses como os que referia dos heroes. Perdida depois a crença, pelo menos já nesta intervenção constante da divindade, a sua supposição nos poemas já não era mais do que um artificio para ornar a narração. Mas era sempre preciso motivar a cólera ou sympathia dos deuses, que os levava a perseguir os heroes, difficultando-lhes a realização dos seus intentos, ou a protegê-los contra os perigos em que os lançava a cólera doutros deuses. Assim na Odysséa Neptuno suscita uma tempestade para fazer morrer Ulysses, porque está irritado contra este, que lhe matou o filho Polyphemo. Nos Lusíadas o inimigo dos portugueses é Baccho, que não quer que elles cheguem á India para não deixarem na sombra a glória que lá adquiriu, I, 30-32; VI, 32.

Baccho era o deus do vinho, considerado como filho de Júpiter e de Sémele, princesa thebana. Era um deus da Asia Menor, de que nunca se faz menção na Ilíada nem na Odysséa, o que indica que ainda ao tempo em que aquelles poemas foram compostos não tinha o seu culto penetrado na Grecia. Este culto era muito differente dos da Grecia e, como outros da Asia, tinha festas ruidosas, delirantes, acompanhadas de excessos, tanto mais que intervinha a embriaguez (*orgias* entre os gregos, *bacchanaes* entre os romanos). Estava por isso em contradicção com o caracter sereno, elevado, artistico, dos cultos hellenicos, e era natural que repugnasse á parte mais distincta da nação. Agradava, porém, ao povo, e nalgumas cidades o protegeram os tyrannos justamente para se tornarem sympathicos. Generalizou-se, pois, o culto de Baccho, mas não sem primeiro vencer viva opposição, de que resta memoria em differentes mythos. Contam estes como alguns príncipes de Thebas foram castigados por não reconhecerem a divindade de Baccho. Mas Baccho veiu a vencer e estas luctas ainda accentuaram mais o seu caracter de deus

vencedor, que á frente, não de um exército, mas de uma turba desordenada de bacchantes, mulheres em delirio, armadas de thyrsos, (lanças envoltas em ramos de vide e de hera), e differentes entidades mythicas grotescas, como os sátyros, conquistara o mundo. Entre os países que, segundo a lenda, tinha conquistado contava-se a India, VII, 52.

31

Dóris, filha do Óceano e de Téthys, mulher de Neréo e mãe das Nereidas. — *Tudo quanto Dóris...*, todas as partes da India que banha o mar (Dóris), toda a costa da India. Talvez o poeta o diga pela India toda; mas realmente os portugueses, pouco numerosos, não penetraram no interior, e a politica de allianças, ou, pelo menos de amizade, com os soberanos do interior só isoladamente se adoptou. — *Ou fosse estranha.* Allude a Semíramis e a Alexandre Magno, VII, 53 e 54. — *Nysa*, VII, 52, monte ou cidade mencionada nas lendas de Baccho, que se pretendeu reconhecer em differentes cidades da Arábia, da India e de outras regiões da Asia. Para Camões é Nysa junto do Hydaspe.

32

Fortuna ou caso, formula vulgar na poesia italiana. — *Indo*, em vez de India, I, 14_6. Dá-se aqui o caso especial de ter sido este rio que deu nome á India. — *Parnaso*, monte da Beócia consagrado a Apollo e ás Musas, junto do qual ficava a fonte Castália, tambem consagrada ás Musas. Eram estas primitivamente divindades de certas fontes, I, 4 N; associado depois o seu culto ao de Apollo, tornaram-se, como elle, divindades da poesia. — *Quantos bebem...* V. 87_1, os poetas, I, 4_8. — *Agua do esquecimento*, VIII, 27_8; X. 9_6. Segundo a doutrina chamada da metempsychose cada alma voltava, depois da morte de cada corpo a que andara

unida, a animar outro corpo; mas primeiro bebia no inferno (região dos mortos) da agua do rio Lethes, que a fazia esquecer da sua existencia anterior.

33

Sustentava contra elle. A divindade que protege os portugueses é Vénus, como na Eneida protege Enéas, de quem havia descender o futuro fundador de Roma, e protege-os porque vê nelles qualidades que os tornaram dignos successores dos romanos, além do motivo dito na est. 34, e em IX, 38. A deusa grega Aphrodite, que os romanos chamaram Vénus, era de origem asiatica. Era a divindade semitica Istar, ou Astoreth, que representava a fecundidade da natureza. O nome de Aphrodite significa *saída da espuma:* dizia-se que a deusa tinha nascido da espuma do mar. Foram os phenícios que trouxeram o seu culto quando para o seu commercio estabeleceram feitorias nas terras banhadas pelo mar Egéo. Por isso em Chypre, que tinha forte população phenícia, tinha a deusa antigos santuarios em Paphos e Idália, e outro na ilha de Cythéra, tambem occupada, em tempos antigos, por phenícios. O caracter naturalista que a deusa tinha nas regiões semiticas oblitera-se quasi completamente entre os gregos, para quem se torna a deusa do amor, e a sua representação, para que bastava a principio uma tosca pedra, inspira os esculptores ao ponto de produzir estatuas das mais bellas que fez a arte grega. — *Grande estrella*, VI, 47₄; VIII, 29₂, etc., fortuna muito favoravel, i. e, grandes victorias. — *Terra tingitana*, Marrocos, de *Tingis*, Tánger. Allude ás victorias dos portugueses em Marrocos, que começaram com a tomada de Ceuta em 1415. — *Imagina*, II, 85, pensa. — *Com pouca corrupção...*, crê que é a latina levemente corrompida. Os romanos tinham implantado tão completamente a sua civilização no occidente da Europa, isto é,

na Gállia, hoje França, e na Hispanha, que os habitantes foram pouco a pouco deixando de fallar as suas linguas e passando a fallar latim. Apenas ha a mencionar uma excepção, que são as provincias vascongadas e uma pequena parte adjacente da França, onde até hoje tem persistido o vasconço, se bem que sempre pérdendo terreno. Em toda a Italia, e em todo o resto da Gállia e Hispánia, se passou a fallar latim. Com o tempo foi-se alterando o latim, modificando-se a pronúncia e as formas grammaticaes e, prevalecendo as tendencias, diversas conforme os povos, umas provenientes da propria conformação dos orgãos vocaes de muitas pessoas, outras de outras causas, que iam alterando a lingua, principalmente abrandando e supprimindo sons, veiu ella a differenciar-se formando principalmente o grupo dos dialectos italianos, o dos franceses, o provençal (dialectos do sul da França e catalão), o dos hispanhóes e o que é constituído pelo português e pelo gallego. Estas linguas (e dialectos), que são latim alterado, chamam-se *romanicas* ou neolatinas. O português e o italiano aproximam-se mais do latim do que o hispanhol e sobretudo do que o francês.

O português, bem como o hispanhol, recebeu muitas palavras do árabe, em consequencia da dominação muçulmana, e um certo numero de palavras germanicas, já directamente, em consequencia da vinda dos suevos, vándalos, alanos e godos á peninsula, já por intermedio de outras linguas, como o francês, e tem recebido ainda outras doutras origens; mas o seu vocabulario é na maxima parte latino e a sua grammatica é a latina simplificada.

34

Cytheréa, Vénus, que tinha um templo célebre na ilha de Cythera, ao sul do Peloponeso. — *Parcas*, tres divindades infernaes, filhas do Érebo e da Noite, que

fiavam os destinos dos homens: *Clóto* (roca) tinha a roca, *Láchesis* fiava e *Átropos* cortava o fio, isto é, punha termo á vida. Aqui indicam os destinos. — *Que ha de ser celebrada*, IX, 38, que lá levarão os portugueses o seu gosto pelos amores. Tinham os portugueses merecida fama de namorados. — *A qualquer*, a cada um.

35

Qual Austro (I, 21)..., Aen., X, 96-99. — *Bóreas*, vento norte. — *Consagrado*, I, 19_7. — *Ferve*, II, 53_2; 54_{1-2}; 93_1; X, 29_6.

36

Marte, deus da guerra, filho de Júpiter e de Juno, de cujos amores com Vénus conta um episodio da Odysséa, IX, 35_4. — *Ao collo*. O escudo podia ser apenas enfiado no braço ou pendurado tambem ao pescoço.

37

Viseira, como nos capacetes da idade média. — *Seguro*, destemido. — *Apollo* é uma personificação do sol.

38

Outro hemispherio, aqui a parte oriental do globo.

39

Luso, I, 24. — *Estomago*, II, 85, como coração, por ánimo.

40

Pois excede em ligeireza...

Ocior et jaculo et ventos aequante sagitta.

Aen., X, 248_1

41

A cabeça inclinando, signal solemne de assentimento irrevocavel que dava Júpiter. — *Mavorte*, forma primitiva ou cognata da palavra Marte. — *Néctar*, aromatica bebida dos deuses; bebiam néctar e comiam ambrosía (immortalidade), X, 4_3. — *Pelo caminho lácteo*, I, 20_6. — *Determinados apousentos*. Comp. v. 7-8 com I, 72_{7-8}.

42

Casa ethérea, celeste, I, 73_1. — *Do austro e do oriente*, a sueste da Africa. — *Ethiopica*, africana. A Ethiópia era a região que ficava ao sul do antigo Egypto, correspondendo á Abyssínia e regiões proximas. Como era mal conhecida, extendeu-se o seu nome a toda a região do sul da Africa, de oriente a occidente, V, 6_8, que em differentes escritos e cartas se encontra assim designada, e igualmente no título, que tomou D. Manoel, de senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiópia, Arábia, Pérsia e India. — *Ilha de S. Lourenço*, Madagáscar, X, 137_8. — *Queimava então os deuses...*, os peixes em que os deuses se transformaram: estava no signo de *Pisces*. Em 1498 o sol encontrou-se neste signo de 9 de fevereiro a 11 de março. A armada deixou o rio dos Bons Signaes a 24 de fevereiro e chegou a Moçambique a 2 de março. Sobre o modo de indicar o tempo comp. II, 72; IV, 27; V, 2. O poeta confunde dois mythos, um, Met., 321-331, segundo o qual os deuses, para escapar ao gigante Typhéo, VI, 13; IX, 42, se converteram em animaes, mudando-se Vénus em peixe, e outro, Ovid., Fast., II, 457-472, segundo o qual Vénus e Cupído passaram o Euphrates, para fugir ao mesmo Typhéo, cada um sobre um peixe e estes peixes foram collocados no zodíaco.

43

Sem receio de perigo, II, 146. — *Prasso*, região e promontório que eram o limite meridional da costa da Africa oriental conhecida dos antigos geógraphos. Devia ser, apesar de indicado com erro de latitude, o cabo Delgado. — *Passavam*, V, 21, estavam quasi a passar. — *Nome antigo*, cujo nome era desde muito afamado, alludindo ás tradições antigas ácerca dos Ethíopes. — *Novas ilhas*, as que ficam situadas ao longo da costa de Moçambique, até então desconhecidas.

44

Mas não lhe succedeu..., II, 704; III, 788; Comp. I, 854, expressão vulgar, tanto em Camões como em outros escritores do seu tempo.

45

Lei, religião.

46

Da côr verdadeira..., verdadeiramente da côr. — *Phae-tón*, geralmente dyssílabo; pronuncía-se hoje Pháeton; IV, 104; filho de Apollo e de Clýmene. Vendo posta em duvida a sua origem divina, pediu ao pae que por um dia lhe confiasse o seu carro (o carro em que Apollo, i. é, o sol, faz o seu giro diurno). Depois de muito hesitar, accedeu Apollo. Pháeton, na sua inexperiencia, não soube conter nem dirigir os fogosos cavallos e ora se afastava muito da terra, deixando-a muito fria, ora lhe corria muito rente, abrasando-a. Toda a natureza soltou para Júpiter um brado de afflicção e o rei dos deuses fulminou com um raio o imprudente moço, cujo cadaver caíu no rio Pó (Pádus). Choraram-no inconsolavelmente as irmãs, Lampécia, V, 916, Phaetusa e Lampetusa, até que os deuses, compadecidos, as conver-

teram em choupos, que distillavam ámbar (as lagrimas que ellas choravam). Este mytho é assumpto do mais brilhante episódio das Metamorphoses de Ovídio, I, 748-II, 366. Suppõe o poeta que foi pelo facto acima narrado que parte dos homens ficaram queimados, de côr preta, I, 49; V, 7.

Sanguine tum credunt in corpora summa vocato
Aethiopum populos nigrum traxisse cruorem.
Ovid., Met., II, 235-236.

47

De redor de si, á cinta. — *Outros...*, atravessados e deitados ao hombro. — *Adaga*, punhal. — *Terçado*, espada curta e larga, de menos um terço que o comprimento ordinario. — *Anafil*, trombeta comprida. — *Sonorosos*, I, 51; IX, 54s; X, 128$_7$.

49

Em continente, a seguir, logo. — *Lyéo*, Baccho. — *Havia prantado* (plantado). Tinha ensinado os homens a cultivar a planta que o dá, pois ainda não conheciam a vinha. — *De Phaetón*, I, 46. — *Nada engeitam*, I, 61$_{5-8}$. Pelo menos a maior parte dos visitantes eram muçulmanos, e deviam observar o preceito do Alcorão que prohibe o uso do vinho; mas na Africa oriental deixava muitas vezes de observar-se esse preceito.

50

Os portugueses somos, II, 80.

51

O *Antarctico* (pólo), o do sul, opposto ao arctico, do norte (da Ursa, gr. *arctos*, ursa). Ha duas constellações com este nome no hemispherio do norte: a Ursa Maior e a Ursa Menor. A estrella em que termina a cauda desta

ultima descreve um pequeno circulo em volta do pólo e para os fins praticos pode tomar-se pelo pólo. E' a estrella *tramontana* dos marítimos. — *Callisto*, filha de Lycaón, rei da Arcádia, amada por Júpiter e, em consequencia disso, transformada por Juno em ursa. O filho de Júpiter e de Callisto, Arcas, andando um dia á caça, esteve a ponto de ferir a mãe, que já tinha soffrido aquella metamorphose; os deuses, para o evitar, transformaram-no em urso e a ambos poseram no ceu: Callisto é a Ursa Maior, Arcas é a Ursa Menor. — *Que não no largo mar...*, que cumpriremos qualquer seu mandado, promptos a entrar, para o servir, não só no largo mar, como fizemos, mas até no inferno. — *Acheronte*, rio ou lago do inferno. — *Mas no lago entraremos*, IV, 79; X, 147-148.

52

Feios phocas (hoje fem.). *Turpis phocas*. Verg., Georg., IV, 395. — *Se navega*, IV, 625, etc., é navegado.

53

Estrangeiros, árabes. Os árabes tinham-se estabelecido em diversos pontos da costa oriental d'Africa, de preferencia em ilhas, e dahi faziam commercio com as terras do interior, onde, em differentes pontos, mais ou menos penetraram. A sua permanencia deu occasião ao nascimento de muitos mestiços, pelo cruzamento com a raça negra. A posição insular de alguns destes pequenos estados era favoravel á sua segurança relativamente ás populações do continente. — *Que os proprios*, os indígenas são estúpidos e ignorantes (*sem razão*) e apenas tem religiões grosseiras (*sem lei*). — *Lei certa*, religião verdadeira. — *O claro descendente...*, o fundador do islamismo, cujo nome é Mohamed. Este nome tem hoje entre nós a forma Mahomet,

mas antigamente usaram-se as formas Mafamude, Mafamede e Mafoma. Mahomet era um árabe de Meca. Seu pae chamava-se Abdelá; era idólatra (*gentio*) como os outros árabes; sua mãe Amina era tambem árabe, mas segundo uma tradição seria de origem hebraica. Barros, II, X, 6. Os árabes eram considerados como descendentes de Ismaél, filho de Abrahão e da escrava Agar, I, 86. Mahomet compôs a sua religião com elementos do judaísmo, do christianismo, e outros pessoaes delle. — *Tem do mundo o senhorio* (a sua religião), domina em todo o mundo; exaggeração natural da vaidade e ignorancia do que falla.

54

Quiloa, Mombaça, Sofala, cidades da costa oriental de Africa. Pertence hoje a primeira á Africa Oriental Alemã, a segunda á Africa Oriental Inglesa, a ultima á provincia de Moçambique.

55

O indo Hydaspe e terra ardente (hendýadis), a terra ardente da India, onde corre o Hydaspe, hoje Jelém. Foi este rio escolhido, VII, 52, por poder representar aproximadamente o termo da expedição de Alexandre, I, 3, que foi, porém, até ao Hýphase, mas voltou pelo Hydaspe. Estes rios atravessam o Panjabe. — *O regente*, o xeque Çacoeia « que é capitão da terra da mão do rei de Quiloa, que neste logar estava como rendeiro, arrecadando os direitos das naus de mercadores ». G. Correia, I, pg. 35. — *Vos reja e do mais necessario*, II, 28.

56

O mouro. Esta palavra designava primitivamente, e já na antiguidade (Mauri, Mauritani), os habitantes da Mauritánia; como foi da Mauritánia que vieram os mu-

çulmanos que se assenhorearam da península hispanica a partir de 711 A. C. (uns árabes, outros mesmo mouros), o vocabulo *mouro* passou a significar muçulmano em geral; nessa accepção se encontra aqui e em muitos outros logares do poema. — *Phebo*, I, 4. Suppunha-se percorrer o sol num carro o seu giro diurno, I, 46 N; IV, 104. — *A irmã*, Diana (a lua), tambem filha de Júpiter e de Latona.

57

Errada seita, o islamismo.

58

Pelas covas. Suppunham os poetas os ventos ordinariamente encerrados em cavernas, donde só saiam quando seu rei Éolo os soltava, VI, 355. — *Peregrinas*, distantes.

59

Marchetada, que pinta o ceu de varias côres. — *Hyperiônio*, o Sol, filho de Hypérion.

60

Ligeiras. Pode não ser simples epítheto poetico: as naus portuguesas eram tidas por muito ligeiras. — *Em si*, comp. o latim *animo*. — *Aquellas gentes*, os turcos, III, 12. São da raça uralo-altaica e habitavam primitivamente nas regiões a leste do mar Cáspio. Diversos grupos vieram estabelecer-se na Asia Anterior durante a idade média. Um delles, que se estabeleceu na Asia Menor no meado do seculo XIII, sob a supremacia do sultão, tambem turco, de Icónium, hoje Cónia (reino de Rum), formou um estado que succedeu ao daquelles sultões, tomando de um dos seus chefes o nome de Ottomanos. Apoderaram-se da maior parte da Asia Menor, foram successivamente arrancando ao imperio de Constanti-

nopla (imperio romano do Oriente) as provincias asiaticas e européas, que ainda lhe restavam, até que em 1453 Mahomet II tomou a capital, a que se achava quasi exclusivamente reduzido aquelle imperio. Fundara-a Constantino o Grande em 333 no sitio da antiga Byzáncio e delle tomara o nome. O imperador nomeado nesta est. é Constantino Paleólogo (1448-1453), que foi o último e pereceu na defesa da cidade.

61

O ardente licor... não usado, I, 49$_{5-8}$ N, o vinho que não estavam costumados a beber e que lhes era mesmo prohibido, como muçulmanos.

62

Linguagem tão bárbara. Refere-se, não á lingua indígena mas ao árabe, apesar de conhecido dos portugueses, porque os de Moçambique o fallavam mal. Comp. est. 64 e N. — *Se por ventura*, I, 60.

64

Por um... Vasco da Gama levara intérpretes, sendo um Fernão Martins, V, 16, que sabia árabe e outras linguas. Damião de Goes nomeia nesta occasião Martim Alonso. — *Escura*, comp. V, 77, árabe corrompido. — *Enojosas*, I, 8 ; V, 115. Havia antipathia entre árabes e turcos. — *Mas sou da forte Europa.* Considera os turcos como asiaticos, apesar de possuirem uma parte da Europa.

65

Hemisphério, I, 8$_{3}$.

67

Ministros, homens de serviço. — *Arnez*, armadura completa. — *Espingardas de aço puras*, de aço puro. —

Partasana, especie de alabarda: haste de pau tendo no extremo uma lámina de ferro larga e comprida e atravessada por outro ferro em forma de meia lua. — *Chuço*, vara de pau com ponta de ferro.

68

Panellas sulfúreas, de pólvora. Comp. II, 91_4. — *Os de Vulcano*, I, 22, os bombardeiros.

71

O filho (descendente) *de David*, Jesus Christo, por ser S. José da geração de David, Ev. Matth., I. — *Nos*, aos homens.—*Aquella Eternidade*, I, 17_8, Deus.—*Áquelles*... aos christãos, que aprenderam e confessam as verdades que na tua bondade vieste ensinar aos homens.

72

Obsequente ajuntamento, séquito obediente e respeitoso. — *Cógnito apousento*. Comp. com v. 7-8, I, 41_{7-8}.

73

Assento elhéreo, I, 42_2. — *O grão thebano*, Baccho, I, 30. Estando Sémele grávida de Baccho, pediu a Júpiter que se lhe mostrasse em toda a sua glória O deus cujo poder se manifesta principalmente em arrojar raios pediu-lhe que desistisse deste desejo, que lhe podia ser fatal; mas Sémele insistiu, e Júpiter, apparecendo rodeado de raios, abrasou o palacio e a princesa. Salvou Baccho, tirando-o do ventre da mãe, e escondendo-o numa das suas coxas, que fechou com um fecho de oiro. Dalli saíu, completados os nove meses de gestação, II, 10_2.

74

Do fado, I, 28 — *Hajam alcançado*, cheguem a alcan-

çar. — *E eu sò, filho do Padre*, I, 22_1. Como Juno, Aen., I, 46.

Ast ego, quae divum incedo regina...

75

O filho de Filippe, o grão Macedònio, I, 3; *o romano*, Trajano, I, 3. — *Esforço e arte*, I, 2_8; VI, 73_8; VII, 74_1. — *Eu co'o... Macedònio...*, tanto Alexandre e Trajano como eu.

77

Irado e quasi insano, V, 57_5. — *Prasso*, I, 43, a região do Prasso. — *Gesto*, figura, especialmente o rosto. — *Xeque* (palavra árabe), chefe ou, como aqui, governador, I, 55.

78

Como eram, que eram.

79

Entendido tenho destes christãos..., sei àcerca destes christãos... — *Todo o mar tem destruído...*, tem roubado e incendiado todos os navios que tem encontrado.

80

Vir por agua, vir buscar agua, fazer aguada. — *Que da tenção damnada*, II, 9_{7-8}.

81

Deste feito, V, 33_3. — *De geito astuto*, II, 55, tão astuto.

82

Lhe lançou (o xeque).

83

Se daqui escapar... Se escapar dum logar perigoso, vá succumbir noutro, i. e, que o piloto o leve por logares perigosos até o fazer morrer.

84

Apollineo, I, 4.—*Montes Nabathéos*, IV, 63_3. Os Nabathéos habitavam a Arábia Petréa. Comp. Ovid. Met., I, 61. — *Vir por agua*, I, 80_2. — *Apercebido*, armado.

85

Mui contrário, I, 44_8. — *Se crê*, se confia.

86

Azagaia, lança curta (do berbér zagaia). — *Setta ervada*, tocada com succo de herva venenosa.

87

Ribeira, (lat. *riparia*, de *ripa*; a significação primitiva é a de margem; comp. *riba*; *Ribeira* como designação toponymica, como em Lisboa) praia, ou costa em geral. IX, 70_4; X, 10_3; 50_4; 101_6.

88

Derriba..., IV, 30_7.

89

Brado, II, 100_7, estrondo do tiro. — *O coração...*, IV, 29_{1-4}. — *O escondido*, os que estavam em cilada; *o descoberto aventuroso*, os que tinham ousado provocar da praia os portugueses.

90

Já blasphema..., IV, 44_{1-2}, os velhos e as mães blasphemam e maldizem a guerra. *Bellaque matribus*

detestata, Hor., Od., I, 124-25. — *Maldizia*, no impf. estando os outros verbos no presente, é liberdade sobretudo permittida em poesia. Comp. II, 637.

91

Canto, VII, 6, pedra grande; propriamente pedra de cunhal; comp. *cantaria*, *canteiro*. — *Dá-lhe armas*;

Jamque faces et saxa volant, furor arma ministrat.
Aen., I, 150.

Em pouco espaço (tempo) liga-se a *passa* e *corta*.

92

Almadia, embarcação estreita e que pode ser muito comprida, feita dum só tronco, aguda na pôpa e na prôa, I, 46. — *Carregadas* com os objectos que queriam salvar. Rot., pg. 32, 33. — *Quem... quem...* IV, 90-91; VI, 64, uns... outros. — *Pangaio*, pequena embarcação com as tábuas unidas por meio de cordas. — *Subtis*, muito leves.

95

O Indo, a India, I, 32. — *Foi* (o piloto). — *Attento* (o capitão).

96

Amphitrite, deusa do mar, filha do Oceano, esposa de Neptuno. — *Filhas de Nerêo*, I, 31.

98

Sinón. Não podendo terminar o cerco de Troia, II, 35 N, recorreram os gregos a um estratagema. Fingiram retirar-se, escondendo-se a armada numa enseada da ilha de Ténedos que se não via da cidade. Deixarám

no campo um enorme cavallo de pau, que tinham mandado fazer por conselho de Ulysses, dentro do qual estava este capitão com os mais esforçados guerreiros gregos. Um grego chamado Sinón, que se deixara ficar escondido, apresentou-se então aos troianos, que se tinham agrupado em roda do cavallo discutindo se o deviam deitar ao mar, queimá-lo, abrí-lo ou mettê-lo na cidade. Sinón finge ter sido pelos gregos escolhido para ser sacrificado, por obra de Ulysses, que o persegue, e ter fugido á morte. Tendo conseguido excitar a compaixão dos troianos, revela-lhes que o cavallo é uma offerenda feita a Athene (Pallas, Minerva) para expiar o roubo do Palládio (estátua de Pallas) feita por Ulysses e Diomedes; e que tão grande o mandaram fazer os gregos porque uma prophecia annunciava que, se elle entrasse em Troia, viriam os troianos á Grecia e venceriam em grandes batalhas os gregos. Resolvem-se então os de Troia a conduzir o cavallo para dentro da cidade, e quando, após a festa e o regozijo publico, já estão todos a dormir, descem os gregos do cavallo e abrem as portas aos outros, que entretanto voltaram de Ténedos. A cidade é tomada e incendiada. — *Phrýgios*, aqui, os troianos.

99

Seguro, confiado. — *Tòrpe*, I, 8_6, 64_6; VII, 5_3. — *Quiloa*. É sempre dissýllabo.

100

A deusa, I, 33-34. — *Com ventos contrários*. Passaram Quíloa de noite e querendo depois fazer ainda rumo para lá, os ventos rijos do poente lh'o estorvaram.

101

As aguas discorrendo, a corrente.

102

Regimento, instrucções. — *Surge* (lança ferro) *fóra*, II, 5[3-4]. Como era sol posto não entraram, como costumavam fazer. Chegaram defronte de Mombaça a 7 de abril.

106

Apercebida, imminente. — *Ceu sereno*, I, 25[6]. — *Bicho da terra*.

indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.

Cam., Canç. X.

CANTO SEGUNDO

1

Lúcido planeta...

Quando 'l Pianeta che distingue l'hore.

Pet., Son. 9.

O sol não é planeta. Só se designam hoje por este nome os astros como a Terra, Júpiter, etc., que giram em volta d'elle, mas no systema de Ptolomeu, que o poeta segue, I, 21; X, 80-91, o sol é planeta, porque se suppõe girar, como aquelles astros, em volta da terra. — *Desejada e lenta*, i. e, mas que leva tempo a alcançar. É desejada e lenta, ou para o sol, cançado do percurso diurno, ou para os homens, cançados do trabalho. — *Meta*, III, 6_2, 27_2; IX, 16_4; X, 80_4, balisa que se collocava nos estádios e circos, na antiguidade, para marcar o termo das corridas. — *Casa maritima*. Érebo, esposo da Noite, abre ao sol as portas do mar, onde elle se afigura desapparecer á tarde (aos povos que tem o mar ao occidente, como os da Grecia asiatica, de cujos poetas vem esta expressão). — *Secreta*, invisivel para nós.

2

Salsa via, I, 18; II, 14_8. — *Vêr-te e do necessario...*, I, 55_{7-8}.

3

E porque do caminho... Comp. II, 88_{5-6}.

4

Ardente especiaria, V, 28$_7$; VII, 31$_8$.

5

Não entra, I, 102$_8$ N.

7

Condemnados. Era costume irem nas armadas condemnados, para serem arriscados nas missões perigosas, IV, 61 N.

9

Que onde está a malicia..., I, 80$_4$.

10

Mocidade perpétua, VII, 52$_3$. — *De duas mães*, I, 73 : a mãe, e o pae.

11

Em retrato... «... os quaes foram ter a casa de dous mercadores christãos, e elles mostraram a estes dous homens uma carta em que adoravam, em a qual estava debuxado o Espirito Santo ». Rot., pag. 39. Em Melinde christãos da India teriam mostrado aos portuguezes « um retavolo em que estava Nossa Senhora com Jhu Xto nos braços ao pee da cruz e os Apostolos » Rot., pg. 46-47. — *A pintura*, a representação symbolica : a pomba. — *Fénix*, unica como a phénix, ave fabulosa, que era unica, vivia muitos seculos, morria abrasada e tornava a surgir das proprias cinzas. Era um symbolo da immortalidade. — *Dos doze*, os doze apóstolos que, quando sobre elles desceu o Espirito Santo em linguas de fogo, começaram a fallar differentes linguas, que careciam de saber para pregarem o christianismo.

12

Thyoneu, filho de Thyóne (outra mãe que lhe attribuiam), Baccho. – *Panchaia*, terra que produzia incenso, cuja situação exacta se não conhece, mas que devia ser na Arábia ou nalguma ilha proxima do estreito de Bab el Mandeb. Segundo uma hypóthese de W. Golénischeff (Vej. O Instituto XLVIII, 72) seria Panchaia palavra egypcia que significaria « ilha do espirito » e seria a ilha de Socotorá. — *O falso deus adora o verdadeiro.* Comp. X, 83-84.

13

Moça de Titão, a Aurora, filha de Titão (Tithão). *Fanciulla di Titone.* Pet. Trionfo d'Amore, I, 5.

14

Receio de perigo, I, 43[4]. — *Salso* (I, 18[5]; II, 2[4]) *rio*, I, 103[2], o canal. Assim na Canç. VI.

cercada está de um rio
De maritimas aguas saùdosas.

Entrar queria. Chegaram defronte de Mombaça a 7 de abril, e só a 10 pretenderam entrar; mas suppõe o poeta que foi logo no dia seguinte.

16

Crêm = crêem. Comp. *vêm*, I, 17[1], etc.

17

Que, como vissem..., para que, logo que vissem. . — *Deste geito*, II, 55, deste modo.

18

Nautica grita, II, 25. — *Abalisada* (hoje *balisada*), marcada com balisas. — *Erycina*, epitheto de Vénus,

que tinha um santuario célebre no monte Éryx, no noroeste da Sicília. Com o episódio das est. 18-23, comp.

Cymothoe simul et Triton adnixus acuto
Detrudunt navis scopulo.

Aen., I, 144-145.

e Aen., X, 219-249.

19

Filhas de Neréo, I, 31; 96. — *Cerúleo* (azul), marinho. — *No salgado mar nasceu*, I, 34. — *Propondo*, revelando.

20

Co'as argénteas caudas. Aen. VIII, 673-674 (onde *argento* suggeriu ao poeta o epítheto *argénteas*). As divindades marinhas menores tinham meio corpo de forma humana e o resto tinha forma de peixe. — *Doto co'o peito...*

Qualis Nereia Doto
Et Galatea secant spumantem pectore pontum.

Aen., IX, 102-103.

21

Tritão era nome d'um deus, filho de Neptuno e de Amphitrite, e d'um grupo de divindades marinhas. — *Dione*, Venus. — *Pròa capitaina*, II, 28, prôa da nau capitaina ou capitánia, em que ia Vasco da Gama, capitaõ mór da expedição.

24

Torna para detrás. « O navio do capitão mor nom quis virar... e então tornamos a lançar as áncoras », Rot. pg. 39; porque a nau ia descaíndo sobre um baixo.

25

Celeuma (lat. e gr. celeusma), II. 18_2, vozeria que fazem os marinheiros quando trabalham juntos. — *Não sabem a razão,* porque não usam esta gritaria, nem a ouviram nunca.

27

Lýcia gente. Os habitantes da Lýcia, região da Asia Menor, foram convertidos em rãs, por terem recusado agua a Latona, mãe de Apollo. Ovid., Met., VI, 317 sg. Por isso diz o poeta que as rãs noutro tempo foram gente da Lýcia.

28

Noto, conhecido. — *Vida doce e cara,* III, 37_7; IV, 29_8; Comp. VI, 67_8.

30

Guarda soberana, II, 31_7; VI, 81.

32

E se te move tanto a piedade... Comp. ~~IV~~ III, 124_{2-}; 127_7. — *Peregrina,* que anda em tão longa viagem. — *Porto de verdade,* habitado por gente leal.

33

Dione, II, 21. — *Saudosas.* — *Terceira esphera; sexto ceu,* I, 21. A terceira esphera era a do planeta Vénus, e a de Júpiter era a sexta. Á invocação christã do Gama, II, 30, 31, corresponde a intervenção de Júpiter. Comp. X, 83_{1-2}. — *Para onde estara o Padre...* Corresponde este episódio, est. 33-55, ao da Eneida, I, 227-297, em que Vénus, julgando perdida a armada de Enéas, intercede junto de Júpiter pelos troianos, e

aquelle deus lhe annuncia os gloriosos destinos de Roma, que descendentes de Enéas fundarão. A elle allude Camões em III, 106.

34

Gesto, I, 9_2. — *Seu filho*, Cupído, IX. 23-48, filho de Vénus e Marte, personificação do desejo amoroso.

35

Como ao troiano, Páris, filho de Príamo, rei de Troia, que, abandonado pelo pae, então vivia nos bosques do monte Ida, no sul da Tróada. Ás bodas de Thetis e Peléo, V, 52, tinham sido convidados todos os deuses menos a Discordia. Esta, para se vingar, atirou para cima da mesa uma maçã de oiro com esta inscripção « Á mais bella ». Juno, Vénus e Pallas pretendiam a primazia. Foi Páris escolhido para juiz da contenda; as tres deusas mostraram-se-lhe despidas no monte Ida, e elle deu a sentença a favor de Vénus, que lhe promettera a mais bella mulher do mundo. Mais tarde Páris, já restituido á sua dignidade de príncipe, foi a Esparta e roubou Helena, mulher do rei Menelau, levando-a para Troia. Os príncipes gregos colligaram-se para vingar a offensa feita a Menelau, foram cercar Troia e ao fim de dez annos de assédio tomaram e destruiram a cidade, I, 98. — *O caçador*, IX, 26; 63_{3-4}. Acteón. Surprehendeu Diana no banho: a deusa metamorphoseou-o em veado e os seus proprios cães o despedaçaram.

36

Os crespos fios d'ouro..., III, 102_{5-6}. — *Petrina*, a mythica cintura de Vénus, em que residiam todas as graças e seducções. — *Columnas*, Cant. Cant., V, 15.

37

Delgado cendal, « Leggier zendado ». Orl. Fur., VII, 28. — *Lýrios*. Cant. Cant., VII, 2. — *Raro*, ralo, transparente. — *Amor em Marte*, I, 36.

39

Assentarei que fui mofina, infeliz, i. e, resignar-me-hei a não conseguir o que pretendia.

40

Que assaz de mal, quanto mal. Exprime esta estancia um pensamento subtil, quaes se encontram a meúdo nas composições lyricas de Camões e de outros poetas.

41

Brutas gentes, II, 294. — *Que pois eu fui...* (mofina).

42

Co'o vulto alegre...

Olli subridens hominum sator atque deorum
Vultu, quo cœlum tempestatesque serenat,
Oscula libavit natae, dehinc talia fatur.

Aen., I, 254-256.

Cupido, II, 34; IX, 23-48.

43

Dos fados (I, 24, 28) *as entranhas revolvendo.*

Longius et volvens fatorum arcana movebo.

Aen., I, 262.

44

Possa mais commigo, tenha sobre mim mais poder. — *Esses*, emphatico. — *Soberanos*, III, 26; IX, 217. — *Esquecerem-se gregos e romanos*, I, 3.

45

Ulysses, I, 3. — *Facundo*. Caracteriza este heroe a sua eloquencia persuasiva. — *Ogýgia ilha*. Ulysses chegou, depois dum naufragio, a esta ilha, onde habitava a deúsa Calypso. Esta acolheu-o bem, e apesar da sua vontade de partir, sete annos o deteve, pedindo-lhe que ficasse com ella e offerecendo-lhe a immortalidade. Ulysses, porém, desejava sempre partir, preferindo á ilha venturosa e á esposa immortal a sua patria, a pequena ilha Íthaca, no archipélago das ilhas Jónias, e a sua esposa Penélope. Por fim, a rogo de Pallas, Júpiter envia á deusa ordem terminante de o deixar partir. — *Antenor*, III, 14², fugindo após a destruição de Troia, II, 35 N, desembarcou no golfo de Veneza (seios illyricos; lat. *sinus*, golfo), onde corre o Timavo (hoje Timao), pequeno rio que atravessa o territorio austríaco proximo da fronteira italiana. Passava por ser o fundador de Pádua (Patavium), que fica, porém, muito distante do mencionado rio.

> *Antenor potuit...*
> *Illyricos penetrare sinus, atque intima tutus*
> *Regna Liburnorum et fontem superare Timavi.*
>
> Aen., I, 242-244.

Mar de Scyla e Charybdes, o que banha a costa oriental da Sicília, proximo do estreito de Messina, onde se localizaram aquelles monstros. Enéas, quando partiu da terra dos Cyclopes, evitou-os, e auxiliado pelo vento norte, dirigiu-se para o sul, para contornar a ilha. Aen., III, 682 sg. Conta-se na Odysséa que Ulysses teve de passar, uma vez no seu navio, outra naufragado, sobre uma tábua, entre Scyla e Charybde. Scyla, VI, 24, era um grande monstro que, extendendo os seus enormes braços, colhia os navegantes e os devorava; Charybde era um sorvedoiro onde alternadamente o mar entrava com grande força e tornava a saír. — *Mores*, maiores.

46

Rei potente, o rei de Portugal.

47

Medos, perigos. — *O Indo*, pela India. — *Tremer Neptuno*. Quando em 1524 Vasco da Gama, nomeado viso-rei, se dirigiu pela terceira vez á India, em quanto navegava ao longo da costa de Cambaia, em consequencia dum tremor de terra submarino, viu-se tremer o mar, o que encheu de terror os marinheiros. Vasco da Gama, para os tranquillizar, disse-lhes : Amigos, prazer e alegria, que o mar treme de nós! (Barros, III, IX.1).

48

A terra que a agua lhe tolhia, Moçambique, I, 72-73; 94. — *Em que vão descansar...* As frotas da India faziam escala por Moçambique.

49

Mar Roxo ou mar Vermelho. — *Tornar-se amarello*, X, $62_{7\text{-}8}$. Este e outros trocadilhos são devidos a um hábito que da poesia ligeira palaciana, cheia destes artificios e subtilezas, tambem cultivada por Camões, se lhe insinuou na poesia epica, de que devia ter sido banido. — *Tornar-se-lhe*. « Lhe » é o complemento indirecto ethico; equivale a : por causa delles. — *Ormuz*, celebre cidade na ilha de Gerum, á entrada do golfo Persico. Era o empório do commercio, que se fazia por este mar, de mercadorias da India e da Pérsia, já em permuta entre estes dois países, já entre elles e o occidente, pelas caravanas que do interior do golfo se dirigiam para a costa do mar do Levante e para Constantinopla. Foi atacada pela primeira vez por Affonso de Albuquerque em 1507 e tornada tributaria, mas no anno

seguinte Albuquerque teve de retirar-se, e só em 1515 voltou a occupá-la definitivamente. X, 40, 41. — *De suas mesmas settas*, X, 40. Barros, II, II, 3. Appareceram muitos cadáveres de mouros trespassados de settas, armas que só elles usavam e não os portugueses.

50

Díu, ilha e cidade junto da costa meridional da península de Guzerate. A fortaleza de Díu soffreu, X, 35, o primeiro cerco em 1538, sendo governador da India Nuno da Cunha e capitão da fortaleza Antonio da Silveira, e o segundo em 1554, durante o governo de D. João de Castro, sendo capitão D. João de Mascarenhas, X, 67-71. A palavra Diu quer dizer ilha. — *Seu preço* (valor militar) *e sorte*, VI, 47_4; VIII, 29_{1-2}. — *Peito lusitano*, I, 3_5. — *Do mouro*. Alli verão que a voz extrema do mouro blasphema do falso Mafamede ao ceu.

51

Gôa. Foi tomada por Affonso de Albuquerquè da primeira vez em 1509, mas logo perdida, e tomada definitivamente em 1510, X, 42-43. Albuquerque fez della a capital da India portuguesa. Foi modernamente abandonada por sua insalubridade, sendo a actual capital do Estado da India Nova Gôa ou Pangim. — *Gentio*, I, 8_7; VII, 17_7. — *Duro freio*, IX, 93_1.

52

Cananor foi cercada em 1507 sendo viso-rei D. Francisco d'Almeida e capitão D. Lourenço de Brito.— *Calecut*, entrada e incendiada pelos portugueses em 1509 no principio do governo de Affonso de Albuquerque, tendo-se visto, porém, obrigados a retirar-se. — *Peito soberbo e insolente*, Duarte Pacheco, X, 12-25. Comp. VI, 29_6. *Insolente*, « audacioso, arrogante ». *Insolentem Achillem*. Hor., Od., II, 4. — *Cithara*, I, 12_4.

53

Comp. esta est. com Aen., VIII, 675-677; 685-688. — *Marte instructo*, esquadras em posição para combate. — *Ferver*, I, 35_6; II, 54_{1-2}; 93_1; X, 26_6. — *Leucate*, cabo da ilha Léucade (hoje Santa Maura), uma das ilhas Jónias, proxima do promontório e povoação de Áctium, á entrada do golfo de Ambrácia, hoje golfo de Arta. Foi junto de Áctium que Octaviano (geralmente designado pelo nome de Augusto, que depois lhe foi dado quando imperador) venceu em batalha naval (31 A.C.) a Marco Antonio, III, 136_8 (que tinha submettido differentes regiões do Oriente, de que trazia soldados), e á raínha egypcia Cleópatra, III, 141; VI, 2, sua amante.—*Bactra*, habitante da Bactriana (actualmente corresponde-lhe a parte setentrional do Afganistão entre o Amu Dária e o Hinducoxe); comp. VI, 60. — *Presa... preso*, contraste.

54

O mar fervendo, X, 29_{5-6}.—*Pelejando*, como participio do presente, II, 91_2, que estarão pelejando. — *Idolátra*, VII, 73_1; X, 117_6 é a accentuação latina da palavra, e a que sempre usou Camões. Hoje diz-se *idólatra*. Comp. *Cleopátra*, III, 146. — *E* (depois) *de sujeita*. — *Áurea Chersoneso*, a península de Malaca.

55

Esforço mais que humano, I, 1_{5-6}. — *Gangetico mar*, em que desagúa o Ganges (*Gangeticus Sinus* dos antigos), a bahia de Bengala. — (Mar) *Gaditano* (de *Gades*, Cádiz), o Atlantico. — *Boreaes*, I, 35, do norte. — *Estreito...* o de Magalhães, descoberto em 1520 pelo navegador português deste nome, então ao serviço de Hespanha, para onde passara, julgando-se aggravado por D. Manoel, X, 140. A sua expedição fez a primeira viagem de circumnavegação, dando a volta ao globo.

Magalhães partiu de Sanlúcar a 17 de setembro de 1519, atravessou o Atlantico, costeou a America do Sul até descobrir o estreito e passou por elle para o Pacifico; tendo morrido numa escaramuça na ilha Mactan, no archipélago das Filippinas, o piloto Sebastião del Cano continuou a viagem, atravessou o mar das Indias, contornou a Africa e regressou a Sanlúcar a 7 de setembro de 1522. Voltava um só navio e dezoito homens, dos cinco navios e mais de 240 homens, muitos delles portugueses, de que se compunha a expedição. O fim de Magalhães era encontrar caminho para as Molucas (Maluco), IX, 14_{6-7}, pelo occidente, e portanto sem atravessar os mares reservados aos portugueses pelo tratado de Tordesilhas, effectuado entre as duas nações peninsulares. Estas ilhas, preciosas pelas especiarias que produziam, especialmente o cravo, pretendia o grande navegador demonstrar que se achavam já comprehendidas na zona por aquelle tratado reservada aos hespanhoes, isto é, para leste do meridiano de divisão. Não era isto exacto; mas as commissões luso-castelhanas nomeadas para resolver a questão declararam não se poderem pronunciar, em vista da pouca confiança que diziam merecer-lhe as cartas, até que em 1529 D. João III comprou a Carlos V, I, 17 N, por 350.000 ducados de oiro, os direitos que a corôa de Castella pretendia ter á posse do archipélago. — *Mostrou*, i. e, mostrará (1520).

56

Manda. Como resolvera, I, 40. — *Filho de Maia*, I, 20, 40. — *Aventurado*, arriscando-se.

57

Cylinéo (propriamente Cylenéo), Mercúrio, por ter nascido no monte Cylene, na Arcádia. — *Com as asas*. Mercúrio prendia asas aos pés para cumprir rapida-

mente as mensagens de que Júpiter o encarregava. Figuram-nas os monumentos simplesmente presas ás correias ou ligadas a sandálias. — *Vara fatal*, o caducéo de Mercúrio. Na qualidade de deus psychopompo, isto é, que conduz as almas para o outro mundo (Orco), fecha os olhos dos moribundos e dirige as almas com a vara para a sua eterna morada. — *Galero*, capacete de Mercúrio.

Dixerat. Ille patris magni parere parabat
Imperio: et primum pedibus talaria nectit
Aurea, quae sublimem alis sive aequora supra
Seu terram rapido pariter cum flamine portant.
Tum virgam capit: hac animas ille evocat Orco
Pallentis, alias sub Tartara tristia mittit,
Dat somnos adimitque, et lumina morte resignat.
Illa fretus agit ventos, et turbida tranat
Nubila...

Aen., IV. 238-246.

58

A Fama leva, IX, 44-45. — *Fazendo a gente amiga*, tornando a gente de Melinde amiga dos portugueses.

59

Temerosas, II, 29, 66. — *Esforço e arte*. Comp. I, 2s; VI, 37s.

60

Co'a luz alheia, e a lua, que recebe a luz do sol. «*Ex quibus illa (stella) erat minima quae ultima caelo, citima terris luce lucebat aliena*. Cic. Somn. Scip. De Rep., VI, 16. — *Aos olhos*, indicando que, mesmo a dormir, os cuidados não lhe deixam o espirito.

61

Fim e extremo damno, a morte. — *Fugir, que o vento*

e o ceu... I..., dum favet nox et Venus, Hor., Od., III, 8_{45-46}. — *Outro rei*, o de Melinde, II, 73.

62

Diomedes, rei dos Bistones, povo da Thrácia; sustentava a carne humana os seus cavallos. Hércules venceu-o e fê-lo devorar por elles. — *Busiris infamado*, fabuloso rei do Egypto que sacrificava os hóspedes nos altares; foi morto por Hércules.

> *Quis aut Eurysthea durum*
> *Aut inlaudati nescit Busiridis aras?*
>
> Virg., Georg., III, 4-5.

Se muito esperas, se te demoras muito. — *Fuge das gentes...* Aen., III, 44.

63

Donde o sol... Comp. I, 27_6. Melinde está a 3°9' lat. S. No equador são os dias sempre iguaes ás noites, ao passo que em todos os outros pontos do globo são desiguaes, excepto nos equinoccios, e tanto mais quanto mais perto estão do respectivo pólo. — *Daria*, por « dará ». Estas alterações de tempo são frequentissimas nos romances populares.

64

Leva, II, 66_1; V, 64_8, levanta, tira. — *Súbita luz*, Aen., IV, 358.

65

Um mensageiro vi..., Aen., IV, 356-358. — *De uma e de outra banda*, VI, 70_4.

66

Linces. Attribuíam-lhe os antigos vista muito aguda: tinha-se mesmo espalhado a crença de que viam através dos corpos opacos. — *Apercebidos*, attentos.

67

Vias humidas, II, 108$_8$; X, 70$_6$. — *De argento*, I, 18$_5$, de prata, prateadas. — *Galerno*, sereno, bonançoso. — *Acêrto*, acaso, fortuna.

68

Tinha uma volta dado..., tinha-se passado um dia e era manhã de outro.

69

De Marte (I, 36), de combate. — *De Vulcano*, I, 68, da artelharia. — *Da pouca gente*, por ser pouca a gente (que ia no navio dos mouros).

70

Mas não lhe succedeu... I, 44$_8$, III, 78$_8$. — *Dos ceus*. porque os pontos cardeaes são determinados por phenómenos celestes.

71

Peito, sentimentos. — *Partes* (do ánimo), dotes. — *Assella*, confirma. — *Deste geito*, assim.

72

Quando entrava..., quando a luz do sol (Phebo, I, 4) entrava no signo, X, 87$_{6-8}$, de Tauro (Touro), isto é, em 1498, cerca do dia 11 de abril. O sol, que sem nunca parar (*pressuroso*) dá a volta do ceu, trazia outra vez o dia em que Deus terminou o que, como Christo, veiu fazer ao mundo, i. e, o domingo de Páschoa, em que se celebra a Resurreição. Foi a 15 de abril de 1498 que a armada chegou a Melinde. Comp. I, 42; IV, 27; V, 2. Para comprehender estas indicações de tempo cumpre ter presente que em 1582 se fez a correcção gregoriana, para acertar o calendário, e que nesse anno, para elimi-

nar o desaccordo existente, se supprimiriam 10 dias, passando o dia 5 de novembro daquelle anno a ser o dia 15. É, pois, mister attribuír á entrada do sol em cada signo indicado pelo poeta não o dia do mês que lhe corresponde actualmente, mas o que lhe correspondia na época de que se trata. — *Roubador.* Júpiter, sob a forma de toiro, roubou Europa, princesa phenícia, filha de Agenor. A princesa, estando num campo com outras donzellas, viu aproximar-se aquelle toiro, branco e formosissimo, e confiada na sua mansidão, entrou a brincar com elle, a ponto de se lhe sentar em cima. Então o toiro deitou a correr direito á praia e, atravessando o mar, levou Europa para a ilha de Creta. — *Flora derramava...*, Flora, deusa das flores, derramava o corno da abundancia (*cornu copiae*), isto é, enchia os campos de flores, pois que entrava a primavera. A cornucópia era um sýmbolo da abundancia: della saíam flores e frutos. É sýmbolo muito vulgar da prosperidade em emblemas agricolas e commerciaes. — *O pressuroso sol...*, V, 68[1]. Sobre o emprego de *pressuroso* comp. III, 9[2]; VII, 60[2].

73

Lêda de arte que... tão alegre, enfeitada, que...

74

Surge, I, 10[2s].

76

Dobradas, falsas, duplas, significando o contrário dos sentimentos de quem as pronuncía. — *Tem passadas*, I, 29 N.

77

Escarlata. Não a levava. Rot., pg. 26. — *Que debaixo das aguas...*

Sic et curalium quo primum contigit auras
Tempore durescit, mollis fuit herba sub undis.
Ovid., Met., XV, 416-417.

Como, quando.

78

Mais, tambem. — *Como se apresentasse*, assim que chegou á presença do rei. — *Pallas*, deusa das sciencias e artes, portanto da eloquencia; a Minerva dos romanos. Comp. VIII, 64₇, e Aen., V, 704-705. — *Estas palavras taes*, quaes aqui são ditas.

79

Sublime rei. As est. 79-81 do discurso do mensageiro são inspiradas pelos versos 522-541 do discurso de Ilioneu no livro I da Eneida. — *Remedio certo*, II, 89₆, mantimentos, e principalmente piloto que os levasse á India. Na est. seguinte explica que é este o seu intento.

80

Não somos roubadores, I, 79. Previne o que contra elles se poderia dizer. — *Mas da Europa*, I, 50-52. — *Soberba*, III, 6₅; comp. VII, 12₈.

81

Que geração? Allude aos de Mombaça e de Moçambique. — *Que má tenção, que (mau) peito...*, que intenções tão perversas nos attribuem que, apesar de sermos tão poucos, se arreceiam tanto de nós? — *Ordenassem*, preparassem, disposessem as coisas para.... — *Nos* é complemento ethico, a nós, sendo nós taes como somos, tão poucos e tão bem intencionados.

82

Íthaco, Ulysses, I, 3, naufragado, foi ter á ilha dos Pheaces, cujo rei, Alcínoo, o recebeu e festejou no seu palacio e vastos jardins, enviando-o depois a Íthaca, num navio magico, que por si se movia, sem vela nem remos. — *Conduzidos do intérprete* (mensageiro) *divino*, II, 61-63.

83

E não cuides..., II, 78. — *Regimento*, I, 102_2.

84

É de vassalos o exercicio... Os vassalos comportam-se para com o rei como os membros para com a cabeça que os rege : obedecem-lhe. — *Conheça*, reconheça e retribua. — *Em quanto os rios para o mar correrem. In freta dum fluvii current.* Aen., I, 607.

85

Estomago, I, 39; III, 48; comp. V, 90_5. — *Tantos ceus*, V, 7_{1-2} ; 14-15. — *Imaginando*, I, 33.

86

Frio temor, que causa frio, susto. Comp. *torpes frios*, VI, 9_5. — *São de geito para...*, são taes que o mundo nos deve ter em muita estima.

87

Por observar a (minha) *usada preeminencia...*, para me vir fallar á cidade, segundo o costume, que é virem os capitães a terra procurar pessoalmente o rei para lhe expôr o que pretendem. — *Estranhãmente*, extraordinariamente.

88

A luz (X, 43_7) *crástina*, o dia de amanhã.

Et lux cum primum terris se crastina reddet.
Aen., VIII, 170.

Almadías, I, 46; 92. — *Eu irei.* Não foi o velho rei, doente e entrevado, mas o filho, que já reinava com elle, que foi ver a armada e fallar com Vasco da Gama. — *E se vier do mar desbaratada.* Comp. II, 3_{5-6}.

Sive errore viae, seu tempestatibus acti.
Aen., VII, 199.

De limpos pensamentos, (dados) com sentimentos sinceros e intenção leal. Allude ao que foi dito na est. 81.

89

O filho de Latona, Apollo (o sol), filho de Júpiter e de Latona.

90

Raios de artificio, foguetes. — *O ceu, a terra, as ondas*, I, 21_4; IV, 14_8. — *Os Cyclopas* (gr. *Cyclops*, de olho circular) eram gigantes que tinham um só olho, circular, ao meio da testa, os quaes trabalhavam na forja de Vulcano, forjando os raios para Júpiter. Costumava localizar-se a forja debaixo do Etna, vulcão da Sicília. — *Mostra-se dos Cyclopas o exercicio...* O fogo que deitam as bombas lembra as faíscas que os Cyclopes fazem saltar batendo o ferro em brasa nas bigornas. — *O ceu feriam*, VI, 72_1.

91

Respondem-lhe. Segundo o Roteiro, esta festa teria sido feita por christãos da India, que se achavam no porto. Rot., pg. 47 — *O raio volteando* (part. pres., II,

54_2), que volteia, buscapés. — *Pó sulfúreo...*, pólvora (mistura de salitre, enxofre e carvão). — *Escondido* nos canudos da roda. — *A grita se alevanta...*, VI, 72_1.

92

Inquieto (adverbialmente) *revolvendo...* (intr.), III, 72_6; VII, 60_2, no seu movimento incessante. — *A mãe de Memnón* (pronuncía-se hoje Mémnon), a Aurora. Mémnon era rei da Ethiópia. — *Certo*, inevitavel. — *Lentas*, humidas.

93

Ferve, I, 35_6; II, 53_2, 54_{1-2}; X, 29_6. — *Cabaia*, veste estreita e justa ao corpo, chegando até meia perna, e aberta ao lado. — *Azagaia*, I, 86. — *Que os cornos arremeda da lua*, IX, 48_1.

94

Fota, touca listrada, a modo de turbante.

95

Týria côr, púrpura. Esta côr era antigamente extraída de um mollusco (múrice, *murex*, a púrpura), de que lhe veiu o nome. A cidade phenícia de Tyro era celebre pela industria e commercio de tecidos tintos de púrpura. — *Onde a materia... Materiam superabat opus*, Ovid., Met., II, 5 — *Resplendor diamantino*, dos diamantes que tem no cabo. — *Adaga*, punhal. — *Aljófar*, pérolas pequenas.

96

Musica... estranha... « Muitos anafís e duas bozinas de marfim d'altura de huum homem, e eram muito lavradas e tanjiam-se por um buraco que tem no mêo ». Rot., pg. 46.

97

Francesa era a roupa. Trazia por cima uma roupa ou roupão (*gibão*, est. 98) á moda de França. — *Veneza*, III, 14.

98

Com pontas do mesmo, com fitas cujas pontas tinham agulhetas de oiro. — *Ao italico modo*, pendente de talabarte.

99

Sua, monosýllabo. — *Múrice*, II, 95. — *O arco* iris, de que é personificação a deusa Íris, filha de Thaumante.

100

Arrojando, rojando. — *Brados*, I, 89_3.

101

Nos seus braços o levava (tomava), VII, 44_5. o abraçava. — *Gesto*, I, 9_2.

102

Lhe cumprisse, lhe fosse necessario.

103

As *Hespérides*, filhas de Héspero, ou de Atlas, possuíam um jardim onde havia árvores com fructos de oiro e que era guardado por um dragão de cem cabeças. Hércules, auxiliado por Atlas, matou o dragão e apoderou-se de tres daquelles frutos. Este mytho, que é análogo a muitos outros da antiguidade e das tradições populares actuaes, entre elles outros mythos da propria lenda de Hércules, parece referir-se ás aguas fertilizantes escondidas nas nuvens negras, a que se assemelha a negrura

da noite, em que o sol desapparece ao poente. — O gr. *Hésperos*, lat. *vésper*, significa a estrella da tarde (Vénus); a tarde; o occidente. O dragão é a propria nuvem. Hércules roubando os frutos de oiro é o sol que reapparece quando a nuvem se desfaz, restituíndo á terra a agua que a fertiliza, ou, quando a negrura da noite se dissipa, restituíndo ao mundo a desejada luz. O jardim das Hespérides, pelo motivo dito, era localizado nas terras do *poente*, já na Mauritánia, já em ilhas mythicas, já mesmo, mais tarde, nas Canárias e nas ilhas de Cabo Verde. O reino das Hespérides representa aqui Marrocos.

104

Ó tu que só tiveste... As est. 104 e 105 correspondem ás palavras com que Enéas agradece a Dido o seu acolhimento. Aen., I, 597-610.

105

Quantos queima Apollo (o sol), os africanos, I, 46; VIII, 72s. — *Éolo* (aqui Eólo) é o rei dos ventos. — *Pólo*, ceu. — *Apascentar*. Nesta expressão, litteralmente traduzida de Vergílio, apascentar não quer dizer pastorear, como a rebanho, mas alimentar. A idéa de que o ceu dá alimento ás estrellas, tirada de certas doutrinas da antiguidade, é um dos ornatos philosophicos predilectos a Vergílio, que com elles dava á sua poesia uma sublimidade incomparavel.

106

Vulcano, II, 69. — *Anafil*, I, 47.

107

O instrumento, as bombardas.

108

Hespéria (terra do occidente, II, 103 N), a peninsula Hispanica. — *Última*, última terra do occidente. Hor., Od., I, 30[4].— *Humidos caminhos*, II, 67[2]; X, 70[6].

110

Rodéios longos, VII, 61, longa viagem.

111

E não menos..., e se é muito o tempo de que dispômos (pois ainda agora vem rompendo o sol) para tu contares, não é menor o desejo que tenho de te ouvir. — *Que quem ha...?*

> *Quis genus Aeneadum, quis Troiae nesciat urbem*
> *Virtutesque virosque aut tanti incendia belli?*
> *Non obtusa adeo gestamus pectora Poeni,*
> *Nec tam aversus equos Tyria sol jungit ab urbe.*
> Aen., I, 565-568.

Parece que os antigos attribuíam menos intelligencia aos habitantes das regiões frias.

112

Commetteram... Não tem a menor verosimilhança estas allusões mythologicas na boca do rei de Melinde; mas essa consideração é de menos vulto na poesia epica, onde se busca sobretudo o sublime. Os gigantes tentaram escalar o ceu, pondo montes sobre montes, para atacar e expulsar Júpiter, mas este fulminou-os com os seus raios, precipitando montes sobre elles. — *Theséo* (aqui Théseo), rei de Athenas, e o seu amigo Pirithoo, entraram á força nos infernos, reino de Plutão, donde pretenderam roubar a esposa deste, Prosérpina. Ficaram presos, sendo mais tarde libertados por Hércules. — *Neréo*, I, 31 N, um deus marinho; o mar.

113

O templo de Diana em Épheso era uma das sete maravilhas do mundo. Deitou-lhe fogo Eróstrato (aqui Erostráto) em 356 A. C. (na mesma noite em que nasceu Alexandre Magno) unicamente para tornar immortal o seu nome. Por isso, accrescentava a tradição, tinham os de Épheso prohibido por decreto que esse nome fosse pronunciado. — *Subtil*, V, 82₄; VII, 51₁, habil. — *Ctesiphónio*. O nome do architecto, Chersiphron, natural de Cnoso, em Creta, apparece tambem com as formas Cresiphon e Ctesiphron.

CANTO TERCEIRO

1

Calliope, a musa da poesia epica. As musas eram nove, sendo as outras: Clio da historia, Euterpe da musica, Thalía da comedia, Melpómene da tragedia, Terpsíchore da dansa, Érato da poesia amorosa, Polýmnia da poesia lyrica, Urânia da astronomia. Começando um assumpto novo, a historia de Portugal, que é uma das partes mais importantes do poema, Camões invoca uma musa, como Vergílio, Aen., VII, 37 sg., quando vae começar a cantar as guerras que Enéas teve de sustentar na Italia. — *Inventor da medicina*, Apollo. — *Orphéo*, VII, 29; X, 56-7 N., lendario poeta e musico da Thrácia, a quem deram por paes Apollo, deus da poesia, e a musa Callíope. — *Daphne*, IX, 564. *Clýcie* e *Leucóthoe* (aqui Leucothóe), donzellas amadas por Apollo. Clýcie, ciosa desta ultima, revelou ao rei Orchamo, seu pae, os amores da filha, e elle enterrou-a viva. Apollo transformou o corpo na arvore do incenso, e abandonou Clýcie, que morreu de paixão e foi transformada em girasol. Assim continuou a seguir no seu curso o sol (Apollo), que nunca deixara de seguir com os olhos nos dias da sua agonia. Met., IV, 190-270. — *Sóe*, costuma.

2

Meu desejo, isto é, que veja e saiba o mundo... — *Aganippe*, fonte do monte Hélicon na Beócia, consagrada ás musas. Comp. I, 47-8. — *Pindo*, cordilheira que

divide o Epiro da Thessália, onde havia lugares consagrados a Apollo e ás musas. — *Banhar-me Apollo...* Comp.

mihi flavus Apollo
Pocula Castalia plena ministrat aqua.
Ovid., Am., I, 15$_{35-36}$.

Soberana, II, 44$_4$; IX, 21$_7$, que tem grande virtude (de dar a inspiração poetica). — *Orpheio*, III, 1.

3

Promptos, attentos, V, 24$_6$; VI, 70$_1$; VII, 59$_2$, 67$_5$; VIII, 43$_5$; comp. V, 90$_2$.

Conticuere omnes intentique ora tenebant.
Aen., II, 1.

4

Em qualquer longo tempo..., comp. Aen., I, 372-374.

5

Porque de feitos taes, comp. I, 5$_8$. — *Da larga terra.* Compare-se esta descripção com o trecho análogo de Sannazaro, *De partu Virginis*, II, 163-197.

6

A zona que o Cancro senhoréa, a zona tórrida, limitada ao norte pelo trópico de Cáncer, isto é, pelo parallelo terrestre que dista do equador o mesmo numero de graus (cerca de 23° 27' 1/2) que o trópico celeste. Este último é, digamos assim, o parallelo celeste que passa pelo ponto mais setentrional a que o sol chega. É em junho que o sol se acha mais ao norte: passa então diante da constellação (signo) de Cáncer; por isso se deu aquella denominação ao trópico. Os pontos daquelle parallelo terrestre são os logares mais setentrionaes que podem ter o sol no zenith, isto é, por

cima da cabeça dos habitantes; succede isso em junho, como fica dito. Corresponde-lhe no hemispherio austral o trópico de Capricórnio, a que deu nome a constellação (signo), diante da qual se acha o sol quando está mais ao sul. Os dois trópicos limitam a *zona tórrida*. Os parallelos que distam dos pólos 23° 27′ 1/2, chamam-se circulos polares (*árctico* o do norte, *antárctico* o do sul) e limitam as zonas frígidas, que comprehendem os logares da terra que tem dias e noites de mais de 24 horas. — *Méta*, II, 1₃; IV, 49₄; IX, 16₄, apposto a *Cáncro*. No curso annual do sol, o Cáncer é a meta, porque em chegando a esta constellação, o sol volta para o sul. — *Arcturo*, I, 21, o norte.

7

O *rio* (Tánais), o Don, que se lança no mar d'Azof (*Palus Maeotis*). Era indicado pelos antigos geógraphos como limite da Europa. — *Montes Ripheios*, vagamente situados pelos gregos ao norte. Diz Lucano. Phars., III, 272-273: *Vertice lapsus Riphaeo Tanais*. O Don nasce na elevação da Russia Central, a leste de Tula. — *Curvo*. Além de outras forma uma grande curva quando muda bruscamente a sua direcção de sueste para sudoeste. Lançava-se antigamente no mar Cáspio; em virtude de se ter elevado o terreno situado a oeste deste, teve de torcer o curso para sudoeste e lançar-se no mar d'Azof. — O *mar*, o mar Egéo ou Archipélago. — *Irado senhorio*, III, 17₃, depois da tomada de Troia, II, 35 N. — *Não vê mais que a memoria*. Comp. *campos ubi Troia fuit*. Aen., III, 11.

8

Montes Hyperbóreos (i. e. do norte), tambem vagamente situados ao norte. — *E aquelles...*, os Ripheios (est. 7), cujo nome deriva de *Rhiphe*, sopro. Não

se podem identificar, mas é perfeitamente exacta a observação : sendo a maior parte da Russia uma planície está cruelmente exposta aos ventos frigidissimos do norte.

9

Scythas. Com este nome designavam os gregos as populações, mais pastoris que agrícolas, que ao tempo delles se extendiam dos Cárpathos até ao lago Aral, para além das terras de população sedentaria e civilizada. Muitas destas tríbus eram de raça arica; outras pertenciam á raça uralo-altaica. — *Grande guerra*, discussão viva. Sobre esta questão veja-se Justino II, 1. — *Campo Damasceno.* Allude á tradição segundo a qual fôra junto a Damasco o paraíso, e o primeiro homem formado de barro daquelles campos. O campo de Damasco, interrogado, responderia aos dois povos que inutil era pleitear nobrezas de antiguidade, porque todos os homens eram do mesmo barro.— *Perguntara*, perguntasse, devia ter perguntado.

10

Láppia, Lapónia.— *Inculta.* Grande parte é occupada por campos de gelo e parte disposta em declives muito ásperos; portanto não se podem cultivar. Da zona aproveitavel para a vegetação grande parte são florestas, que constituem uma das grandes riquezas do país. — *Se arreia*, se gloría. — *Das victorias...* Allude, de modo geral, ás victorias dos povos germanicos nas suas luctas com os romanos, mas especialmente ás dos godos. Os visigodos, commandados por Alarico, tomaram Roma em 410; os ostrogodos, sob o governo de Theodorico, fundaram na Italia uma monarchia que até certo ponto restabeleceu o imperio do occidente. —

Emquanto as aguas... No inverno gelam grandes partes do Báltico e os gelos obstam á entrada dos portos. — *Sarmatico Oceano*, o mar que banha pelo norte a Russia (Sarmácia, III, 11): é o Báltico, que communica com o mar do Norte pelos estreitos Sund, Grande Belt e Pequeno Belt, Kattegat e Skager Rak. — *Brúsio*, prusso, prussiano. Era o nome dum povo do ramo lettico, em parte exterminado, em parte submettido pelos cavalleiros teutonicos, nome que passou para a população germanica que se lhe substituiu. — *Dano*, dinamarquês.

II

Tánais, antigo nome do Don, III, 7. — *Ruthenos*, tambem chamados Pequenos Russos, ramo da familia slava; *moscos* ou *moscovitas*, designa aqui os russos propriamente ditos. Os *livónios* não são slavos, mas do grupo lettico, estreitamente apparentado com o grupo slavo. — *Montanha Hercyna*. Começa a descripção da Polónia e Alemanha. A *Hercýnia Silva* extendia-se por toda a Germánia Média, desde o Erzgebirge, aqui provavelmente indicado, até á Hesse. — Os *Marcomannos* eram de raça germanica, e não polacos, como diz o poeta. Figuraram na historia interna da Germánia e nas guerras do imperio romano, mas no seculo XVI já tinha desapparecido a sua nação e nome. — *Imperio de Alemanha*, I, 74. Não se confunda com o actual imperio de Alemanha, fundado em 1871. — *Pannónios*. As provincias romanas de Pannónia, limitadas ao norte e a léste pelo Danúbio, comprehendiam a Hungría a oeste do Danúbio, a Esclavónia, e parte da Bósnia e da Croácia, da Stýria e da Baixa Áustria. Continúa Camões a seguir as geographias da antiguidade, empregando designações de logares e povos que já no seu tempo se não usavam nas linguas vulgares. — *Amásis*, em vez de Amísia, hoje Ems. — *Álbis*, hoje Elba.

12

Istro, hoje Danúbio. — *Helle*, I, 18 N. — *Hemo*, os Balcans; *Rhódope*, o Despoto Dagh. — *Ottomano*; *Byzáncio*, I, 60. — *Grande Constantino*, Constantino o Grande, fundador de Constantinopla.

13

Áxio, hoje Vardar; lança-se no golfo de Salonica. — *Ó terras excellentes...*

> *Antiquae Graiorum urbes, gens optima morum*
> *Formatrix, clara ingeniis et fortibus ausis.*
> Sannaz. De Part. Virg., II, 172-173.

e

> *Terra una armis et facta triumphis*
> *Una viris longe pollens atque aemula coelo.*
> Ibid., II, 184-185.

O ceu penetras, chegas ao ceu em glória. — *E não menos...*, III, 14s.

14

Seio, golfo. — *Onde Antenor...*, II, 45. — *Tão baixa*, humilde, contrapõe-se a *soberba*. Quando Áttila invadiu a Italia, no principio do seculo v, alguns habitantes de Aquiléa foram refugiar-se nas ilhas situadas nas lagôas da costa do Adriatico, e deram assim principio a pequenas povoações de pescadores, que mais tarde se tornaram navegadores e commerciantes, transformando as suas aldeias numa bella e opulenta cidade. — *Um braço...* Da linha Veneza-Génova avança para S. E. uma península, a Italia. Depois, na expressão *braço forte* o poeta joga com os dois sentidos da palavra braço. — *Sujeitou*. Allude ás conquistas dos romanos. — *Não menos...*, III, 13s. — *Engenhos*, genios politicos e litterarios.

15

O reino Neptunino, IX, 421. — *Co'os* (e os; comp. I, 757-8), *muros naturaes*, cerca-o o mar, e por outra parte a cordilheira dos Alpes.

il bel paese
Ch'Apennin parte e'l mar circonda e l'Alpe.
Petr., Son. 144.

Esta maneira, tão concisa e tão feliz, de caracterizar a situação geographica da Italia tem sido adoptada por muitos poetas italianos; entre elles, por Sannazaro no logar citado, v. 186-188. — *Patrio Marte*, IV, 15; VI, 56, guerra em defesa da patria: a que os Samnitas sustentaram contra os romanos, defendendo a sua independencia, VIII, 15, tornou illustre o Apennino, em cuja parte central principalmente se travou; mas pode ser que o poeta alluda á defesa da Italia pelos romanos na segunda guerra punica, III, 116. A expressão parece suscitada por *Martius ardor*, San., ib., v. 162. — *O porteiro divino*, o papa, successor de S. Pedro, que a tradição diz ter as chaves do ceu.

16

Á *Gállia* corresponde aproximadamente a moderna França. Camões continúa a usar de preferencia as designações da antiguidade, por cujas geographias estudou, e que eram usadas pelos eruditos da época quando escreviam em latim, I, 1. — *Cesáreos triumphos*. Julio César submetteu a Gállia á república romana nas famosas campanhas de 61 a 54 A. C.; mas querem alguns, pois que o poeta, a seu vêr, só pode tratar de glorificar a Gállia, que se refira á parte que os soldados gauleses do exercito de César tiveram na victoria deste em Pharsália e nas outras que elle ganhou depois de sair da Gállia.

Gallia Caesario Latio dignata triumphis.
San., ib., 195.

Séquana, hoje Sena, rio que passa por Paris.

> *Quam Rhodanus, quam findit Arar, quam permeat ingens*
> *Sequana, piscosoque interluit amne Garumna.*
>
> San., ib., 196-197.

Pyrene. Segundo uma lenda, os Pyrenéos derivam o nome de Pyrene, filha do rei Bebrício, amada por Hércules, que foi morta pelas feras nestes montes e, encontrada depois pelo heroe, foi nelles sepultada. Segundo outra lenda, que referem Aristóteles e Diodoro Sículo, v, 35, teria alli havido um grande incendio, por terem os pastores pegado fogo ás matas e nelle terja corrido prata em fusão; e as palavras Pyrene, Pyrenéos, derivariam do gr. *pyr*, fogo.

17

Senhorio, III, 7_6, poder. — *Estranha*, III, 40_7, rara, notavel.

18

Extremo trabalho, IV, 49_4, último, o que fez mais a occidente, na extremidade do mundo, o de cortar o estreito de Gibraltár, separando o Calpe (ponta da Europa) do Ábyla (a ponta da Africa), III, 77; VIII, 17; que se ficaram chamando *columnas de Hércules*. Pretendia-se que o heroe lhe posera uma inscripção que dizia « *Nec plus ultra* » : para além nada mais ha.

19

Tem o Tarragonês... Nomeiam-se os os antigos reinos da Hispanha, já a esse tempo reùnidos, a que se alludiu na est. anterior : Astúrias (depois Leão), Navarra, Aragão, Galliza (condado e algum tempo reino), Castella e os reinos mouros que até tarde subsistiram no sul, especialmente o de Sevilha e o de Granada. Este último foi conquistado aos mouros por Fernando e Isabel em

1492, e com elle terminou o dominio muçulmano na Península. *Tarraconense* chamavam os romanos, da cidade de Tárraco (Tarragona) a uma das provincias em que tinham dividido a Hispánia na qual se comprehendia o territorio que na idade média formou o reino de Aragão. *Tarragonês* aqui significa aragonês. — *Parlhénope*, Nápoles, alludindo á sua conquista por Affonso V de Aragão, que a sujeitou definitivamente em 1442, III, 61. Dizia-se que com aquelle nome tinha havido uma cidade onde mais tarde se fundou a de Neápolis (cidade nova), e que lhe dera o nome uma sereia, IV, 61; X, 5, que, desprezada por Ulysses, se afogara e cujo corpo alli fôra ter. — *Inquieta* porque se rebellou contra Affonso de Aragão, que teve de a sujeitar novamente. — *Reparo*, trincheira, defesa. Quando os muçulmanos se apoderaram da Península, refugiaram-se alguns godos nas serras das Astúrias e ahi, mercê da aspereza do terreno e do seu valor militar, conseguiram manter um pequeno reino, que pouco a pouco, em luta continuada, se foi dilatando para o sul. Este reino, que tomou mais tarde o nome de Leão, foi a origem, por partilha, dos differentes reinos que mais tarde se reùniram na monarchia de Castella. — *Seu planeta*, seu destino, no sentido das crenças da astrologia, que suppunha influirem os planetas na sorte dos homens e das nações, VI, 47; VIII, 29. — *Restituidor*, porque a recuperou para o christianismo, reconquistando-a aos muçulmanos. — *Bétis*, antigo nome do Guadalquivir, de que derivou o da provincia romana Bética; designa aqui a Andalusia.

20

Onde a terra se acaba..., VIII, 78.

21

Acabe-se esta luz, pode acabar-se a minha vida, posso morrer contente, e a nada mais aspiro, tendo prestado

este serviço á minha patria. — *Luso ou Lysa*, I, 24. Ignora-se o que significa o primeiro elemento da palavra *lusi-tani*, análoga na sua derivação a Turdetani e muitos outros nomes ethnicos celticos. Plínio, H. N. III, 8, deriva-o do nome dum companheiro de Baccho chamado Luso ou Lysa. — *Íncola*, habitante.

22

O *Pastor*, I, 26; VIII, 6-7 ; 36. Viriato, pastor dos montes Hermínios, que resistiu valorosamente aos romanos, até que foi morto por traição. Suppõe o poeta derivar o seu nome de *vir*, varão, ou de *vires*, forças, Comp. VIII, 36_{3-4}, e significar homem forte : deriva, segundo toda a verosimilhança, de *viria*, bracelete, e quer dizer « ornado de bracelete », como o nome latino Torquato quer dizer « ornado de collar ». As linguas celticas eram estreitamente aparentadas com o latim. — O *velho...*, o tempo. Contava-se do deus grego Kronos que devorava os filhos. Estabeleceu-se confusão entre as palavras *Kronos* e *chronos* (tempo) e interpretou-se aquelle mytho suppondo que Kronos devorando os filhos era allegoria do tempo que destroe quanto produz. — *Ligeiro e leve*, X, 85_7.

23

Um rei, Affonso VI de Leão e I de Castella (1065-1072, rei de Leão e das Astúrias ; 1073-1109, destes reinos e de Castella e Galliza). — *Foi*, existiu, reinou. — *Sarracenos*, muçulmanos. É palavra de origem árabe que parece significar oriental. Comp. III, 110_6. — *Herculano*, III, 18. — *Cáspia terra*, o Cáucaso, a oeste do Mar Cáspio. Indicam-se os dois extremos da Europa.

24

Amor intrinseco, III, 129_5. — *Eram conduzidos...* Comp. III, 58_{1-4}.

25

Houve em sorte, recebeu o condado de Portugal. — *Dizem*. D. Henrique era o quarto filho de Henrique, segundo filho do duque de Borgonha Roberto I, o Velho, a quem seu irmão Henrique I de França dera, logo no princípio do seu reinado, o ducado de Borgonha, que desde 1002 estava reünido á corôa de França. Comp. VIII, 9₁-₄.

GENEALOGIA DO CONDE D. HENRIQUE.

Hugo Capeto, rei de França (987-996)
|
Roberto, rei de França (996-1031).
|
- Henrique I, rei de França (1031-1060).
- Roberto I, o Velho, 1º duque de Borgonha da 2ª série (1032-1075). *Alice de Semur.*
  - Hugo.
  - Henrique. *Sybilla de Borgonha.*
    - Hugo, 2º duque (1075-1078).
    - Eudo, 3º duque (1078-1108).
    - Roberto.
    - **Henrique,** Conde de Portugal.
  - Roberto.
  - Simão.

26

Da escrava Agar, I, 8. — *Um filho*. D. Affonso Henriques nasceu provavelmente em 1111. — *Que illustrasse*, capaz de illustrar, destinado a illustrar.

27

Da conquista, VIII, 9₇-₈. Allude á primeira cruzada (1096-1099), que terminou pela conquista de Jerusalém (gr. *Hierosólyma*), e constituição do reino deste nome. Suppõe, porém, Herculano que a viagem do conde á Palestina foi em 1103-1104. Reinava então em

Jerusalém Balduíno I (1100-1118). A cidade perdeu-se outra vez em 1187, em que a tomou Saladino, sultão do Egypto e da Sýria, III, 87; foi retomada em 1229; mas em 1244 caíu outra vez em poder dos muçulmanos. As cruzadas do Oriente duraram de 1096 a 1270. Eram expedições de gente de diversos estados da Europa, dirigidas contra os muçulmanos, afim de lhe arrancar a Palestina e outros países, outrora pertencentes ao imperio romano, de que se haviam apoderado. — *Jordão*, rio da Palestina, que se lança no mar Morto; na margem deste rio baptizou S. João a Jesus Christo. — *Tinha vista*, I, 29. — *De Deus a carne*, o corpo de Christo, Deus feito homem. — *Gothfredo*, Godofredo de Bulhão, duque de Lorena, chefe da primeira cruzada e primeiro soberano de Jerusalém (1099-1100), que, porém, não quis tomar o nome de rei « não querendo usar corôa d'oiro onde Christo a teve de espinhos » e tomou apenas o título de Barão do Santo Sepulcro.

28

Húngaro, III, 25. — *O esprito deu...*, morreu durante o cerco de Astorga, em 1114. — *Traslado*, cópia, retrato, pessoa semelhante.

29

Hymenéo, casamento. Apesar dum unico documento em contrário, parece poder-se affirmar que D. Theresa nunca desposou o conde Fernando Peres.

30

Do avô, III, 23. — *Conceito*, pensamento. Tendo pensado resolve, e logo executa o que resolveu.

31

O *sensual*, a sensualidade era maior, imperava mais nella que o sentimento do dever, tendo-a levado a

affeiçoar-se a um homem (e, segundo o poeta, a contraír segundas núpcias) e sacrificar os interesses do filho aos do amante. A violenta paixão de D. Theresa por Fernando Peres, fidalgo de Galliza, filho do conde de Trava, a quem fez conde e entregou parte importante da administração do país, e o consequente estabelecimento em Portugal de muitos fidalgos gallegos, fizeram perder á rainha entre os portugueses a sympathia que a sua energia em promover a independencia de Portugal lhe tinha grangeado. Por essa paixão sacrificou o poder e a sua elevada posição, que tinha a princípio occupado com tanto talento e felicidade, vindo a morrer obscuramente na Galliza em 1130.

32

Ó Progne crua...

D'una Progne crudel, d'una Medea.

Orl. Fur., XXI, 56.

Progne, filha de Pandíon, rei de Athenas, era mulher de Teréo, rei dos Bístones, na Thrácia, e irmã de Philomela. Teréo violou esta última e para ella o não accusar, encerrou-a numa torre, tendo-lhe primeiro cortado a lingua e disse á esposa que ella tinha morrido. Ao fim de muito tempo conseguiu Philomela fazer saber á irmã que estava viva e informá-la do que se tinha passado. Para se vingarem de Teréo mataram o filho que delle tinha Progne e deram-lh'o a comer; em seguida appareceu Philomela e atirou para cima da mesa a cabeça da víctima. Teréo, cheio de furor, corre atrás da mulher e da cunhada com a espada nua. Progne é transformada em andorinha, Philomela em rouxinol e Teréo em pôpa. Met., VI, 424-674. — *Medéa*, I, 18, depois da expedição dos Argonautas veiu com Jasão para a Thessália, e dalli passaram a Corintho. Tendo-a Jasão abandonado para casar com Creúsa,

filha do rei desta cidade, Medéa, fingindo resignar-se, mandou á noiva, como presente de núpcias, um manto e uma corôa, mas impregnados de taes substancias, que se lhe pegaram ao corpo e se incendiaram, consumindo-a. Depois degolou os filhos que tinha de Jasão e fugiu pelos ares num carro magico. — *Pecca mais* porque não procede contra o filho por querer vingar nelle culpas do pae, mas só por incontinencia e por cobiça. — *Scylla*, filha de Niso, rei de Mégara. O rei Minos cercava Mégara, e a salvação da cidade dependia dum cabello vermelho que tinha Niso. Scylla, por amor de Minos, cortou-o e foi causa da tomada da cidade e da morte do pae. Não se confunda com Scylla, II, 45.

33

Em ferros. Segundo uma tradição, fôra presa no castello de Lanhoso. — *Foi vingada*, D. Theresa teria annunciado ao filho que, em castigo de a prender, lhe succederia o desastre referido em III, 68-70.

34

Soberbo, forte, poderoso, em opposição a *raro em gente*. Comp. III, 99₁. — *O Castelhano*, os castelhanos. Reinava Affonso VII de Leão e II de Castella, que em 1135 tomara o título de imperador de toda a Hespanha. Era filho de D. Urraca, irmã de D. Theresa. — *Nenhum trabalho aggrava*, X, 18₃. — *Batalha cruel*, o recontro de Arcos de Val de Vez, em 1140, em que levaram a melhor os cavalleiros portugueses. — *Angelica defesa*, defendido pelos anjos. Que os anjos e o apóstolo S. Tiago combatiam com os christãos contra os infieis é crença frequentemente manifestada nos chronistas. Repete-se aqui nesta luta de christãos, e naturalmente, pois deriva da crença em que só vence quem Deus quer. Comp., III, 8₂.

35

Poder, tropas. — *Mas, com se offerecer*. Estes quatro versos resumem todo o facto que se conta nas est. 36 a 41. Comp. VIII, 14. — *Amo*, aio. — *Segundo estava...*, porque estava mal preparado para a defesa e com poucos mantimentos.

36

Não tinha resistencia, não tinha meios para resistir ao cerco.

37

Fementido (Egas Moniz), sem cumprir a sua palavra. — *Doce vida*, III, 134; IV, 29$_8$; VII, 87$_2$.

38

Despidos, VIII, 14$_2$, só com uma alva, como de condemnado á forca. A viagem de Egas Moniz está figurada numas esculpturas em Paço de Sousa. — *De tal arte*, de tal modo. — *Que mais move...*, III, 40$_8$. — *De minha temeraria confiança*. Comp. V, 44$_4$.

39

As mãos, que tinha posto sobre uma bíblia, para jurar; *a lingua*, com que tinha pronunciado o juramento. — *Pelo estylo*, ao modo de..., semelhantes a... — *Scinis*, salteador mythico da Áttica. Atava os homens a ramos de duas arvores que com a sua grande força tinha dobrado até ao chão, e que depois, soltos, se endireitavam, rasgando as victimas. Matou-o Theseu com o mesmo supplicio. — *Perillo*, atheniense, que fez para o cruel Phálaris, tyranno de Agrigento, na Sicília, um toiro de metal para nelle fechar os que queria suppliciar, accendendo fogo por baixo. Os gritos das victimas figuravam os mugidos do toiro. Comp. o que se observou em II, 112,

cumprindo, porém, notar que nos livros da idade média não falta menção de factos da historia antiga, e de factos mythologicos, considerados como historicos.

40

Estranha, III, 17₃. — *Mais poude...*, III, 38₄.

41

O *persa*, Zópyro (aqui Zopýro) satrapa persa. Para conseguir a Darío I a tomada de Babylónia, cortou o nariz e o rosto e, fingindo que o rei o tinha mutilado e queixando-se da sua crueldade, conseguiu ganhar a confiança dos babylónios, que lhe entregaram o governo da cidade. Tendo-a nas mãos, abriu as portas a Darío. Herod., III, 153-160. — *Se*, a si.

42

Ditoso, victorioso. — *Dalém do Tejo*, as terras do Alemtejo, cuja denominação exprime bem que a monarchia se extendeu do norte para o sul. — *Campo d'Ourique*. A importancia deste combate de 1139 foi muito exaggerada. — *Pequeno*, o arraial.

43

Regia, no imperfeito, porque se estão expondo os pensamentos (dos portugueses) do arraial; ou talvez do príncipe Affonso, sendo *confiado* participio absoluto, e referindo-se-lhe. — *Commetter*, acommetter.

44

Cinco reis, governadores ou chefes independentes. O poder dos muçulmanos da Península ia-se desmembrando, tornando-se os governadores independentes de seus soberanos. — *Guerreiras damas. Feminae sarracenae in hoc praelio amazonico ritu ac modo pugna-*

runt ut occisae tales deprensae. Chron. Goth. Era um antigo costume dos almorávides. — *Formosa dama*, Penthesiléa, rainha das Amazonas, povo mythico de mulheres guerreiras, que se dizia habitarem ao sul do Ponto Euxino (mar Negro), na região onde corria o rio Thermodonte. Penthesiléa, tendo morto involuntariamente uma irmã, para expiar o crime, segundo o costume da sua nação, exilou-se e foi combater pelos troianos no cerco de Troia. Desafiou Achilles a combate singular em que ficou morta. — *Gostaram*, I, 88.

45

Pólo, II, 105. Descreve o poeta o « milagre de Ourique », que consiste no apparecimento de Christo a D. Affonso Henriques.

46

Real, real..., Lendária acclamação de D. Affonso Henriques em Ourique. Era aquella a fórmula da acclamação.

47

Moloso (molosso), cão de fila, como os da terra dos Molossos, no Epiro.

48

Estomago, I, 39; II, 85. — *Apercebido* de gente; que formava exercito numeroso. — *Perros*, cães, nome de desprezo que os christãos davam aos moiros. — *Arma*, accusativo latino do plural dum nome neutro.

49

Bóreas, I, 35. — *Fato*, gado.

50

Alcorão (recitação), é o livro sagrado dos muçulmanos. Contem o que Mahomet ensinou, e foi escrito por Zeid-ben-Thabit, que recolheu os versículos da bocca dos discípulos do propheta, primeiro por ordem do califa Abu-Bekre, e depois em texto definitivo por ordem do califa Othman. Mahomet apresentava a sua doutrina como inspirada por Deus por intermédio do anjo Gabriel. Daqui a expressão : o Alcorão desceu do ceu.

51

Vêm=Vêem, I, 17₁; IV, 29₁; Comp. *crêm*, II, 16₇. — *Para se desfazer...*, capazes de fazer com que uma serra se derrocasse. A descripção da batalha apresenta algumas reminiscencias de outros poetas, especialmente de Ariosto e de Bernardo Tasso. — *Que Neptuno amostrou.* Neptuno e Minerva disputavam a glória de dar o nome á cidade que Cécrops acabava de fundar na Áttica. Seria preferido o que melhor presente desse áquella região. Neptuno, ferindo o solo com o tridente, fez saír um cavallo; Minerva, ferindo-o com a lança, fez brotar uma oliveira. Os deuses decidiram a favor de Minerva, que os gregos chamavam Athene, e a nova cidade recebeu o nome de Athenas. — *Arnez*, I, 67.

53

Tres dias, segundo o costume, para affirmar bem a victoria. Comp. IV, 15₁₋₂; 59 N. — *Aqui pinta*, descripção das armas portuguesas. Comp. I, 7. O escudo que adoptara o conde D. Henrique era branco com uma cruz azul. D. Affonso Henriques colloca, em vez desta, os cinco escudos formando cruz, que representam as cinco chagas de Christo, e ao mesmo tempo os cinco reis vencidos, e nelles os trinta dinheiros por que Judas vendeu a Christo. D. Affonso III; depois da con-

quista do Algarve, faz rodear estes emblemas de uma faixa com castellos para figurar a bandeira do novo reino conquistado. O numero de castellos vem mais tarde a reduzir-se a sete.

54

Varia tinta, VII, 432.

55

Scabelicastro por *Scalabi-castro*, Santarem, cujo nome antigo era Scálabis, tomada em 1147.

56

Serras da lua (*lũa*), nome por que nos autores antigos apparece designada a serra de Cintra. Como Diana, a grega Ártemis, além de outros attributos, era uma representação da lua, e Diana tinha o epítheto de Cýnthia, derivado do monte Cýnthio, na ilha de Delos, onde se dizia que nascera, entraram os eruditos a aproximar, sem a menor razão, as palavras Cýnthia e Sintra e a considerar esta como corrupção daquella; por isso lhe mudaram a orthographia, passando a escrever Cintra. — *Náiades* (aqui Naiádes). — *Vão fugindo*. A mythologia apresenta-nos os faunos, e outros deuses dos bosques, namorados das nymphas, e ellas fugindo ás suas perseguições. — *Nas aguas... fogo*, contraste, por influencia do estylo das composições lyricas, especialmente das ligeiras.

57

Princesa, IV, 75. — *Edificada*. Lisboa é alteração de *Olisipóna*, e esta forma derivada de Olisípo, o mais antigo nome conhecido da cidade. Por certa parecença lembrou derivar de Ulysses o nome desta cidade e attribuir a sua fundação áquelle heroe da epopéa grega,

que nenhuma tradição do tempo dessa epopéa põe em relação com a península Hispanica, ignorada dos gregos na época em que foram compostos os poemas homericos. — *O facundo*, o artificioso, persuasivo Ulysses, I, 98. — *Dardánia*, Troia (nome cognato do de Dárdano, seu antigo rei). — *A quem obedece*. Allude á excellente situação marítima de Lisboa e ao imperio colonial português. — *Armada*, de cruzados III, 27, comp. VIII, 18. — *Boreaes*, do norte da Europa, como explica a est. seguinte.

58

Álbis, III, 11. — *Bretanha*, Grã Bretanha. — *Eram conduzidos*, III, 241-4. É a segunda cruzada (1147-1149), provocada pela tomada de Edessa pelos turcos em 1144. Parte dos cruzados da Alemanha e os de França partiram por terra; os do noroeste da Alemanha, os da Flandres e os da Inglaterra embarcaram em Dartmouth, na armada que auxiliou D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa. — *Ulysséos*, fundados por Ulysses, i. e, os de Lisboa, III, 57.

59

Cinco vezes, já passavam cinco meses. — *Entrada*, invadida, forçada pelos sitiantes. Foi a 21 de outubro de 1147. — *Presupposto*, propósito, intento.

60

Scythicos. Refere-se o poeta aos bárbaros que nos seculos IV e V invadiram o imperio romano, vindos das regiões de além do Rheno e do Danúbio. Os que invadiram a Hispánia foram os vándalos, suevos e alanos, e mais tarde os visigodos, que já tinham estacionado na península Balcanica, na Italia, e finalmente na Gállia, onde se tinham fixado, for-

mando um reino regular. Os vándalos formaram um reino na Bética (nome derivado do rio Bétis, III, 19) e depois passaram á Africa, onde seu reino durou até 534. Os alanos foram provavelmente absorvidos pelos suevos. Estes formaram um reino, com capital em Braga, que durou até que em 585 o destruiram os godos. A monarchia goda apoderou-se de toda a Península. Não é exacta a asserção de que a Lisboa nunca chegaram os bárbaros. A palavra Andalusia deriva de vándalo, VIII, 20_2; quando os muçulmanos desembarcaram na Península, encontraram uma localidade com o nome de Andalôs, e este nome generalizou-se a toda aquella região.

62

Transtaganas, do Alemtejo (trans Tagum). — *Flava*, loura. — *Ceres*, deusa da agricultura; *o dom*, o trigo. — *Poderes*, riquezas. — *Sustentar*, conservar em seu poder, defendendo-a dos ataques dos christãos.

63

Nobre cidade, Évora. — *Assento*, residencia. — *Sertório*, I, 26; VIII, 7_{5-8}. — *Aguas de argento*, I, 18. Agua da prata se chama a do aqueducto. — *Pelos arcos*, do aqueducto chamado sertoriano, levantado no tempo de D. João III. — *Giraldo Sem Pavor*, VIII, 21, tomou Évora em 1166.

65

Piscosa, onde se pesca muito peixe. A edição annotada dos Lusíadas de 1584 deriva *piscosa* de piscos; por isso lhe chamaram edição dos piscos. — *Estrella*, VI, 47_4. Comp. III, 67_{7-8}.

66

Alto, poderoso. — *Peão*, soldado de infantaria.

67

Fere, mata..., I, 88$_{8}$; IV, 30$_{7-8}$. — *Terror pânico*, muito grande e repentino. — *No (não) mais que só sessenta.* D. Affonso Henriques ia em simples reconhecimento. *No mais*, X, 145$_{1}$, « era uma fórmula tradicional em que *non* pela sua fusão proclítica com *mais* perdera a nasal propria, escapando assim á mudança em *não*, que experimentou quando independente ». Ad. Coelho. *Os Lusiadas*; ed. do Gab. Port. de Leit. do Rio de Janeiro, Glossario.

69

Que homem não conhece. Este modo de dizer, hoje fora de uso (dir-se-hia « que se não conhecem », ou, nalguns casos em que isso é possivel, como aqui « que o homem.. ») corresponde exactamente á construcção francesa « *qu'on ne connaît pas* », em que a palavra « homme », reduzida á fórma *on*, se tornou simples pronome. — *Estava presa*, quando pronunciou a maldição, em 1128, III, 33. D. Theresa morreu em 1130 e o facto que vae narrar-se succedeu em 1169.

70

Estando a cidade... D. Affonso Henriques entrou em Badajoz, mas a guarnição conservou-se no castello. Chegaram então os leoneses, commandados por Fernando II e cercaram-no. Acommettido ao mesmo tempo por mouros e leoneses, o rei teve de abandonar a cidade; quando ia a saír por uma das portas a toda a brida, deu com uma perna no ferrolho e quebrou-a. Assim o poderam os leoneses aprisionar.

71

Pompeio (Pompeu), segundo a forma latina do nome *Pompeius*. — *Némesis*, deusa da vingança, que inspi-

rava aos deuses a inveja ao homem feliz e a destruição da sua felicidade. É a Ramnúsia de V, 80. — *Teu sogro*, Julio César, I, 13; IV, 32₈; V, 96₁₋₄, pae de Julia, mulher de Pompeu. Pompeu, cónsul pela primeira vez em 71 A. C., foi politico e general romano illustre, que combateu com felicidade na Hispánia, e na Asia contra Mithridates e contra os piratas da Cilícia. Em 60 formou-se o *primeiro triumvirato* (sobre o segundo IV, 59 N) com César, Pompeu e Crasso. Em 54, tendo-se Pompeu collocado ao lado do senado, e declarando-se César em luta com este, por não querer deixar as legiões que trazia da Gállia, III, 16₁₋₂, trava-se guerra entre César e Pompeu, IV, 32₈. Pompeu, á frente dum grande exército, composto principalmente de gente das provincias orientaes do imperio, e César á frente dum pequeno exército, cujo núcleo eram os seus veteranos da Gállia, defrontam-se em Pharsália, no sul da Thessália, e Pompeu é vencido. Foge para o Egypto e ahi é assassinado, IV, 62₄, por ordem do rei Ptolemeu XII. A victoria entrega a César todo o territorio romano. — *Dina*, I, 22₁, gloriosa. — *Posto que o frio Phásis*... i. e, todo o mundo. Diz Pompeu, na Pharsália de Lucano :

Hinc me victorem gelidas ad Phasidos undas
Arctos habet; calida medius mihi cognitus axis
Aegypto, atque umbras nusquam flectente Syene.
Occasus mea jura timet Tethymque fugacem
Qui ferit Hesperius post omnia flumina Baetis.
Me domitus cognovit Arabs, me Marte feroces
Heniochi, notique erepto vellere Colchi;
Cappadoces mea signa timent et dedita sacris
Incerti Judaea Dei, mollisque Sophene;
Armenios, Cilicosque feros, Taurosque subegi.

Phars., II, 585-594.

Phásis, hoje Rion, rio que corre ao sul do Cáucaso para o mar Negro, na antiga Cólchida, III, 72; por elle se indica aqui a região do norte. — *Syene*, cidade do

alto Egypto, junto á primeira cataracta. Fica aproximadamente no trópico de Cáncer, III, 6 N, por isso no *solsticio do verão*, i. e, quando o sol está mais ao norte, em meado de junho, ao meio dia está-lhe este perpendicular, não produzindo sombra. — *O Boótes*, a constellação do Boieiro. — *A linha*, o equador. As duas indicações astronomicas Boótes e a linha correspondem ás duas geographicas Phásis e Syene, para designar o norte e o sul.

72

Em « *Posto que a rica Arábia... vencedor te vissem* » enumeram-se os *feitos illustres* de Pompeu; em *Campo Emáthio* nomeia-se o local da *victoria dina* que delle obteve César, desenvolvendo assim 72-73 o pensamento indicado em 71. — *Heniochos*, povo do Ponto, no norte da Asia Menor; *Colchos*, os habitantes da Cólchida. Allude-se ás guerras contra Mithridates, rei do Ponto. — O *veu* (vellum) *dourado*, I, 18. — *Cappadoces*, povo da Asia Menor. — *Judéa*. Pompeu tambem combateu na Judéa. — *Um deus*, um só, em opposição a todos os outros povos da antiguidade. — *Sophenes*, povo da Arménia. — *Cilicios*, habitantes da região do Tauro, no sul da Asia Menor. — *Atroces*, crueis; muitos eram piratas, que Pompeu teve de vencer em dura campanha, abrigados em castellos erguidos no cimo de escarpados rochedos. — *Os dois rios*, o Tigre e o Euphrates. — *Mais alto e sacro monte*, IV, 64_{3-4}, o paraiso, conforme a crença de serem estes dos quatro grandes rios que o Génesis diz correrem no paraíso, logar de delícias, onde Deus pôs o homem quando o criou. Comp. IV, 74_{1-2}; VII, 1_{1-4}.

73

O mar d'Atlante, o oceano Atlantico, cujo nome deriva de Atlas ou Atlante, III, 77_{1-2}. — *Scythico Tauro*,

III, 72. — *Campo Emáthio*, thessálio, o de Pharsália, III, 71. A Emáthia era na Macedónia; mas Lucano empregou este nome em vez de Thessália. — *Ovante*, triumphante; dizia-se do general romano a quem, por uma victoria, se concedia a honra da *ovação*, menor que a do triumpho. — O *Conselho*, a intelligencia, tambem, podemos dizer, a vontade, de Deus. — O *sogro*, III, 71; o *genro*, D. Fernando II, rei de Leão, que casara com D. Urraca, filha de D. Affonso Henriques.

74

O *mártyre Vicente*. O corpo de S. Vicente, martyrizado em Valéncia em 304, foi, quando os mouros se apoderaram da Hespanha, trazido por christãos daquella cidade para o Promontório Sacro, onde construíram uma capella para o guardar. Em 1173 foi transportado para a sé de Lisboa, de que o santo ficou sendo o padroeiro. O promontório tomou o nome de cabo de S. Vicente.

75

Lasso, III, 80, cansado. Este epítheto do sujeito dá a razão do acto que se lhe attribue: estava velho e doente, e o estado da perna que quebrara em Badajoz já lhe não permittia montar. — *E faz correr...* III, 85, 4-6; VIII, 20 1-2. D. Sancho surprehendeu e saqueou Triana, arrabalde de Sevilha. Foi esta incursão em 1178. — *O rio...*, o Guadalquivir.

76

Assi estragado. Começa a narrativa, que se extende até á est. 82, da grande invasão do Miralmuminim em 1184.

77

O *Monte*, o Atlas. — *Medusa*, uma das tres Górgonas, monstros horrendos. Era primeiro muito formosa, mas

Minerva, irritada por um seu desacato a um templo da deusa, tornou-a horrenda, mudou-lhe os cabellos em serpentes e deu-lhe aos olhos o poder de transformar em pedra tudo que vissem. Matou-a Perséo, de costas, servindo-se dum espelho, e cortou-lhe a cabeça, que depois levou sempre comsigo, com a qual petrificava os inimigos. Assim foi petrificado Atlas, rei da Mauritánia, que sustentava o mundo aos hombros, X, 156₁-₂. — *Teve*, susteve. — *Promontório de Ampelusa*, cabo a leste de Tánger, que, porém, se toma muitas vezes pelo cabo de Espartel.— *Tinge* (Tíngis), Tánger I, 33. — *Assento*, residencia. — *Antéo*, V, 46, gigante, filho da terra. — *Abyla*, III, 18; VIII, 17; refere-se a Ceuta. — *Juba*, rei da Mauritánia (morreu em 18 A. C.) Comp. *vastaque regna Jubae*. Luc. Phars., X, 475.

78

O mir-almomini (príncipe dos crentes), o califa almóhada de Marrocos, Iúçuf-Abu-Iácub, de quem dependia a Hespanha muçulmana. — *E assi fazendo...*, assim reùnidos esses contingentes, já cada um de per si temivel, num formidavel exercito em que a mourisma tinha concentrado todas as suas forças para atacar os christãos... — *Porém não lhe succede*, I, 44₈.

79

Trabuco, máchina de guerra com que se atiravam pedras contra as muralhas. — *Mina*, galeria subterránea para chegar ao logar occupado pelo inimigo. — *Ariete* (lat. *aries*, *arietis* carneiro), alavanca suspensa dum cavallete alto, que os soldados, convenientemente abrigados, manejavam por uma extremidade, percutindo com a outra a pancadas repetidas os muros inimigos e as portas. Costumava terminar em forma de cabeça de carneiro; dahi o nome.—*Acordo*, tino, serenidade de ánimo, que permitte attender a tudo e resolver como convém.

80

Ao sossego, III, 75_2. — *Na cidade...*, Coimbra. — *Cego*, para a verdade da religião christã.

81

Tem desbaratados, I, 29 e N; IV, 22_4; 42_4; V, 47_7, chegou a desbaratar. — *Marlota*, vestimenta curta dos árabes.

82

Lhe foge a vida. Morreu durante a retirada, ou de ferida recebida no cerco ou de doença: são incertas as circumstancias, como de toda a expedição.

83

Deste geito..., I, 81; II, 55. — *Libitina*, deusa dos sepulcros. D. Affonso Henriques morreu a 6 de dezembro de 1185.

84

Os altos promontórios. Comp. I, 14_6 e N; e X, 118_{1-2}. *Flerunt Rhodopeiae arces*. Virg. Georg. IV, 461; *Vos, altos promontorios...* Garcilasso. Eleg. I, 166.

85

Quando o Bétis... III, 75_{6-8}, VIII, 20_{1-2}. — Ismaèlita, I, 8_6. — *Os que Beja...* III, 76.

86-87

Germanica armada, armada de cruzados de Alemanha, Flandres e Inglaterra, que em 1189 ajudou D. Sancho I a conquistar (pela primeira vez) Silves, mediante o saque. Eram da terceira cruzada (1189-1193). Sobre a primeira e segunda, III, 27, 58. Tendo o sultão

Saladino, da Sýria e Egypto, vencido e aprisionado na batalha de Tiberíada, em 1187, o rei de Jerusalém Guido de Lusignan, e tendo-se apoderado desta cidade e de quasi todo o reino do mesmo nome, organizou-se a terceira cruzada, dirigida pelo imperador da Alemanha, Frederico I Barbaroxa (it. Barbarossa, i. e, barba ruiva; 1152-1190), pelo rei de França, Filippe Augusto, e pelo príncipe, dahi a pouco rei, de Inglaterra, Ricardo Coração de Leão. Frederico, depois de ter tomado Icónium (Cónia), morreu de doença na Cilícia. Os outros soberanos tomaram S. João d'Acre; depois de se ter retirado Filippe, o rei Ricardo obteve apenas de Saladino que deixasse aos christãos os portos de Jaffa até Tyro e lhes permittisse visitar o Santo Sepulcro e ahi praticar o culto christão. — *No lugar*. Na batalha de Tiberíada fez Guido de Lusignan todos os esforços por occupar posição proximo dum ribeiro, mas o inimigo collocou-se diante, interceptando as aguas aos christãos. Repare-se, neste e noutros exemplos, assim em III, 116$_{1-4}$, como Camões conhecia bem os pormenores dos factos a que se referia.

88

Santo Marte, guerra contra os infieis. — *Quando tomou Lisboa*, III, 57-60.

89

Mahometa, III, 19$_4$. — *Aos casos de Mavorte*, a soffrer a guerra. — *Tuy* (aqui Tuý).

90

Palmas, victorias. A palma era na antiguidade ornamento dos vencedores. — *Por derradeiro*, pela última vez III, 62$_8$.

91

Sancho segundo. A deposição deste rei foi promovida por intrigas do clero, que habilmente se aproveitou da frouxidão que D. Sancho manifestava na administração civil, apesar do seu alto valor militar. — *Quem mandava.* O rei deixava-se dominar por outras pessoas, que eram os seus valídos. — *Privados*, valídos, homens que tem a confiança do rei e a quem elle entrega a resolução de muitos negocios. Comp. I, 39₄. — *Se regia*, se deixava governar. — *Seus*, dos privados.

92

Nero, 5º imperador romano (54-68). — *Um moço*, chamado Pythágoras. — *Agrippina*, filha de Germánico e da primeira Agrippina. Foi casada com Domício Ahenobarbo, de quem teve Nero; casou depois com o imperador Cláudio, seu tio, em seguida á morte de Messalina; envenenou-o, e fez acclamar Nero, que o imperador tinha adoptado. Nero mandou-a matar em 59. — *Que a cidade queimasse.* Parece ter sido Nero autor ou instigador do incendio que em 64 devorou grande parte de Roma. — *Heliogábalo* (aqui Heliogabálo), imperador romano (218-222). — *Sardanapalo* (Essar-Adon-Pal), rei da Assýria, que, conforme o que delle contaram Heródoto, Diodoro Sículo e outros, ficou como typo do homem effeminado e entregue ás delícias. Parece ter havido exaggeração, tanto mais que ao mesmo tempo lhe attribuíam um heroico fim: ter-se-hia lançado numa fogueira, que teria feito com as suas riquezas, para não caír vivo nas mãos dos inimigos.

93

Phálaris, III, 39. — *De altivo*, por ser altivo. — *Soberanos*, II, 44₄, superiores, excellentes, v. 8.

94

Conde Bolonhês. O infante D. Affonso tinha casado com Mathilde, condessa de Bolonha, e em suas terras vivia, quando o partido adverso a D. Sancho lhe offereceu o governo do reino. — *Da vida se apartou*: em 1248, em Toledo. — *O bravo* é cognome de D. Affonso IV o de D. Affonso III é o Bolonhês. — *Tão pequeno*, attributo de terreno.

95

Em casamento dada. D. Affonso III divorciou-se da condessa Mathilde, que nunca viera a Portugal, sob pretexto de parentesco, e casou com D. Brites, filha de Affonso X de Castella, tendo-se pactuado que o rei de Portugal cederia temporariamente a Affonso X o usufruto do Algarve até que o primeiro filho que D. Beatriz tivesse chegasse á idade de sete annos, época em que o dominio pleno do Algarve seria restituido á corôa portuguesa; mas após a ida a Castella do príncipe real português D. Dinis, quando tinha ainda apenas quatro para cinco annos de idade, verificou-se a conferencia de Badajoz, de 1267, em que Affonso X cedeu a Portugal todos os direitos que poderiam competir-lhe no Algarve. — *Força e arte*, III, 95c. — *A nação forte*, os mouros.

96

Dina, I, 22i. — *Liberalidade*, ánimo amigo de semear o bem, qual o de Alexandre Magno, I, 3, Plut. Alex., 53. — *Paz áurea*, I, 17.

97

Valeroso, nobre. — *Officio de Minerva*, o ensino das letras e artes, alludindo á fundação do «Estudo Geral», primeira designação da Universidade, que já funccio-

nava em Lisboa em fins de 1288; depois transferida para Coimbra, em 1306; novamente para Lisboa em 1338 e depois outra vez para Coímbra em 1354; em 1377 para Lisboa, e finalmente em 1357 outra vez para Coímbra, onde desde então se tem conservado. — *Helicona*, o Hélicon, monte da Beócia, consagrado ás Musas, divindades das letras e das artes, III, 1. — *Athenas*, cidade da Grecia, célebre pela sua cultura intellectual, além da sua importancia politica. — *Capellas*, corôas de oiro, de báccaro (nardo silvestre) e de louro, i. e, diplomas de bacharel, *baccaláureus*, palavra que o poeta suppõe derivada de *baccar* e *laurus*. A palavra *bacalarius* ou *baccalarius* tendo tomado, além de outras significações, a que tem na forma *bacharel*, entrou a escrever-se *baccalaureus* como se derivasse de *bacca* e *laurus*.

98

Átropos, I, 34. — *Pouco obediente*, levantou-se differentes vezes contra o pae, incitado pela sua rivalidade com o irmão bastardo Affonso Sanches. Estiveram uma vez para vir ás mãos, proximo a Lisboa, no campo de Alvalade, quando, por intervenção da raínha Santa Isabel, se apaziguou a contenda, como consta do pequeno monumento que permanece no local, na rua do Arco do Cego em Lisboa. Já anteriormente em Coímbra tinha a intervenção da rainha evitado um combate.

99

As soberbas, III, 341, o grande poder. — *Por mais pequeno*, por serem (as forças lusitanas) poder (III, 353) mais pequeno. — *Quando as gentes*. Começa a narrativa da invasão marroquina de 1340 e da batalha do Salado. — *Hesperico*, II, 108, hispanico.

100

Semiramis (aqui Semirámis), VII, 53, lendária raínha da Assýria. — *Hydaspicos*, I, 55; VII, 52_2. — *Áttila*, rei dos Hunos, cognominado o « açoute de Deus », á frente do seu povo, de origem uralo-altaica, e arrastando alguns povos germanicos (*gottica gente*) do oriente da Europa, atravessou esta no seculo v, invadindo os imperios romanos do oriente e do occidente e devastando tudo na sua passagem. Por onde passar o meu cavallo não torna a nascer herva, dizia elle. Desbaratado por Aécio nos campos Cataláuncos (Châlons-sur-Marne) em 451, ainda invadiu a Italia e morreu em 453 no seu campo fortificado na Pannónia, III, 11_6 N. — *Co' o poder*, as forças do reino de Granada. — *Tartesio*, de *Tartesso*, antiga cidade, em local incerto, perto de Gibraltár, que visitavam os phenícios e depois os carthagineses.

101

O rei, D. Affonso XI de Castella. — *Uma vez*, em 711, quando Rodrigo, último rei dos godos, perdendo a batalha do Chrysso, perdeu a Hespanha, de que se apoderaram os muçulmanos. — *Consorte*, D. Maria, filha de D. Affonso IV.

102

Gesto, I, 9, rosto. — *Os cabellos*... Comp. II, 36_2. — *Ledo*, de a receber.

103

Grão rei de Marrocos, Abul Haçan.

105

Muluca (Moluia), rio de Marrocos, que se lança no Mediterrâneo.

106

Favor pedia, II, 33 N. — *Navegando*, participio do presente: que ia navegando. — *Infando*, tremendo.

107

Lustra, intransitivo. — *Embandeirada*, como então era costume.

109

Tarifa, na parte mais meridional da Hespanha e de toda a Europa. O emir Abul Haçan e o rei de Granada tinham cercado esta cidade. Feriu-se a batalha junto do rio Salado, a 29 de outubro de 1340. — *Cega*, III, 80₆. — *Se affronte*, se perturbe.

110

Netos de Agar, I, 53. — *Poder*, tropas. — *Com titulo falso*. Suppõe o poeta que a palavra sarraceno, III, 58, deriva de Sara, e por isso diz que não tem os árabes (e os berbéres por elles convertidos) direito de usar tal nome, pois descendem de Abrahão pela escrava Agar e não pela legítima esposa Sara.

111

Bárbaro gigante. Nas guerras entre os hebreus e os philisteus, um gigante chamado Golías avançou para a frente destes, desafiando o hebreu que quisesse combater com elle. Apresentou-se ao rei Saúl o joven pastor David, armado apenas da sua funda e, pedindo para o deixar lutar com o gigante, atirou-lhe á testa uma pedra que o matou. — *Esforço*, coragem. — *Rodeando a funda*, girando com ella. — *O desengana quanto mais...*, o tira do engano em que estava, convencendo-o de quanto mais pode...

112

A alta fortaleza (força), Deus.— *Commette*, ataca. — *Offende*, desbarata. Os castelhanos atacam os marroquinos; os portugueses os granadinos e, desbaratados estes, vão ainda ajudar os castelhanos (est. 114). — *Tudo estima em nada*, não se amedronta com o grande poder dos inimigos. Comp. X, 17_6.

113

O ceu feriam, II, 91_5; III, 46_6; V, 1_6; VI, 72_1. — *Bruto lago. Unos en bruto lago de su sangre.* Garc., Ecl. II, 1243.

114

Granadil, de Granada. — *Tão barato*, I, 90_6.

115

Casa de Thètis (em vez de Téthys, I, 16; V, 52 e N.), IV, 49_2, deusa do mar; para o mar. — *E inclinado...*, e o claro dia, inclinando-se para o poente, escurecendo, estava trazendo o véspero, II, 103 N, i. é, a tarde, o fim da tarde.

116

Mário, general romano, sete vezes cónsul, I, 26; IV, 6. Ganha a batalha de Vercellae (Vercelli) contra os cimbros (101 A. C.), os soldados de Mário foram saciar a sede num ribeiro em que já havia sangue dos inimigos. Referem os historiadores que pereceram na batalha 120.000 cimbros. — O *Peno* (*Poenus*), o carthaginês: Annibal, famoso general carthaginês que, odiando desde criança os romanos, provocou e sustentou durante 16 annos a segunda guerra punica (carthaginesa). Na batalha de Cannas, na Apúlia (216 A. C.), morreram

tantos romanos (os números indicados vão de 40 a 70.000) que Annibal, ao que se disse, encheu tres *módios* de anneis de cavalleiros romanos. Em 202 foi derrotado por Scipião na batalha de Zama, em Africa. Passados dois annos teve de exilar-se de Carthago, para não ser entregue aos romanos. Acolhendo-se á Bithýnia, ahi mesmo o foram procurar os romanos, para o assassinar, cercando-lhe a casa: Annibal matou-se para não caír em seu poder.

117

E se tu... ó nobre Tito. Filho do imperador romano Vespasiano. Em 70 tomou e arruinou Jerusalém. Foi depois imperador (79-81). — *Cocyto*, rio do inferno. — *Do povo*, o povo hebreu. — *Antigo rito*, a religião hebraica. — *Vates*, prophetas.

118

Próspera victoria, X, 37_1. — *Que do sepulcro os homens desenterra*, que conserva viva a memoria dos que já morreram. A palavra homens designa aqui os dois sexos, como o latim *homo*. — *Misera e mezquinha*, infeliz, IV, 90_5. B. Tasso. Amad., III, 19_7; LXXVIII, 46_3. — *Depois de ser morta*, III, 132_4. D. Pedro, tendo assumido o governo por morte de seu pae, mandou desenterrar o cadáver de D. Inês de Castro, com quem declarou ter casado, e fê-lo conduzir em grande pompa ao mosteiro de Alcobaça onde se guardou num tumulo de mármore lavrado cuja tampa tem a effigie de D. Inês em corpo inteiro, com a corôa real. Ao lado está o tumulo de D. Pedro, que é semelhante. Refere Faria e Sousa que D. Pedro, antes de depositar o corpo no jazigo real, mandára collocar no throno a defunta, coroada, e ordenara que toda a côrte lhe beijasse a mão como raínha.

119

Fero amor, IX, 23₆. — *Nem com lagrimas.*

Nec lacrimis crudelis amor nec gramina rivis
Nec cytiso saturantur apes, nec fronde capellae.
Virg., Ecl., X, 29-30.

Nonnihil adspersis gaudet amor lacrimis.
Prop., El., I, 12₁₆.

Aras, altares.

120

Não deixa durar. Logo no principio da narração o poeta faz pairar sobre tantos contentamentos uma sombra, um receio de desgraça: não era desconhecido ao infante que se tramava contra a sua felicidade; mas não receava que o ataque fosse tão longe, ou esperava intervir efficazmente na occasião do perigo. — *Nunca enxuito*, que para sempre engrossou, com as lagrimas que derramaste quando te mataram; ou em que (i. é, nos campos por elle regados) nunca, em quanto junto delle viveste, deixaram de caír as lagrimas que a saudade te fazia verter. Comp. V, 22₄. — *Linda Inês.* D. Inês de Castro, da nobre familia castelhana deste apellido, filha de Pedro Fernandes de Castro, mordomo mor de Affonso XI de Castella, que se distinguiu muito na batalha do Salado, e irmã de D. Álvaro Peres de Castro, que depois foi condestável de Portugal, viera para o nosso país como dama da princesa D. Constança, que casara com o infante D. Pedro, depois D. Pedro I, e que falleceu em 1345. Affeiçoou-se o infante a D. Inês. Passados annos e tendo já os dois amantes tres filhos vivos, alguns nobres, ciosos do predominio que a familia dos Castros viria a ter com D. Pedro, depois de se ter inutilmente tentado resolver o infante a casar com alguma princesa (est. 122), incitaram D. Affonso IV a ordenar a morte de D. Inês, em

que finalmente consentiu (1355). — *Aos montes ensinando.*

Formosam resonare doces Amaryllida silvas.
Verg., Ecl., I, 5.

El nome che nel cor me scrisse amore.
Petr., Son. 5.

As lembranças.....

Con vuestra soledad me recreava,
Donde con dulce sueño reposava;
O con el pensamiento discurria
Por donde no hallava
Sino memorias llenas de alegria.
Garc., Ecl., I, 248-252.

122

Do povo, III, 124$_3$, 130$_3$, dos fidalgos, dos vassallos, em opposição ao rei: o povo não interveiu.

123

Fina, cortante, ou de bom ferro; valorosamente manejada. — *Contra uma fraca dama*, III, 130$_{7-8}$.

124

Algozes, Álvaro Gonçalves e Pedro Coelho principalmente; Diogo Lopes Pacheco vinha tambem com elles. — *Mas o povo*, III, 122$_7$ e N, 130$_3$.

125

Para o ceu cristallino, I, 20$_5$.

Frustra ad caelum ardentia lumina tendens,
Lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.
Aen., II, 405-406.

Note-se a substituição da palavra *ardentia* por *piedosos*.

126

Se já nas brutas feras... Comp. NN. a II, 112, sg. e a III, 39. Contam as lendas de muitos fundadores de cidades e de imperios e chefes de povos que elles foram abandonados em crianças, para morrerem, mas que feras os criaram, chegando depois a executar os feitos para que estavam destinados. Assim se dizia que os fundadores de Roma, Rómulo e Remo, mandados deitar ao Tibre por Amúlio, rei de Alba Longa, seu tio, tendo escapado de morrer afogados, tinham sido criados por uma loba, até que um pastor os recolhera. De Semíramis, III, 100, mãe de Nino, se referia que fôra criada por pombas.

127

De humano o gesto e o peito, corpo e sentimentos de homem, em opposição aos animaes nomeados na estancia anterior. — *Donzella*, III, 134, *dominicella*, como *demoiselle*, significou primeiro, segundo a etymologia, mulher nova. — *Sua e minha*, equivalem a genitivos objectivos: piedade dellas e de mim. — *A culpa que eu não tinha*, a minha innocencia.

128

Maura resistencia, III, 99-117. — *Scythia*, III, 9. — *Líbia*, a região a oeste do Egypto; a Africa em geral.

129

Põe-me onde se use... Comp. Hor., Od., I, 22; Petr., Son. 113. — *Amor intrinseco*, III, 24_1.

130

Pertinaz povo, III, 122_7 e N, 124_3.

131

Polyxena, filha de Príamo, rei de Troia, ia desposar o heroe grego Achilles, quando o troiano Páris, II, 35 N, o matou aleivosamente, ferindo-o com uma setta num calcanhar, unico ponto vulneravel que tinha. Quando Troia foi tomada, Pyrrho, filho de Achilles, degolou Polyxena sobre o tumulo do pae. A narrativa que Camões tinha presente era a das Met., XIII, 441-505. — *Mãe velha*, Hécuba. — A *sombra*, a alma (é noção que corresponde a esta, mas não é igual).

132

Collo de alabastro, branco e fino como alabastro. Chamavam a D. Inês collo de garça. — *As obras*, o rosto. — *No futuro castigo*, III, 136.

133

Seva (cruel) *mesa*. Atreu, rei de Mycenas, irmão de Thyestes, tendo descoberto que sua mulher Érope commettia adulterio com este e delle nascera um filho, deu-o a comer a Thyestes num festim. O sol, horrorizado, escondeu-se.

134

Assim como a bonina..., comparação muito natural, e por isso muito vulgar nos poetas. *Qualem virgineo demessum police florem*. Aen., XI, 68. — *Lascivas*, travessas, que machucam as flores sem (a donzella) reparar. — *Capella*, grinalda. — *Doce vida*, III, 37$_7$; IV, 29$_8$; VII, 87$_2$.

135

Filhas do Mondego. Não são as mulheres de Coimbra, mas evidentemente as nymphas do Mondego. Comp.

Tágides, I, 1, e os numerosos passos dos poetas em que as divindades dos rios, dos bosques, dos montes, choram a morte prematura dos heroes. — *Escura*, triste, desgraçada. — *Em fonte pura*. A narração termina admiravelmente, envolvendo-se o facto numa roupagem mythica e passando-se da região lendaria e melancolica da historia de Inês para a realidade com o verso, que brota com impeto repentino, *Vêde que fresca fonte...*, que aponta um objecto real, mas que ainda recorda a historia, que invencivelmente occupa a imaginação de todo aquelle que o contempla. É a fonte dos Amores, na quinta das Lagrimas.

136

O outro Pedro, D. Pedro I, o cruel, de Castella. — *O concerto*. Octávio (Augusto) Antonio e Lépido, quando formaram em Roma o segundo triumvirato (43 A. C.), mandaram matar muitos cidadãos, organizando, de accordo, listas de proscripção. Cada um propunha um certo número de nomes; mas, para os acceitarem, os outros exigiam a inclusão de outras pessoas, de que tambem queriam a morte. O rei de Portugal pactuou com o de Castella entregar-lhe uns refugiados castelhanos que cá estavam, em troca dos assassinos de D. Inês, e tendo recebido Álvaro Gonçalves e Pedro Coelho, mandou-os suppliciar. Diogo Lopes Pacheco, prevenido a tempo, passou-se ao Aragão e a França. D. Pedro, pouco antes de morrer, declarou-o innocente e mandou-lhe restituir os bens confiscados.

137

Suberbos vitupérios, vexames exercidos pelos grandes sobre os humildes. — *Alcides*, Hércules, filho de Júpiter e de Alcmena, esposa de Amphitryão, rei de Thyrintho, filho de Alceo. Hércules era, portanto, apparentemente, neto de Alceo. — *Theseu*, rei da Áttica,

venceu bandidos que a devastavam e ás vizinhas terras de Mégara.

138

Destruir-se totalmente. D. Fernando fez tres vezes guerra a Castella, para sustentar as suas pretenções ao throno daquella nação, e sempre foi infeliz. Refere-se o poeta especialmente á segunda (1372-1373), em que o rei de Castella, D. Henrique I, atravessou Portugal e occupou a parte baixa de Lisboa, em quanto D. Fernando se conservava inactivo em Santarem. Fez-se a paz a 19 de Março de 1373.

139

Tirar Lianor. D. Fernando, apaixonado por D. Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, obteve do papa a anullação deste casamento e desposou D. Leonor.

140

Tiveram a pena. Esta est. contém exemplos de castigo de peccados sensuaes: corresponde aos v. 1-4 da est. 139. Alguns dos exemplos das est. 140 e 141 encontram-se no Trionfo d'Amore de Petrarca. — *Os que foram roubar*, os troianos, compatriotas de Páris. Em consequencia do rapto de Helena, por este praticado, foi Troia tomada e destruida, II, 35 N. — *Áppio Cláudio*, um dos decémviros nomeados pelos romanos em 451 A. C. para redigirem o seu primeiro código, que se chamou « as leis das doze tábuas ». Tendo feito roubar Virgínia, filha do centurião Virgínio, por intermédio dum seu cliente, sob pretexto de que era filha duma escrava deste, e portanto tambem sua escrava, e tendo decidido no seu tribunal que assim era, Virgínio apunhalou a filha, para a salvar da deshonra, e o povo, amotinado, depôs os decémviros e prendeu Áppio. Tito

Livio accrescenta que se matou na prisão; Dyonisio de Halicarnasso pretende que foi estrangulado por ordem dos tribunos. — *Tarquinio.* Sexto Tarquínio, filho de Tarquínio o Soberbo, último rei de Roma, violou Lucrécia, mulher de Tarquínio Collatino, forçando-a a escolher entre a deshonra real e a morte com a infamia para a sua memoria. Lucrécia prefere submetter-se, e depois, chamando os parentes e amigos, expõe-lhe o caso, e em seguida mata-se. Bruto promove uma revolta e a familia real é expulsa e abolida a realeza (510 A. C.). Sexto morreu combatendo contra os romanos na batalha do lago Regillo (496 A. C.) — *David*, segundo rei dos Hebreus, foi castigado por ter commettido adulterio com Bethsabéa, mulher de Urías, emquanto este estava na guerra, e ter dado ordem para o exercito de que expo-sessem por tal forma este general que elle succumbisse, como succedeu, Reg., II, 11. — *Se condemna*, se torna digno de castigo, ou mesmo, se declara culpado. Deus enviou-lhe para lhe fazer sentir o seu erro, o propheta Nathan. Não entendeu o rei que a elle se referia o apólogo que lhe contou o propheta, mas condemnou o culpado. Então lhe disse o propheta : Pois esse homem foste tu. Reg., II, 12. — *O tribo de Benjamim.* Por os habitantes de Gaba, da tríbu de Benjamim, terem abusado duma mulher da tríbu de Levi, mataram os israelitas 25.000 daquella tríbu. Jud., XIX-XX. Note-se o genero masculino e a orthographia *tribo* que convem restabelecer, abandonando a forma moderna *tribu*, contrária á indole da nossa orthographia tradicional. — *Por Sara*, com o exemplo do que lhe succedeu por causa de Sara. — *Pharaó*, o rei do Egypto, foi castigado por ter mandado que lhe levassem Sara, mulher de Abrahão. Gen., XII. — *Sichém.* O principe de Sichém violara Dina, filha de Jacob, mas ajustou-se o casamento e fez-se a paz. Comtudo os filhos de Jacob surprehenderam os de Sichém e mataram-nos. Gen., XXXIV.

141

Se os peitos fortes enfraquece. Esta est. contém exemplos de grandes ánimos abatidos pelo amor : corresponde aos v. 5-8 da est. 139. — *Inconcesso*, não concedido, illícito. — *Filho de Alcmena.* Hércules, filho de Júpiter e de Alcmena, amando Omphale, raínha da Lýdia, sujeitou-se a fiar a seus pés vestido com os trajos d'ella (*transformado*), emquanto Omphale se cobria com a pelle do leão de Neméa que o heroe costumava trazer. — *Marco Antonio*, III, 136. — *Cleopàtra* (pronuncia-se habitualmente Cleópatra, mas a accentuação de Camões é a latina), formosissima raínha do Egypto, II, 53_8. — *Peno*, III, 116. — *Moça vil.*

> *Vil feminella in Puglia il prende e lega*
>
> Petr., Trionfo d'Amore, III, 27.

Os antigos não mencionam nenhuma mulher designadamente.

142

Dos laços... Comp. III, 56_{6-7}. — *Entre as rosas...*, nas faces brancas e rosadas, nos cabellos d'oiro, num collo de alabastro, III, 132_2. — *Peregrina*, extranha, rara. — *Vulto de Medusa* (III, 77)... Comp. Petr., Son. 101, 146 e 164. — *Propriamente*, exactamente, IX, 55_8.

143

Que em si está sempre as almas transformando. É o pensamento do soneto X.

> *Transforma-se o amador na cousa amada,*
> *Por virtude do muito imaginar.*

Tendo livre a phantasia, não tendo sido nunca dominado pelo amor.

CANTO QUARTO

1

Falleceu, a 20 de outubro de 1383.

2

Joanne, o mestre da ordem de Avis, D. João, filho natural de D. Pedro I e de Theresa Lourenço. — *Verdadeiro*, attributo de rei.

3

Ante tempo, de oito meses, diz a lenda. — *Portugal, Portugal...*, III, 467-8.

4

Adúltero conde, João Fernandes Andeiro, conde de Ourém. Era um dos fidalgos da Galliza que tinham seguido o partido de D. Fernando quando, no princípio do seu reinado, elle a invadiu. Era a esse tempo governador da Corunha, que entregou a D. Fernando. Gorada a invasão, João Fernandes, como os outros fidalgos gallegos do partido de D. Fernando, refugiou-se em Portugal. Passou depois a Inglaterra e ahi foi o negociador da alliança com o duque de Lancaster. Veiu a Portugal em 1372, antes da segunda guerra com Castella, e ainda mais tarde voltou secretamente ao reino, recebendo-o D. Fernando no castello de Estremoz, onde estava residindo com a raínha. Ahi começaram os

amores desta com João Fernandes. Voltou elle depois com as tropas do duque de Cámbridge, foi feito conde de Ourém e recebeu honras e riquezas. — *Com quem*, refere-se ao conde.

5

Mas elle em fim... O mestre de Avis mata a 6 de dezembro de 1383 o conde Andeiro nos paços de a par S. Martinho (Limoeiro). — *Que tudo o fogo*... que a cólera popular tudo devora, como fogo. — *Quem... a quem*, um... a outro. — Como *Astyanás*, filho de Heitor e Andrómacha, atirado das muralhas de Troia pelos gregos na tomada da cidade. — *Precipitado*. O bispo de Lisboa, D. Martinho, estava jantando com o prior de Guimarães e um tabellião de Silves. Sentindo o povo levantado, subiram a uma das torres da sé, a ver que era. O povo bradou-lhes que tocassem os sinos; como o não fizessem, as portas foram abertas, o bispo, que era castelhano, e os seus companheiros precipitados da torre e os cadáveres arrastados pelas ruas. — *Ordens*, as ordens sacras, a qualidade de ecclesiasticos.

6

As cruezas mortaes, I, 26. Mário e Sylla disputaram o poder em Roma; cada um mandou matar muitos partidarios do outro. — *Podem-se pôr em esquecimento*, porque são excedidas pelas que os portugueses praticam nos partidarios de D. Leonor e de Castella. Apesar de se terem dado alguns assassinatos em Lisboa e nas provincias, como o da abadessa do mosteiro de S. Bento, em Évora, e o do almirante Lançarote Peçanha, em Beja, não tem estas scenas comparação possivel com as horrorosas carnificinas com que Mário e depois Sylla ensanguentaram Roma — *Sentimento do morto Conde*, pela morte do conde. — *Della*, da Lusitánia.

7

O Castelhano, D. João I de Castella. — *Corrompida fama*, má reputação de D. Leonor. João das Regras, nas côrtes de Coimbra, levantou esta dúvida no discurso em que procurou demonstrar que era D. João o unico príncipe que tinha direito ao throno.

8

Vêm de toda a provincia... Nas est. 8 a 11 enumeram-se as differentes regiões do reino de Castella. A primeira nomeada é Castella a Velha, que alguns historiadores pretendiam se tinha chamado Brígia, nome derivado dum supposto rei Brigo. Brigo é o segundo elemento componente de muitos nomes de logares celticos. — *Fernando*, o Magno, de Castella e Leão (1037-1065).— *Rodrigo*, Rodrigo Díaz de Bivar, o famoso Cid, cujas façanhas contra os moiros inspiraram um poema célebre. Morreu em 1099. — *Co'os Mouros*, I, 26[2]; VIII, 6[7], contra os mouros.

9

Vándalos, III, 60; IV, 16, os andaluses. — *Cabeça*, Sevilha. — *Nobre ilha*. Cádiz fica situada numa península que termina a noroeste a ilha de Leon. — *Týrios*, habitantes de Tyro, na Phenícia, vindos á Hispánia para commerciar, III, 108 N. Foram os fundadores de Cádiz. — *Hercúleas columnas*, III, 18.

10

Cercando vae. O Tejo faz curva em volta de Toledo. — *Conca*, Cuenca. Nasce o Tejo na *muela de San Juan*, nos montes Universaes, na provincia de Teruel, perto do limite da provincia de Cuenca, a 45 k. a NE. de Cuenca, 52 k. a W. de Teruel e 20 k. a SW. de

Albarrazim, na provincia de Cuenca. — *Sórdido*, parco, que evita gastar. — *Já provastes*. Nos primeiros reinados, como dá exemplo III, 89.

12

Samsão, heroe biblico, espécie de Hércules hebraico que fazia prodigios de força. Residia-lhe esta no cabello; tendo-lh'o mandado cortar uma mulher chamada Dalila, aprisionaram-no os philisteus e cegaram-no. Passado tempo, estando no templo de Dagon, como já lhe tinha crescido o cabello e com elle a força, deitando o braço a uma das columnas do templo, fê-lo caír sobre os seus perseguidores, morrendo com elles. — *Hebré-o*. — *Conselho*, capacidade de resolver.— *Se aconselha*. Em Abrantes, IV, 23₂.

13

Pedro, S. Pedro, o primeiro dos apóstolos. Promettera a Christo nunca o abandonar; mas interrogado tres vezes na mesma noite sobre se conhecia a Jesus Christo, todas tres negou conhecê-lo.

14

Seus irmãos, Diogo e Pedro, III, 32, 40. — *Irado e não facundo*, pronunciando um discurso inspirado pela cólera e por isso sem a regularidade e o respeito de todos os melindres (est 17₆, 18₆₋₇, 19₆) dos que são proferidos a sangue frio, mas com a maior viveza e força de persuasão.

15

Patrio Marte, III, 15₄; VI, 56₄. — *Provincia*, região; designa aqui Portugal. — *Princesa*. Comp. III, 57₂.

16

Quando tantas bandeiras..., III, 34.

17

Com quem, com o auxílio de quem. — *Descuidos ou peccados*, III, 139. — *Co'o rei se muda o povo*, III, 138s.

19

Com meus vassallos. D. Nun'Alvares Pereira herdara de seu pae, que fôra balío de Leça (mosteiro da ordem de Malta) grandes propriedades. Mais tarde D. João I, premiando os seus serviços á sua causa, havia conceder-lhe muitas terras e torná-lo o maior proprietario de Portugal. Orgulhoso do seu poder, até deixou ás vezes de obedecer ao rei. Com terras que tinham sido suas se formou grande parte da casa de Bragança. Em 1401 D. Affonso, filho bastardo de D. João I, casa com D. Brites Pereira, filha do condestável e recebe delle o condado de Barcellos e muitas mais terras, além de outras doadas pelo rei. Em 1442, durante a regencia do infante D. Pedro, seu irmão, na menoridade de D. Affonso V, recebeu o conde de Barcellos o título de duque de Bragança.

20

Depois da batalha de Cannas, III, 116, os romanos que se tinham refugiado no logar, proximo, de Canúsio Canosa), estavam já resolvidos a entregar-se a Annibal; mas Públio Cornélio Scipião, o moço, fez-lhe jurar que defenderiam até á morte as águias romanas. — *Reliquias sós*, unicos que tinham escapado. — *Os faz que jurem*. Comp. VI, 47 7-8.

21

Com lhe ouvir... O poeta concentra os factos e modifica-os conforme convém á poesia. D. Nuno saíu arrebatadamente do conselho e, sem dizer nada, partiu com

a sua gente no dia seguinte para Thomar, recusando-se a obedecer ao rei, que o mandava chamar. Obrigou assim D. João I a adoptar o partido de dar batalha aos castelhanos. F. Lopes, II, 30, 31. — *Animaes de Neptuno*, III, 51. — *Arremessões*, armas de arremesso.

22

Peitos, coberturas para o peito. — *Gastadas tinha*, I, 29 e N. — *Outros fazem vestidos*, VI, 52_{5-8}, os cavalleiros. As cores eram muitas vezes escolhidas conforme os sentimentos que se tinha convencionado que symbolizassem. — *Letras e tenções*. Pintavam os cavalleiros nos escudos figuras (tenções, cimeiras) allusivas aos sentimentos que queriam indicar e junto inscreviam lemmas (letras), que podiam reduzir-se a algumas palavras ou constar de um até tres versos: a tenção illustrava a letra. Eis um exemplo. « El Rey levava por cimeira a uns liames de nao polla Raynha Dona Lianor, sua molher, cheos de pedraria e dizia a letra:

Estes lião (liam) *de maneira*
Que já mais pode quebrar
Quem com elles navegar.

Garc. de Rez. Chr. de D. João II, C. 128 (na descripção do torneio nas festas ao casamento do príncipe D. Affonso).

Na ala direita dos portugueses em Aljubarrota entravam 200 lanças que formavam a « ala dos namorados », IV, 24_{5-8}.

23

Fria, III, 16_4; X, 127_5. — *Primeiros armigeros*, a vanguarda. — *Xerxes*, rei da Pérsia (485-465 A. C.). Em 480 passou o Hellesponto (Dardanellos) numa ponte de barcos e atravessando a Thrácia, Macedónia e Thessália, invadiu a Grecia central e chegou até Athenas;

que occupou. Batido na batalha naval de Salamina, em frente de Athenas, retirou-se precipitadamente com parte do exército. Mardónio, seu cunhado, que ficou na Grecia com 300.000 homens, foi vencido e morto pelos gregos no anno seguinte, na batalha de Platéas.

24

Fero Huno, III, 100$_{3-4}$.

25

Foi de Abranches nobre conde. O poeta confunde Antão Vasques de Almada com seu sobrinho Álvaro Vaz de Almada. Álvaro Vaz, armado cavalleiro pelo infante D. Pedro na tomada de Ceuta (1415), passou a Inglaterra e militou ao serviço de Henrique V e Henrique VI daquella nação. Este último, além de outras recompensas, deu-lhe o título de conde de Abranches (Avranches, na Normandía, de que os reis de Inglaterra eram então senhores), e a ordem da Jarreteira. Desempenhou importantes cargos durante a regencia do infante D. Pedro, na menoridade de D. Affonso V, e morreu, assim como o infante, no encontro de Alfarrobeira, com as tropas do moço rei (1449). Adquirida a Normandía pela França, Luís XI confirmou em D. Fernando de Almada o titulo de conde de Abranches conferido por Henrique VI de Inglaterra. — *Sestra* (sinistra), esquerda.

26

Pelos muros, de Abrantes, ao ver partir o exercito.

Stant pavidae in muris matres, oculisque sequuntur
Fulveream turbam et fulgentis aere catervas.
Aen., VIII, 592-593.

Alegre, misturado com esperança. — *Já chegam.*

Começa a descripção da batalha de Aljubarrota. — *Esquadras*, troços de tropas. — *Dúvida*, do resultado; desânimo.

27

Alférezes. Hoje o plural é como o singular: alferes. — *Ceres* (III, 62) *o fructo deixa...*, faz-se a ceifa. — *Entra em Astréa* (Comp. I, 42; II, 72; V, 2). O sol entra no signo da Virgem (Astréa) a 23 de agosto, mas naquelle tempo entrava a 12: a batalha de Aljubarrota foi a 14 de agosto 1385. — *Astréa*, deusa da justiça, que habitou a terra na idade de oiro, mas que, não podendo assistir aos crimes dos homens nas idades seguintes, de bronze e de ferro, IV, 98 N, se retirou para o ceu.

28

Deu sinal. Ao escrever estes versos recordou-se Camões dos seguintes da Eneida, cuja belleza, porém, o poeta português muito excedeu. A furia Alecto convoca os pastores a toque de bozina.

At saeva e speculis tempus dea nancta nocendi
Ardua tecta petit stabuli et de culmine summo
Pastorale canit signum cornuque recurvo
Tartaream intendit vocem, qua protinus omne
Contremuit nemus et silvae insonuere profundae;
Audiit et Triviae longe lacus, audiit amnis
Sulphurea Nar albus aqua fontesque Velini,
Et trepidae matres pressere ad pectora natos.

Aen., VII, 511-518.

Já Ariosto se tinha inspirado destes versos no Orl. Fur., XXVII, 101. — *Horrendo...* Comp. *Horrendum, informe, ingens.* Aen., III, 658. — *O Monte Artábro*, I, 14; X, 33, o cabo Finisterra, na Galliza. — *Tornou atrás.* Hypérbole vulgar nos poetas; assim *Refluit exterritus amnis.* Aen., VIII, 240.

29

Quantos rostos... I, 89₅₋₆. Sob a impressão do momento em que se vae jogar a sorte da patria numa lucta cheia de incerteza, os rostos empallidecem; assim costuma succeder, mas logo que se dá o signal do combate esta impressão desapparece : a ánsia de vencer o inimigo faz esquecer o perigo que se corre. — *Ao coração.* Ha muitos logares semelhantes nos poetas. Assim :

Frigidus Arcadibus coit in praecordia sanguis.
Aen., X, 452.

É maior... que o perigo. Comp.

Terror in his ipso maior solet esse periclo.
Ovid., Her., XVI, 349.

e

Propiusque periclo
It timor.
Aen., VIII, 556-557.

32

Seus irmãos : D. Pedro Álvares Pereira, mestre da ordem de Calatrava, III, 40₅₋₆, e D. Diogo Pereira. — *Arrenegados,* portuguezes que tinham renegado a patria (no dizer do poeta, traidores, est. 33) seguindo o partido de Castella: tinham, porém, livremente optado pelo soberano e pelo país que preferiam, embora esperassem do rei de Castella honras e mercês. — *Julio e Magno* (pron. Manho), IV, 62₄, Julio César e Pompeu o Magno (Grande), III, 71. Lucano na Pharsália designa ordinariamente Pompeu por este cognome, que lhe fôra concedido pelo senado. A influencia erudita substituíu pela pronuncia *magno* a antiga pronuncia *manho,* conforme com a da palavra *tamanho* (tam magno). Comp. a rima da est. 92 do Canto IX.

33

Sertório, I, 26. — *Coriolano*. Estando os romanos a cercar Coríolos, cidade dos Volscos, uma vez que estes fizeram uma sortida, os romanos, rechaçando-os, conduzidos e animados por um mancebo chamado Caio Márcio, entraram com elles na cidade e tomaram-na. Caio Márcio recebeu o cognome de Coriolano. Passado tempo, tendo-o a plebe accusado de açambarcar o trigo, teve de exilar-se e foi acolher-se ao proprio país dos Volscos. Á frente delles veiu cercar Roma e estéve a ponto de tomá-la; mas tocado das súpplicas e lagrimas de sua mãe Vetúria e de sua mulher Volúmnia, levantou o cerco. — *Catilina*, patrício romano, fez uma conjuração em 63 A. C. Cícero, que ao tempo era cónsul, descoberta a conspiração, mandou matar alguns dos chefes, e Catilina pereceu, com parte da sua gente, combatendo contra as tropas da república. A conjuração, cujos intentos são mal conhecidos, era inspirada em todo o caso por idéas avançadas e pretendia fazer grandes alterações na organização social de Roma. — *Profano*, sacrílego, contra a religião da patria. — *Sumano*, Plutão, que reina no país dos mortos.

34

Ceita, Ceuta, IV, 49. — *O fortissimo leão.*

Ceu saevum turba leonem
Cum telis premit infensis et territus ille
Asper acerba tuens, retro redit et neque terga
Ira dare aut virtus patitur, nec tendere contra
Ille quidem hoc cupiens potis est per tela virosque.
Aen., IX, 792-796.

Comp. ainda Aen., XII, 4-8 e Luc. Phars., I, 205-212. O poeta tambem se lembrou, certamente, das descripções de caçadas ao leão que ouvira em Ceuta. — *Tetuão*, cidade de Marrocos sobre o Mediterrâneo.

35

O cavalleiro, D. Nun'Álvares Pereira.

36

Affronta, aperto. — *Qual parida leôa*. Comparação vulgar nos poetas; assim Orl. Fur., XVIII, 22. — *Massýlia*, parte oriental da Numídia; designa aqui, como em V, 6, toda a Africa do norte, pois mostra a est. seguinte que o poeta suppõe succeder isto tambem junto de Ceuta.

37

Montes Sete Irmãos, proximo de Ceuta, cujo nome antigo *Septum* era por alguns derivado de Septem; mas se não é a palavra latina *septum* (recinto fortificado, oppidum), será latinização de vocábulo indígena.

39

Fogo ardente, o sangue rubro.

40

Estýgio lago, lago ou rio que rodeava sete vezes o inferno. — *A morte e o ferro*. A morte entrava com o ferro. — *Mestre de San Tiago*. Não morreu na batalha de Aljubarrota, mas na de Valverde, IV, 45-46. Fern. Lopes, II, 58. — *Mestre de Calatrava*, D. Pedro Álvares Pereira, morto depois de aprisionado, apesar de D. João I ter recommendado a Egas Coelho que o guardasse. — *Os Pereiras*, III, 32. Como D. Pedro acaba de ser nomeado, deve entender-se que havia no exército castelhano outros membros desta familia alem de D. Diogo.

41

Vulgo vil sem nome, multam sine nomine plebem. Aen., IX, 343, como na Ilíada. — *Ao Profundo*, á região

dos mortos. — *Trifauce cão*, Cérbero, cão de tres cabeças, que guardava a porta do inferno.

42

Tem as flores mudadas, I,29, foram tantos os mortos, tanto o sangue derramado, que mudou a côr ás flores. Comp. III, 52₇₋₈.

43

Não pés, mas asas. Pedibus timor addidit alas Aen., VIII, 224.

44

Alguns vão maldizendo..., I, 90₇₋₈; Aen., XI, 215-217.

45

Os dias costumados, III, 53₄; IV, 59₄, tres dias, para mostrar que ficava senhor do campo. — *Offertas e romarias*. D. João I fez voto, antes da batalha, de levantar o mosteiro de Santa Maria da Victoria (da Batalha); fez tambem o voto, que mais tarde cumpriu, de ir em romaria a Nª Sª da Oliveira de Guimarães.

46

Terra dos Vándalos, III, 60; IV, 9. Allude-se á batalha de Valverde (outubro de 1385), em territorio castelhano, a oeste de Mérida, junto ao Guadiana. Diz o poeta que foi vencida a terra dos Vándalos porque grande parte do exército castelhano se compunha de tropas andalusas. O condestável, encarregado da defesa do Alemtejo, invadira Castella por sua lembrança e sem autorização do rei. — *Bética*, III, 19.

47

A paz. Em 1386 desembarcou na Corunha o 1° duque de Lancaster (Lencastre) João de Gaunt (Gand), filho

de Eduardo III de Inglaterra, que, pelo seu segundo casamento com D. Constança, filha de Pedro o Cruel de Castella, pretendia o throno deste país. Trazia algumas tropas e vinha acompanhado de suas filhas D. Filippa, filha do seu primeiro matrimonio com Branca de Lencastre, e D. Catharina, filha unica de D. Constança. D. João I de Portugal tinha negociado uma alliança com a Inglaterra desde que fôra nomeado defensor e regente do reino, e tratara com o duque uma invasão em Castella. Ajustou-se logo que D. João casaria com D. Filippa, consorcio que se celebrou no Porto a 2 de fevereiro de 1387, e preparou-se a guerra. Castella foi invadida, tomando os alliados differentes terras, ao passo que outras lhes resistiam; mas, não lhes parecendo prudente continuarem a internar-se num país onde não encontravam appoio, retrocederam, vindo procurá-los a Trancoso embaixadores do rei castelhano com propostas de paz para o duque de Lencastre. Fez-se esta paz em Bayonna: o duque renunciava ás suas pretenções ao throno de Castella, mediante o casamento do principe Henrique, herdeiro deste throno (depois Henrique II) com D. Catharina, o pagamento, pelo rei, duma quantia como indemnização de guerra e o pagamento duma pensão annual. A paz entre Portugal e Castella e o reconhecimento de D. João I como rei de Portugal só se estipularam pelo tratado de 1411. Até 1399 houvera hostilidades, separadas por intervallos de treguas. Reinava ao tempo do tratado em Castella D. João II, ainda menor, filho de Henrique II, e era regente sua mãe D. Catharina, com o infante D. Fernando. O tratado tinha, porém, de ser confirmado pelo rei depois da maioridade: só o foi em 1431. — Lancaster (Castro de Lane), que deu nome ao condado erigido em ducado por Eduardo III para seu filho João de Gaunt, é uma cidade que conta actualmente cerca de 25.000 habitantes, situada sobre o rio Lane, onde

começa a abrir-se o estuário pelo quel desagúa no mar da Irlanda. É capital do Lancashire (Lancaxáier), o qual, entre outras cidades importantes, conta as de Liverpool (Líverpul) e Manchester (ing. Mánxter). Ainda hoje se mostra em Lancaster a torre de João de Gaunt.

49

Nadantes aves, navios. — *Argento*, I, 18[5]. — *Thétis*, I, 16[5]; III, 115[2], deusa do mar; o mar. — *Pandas*, inchadas, enfunadas. — *Alcides*, III, 137. — *Extrema meta*, II, 1[3]; III, 18[4]. — *Fundamento*, muros. — *Ceita*. Ceuta, cidade importante naquelle tempo pelo seu commercio (que, porém, se desviou para Tunes, assim que a tomaram os portugueses) e pela sua posição, vizinha da Península, cujas costas os seus corsários constantemente infestavam. Era á ponta de Ceuta que na antiguidade se chamava *Abyla* (aqui Abýla). Ceuta foi tomada a 21 d'agosto de 1415. — *Da Juliana manha*, de novas invasões dos muçulmanos, que tinham invadido a Península em 711, depois de se terem apoderado de Ceuta, e della terem feito a sua base de operações. Em Ceuta governava a esse tempo Julião, que abriu as portas aos infieis. Muitos tem supposto que Ceuta era então dependencia da monarchia visigotica de Hespanha, que, porém, tinha perdido este territorio, não constando que o tivesse recuperado. Dozy, interpretando engenhosamente um logar de Isidoro de Beja, dá como muito provavel que aquelle territorio se achasse dependente do imperio byzantino; podia comtudo Julião achar-se de facto independente. Segundo a lenda o conde Julião teria incitado os muçulmanos a invadir a península, para se vingar do rei godo Ruderico, que lhe deshonrara a filha.

50

Não consentiu a morte. D. João I morreu em 1413. — *Altos infantes.* Os filhos varões de D. João I foram: 1º D. Duarte, que lhe succedeu, notavel pela sua cultura litteraria; 2º D. Pedro, duque de Coimbra, regente na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V e morto no combate de Alfarrobeira, III, 25 N., contra este. Era muito instruído e considerado na Europa, por onde viajou, VIII, 37; 3º D. Henrique, o navegador, que deu impulso ás navegações da costa d'Africa; 4º D. João, que foi mestre de San Tiago e condestável; 5º D. Fernando, IV, 52; além de D. Affonso, que morreu muito joven.

52

Cativo. A expedição contra Tánger, emprehendida em 1437, não foi feliz. Acabaram os sitiantes por se vêr cercados da gente que acudira em defesa da praça, e para se poderem retirar, consentiu o infante D. Fernando em ficar entre os mouros como refém da entrega de Ceuta, cuja promessa aquelles exigiram; mas sempre recommendou que não entregassem a cidade e o deixassem lá ficar. Não se tendo entregado Ceuta nem conseguido o resgate a dinheiro, o Infante Santo lá ficou em miseravel cativeiro, tratado com as maiores affrontas, até que expirou em 1443. Depois da tomada de Arzilla por D. Affonso V, em 1471, Tánger, que tambem em 1464 aquelle monarcha tinha inutilmente atacado, foi espontaneamente abandonada pelos mouros e occupada pelos portuguezes, IV, 55-56. — *Respeita,* attende a...

53

Codro, último rei de Athenas. Estando em guerra com os dórios, e tendo o oráculo declarado que ven-

ceria aquelle dos dois povos cujo chefe morresse, fez com que um dos inimigos o matasse, para assegurar aos seus a victoria. Em reconhecimento desta dedicação, dizia-se, teriam resolvido os athenienses não ter outro rei. — *Régulo*, Marco Attílio R., cónsul romano (em 267 e 256 A. C.), na primeira guerra punica, III, 116. Operou primeiro com felicidade contra os carthagineses na Sicília e na Africa, mas depois foi vencido em Africa e aprisionado. Contava-se que fôra pelos carthagineses enviado a Roma, para persuadir os romanos a fazerem a paz, com promessa de voltar a Carthago; que chegado a Roma os aconselhara, porém, a continuar a guerra e que em seguida, escravo da sua palavra, sem se mover com as instancias da familia, do senado e de todo o povo, que lhe pediam que não voltasse a Carthago, onde o esperava uma morte certa, tinha regressado a entregar-se aos seus inimigos, e por elles fôra morto com horriveis supplícios. — *Cúrcio*, patrício romano. Tendo um tremor de terra aberto no Fórum (praça de Roma) uma grande cova e tendo um oráculo declarado que só se fecharia quando Roma tivesse lançado nella o que tinha de mais precioso, precipitou-se naquelle abysmo armado e a cavallo, symbolizando o valor e as armas romanas. — *Ouvidos por espanto*, VII, 56, tidos por assombrosos heroes. — *Os Décios leaes*, tres cónsules romanos da familia Décia que, em épocas diversas, se sacrificaram aos deuses infernaes, buscando a morte na batalha, para assegurar a victoria aos exércitos que commandavam. O pae sacrificou-se em Veseris numa batalha contra os latinos, impellido por uma visão nocturna que promettia a victoria ao exército cujo chefe se sacrificasse (340 A. C.); o filho na batalha de Sentino (295 A. C.), contra os gallos úmbrios; e o neto na batalha de Ásculo (279 A. C.), contra Pyrrho, rei do Epiro.

54

Hespéria, II, 108. — *Fronteiro*, os mouros de Marrocos, terra fronteira ao sul de Portugal e Hespanha. — *Terra ibéria*, o reino de Castella, IV, 57-59, do nome do rio Ebro.

55

As maçãs d'oiro, II, 103. Só D. Affonso V as poude colher, i. e, só elle conseguiu apoderar-se das terras em que Hércules (nascido na cidade de Tyrintho, no Peloponneso) colheu as maçãs de oiro, i. e, de Marrocos. — *Do bárbaro*, ganhas ao bárbaro. — *Alcácer*, Alcácer Ceguer (Castello Pequeno).

56

Os muros abaixaram, i. e, deixaram que nelles entrassem. Uma expressão similhante, empregada na Bíblia, deu occasião á interpretação litteral de que ao som das trombetas de Josué caíram as muralhas de Jericó. — *De diamante*, fortissimos.

57-58

Henrique IV de Castella, casado com D. Joanna, irmã de D. Affonso V, fallecera em 1474, deixando uma filha de doze annos, D. Joanna. Comtudo D. Isabel, irmã de Henrique IV, casada com D. Fernando, herdeiro da corôa de Aragão e Navarra e rei da Sicília, foi proclamada raínha pelas côrtes em Segóvia. O proprio Henrique IV a tinha declarado successora, no tratado de Pena de Guisando que com ella firmara. O partido que contestava a legitimidade de D. Joanna, pretendendo que não era filha de Henrique IV, mas de Bertran de la Cueva, obrigara o rei a declará-la filha adulterina e a firmar aquelle convénio. Accedendo, porém, a uma recommendação de Henrique IV, D. Af-

fonso V formou o propósito de casar com a sua joven sobrinha e invadiu Castella, pretendendo sustentar-lhe o direito de successão e apoderar-se daquelle throno; mas não achou sympathia no país. Encontrou-se com as forças castelhanas perto da cidade de Touro, junto ao Douro, na provicia de Çamora. Os portugueses perderam a batalha, ficando a ala real desbaratada, posto que a ala commandada pelo príncipe D. João não deixasse o campo até ao terceiro dia, III, 53[4]; IV, 45[1-2]. D. Affonso ainda quis obter auxílio de França, onde foi para esse fim; mas não o conseguindo, teve de fazer um tratado com Fernando e Isabel. Em consequencia deste tratado D. Joanna professou em 1480 no convento de Santa Clara em Santarem.

59

Soberano, II, 44[4]. — *Foi vencido*. Depois da morte de César (aqui Cesár), Octaviano, Marco Antonio e Lépido formaram o segundo triumvirato em 43 A. C. (sobre o primeiro, III, 71 N), III, 136 N. O partido dos assassinos de César acolhera-se á Macedónia, onde um delles governava, e ahi tinham tropas. Octaviano e Antonio deram batalha em Filippes (42 A. C.) a Bruto e Cássio e venceram-nos, posto que Octaviano fosse pouco feliz do seu lado. — *Octaviano*, III, 53 N. Octávio, na qualidade de filho adoptivo de César, tomou o nome deste, Caius Julius Caesar, fazendo-o seguir do derivado, Octaviano, do seu nome, como era costume.

60

Noite eterna, morte. D. Affonso V morreu em 1481. — *Ceu sereno*, I, 25[6], 106[7]. — *Trezeno*, décimo terceiro. — *Eu*, Vasco da Gama, que está fazendo esta narração.

61

Seus mensageiros. Constando-lhe que para as ban-

das da India havia um rei christão, a que chamavam o Preste João, desejava ardentemente D. João II entrar em relações com este soberano, porque esperava delle grande auxílio nas suas empresas do oriente, em que, além dos intuitos commerciaes, entrava o de propagar a fé christã. Este rei era o da Abyssínia, cujos habitantes são christãos (posto que professando doutrinas que a Igreja Catholica considera hereticas (eutychianismo, jacobismo), desde o 4º ou 5º século; mas, pela conquista do Egypto pelos muçulmanos no 7º, ficaram isolados do resto da communidade christã. Nas suas viagens á roda da Africa os nossos navegadores tinham sempre recommendação de se esforçarem por obter notícias do preste; deitavam-se em terra degradados para esse fim, II, 7, e negros e negras que tinham sido trazidos ao reino eram semelhantemente postos em terra com ordem de caminharem quanto possivel para o interior, a vêr se davam com o caminho para o reino do preste. Em 1487, D. João II, informado da Abyssínia por um judeu que viera estabelecer-se em Lamego, enviou por via do Egypto dois escudeiros de sua casa, Affonso de Paiva e Pero da Covilhã. Separaram-se em Ádem, dirigindo-se Covilhã para a India, e ficando de se encontrar com Paiva no Cairo. Covilhã visitou Cananor, Calecut, e Gôa e voltando dirigiu-se ao Cairo. Ahi soube que Paiva tinha fallecido nesta cidade, sem ter penetrado na Abyssínia. Dirigiu-se então para este país (1493), onde morreu depois de 1524, último anno em que se encontra menção delle: o rei abexim fizera-o um dos grandes feudatarios do reino (Conde de Ficalho, *Viagens de Pero da Covilhã.*) — A lenda do preste João era muito anterior. Suppôs-se, primeiro que o apóstolo S. João, depois que um discípulo do mesmo nome, tinha convertido ao christianismo basta população num país da Asia oriental, e ahi ficara sempre governando, immortal, um povo inteiramente

feliz. Este reino era uma rènovação do paraíso; mas não se sabia o caminho para lá. A muitos parecia a lenda receber confirmação quando algum viajante dava notícia da existencia de communidades christãs entre povos orientaes, mahometanos ou gentíos. Quando se começou a espalhar mais o conhecimento de que os habitantes da Abyssínia eram christãos, localizou-se alli o reino daquelle supposto grande príncipe christão e começou a designar-se pelo nome de Preste João o soberano daquelle país. — *Parthènope*, III, 19. — *Os fados*, os destinos diversos, as alternativas da fortuna. Comp. III, 17_{3-4}. — *A varias gentes*: os normandos, os imperadores da Allemanha, os reis da casa de Anjou. — *Pela illustrar*. Para a illustrar. — *De inclitos Hispanos*, III, 19_{1-2}. Affonso V de Aragão apoderou-se do reino de Nápolês em 1435, submettendo-o definitivamente em 1442, e reùnindo-o ao da Sicília, que já tinha, restabeleceu o antigo reino das Duas Sicílias. Por sua morte, em 1458, tornaram a separar-se os dois reinos, ficando reinando em Nápoles uma linha bastarda da casa de Aragão, ao passo que o reino da Sicília continuou na posse da linha legítima. A João II de Aragão (1458-1479) succedeu seu filho Fernando, que casou com Isabel a Catholica de Castella, o qual em 1504 havia de adquirir o reino de Nápoles.

62

Siculo, da Sicília. — *Rhodes*, ilha junto á costa da Asia Menor. — *Ribeiras* (I, 87; IX, 70; X, 10_3, 50_4, 101_6) *altas*, o monte Kasios, ou Casium (Ras el Casrum), junto ao qual mataram Pompeu. Fica entre o mar e o lago Barduvi, a leste da bahia de Tineh ou de Pelúsio. — *Magno*, IV, 32; III, 71. — *Mèmphis*, cidade do antigo Egypto, em cujo lógar se acha a aldeia actual de Mit Ramineh, havendo restos da antiga cidade. — *Se regam*, são regadas. — *Niloticas*, do Nilo. Este rio, I, 52_4, nas

suas enchentes annuaes de julho a novembro, inunda a parte mais baixa do Egypto, onde deposita os seus nateiros, que a tornam fertilissima. — *Ethiópia sobre o Egypto*, a Abyssínia, para a distinguir de outras regiões d'Africa tambem designadas pelo nome de Ethiópia, I, 125 e N. — *Rito*, religião, IV, 61 N.

63

Ondas Erythréas, VI, 81, o mar Vermelho (gr. *erythros*, vermelho), posto que o nome de Erythréo se dava tambem na antiguidade ao mar das Indias. — *Sem nau*. Os Israelitas, ao saír do Egypto, por intervenção de Deus, passaram o mar Vermelho, i. e. o golfo de Suez, a pé enxuto, tendo-se as aguas accumulado, formando muro, de ambos os lados. Ex., XIV, 21-22. — *Serras Nabathéas*, I, 84. — *Filho de Ismaél*, Nabath. — *Costas Sabéas*, as da Arábia Feliz, onde habitaram outr'ora os Sabéos. — *Odoriferas*. Produziam incenso e myrrha. — *Mãe de Adónis*, Myrrha, X, 135 5-6, transformada na planta deste nome. Quer dizer « que produziam tanta myrrha ». — *Arábia Petréa* (aqui Pétrea), X, 100 (do gr. Petraia, da cid. de Petra, e não da palavra lat. *petra*, pedra).

64

Estreito Persico, golfo Persico. — *Confusa Babel*. Refere a Bíblia que os homens, que nos primeiros tempos fallavam uma só lingua, enchendo-se de orgulho, levantaram uma torre para chegar ao ceu; e que por obra de Deus passaram a fallar differentes linguas, de forma que, deixando de se entender, por causa desta confusão, tiveram de abandonar a construcção da torre, VI, 74; VII, 45. *Babel* (*Bab-Ilu*, porta do deus Ilu) era o nome da cidade que chamamos Babylónia. Existem ruinas e uma aldeia moderna, Hilleh. — *Alli*. A jusante de Babylónia o Tigre e o Euphrates reúnem-se, for-

mando o *Chat-el-Arab* (rio dos árabes) que se lança no golfo Persico. — *Tem por glória*, porque se dizia que essas fontes ficavam no paraíso, suppondo-se que eram dois dos rios nomeados pela Bíblia naquelle logar de delícias. — *Vão* : Paiva e Covilhã. Desde este ponto a narração de Camões é menos exacta, confundindo as viagens dos dois portugueses, que se separaram em Ádem. — *Trajano*, I, 3.

65

Á *Carmánia* corresponde a moderna provincia persa de Quirman, á qual pertence o littoral persa do estreito de Ormuz e grande extensão do littoral a leste e a oeste do estreito. — *Gedrósia* (aqui Gedrosía), a léste da Carmánia; corresponde-lhe a provincia persa de Malair Tursicão e a parte meridional do Beluchistão. — *Vendo varios costumes...*, VI, 54 3-4.

66

Tomou mais, tomou tambem.

67

Daquella obrigação... « Herdar esta obrigação com a herança do reino ». Barros, Dec., I, IV, 1. — *Conquistado*, possuído. — *E as estrellas...*

Et jam nox humida caelo
Praecipitat suadentque cadentia sidera somnos
Aen., II, 8-9.

68

Acceito, agradavel. — *Lasso*, cançado. — *Morphéo*, deus dos sonhos, filho da Noite e do Somno.

69

Se lhe apresenta, se lhe afigura, lhe parece. — *Prima*

(primeira) *esphera*, I, 21. — *Os olhos longos extendera*, extendera o olhar até grande distancia.

72

Doutra parte vinha, IV, 74, vinha do ceu. — *Alphéo*, (hoje Rufia), o principal rio do Peloponneso. Tendo visto banhar-se nas suas aguas a nympha Arethusa, da comitiva de Diana, enamorado della, perseguiu-a até á ilha Ortýgia, junto a Syracusa, na Sicília. Para se livrar delle, pediu a nympha o auxílio de Diana, que a converteu na fonte que tinha o seu nome. Julgava-se que o rio atravessava por entre as aguas do mar para a Sicília, para misturar as suas aguas com as da fonte. Deu occasião á lenda o facto de ter o Alphéo partes do seu curso subterraneas. Como, porém, as aguas do rio, vindo através do mar, deviam vir salgadas, e a fonte o não era, pretendeu-se que ella tinha a virtude de as purificar. Tambem se suppôs que as aguas da fonte atravessavam o canal entre a ilha e a costa da Sicília, sem se tornarem salgadas. Daqui veiu a expressão « ser como a fonte de Arethusa », i. é, não se deixar corromper pelos meios que se tem de atravessar.

74

Na terra celeste. O Ganges desceu do ceu, VII, 14, segundo as tradições indianas (Ramáiana, I, 44 e 45). — *Seu nascimento tem primeiro*, emquanto que o meu nascimento terrestre é o segundo, pois o primeiro é no ceu.

76

Propõe, refere. Filia-se o episódio na crença da antiguidade, de que todos os sonhos continham indicação do futuro e da vontade dos deuses. — *Que* (o rei) mandar.

77

Presago o coração, I, 84$_8$.

79

Aventurar-me..., I, 51; X, 147-148.

80

Eurysthéo, irmão de Hércules (*Alcides*, III, 137) obrigou-o a fazer successivamente doze trabalhos difficillimos, para o fazer morrer; mas todos o heroe executou. São « os 12 trabalhos de Hércules », de que Camões enumera cinco : 1) a morte do leão de Neméa, ou de Cleóna, aldeia proxima daquella cidade, entre Argos e Corintho; 2) a morte das aves monstruosas do lago Stymphale na Arcádia, que tinham asas, cabeça e bico de ferro e atiravam dardos mortíferos aos que as atacavam. O poeta chama-lhe harpías. Este nome designa propriamente os entes mythicos a que allude em V, 89$_{3-4}$; 3) a morte do javali de Erymantho, monte da Arcádia; 4) a morte da hydra de Lerna, na Beócia, serpente de sete cabeças, que renasciam á medida que se cortavam, sendo preciso abatê-las todas dum golpe; 5) a descida ao inferno, donde, depois de prender Cérbero, tirou Theseu e Piríthoo, que lá tinham ido com o intento de roubar Prosérpina, II, 112$_{3-4}$. Além destes doze ainda Hércules executou outros trabalhos. — *Dite*, nome grego de Plutão, o Deus que reinava no inferno. — *A Estyge ou o Estýgio*, IV, 40$_1$.

81-82

Compunha-se a armada de Vasco da Gama das naus S. Gabriel, commandada pelo capitão mor, e S. Raphael, capitão Paulo da Gama; da caravela Bérrio, capitão Nicolau Coelho; e dum navio de mantimentos, que foi queimado no Natal. — *De conselho*, intelligente e prudente. — *A tamanhas coisas...*, I, 44$_2$.

83

Os Minyas, os argonautas, que eram quasi todos daquelle povo, que habitava Iolcos, na Thessália, e ao qual pertencia Jasão, o chefe da empresa, I, 18. — *Fatídica nau*. A nau Argos, conservada com veneração depois da viagem, proferia oráculos. O dom de prophecia provinha-lhe da madeira de carvalho da prophetica floresta de Dodona, que entrara na sua construcção. — *Mar Euxino*, o mar Negro. — *Aventureira*, VI, 31, arrojada. Comp. V, 43_2.

84

Ulysséa, Lisboa, III, 57. — *Neptuno*, o deus do mar; aqui o mar. — *Despejo*, desembaraço, destemor. — *Gente maritima*, os marinheiros; (gente) *de Marte*, os soldados.

85

Artes, modos. — *Promettem de ser estrellas*. A nau Argos, I, 18; IV, 83, foi collocada no ceu: é a constellação que tem o seu nome. A vista da armada, alegre e embandeirada, cheia de gente animosa, faz esperar que a expedição seja feliz e que fiquem para sempre célebres os nomes dos navios.

86

Aparelhamos a alma, confessamo-nos e commungamos, tendo passado a noite em oração na ermida. — *A ethérea côrte*, os anjos e os santos. — *Nossos começos aspirasse* (propriamente lhes soprasse favoravelmente), os favorecesse.

87

Nas praias. A ermida e casa do Rastello, de freires da ordem de Christo, que precedeu o mosteiro man-

dado levantar por D. Manoel para os frades Jeronymos, estava, como no princípio este mosteiro, mesmo ao pé do mar; mas a margem direita do Tejo foi-se naquelle ponto gradualmente assoriando. Fôra o infante D. Henrique, grão mestre da ordem de Christo, que fundara a ermida e casa annexa, para que os navegantes que partiam para os descobrimentos tivessem onde esperar a occasião da saída e onde se confessar, commungar e ouvir missa nessa occasião. Quando D. Manoel mandou levantar o mosteiro, deu á ordem de Christo a nova igreja de Nossa Senhora da Conceição, antiga synagoga (Conceição Velha). — *Para exemplo*. Para o fazer lembrado (o nome da terra). — *Da terra*, Bethlém, ao sul de Jerusalém, onde nasceu Jesus-Christo. — *Que apenas* (a custo)..., repetição da conjuncção do v. 5. — *Nos meus olhos ponho freio*, nas minhas lagrimas.

89

Que o temeroso amor mais desconfia.

Res est solliciti plena timoris amor.
Ovid., Her., I, 12.

90

Qual... qual, I, 92; VI, 64. — *Misera e mezquinha*, III, 118$_7$.

92

Esforço, coragem.

93

Mudar-me de propósito..., I, 40$_{3-4}$.

94

Um velho. Comp. VII, 77$_4$. Com a mais feliz concepção artistica, Camões, em vez de fazer em seu

nome as reflexões com que termina este canto, assim como fez em outros, põe-nas na bocca dum homem do povo, de saber e de autoridade, porque essas idéas eram effectivamente as de grande parte da nação, e encontram-se expressas com toda a nitidez em obras de grandes espiritos da época. Derivam, porém, taes idéas especial effeito da sua propria natureza: não são simples modos de vêr, mais ou menos agudos, sobre a empresa da India; são luminosas reflexões sobre a philosophia da historia patria. A falla do velho, um dos mais bellos trechos do poema, é ainda admiravel pelo lado restrictamente oratorio. Rompe com violentas apóstrophes á ambição humana; não julgando, porém, que ella se possa extirpar, propõe o velho aos portugueses, como empresa menos censuravel, a conquista da Berberia (comp. IV, 98-100 com VII, 11); e termina amaldiçoando uns e increpando dolorosamente outros dos que incutiram nos humanos o fogo da ambição. Nas primeiras exclamações do velho encontra-se alguma reminiscencia das de Latino no « Supplementum libri duodecimi Aeneidos » de Maffeo, e nas est. 102-104 teve o poeta presente Hor., Od., I, 3. — *Que nós ouvimos*, oração consecutiva.

95

Vaidade, coisa vã. — *Aura popular*, favor do povo, popularidade, favoravel ao homem ambicioso para o elevar ás alturas da fama, como o vento que impelle no sentido desejado as velas do navio. É expressão vulgar nos autores latinos; assim *Gaudens popularibus auris*, Aen., VI, 816; *arbitrio popularis aurae*, Hor., Od., III, 2[20].

96

Desamparos e adulterios: os homens, afastando-se para buscar honras e riquezas em empresas difficeis,

abandonam a familia, e entregam-se aos prazeres que as terras conquistadas lhes podem proporcionar.

97

Debaixo de algum nome preeminente, attraíndo-os enganosamente a taes infortunios com grandiosos nomes de glórias e riquezas. Os versos seguintes desenvolvem o pensamento. — *Historias*, que celebrem seus feitos.

98

Aquelle insano. Adão foi, segundo a Bíblia, o primeiro homem. Creou-o Deus e pô-lo no paraíso, logar de delícias. Deu-lhe uma companheira, Eva, e viveu este par feliz durante tempo. Mas Deus tinha-lhes permittido comer dos fructos de todas as árvores do paraíso, excepto da árvore da sciencia do bem e do mal. O demonio, sob a forma duma serpente, veiu tentar Eva, persuadindo-a a que comesse daquelle fructo. Eva comeu e deu-o a Adão, que tambem comeu. Em castigo deste peccado e desobediencia, foram Adão e Eva expulsos do paraíso, Gen., I-III. — *Este desterro do reino soberano* (reino de felicidade; II, 444), a terra, para a qual foste desterrado do paraíso. — *Inda doutro estado*. Alem das delícias e sossego do paraíso, Adão perdeu, com aquelle peccado, a innocencia, ficando sabendo o bem e o mal. — *Idade d'ouro*, I, 17. Segundo uma tradição da Grecia e Roma, tinha havido no mundo quatro idades: a primeira, de *ouro*, em que reinava a felicidade, a innocencia e a justiça, a segunda de *prata*, a terceira de *bronze* e a quarta e última de *ferro* e das guerras, que é a actual, todas peores umas que as outras. Este mytho está de accordo com o mytho biblico da queda de Adão em suppôr que o estado de felicidade foi o primeiro que conheceu a raça humana.

99

Vaidade. — *Quem o dá*, Deus (encarnado em Jesus Christo).

100

O Ismaelita, I, 8. O velho aconselha os portugueses a não desperdiçarem os recursos do pequeno reino e pouco populoso em longinquas expedições, e a saciarem o seu ardor guerreiro em lutas com os mouros de Marrocos. Os portugueses nunca pensaram seriamente e de modo reflectido em se apossar do imperio de Marrocos, nem julgavam ter forças para isso: apenas D. Sebastião pretendeu com firmeza adquirí-lo, como suzerano. As nossas empresas nesta região a pouco mais se reduziram que á conquista e árdua defesa de differentes praças do littoral. Por não ser rendosa a sua posse e importar grande dispéndio de gente, resolveu D. João III abandonar algumas. A ultima praça que conservamos foi Tánger, que cedemos á Inglaterra em 1661 como parte do dote da raínha D. Catharina, irmã de D. Affonso VI, quando casou com Carlos II de Inglaterra. Os ingleses abandonaram depois a cidade. — *Lei do Arábio*, religião de Mahomet.

101

Por quem se despovoe. É perfeitamente certo que todos os annos saía de Portugal quantidade de gente muito grande relativamente á pequena população do reino (cerca de 1 milhão 1/2), e que a febre das conquistas e aventuras do oriente desviou a população da agricultura. — *Senhor da India...* Em 1501 D. Manoel accrescentou aos títulos que tinham usado os seus antecessores os de Senhor da navegação, conquista e commercio da Ethiópia, Arábia, Pérsia e India. — *Com larga cópia*, com longa série de títulos.

102

Oh! Maldito..., Hor., Od., I, 3. Daqui para diante o velho censura os grandes emprehendimentos, exemplificados com os mythos de Ícaro e Phaéton, attribuíndo tanta audacia ao fogo introduzido no homem por Prometheu, e deplorando os desastres que costumam acompanhar taes commettimentos. Esta última parte do discurso já não tem valor philosophico, mas apenas oratorio e poetico. — *O Profundo*, o inferno. — *Lei*, religião. — *Cithara*, I, 124.

103

Filho de Japeto, Prometheu. Formou o homem de barro e animou-o com fogo roubado a Júpiter, que o tinha no ceu reservado para si (os raios). As religiões, numa phase ainda atrasada, identificam o fogo que o homem accende com o fogo celeste do raio. Prometheu era para os gregos quem ensinara aos homens o uso do fogo: trouxera-o do ceu. — *Grande engano!* Feito a Júpiter.

Audax Japeti genus
Ignem fraude mala gentibus intulit.
Hor., Od., I, 327-28.

A tua estátua illustre, a célebre estátua (de barro) que tu fizeste.

104

O moço miserando, I, 46. — *Grande architector*, Dédalo, VII, 512, constructor do labyrintho de Creta. Foi nelle encerrado, mas conseguiu fugir com asas que fabricou e prendeu com cera. Do mesmo modo fugiu seu filho Ícaro, mas, aproximando-se muito do sol, derreteu-se a cera, desprenderam-se as asas, e caíu no mar Egéo, perto da ilha que se ficou chamando Icária (hoje

Nicária) ficando esta parte do mar com o nome de Icário.

Expertus vacuum Daedalus aera...
Hor., Od., I, 334.

Ao rio, o Pó, I, 46. — *Nenhum commettimento...*

Audax omnia perpeti
Gens humana ruit per vetitum nefas;

e

Nil mortalibus arduum est.
Hor., Od., I, 325-26, 37.

CANTO QUINTO

1

Tronco, mastro.

2

Entrava, ia entrar. Comp. I, 42; II, 72; IV, 27. — *Eterno lume*, o sol. — *No animal neméo*, IV, 80 N. Ia o sol entrar (a 12 de julho) no signo do Leão. — *Sexta idadè*. Allude o poéta a uma divisão da historia em seis épocas, separadas por factos da historia bíblica (S. Agost. *De Trinit.*, III, 4), a começar na criação do mundo e comprehendendo a última o período decorrido desde o nascimento de Christo. — *Co'o tempo se consume*. Á proporção que vão decorrendo os séculos, vae o mundo envelhecendo e aproximando-se do seu fim. — *Enfermo e lento*, Pet., Son. 177. — *Quando no mar...* A armada partiu de Lisboa a 8 de julho de 1497.

3

Sintra, III, 56. — *Depois que toda se escondeu*. — Aen., V, 8-9.

4

Geração alguma, I, 1_3, 27_3; V, 37_3, 41_8; VII, 25_5, 30_7. — *Generoso*, VIII, 37, excellente, que conserva as boas qualidades da raça. — *Henrique*, IV, 50. — *Mauritânia*, III, 77. — *Antéo*, gigante, filho da Terra. — *Não ha*

certeza de outra, doutra terra firme : os descobrimentos de Colombo tinham começado em 1492, mas ainda se não sabia se essas terras occidentaes eram apenas ilhas ou se tambem naquellas paragens havia um continente. Foi em 1498 que Colombo, na terceira viagem, pisou pela primeira vez o continente, na costa da Venezuela.

5

Por nome..., de que é mais conhecido o nome que o valor. — *Cypro*, Chypre ; *Guido*, por *Gnido*, na Cária; *Paphos*, cidade da ilha de Chypre. — *Cythéra*, I, 34. Todas as terras indicadas tinham famosos santuários de Vénus.

6

Massýlia, IV, 36. — *Azenegues*, o ramo de berbéres que habitava mais ao sul, na região do Rio do Ouro e até ao Senegal.— *Nunca gosta*, nunca prova; a terra é árida e por isso estéril. — *O ferro gastam* (digerem). É exaggeração dum facto real : as avestruzes engolem areia, pedrinhas e até pedaços de metal, mas não digerem as substancias mineraes. — *Barbaría* por *Berbería*. Vem a palavra de « berbér » e não de « bárbaro ». — *Ethiópia*, I, 42. — *Que aparta*. É a orla marítima do deserto do Sahará, entre as regiões do norte (Marrocos, Argélia, Tunísia) e o Soldão.

7

O limite, III, 61-2, o trópico de Cáncer. Os pontos nelle situados são os mais setentrionaes dos que podem ter o sol no zenith. — *Que... guia*, quando guia. — *Filho de Clymena*, I, 46.— *Côr do dia*, branca. — *Negro*, que percorre terras de negros. — *Sanagá*, Senegal. — *Onde o cabo Arsinário o nome perde*, onde está o cabo

que se chamou Arsinário. Parece que por aquelle nome designavam os geographos antigos o Cabo Verde.

8

Fortunadas. Eram conhecidas dos antigos. Veiu o nome da crença de que ao occidente (onde morre o sol) estavam as regiões dos mortos, e portanto as moradas dos bemaventurados.— *Pelas filhas.* O nome de ilhas das Hespérides, que se encontra nos geógraphos antigos, talvez designe as de Cabo Verde, como suppõe Camões. O nome é de origem mythica, II, 103; comp. IV, 55^{1-2}; mas parece ter-se applicado a ilhas reaes.

9

Bóreas, I, 35. — *Guerreiro San Tiago.* Por a ilha ter sido descoberta no 1º de maio recebeu este nome de S. Tiago Menor (mais moço) que se festeja nesse dia, filho de Alpheo e de Maria Cleophas, irmã da Virgem Maria. Não é deste, mas de S. Tiago Maior (mais velho), filho de Zebedeu e Salomé, que, apesar de martyrizado em Jerusalém (em 44; foi o primeiro mártyr) se pretendeu ter prègado o evangelho na península Hispanica e ahi ter sido martyrizado, achando-se o seu corpo na cathedral de Compostella. Era este último apóstolo que os christãos da Península invocavam nas batalhas e julgavam ver combater a seu lado. A sua festa é a 25 de julho. — *Tanto que*, logo que. — *Immenso lago*, X, 1^{3}, 8^{2}.

10

Provincia, região. — *Jalofo* extendia-se, segundo Barros, da foz do Senegal até sete leguas do Cabo Verde, com a largura de umas 100 leguas. — *Mandinga*, ao sul desta região. — *O metal rico.* Os portuguezes faziam com os de Mandinga, já nas suas costas,

já no forte de Arguim, commercio de oiro. — *Gambêa*, ou Gámbia, que corre na região deste nome ou Guiné Inglesa, cuja capital é Bathurst.

11

Dórcadas. São talvez para Camões as ilhas da Guiné, principalmente o archipélago dos Bijagós. Plínio, Hist. Nat., VI, 36, falla das ilhas Górgades, outr'ora habitadas pelas Górgonas, donde o carthaginês Hannon, na sua célebre viagem feita em 570 A. C., trouxera duas pelles de Górgonas, que mandára collocar no templo de Juno (Tanit), onde ainda se encontravam quando Carthago foi tomada pelos romanos: eram gorilhas; Peripl. Hann., 18. — *As irmãs*, as Górgonas ou Dórcadas, Medusa, Stheno e Euryale, que eram muito formosas, mas foram transformadas em monstros horrendos. — *Tu cujas tranças*... Medusa, III, 77, amada por Neptuno. — *Nas aguas accendiam*, IX, 42s, contraste.— *De viboras*. Allude ás muitas que ha nestas paragens, suppondo provirem dos cabellos de Medusa.

12

Austro, I, 35, o sul. — *A aguda proa*..., posta a proa...—*Grandissimo gólfão*, o mar largo, que a armada atravessou, seguindo rumo ao sul, a fim de evitar as calmarias do golfo de Guiné, para só mais tarde se dirigir para oriente, buscando a costa. — *Ficou*, distante, á esquerda. — *O rio Grande*, não o Níger, que não era conhecido, mas o Zaire, como mostra o adverbio « alli » na est. 13.— *Que o lado a Deus tocou*, S. Thomé, X, 109-118. Tendo-lhe dito os outros discípulos que tinham visto a Jesus resuscitado, respondeu Thomé que o não acreditaria emquanto não visse em suas mãos os buracos dos cravos e lhe metesse a mão na chaga do lado. Passados oito dias, achando-se Thomé com os

outros discípulos, appareceu Christo e disse-lhe que visse e tocasse as feridas. Ev. Joann., XX, 24-29.

13

Reino do Congo. Foi descoberto por Diogo Cão em 1484. Seu rei e habitantes, que eram de boa índole, logo se converteram ao christianismo. — *O Zaire.* Assim continuamos a denominar este rio, mas prevaleceu nos outros países o nome de Congo, que era o do reino que elle atravessava na ultima parte do curso. — *Conhecido*, que eu estava habituado a vêr. — *Pólo de Callisto*, I, 51, o pólo norte. — *Término*, termo, linha de demarcação; é o equador. — *Limitado*, marcado. *Limes* (port. limite), designava primitivamente o marco posto entre campo e campo para lhes marcar a extrema.

14

Descoberto tinhamos. Á medida que se iam adiantando para o sul, iam vendo os navegantes as constellações do norte cada vez mais baixas, até que chegaram ao equador e viram o pólo arctico já no horizonte. Ao mesmo tempo que as estrellas do norte iam descendo, as do sul iam subindo, e iam apparecendo outras, situadas mais ao sul e que até áquella occasião não tinham sido vistas. Entre estas viram pela primeira vez a constellação muito brilhante (*nova estrella*) chamada « Cruzeiro do Sul », que corresponde aproximadamente, pela sua distáncia ao pólo, á Ursa Maior. — *Alguns tempos*, noutro tempo. — *A parte menos rutilante.* O hemisphério celeste meridional tem menos estrellas que o do norte. — *Pólo*, ceu.

15

Aquellas regiões..., as que ficam proximas do equador. O sol, na primeira metade do seu curso annual, em

que se dirige do sul para o norte, vae passando pela vertical de todos os logares situados entre os trópicos, III, 6 N; e na segunda, em que se dirige do norte para o sul, torna a passar pela vertical desses logares; mas ao passo que os logares dos trópicos tem um só verão, pois que é curto o tempo que medeia entre as duas passagens do sol pelo zenith de cada um delles, para os logares vizinhos do equador é o anno dividido em quatro partes aproximadamente eguaes: dois verões (cada período de tempo que immediatamente precede e segue cada passagem do sol pelo equador) e dois invernos (cada período que immediatamente precede e segue a chegada do sol a cada trópico). — *Dum a outro pólo*, i. e, dum ponto situado ao sul a um ponto situado ao norte, e vice-versa. — *Eòlo*, II, 105. — *Apesar de Juno*. Juno, na sua irritação, tinha conseguido dos deuses do mar, Ov., Met., II, 527-530, que nunca deixassem as Ursas, I, 51, banhar-se no mar como as outras estrellas. É explicação mythica dum facto astronomico, V, 14. Nós não vêmos, á distância a que em Portugal estamos do equador, as Ursas banharem-se no mar, — i. e, pôrem-se, terem occaso, portanto desapparecerem no mar, que nos fica a occidente, — porque estão perto do pólo (celeste) e a estrella mais meridional dellas forma com a linha dos pólos um angulo menor do que a altura do pólo, para quasi todo o nosso país. Á medida que se caminha para o equador vae sendo a altura do pólo cada vez menor, e portanto vão passando a ter occaso cada vêz mais estrellas daquellas constellações, até que no equador o proprio pólo se acha no horizonte. O equador passa logo ao sul da ilha de S. Thomé, nomeada na est. 12. — *Neptuno*, I, 3.

16

Contar-te... Nas est. 16 a 23 mostra-se o poeta attento

observador da natureza, como notou A. de Humboldt, e capaz de traduzir fielmente na poesia as impressões profundas que lhe tinham causado os grandes espectaculos naturaes. — *De ferro*, Virg., Georg., II, 44; Aen., VI, 626.

17

Puro engenho, intelligencia clara, desembaraçada de preconceitos. — *Vêm*, I, 17.

18

Claramente visto. Insiste na sua affirmação, em face das dúvidas a que se referiu na est. 17. — *O lume*, o phenómeno luminoso electrico que os marítimos chamam fogo de San Telmo, ou Corpo Santo, que em occasiões de tempestade se manifesta nos mastros e nas vergas. Fr. João dos Santos, Ethiópia Oriental, II, 19. — *Esquivo*, desfavoravel, violento. — *Largo cano*, a tromba marítima ou manga, cuja admiravel descripção começa neste lugar e termina na est. 22.

19

Sutil (subtil), leve, ralo. — *Rodear-se*, tomar forma redonda, cylindrica, ou antes de cone muito esguio.

22

Sabios na escritura, os que conhecem os livros da sciencia.

23

Antiguo, lat. *antiquus*.

24

O planeta, I, 21, a lua. — *Cinco vezes*... Cinco meses aproximadamente eram decorridos desde que a armada

partira de Lisboa, V, 2, a 8 de junho de 1497, até que, a 4 de novembro, avistaram terra na bahia de Santa Helena. — *Apressada*. Attribuíndo sempre Camões á palavra planeta o genero masculino, parece ter aqui feito uma concordancia com a idéa (Diana). — *Ethérea*, alta. — *Prompto co'a vista*, VII, 59[2]; VIII, 43[5], dirigindo ao horizonte a vista penetrante. Comp. III, 3[1]; VI, 70[1]; VII, 67[5].

25

Á maneira de nuvens. As terras distantes apresentam-se á vista com uma côr azulada, em consequencia da desigual refrangibilidade das radiações luminosas. — *Para que... se conheçam*. Vasco da Gama desembarca na angra em que se lança o rio que chamámos de San Tiago (Berg's Ríver), para fazer observações, mais exactas do que o permittiam os balanços do navio, com o astrolábio, determinando a altura do sol e, por ella, a latitude do logar. O uso deste instrumento na navegação tinha sido indicado em 1480 em Portugal por Martim Behaim ou Martim de Bohémia, cosmógrapho ao serviço de Portugal, discípulo de Regiomontano (João Múller, de Koenigsberg), e pelos dois judeus portugueses mestre Rodrigo e mestre José, que foram medicos de D. João II e, como Martim, membros da junta dos mathematicos. Constava de um circulo de latão ou de madeira, graduado, cuja forma se mantinha com duas peças diametraes em cruz, munido de argola para se suspender e duma alidade de pínnulas para observar. Serviu-se Vasco da Gama dum astrolábio de madeira, de tres palmos de diámetro « o qual armavam em tres paus, á maneira de cábrea. » Consistia a observação em seguir com o instrumento a elevação gradual do sol cêrca do meio dia, e determinar a sua maior altura, e em seguida, com as táboas de declinação, calcular a latitude.

26

Compassar a universal pintura, marcar o ponto, i. é, a posição do lugar com o compasso na carta geographica.

27

Do Semicapro (Met., XIV, 515) *peixe a grande meta*, o trópico de Capricórnio, III, 6, limite (meta, II, 1) austral da zona tórrida. — *Grande*, notavel, célebre. — *Circulo gelado austral*, o círculo polar antarctico. — *Secreta*, menos conhecida, porque mais afastada da parte habitada. — *Vejo um estranho*. Todo o referido é, como é costume do poeta, perfeitamente conforme á verdade. Barros, I, IV, 2. Em todo o episódio (est. 27-36) a narração é humoristica. Corresponde elle até certo ponto aos dos Cícones, de Polyphemo, dos Lotóphagos e dos Lestrigões na Odysséa.

28

Extremo, afflicção. — *Polyphemo*, filho de Neptuno, era um dos Cyclopes, gigantes que tinham um só olho, redondo, no meio da testa. Viviam na Trinácria ilha mythica nomeada na Odysséa, I, 3 N, que se entendeu ser a Sicília; eram pastores de ovelhas e viviam em cavernas. Eram anthropóphagos. Ulysses, tendo chegado com os seus companheiros á caverna de Polyphemo, pediu-lhe hospitalidade, mas o gigante declarou-lhe que os ia devorar. Ulysses, depois de o ter embriagado e adormecido com vinho que lhe dera, estoira-lhe o olho com um pau aguçado. De manhã o gigante abre a porta, fechada com um grande penedo, que só elle pode mover, e deixa saír os carneiros e ovelhas, apalpando, á saída, cada um, para verificar que não é nenhum dos gregos. Mas Ulysses tinha atado os companheiros por debaixo do ventre dos carneiros, junta-

dos aos tres para cada homem, e elle proprio ia preso ao ventre dum carneiro muito grande e com muita lã, e assim escaparam ao Cyclope. — *Rica pelle*, I, 18. — *Quente*, II, 43; VII, 31s. de sabor ardente.

29

Crystallino, crystal. — *Cascavél*, pequeno globo ôco de metal, com uma bóla dentro. — *Contente*, alegre.

30

As peças que est'outro leva, iguaes ás que est'outro leva. — *Domesticos*, familiares. — *Fernão Velloso*, personagem historico, « que nunca leixava de fallar em valentias », V, 27 N. — *Trato*, a civilização, a importancia.

31

De arrogante, como é arrogante.

32

Coelho, IV, 82. — *Ethiópe* (Ethíope), I, 42. — *Pressa*, aperto. — *Se mostra*, saíndo duma embuscada, V, 36.

33

Espessa nuvem, o grosso bando dos pretos. Por serem pretos lhe chama nuvem, no tom humoristico de todo este episódio. — *A côr vermelha*, que tanto desejavam. — *Desta feita*, I, 81i.

36

Tornando-se, assim que (F. Velloso) tornou. — *Se emboscaram*, V, 32s. — *Mandar ao reino escuro*, IV, 41s, matar.

37

Soes, dias; assim Aen., III, 203. — *Nunca d'outrem navegados*, I, 1_3, 27_3; V, 41_{-2}, 41_8; VII, 25_5, 30_7. — *Descuidados*, longe de esperar qualquer acontecimento extraordinario, muito menos a apparição de Adamastor. — *Uma nuvem...*, VI, 70_{7-8}.

> *Tum mihi cæruleus supra caput adstitit imber*
> *Noctem hiememque ferens et inhorruit unda tenebris.*
> Aen., III, 194-195.

O episódio de Adamastor, figurando o horror que o mar do cabo inspirara aos marinheiros de Bartholomeu Dias, muito mais que aos de Vasco da Gama, e aproveitado para annunciar os grandes sinistros de que haviam de ser víctimas muitas armadas portuguesas, não é só destinado a inspirar um vago terror; serve para exposição de desventuras reaes, das grandes perdas de vidas e fazendas que constituem o lado triste das gloriosas e lucrativas empresas do oriente, para memorar, num exemplo typico, os numerosos naufragios, de que se acham agrupadas na Historia Tragico-maritima tão tocantes narrativas. Repare-se no modo como Camões introduz o phantastico episódio, como envolve tudo numa nuvem, afim de collocar o leitor numa região ideal, para acceitar o mytho geographico criado pelo poeta. No fim desfaz-se a nuvem (est. 60), e entra-se outra vez no mundo real e na narrativa, escrupulosamente historica, dos successos da viagem.

38

Em vão, sem lograr derribar o rochedo. — *Ó potestade sublimada!* Ó Deus todo poderoso!

39

Válida. As rimas esdrúxulas são adequadas para descrever uma impressão de pavor. — *Disforme*, muito

differente do usual, porque muito grande. — *Esquálida*, suja, inculta. — *Postura*, expressão do rosto.

40

Segundo colosso, outro colosso. Em 280 A. C. acabou de erguer-se junto ao porto de Rhodes uma estátua de Apollo de bronze, de cerca de 33 m. de altura. Era obra de Chares de Lindo ou de Laches. A estátua foi derribada por um tremor de terra ao fim de 56 annos. — *Sete milagres*. As « sete maravilhas do mundo » eram : as pyrámides do Egypto, os jardins suspensos de Babylónia, os muros de Babylónia, a estátua de Júpiter Olympico em Olýmpia, feita por Phídias, o colosso de Rhodes, o templo de Diana em Épheso, II, 113_1 e o túmulo do rei Máusolo, na Cária. Alguns, reunindo numa só maravilha os muros de Babylónia e os seus jardins suspensos (que se não sabe bem como eram), incluem tambem na lista o pharol de Alexandria ; alguns o templo de Jerusalém. Filia-se este agrupamento no valor tradicional do numero 7 : contaram-se sete peccados mortaes, sete sabios de Grecia, etc. Já ao tempo de Estrabão era conhecido este agrupamento das sete maravilhas. Descreveu-as um autor grego incerto num opúsculo que foi traduzido por Leão Allácio para latim em 1640 : *De septem orbis miraculis*.

41

Por guerras, em meio de guerras ; Comp. I, 1_5. — *Nunca arados...*, V, 37_3. — *Lenho*, madeiro, navio.

42

Húmido elemento, o mar. — *De nobre...*, mesmo que fosse de nobre... — *Apercebidos*, destinados.

43

De atreridas, por castigo de seu atrevimento. — *Pri-*

meira armada, X, 140_4. A primeira armada enviada á India depois da primeira viagem de Vasco da Gama partiu de Lisboa em março de 1500. Compunha-se de 13 navios e era capitão mor Pedro Álvares Cabral. Bartholomeu Dias, que em 1486 descobrira o cabo da Boa Esperança, era capitão dum dos navios. A frota, desviando-se da costa africana, tanto se encostou a occidente que avistou terra no dia 14 de abril, e depois de se dirigirem ao longo della para sul em busca de porto, encontraram um em que desembarcaram, a que chamaram Porto Seguro. Á terra deram o nome de Santa Cruz, em razão duma cruz de madeira que ergueram numa árvore, nome que depois se trocou pelo de Brasil, X, 140, quando começou a exportação do pau vermelho deste nome, empregado na tinturaria. A palavra brasil era já usada em português. Cabral enviou um navio a Lisboa a dar conta do descobrimento e fez-se de vela para a India; mas ao passar o cabo da Boa Esperança tão grande tempestade o salteou, que se perderam, com toda a gente que levavam, quatro navios, entre elles o de Bartholomeu Dias. — Na primeira viagem, em 1486, Bartholomeu Dias, encarregado de reconhecer a costa meridional da Africa, depois de se ter dirigido para o sul, desviado da costa, tomou o rumo de leste, e não encontrando terra no meridiano da costa conhecida, concluíu que esta se curvava para leste e, velejando para o norte, chegou á angra dos Vaqueiros (bahia d'Algoa, dos ingleses, sobre a qual se eleva Port Elisabeth). Emquanto seguiram o rumo de leste foram debaixo duma tremenda tempestade. Não querendo as tripulações ir mais além, Bartholomeu Dias, tendo chegado ao rio do Infante (Great Fish River), retrocedeu, e foi neste regresso que pela primeira vez avistou o cabo, a que deu o nome de Tormentório, que D. João II mudou no de cabo da Boa Esperança porque o seu descobrimento, mos-

trando que a costa africana se curvava para NE, dava esperança de brevemente se chegar á India. — Discute-se muito se Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil por acaso, afastando-se demasiadamente da costa de Africa, para evitar as calmarias do golfo de Guiné e arrastado pelos ventos para occidente, o que é perfeitamente concebivel e parece mais natural, ou se levava instrucções secretas do rei para explorar o Atlantico occidental, querendo-se envolver isto em mysterio para evitar quanto possivel reclamações immediatas da Hespanha. Que já anteriormente se pensara em taes explorações julgam alguns poder deduzir, apesar da obscuridade que paira sobre o assumpto, do que diz Duarte Pacheco, X, 23 N, no Esmeraldo, I, 2, dirigindo-se a D. Manoel: « temos sabido e visto como no terceiro anno de vosso reinado... donde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte occidental, passando além a grandeza do mar oceano, onde é achada e navegada uma tão grande terra... ». — *Mor o damno que o perigo*, comp. IV, 29_4; V, 44_8, 46_{7-8}; soffram os portuguezes maiores males que a morte, morram depois de ter soffrido muito.

44

Se não me engano..., se é verdade..., restricção que acompanha muitas vezes as prophecias (assim Aen., I, 392; V, 433-434), mas que só tem o intento de affirmar a infallibilidade da prophecia. Comp. IV, 102_4. *Quem me descobriu*, V, 43 e N, Bartholomeu Dias. — *Pertinace* (comp. *porfia*, I, 27_7) porque havia muitos annos que persistiam nos descobrimentos. — *Confiança*, atrevimento. — *Que o menor mal...*, IV, 43_8.

45

O primeiro illustre, X, 26-38. D. Francisco d'Almeida, primeiro viso-rei da India (1505-1509), na volta ao reino,

solicitado por alguns fidalgos, desembarcou na aguada do Saldanha, ao norte do cabo da Boa Esperança, á frente de 150 portugueses, para vingar uns atrevimentos dos indigenas; e, ferido na garganta por uma azagaia, naquella praia morreu (1 de março de 1510), com mais de cincoenta portugueses, entre elles doze capitães, e alli foram seus corpos sepultados, depois de despojados pelos negros. — *Nova sepultura*, que ainda ninguem teve; comp. X, 37_{5-6}. — *Por juizos incógnitos*, X, 38_5. — *Porá*, deporá. — *Os tropheus*. Tendo sido D. Lourenço, filho do viso-rei, batido e morto na batalha naval de Chaúl pelas forças do soldão do Egypto (*turca armada*) e de Mélique Iaz, senhor de Díu, vassallo do rei de Cambaia, vingou-o o viso-rei na grande batalha naval de Díu, onde destruiu a 3 de fevereiro de 1509 estas armadas, X, 35-36. — *De seus damnos*, do castigo de seus damnos. — *Destruida Quiloa* (X, 26_{5-8}) *com Mombaça* (X, 27_4). Na viagem para a India o viso-rei, em consequencia do modo como procedeu para com elle o rei de Quíloa, tomou esta cidade (24 de julho de 1505), e mal recebido em Mombaça, tomou-a e incendiou-a (15 de agosto). Na primeira não chegara a entrar Vasco da Gama na sua primeira viagem, I, 98-100; na segunda ia sendo víctima de traições.

46

Outro, Manoel de Sousa de Sepúlveda, casado desde 1548 com a formosa D. Leonor, filha de Garcia de Sá, que foi governador da India de 1548 a 1549, succedendo a D. João de Castro. Depois de militar briosamente na India, voltava ao reino com sua mulher e filhos no galeão S. João em 1552, quando este, ao passar, em março, o cabo da Boa Esperança, foi surprehendido pelas tempestades, e dellas andou corrido para leste e para oeste, até que desarvorou. Finalmente avistaram terra a 18 de junho e desembarcaram na

costa do Natal, desfazendo as vagas logo em seguida o galeão. Escaparam do naufragio Manoel de Sousa, sua familia e muitos portugueses e alguns escravos, ao todo perto de 400 pessoas. Poseram-se a caminho a 7 de julho, intentando chegar á bahia de Lourenço Marques; gradualmente os foram dizimando a fome, as difficuldades do caminho, as privações e os ataques dos cafres e das feras, até que, tendo Manoel de Sousa abandonado o propósito de ir esperar naquella bahia que chegasse navio, e tendo deliberado seguir àvante, contra o aviso dum potentado amigo, foram maltratados por um régulo que lhes tirou os vestidos e tudo que levavam. D. Leonor, vendo-se despida, mandou fazer uma cova na areia e nella se metteu até aos peitos; pouco depois morreu, e o marido, meio doido, metteu-se pelo mato e desappareceu. Dos companheiros chegaram alguns com grande trabalho ás proximidades da bahia de Inhambane, onde foram recolhidos por um navio português que os levou a Moçambique. Eram apenas 8 portugueses, 14 escravos e pelo menos 3 escravas. Um dos portugueses fez a narrativa de todo o infeliz caso que se encontra na « Historia tragico-maritima », I, 215 e em Couto, Décadas, VI, IX, 21-22. O poeta Jeronymo Côrte Real († 1593), cuja esposa D. Maria da Silva era parente de D. Leonor, compôs sobre este successo o poema em 17 cantos, quasi todo em verso solto, geralmente conhecido pelo título abreviado de « Naufragio de Sepúlveda ». — *Honrada*, illustre. — *Por grã mercê*. D. Leonor fôra muito pretendida. — *Para verem trabalhos excessivos*, V, 44s.

47

Preclaros, formosos. — *Ter pisada*, I, 29 N.

48

Espessura, mato. — *Prisão* (da alma), X, 317, o corpo.

49

Amara, amarga. Comp. Orl. Fur., V. 41.

50

Tormentório, V, 43 e N. — *Ptolomeu*, astronómo e geógrapho grego que floresceu em Alexandria no seculo II. Escreveu, além de outras obras, uma geographia e a *Megale syntaxis* (grande tratado), tambem chamada a *Meghiste syntaxis* (o maior tratado). Esta última obra, que foi traduzida em árabe com o nome de *Takrir al megesti*, e passou a ser designada na Europa pelo de Almagesto, contém uma exposição do systema do mundo, i. e. dos movimentos dos corpos celestes, além de outras noções astronomicas e de um tratado de trigonometria. — *Pompônio* Mela, geógrapho romano, natural da Hispania, do tempo de Tibério e Claudio; escreveu em 43 uma geographia intitulada *De situ orbis*. — *Estrabo*, ou Estrabão, geógrapho grego que nasceu em Amuseu, na Cappadócia, no tempo de Tibério, autor duma « Geographia ». — Caio *Plinio* Secundo (Plínio o antigo, para o distinguir de seu sobrinho Plínio o moço, notavel epistológrapho), infatigavel escritor, que compôs uma Historia Natural em 37 livros, no segundo dos quaes expõe a cosmographia e no 3º e 4º a geographia, a historia e a politica. Foi víctima da erupção do Vesúvio no anno 79. — *Passaram*, já viveram. — *Nunca visto*, antes de Barth. Dias, V, 43 e N. — *Antarctico*, I, 51.

51

Filhos da Terra. Os gigantes, II, 112, filhos da terra. — *Centimano*. Briareu, tambem chamado Egéo, tinha cem braços, por isso recebeu o epítheto de « Centímano » (aqui Centimáno), que em Camões designa um terceiro gigante. — *Adamastor*. Na Iliada, XXII, 212 encontra-

se o nome Damastor (o que doma, vencedor), dum guerreiro troiano; no fragmento da Gigantomachía de Claudiano, v. 101, o mesmo nome designa um dos gigantes; na Eneida, III, 614 acha-se o nome Adamastus (indomavel). Provavelmente estes dois nomes suggeriram ao poeta o que deu ao gigante que imaginou. — *Fui*, estive, tive parte. — *O que vibra...*, I, 22₂. — *Mas conquistando.* Camões suppõe que Neptuno é alliado de Júpiter nesta guerra, e que, emquanto os outros gigantes atacam Júpiter, Adamastor accommette o seu alliado.

52

Esposa de Peléo. O poeta confunde *Thétis*, uma das Nereidas, filhas de Neréo e Dóris, que casou com Peléo, rei da Phthiótida, com *Téthys*, I, 31, esposa do Oceano e avó da primeira. Comp. V, 59₈. A mesma confusão se nota noutros poetas. Os poetas franceses empregam vulgarmente a forma Thétis para designar a personificação do mar; mas Camões declara expressamente que falla da Nereida esposa de Peléo. — *Filhas de Neréo*, V, 51.

53

Gesto, I, 9₂. — *Dóris*, V, 52.

54

Com que com minha honra... Para evitar este damno (*por armas*. est. 53,) accederei aos desejos do gigante, mas procurarei occasião propria, para que ninguem saiba do encontro e a minha reputação não venha a soffrer. — *Eu... encheram-me...*, anacolutho. — *Cair não pude*, não pude entender este engano. — *Abondanças*, muitas palavras, muitas promessas.

55

Da guerra desistindo, V, 52₁-₂. — *Gesto lindo*, corpo lindo. — *Unica*, sem igual em belleza.

56

Pelo rosto, tomando-o pelo rosto. O engano feito a Adamastor é semelhante ao que urdiram a Ixíon, enamorado de Juno, que abraçou uma nuvem, julgando abraçar a deusa. — *Angelico*, II, 38. — *E junto de um penedo...* Comp. :

> *Aut mare prospiciens in saxo frigida sedi*
> *Quamque lapis sedes tam lapis ipsa fui.*
> Ovid., Her., X, 49-50.

58

Meus irmãos, V, 51. — *Vãos*, animados duma soberba injustificada. — *Sotopostos*, postos debaixo; um delles estava debaixo do Etna, VI, 13₃-₄.

59

Converte-se-me a carne... É uma metamorphose, como as da mythologia grega, especialmente a de Atlas, III, 77; comp. Claud., Gig., 94-101. — *Thétis*, V, 52 e N.

60

Sonoro, ruidoso. — *Coro dos anjos*, expressão consagrada. — *A Deus pedi...* Assim costumam fazer os heroes nos poemas antigos, quando ouvem prophecias de infortunios.

61

Phlegon e Pyròis, dois dos cavallos que puxavam o carro do Sol : os outros dois eram Eóo e Éthon. — *Ondas do Levante*, que banham a costa oriental da

Africa, ondas do oceano Indico. — *Segunda vez*. Sobre a primeira, V, 25 sg. — *Terra tomámos*, a 25 de novembro de 1497, na Angra de S. Braz (*Mossel Bay*), descoberta por Barth. Dias. A oeste della encontra-se *Flesh Bay*, que deve ser a Angra das Vaccas, ou dos Vaqueiros, de Barth. Dias.

62

Ethiopes (aqui ethiópes), pretos, I, 42. — *Os outros*, V, 27-36. — *As mulheres... e o gado*, trazendo as mulheres e o gado.

63

Queimadas, pretas. — *Avenas*, I, 5. — *Imitando as Camenas*, imitando as cantigas pastoris (*Camenas*, VII, 85, as Musas, aqui o genero de poesia) de Tityro. Com este nome designa Vergílio um pastor que figura na sua primeira écloga e que, pelo que diz de sua vida, representa o proprio Vergílio. Camenas é nome de divindades italicas em relação com o canto, que foram identificadas com as Musas, divindades gregas.

64

Levamos, levantamos.

65

Costa negra. Comp. V, 76. — *Ardente meio*, V, 137-8. — *Ficara*, V, 127, para o sul, íamo-nos afastando delle. — *Aquelle ilhéo deixamos*, passamos o ilhéo de Santa Cruz, descoberto por Bartholomeu Dias, situado 15 leguas antes do rio do Infante, que foi o limite da sua viagem, V, 43 N. Provém o nome do padrão, como os outros rematado por uma cruz, que alli pôs Bartholomeu Dias. — *Buscava o cabo*, procurava verificar se a costa se dobrava para o oriente. — *Fez seu limite certo*.

Foi neste ilhéo que o conselho da armada deliberou retroceder, concedendo, porém, a Barth. Dias que se corresse ainda a costa para diante mais dois ou tres dias, o que os levou até ao rio do Infante.

66

Cortando, intransitivo. — *Co'o mar um tempo andamos em porfias.* Diz o Roteiro : « ao dia seguinte (áquelle em que passaram o rio do Infante) fomos com vento á popa, prelongando a costa até oras de vespora que nos saltou o vento ao levante e fizemos na volta do mar e andamos com uma volta ao mar e outra á terra até a terça feira acerqua do sol posto que nos tornou o vento ao ponente, pollo qual estevemos aquella noite á corda pera ao outro dia hirmos reconhecer a terra onde ou em que parajem eramos. E quando vêo a manham fomos de frecha á terra e achámo-nos ás dez oras do dia com o ilhéo da Cruz, que era arree do que nos faziamos sessenta legoas. E isto causaram as correntes que aquy são grandes, e em este mesmo dia tornámos a passar a carreira que já tinhamos passada com muito vento á popa (*Noto os esforços assopra...* est. 67) que nos durou tres ou quatro dias, onde rompemos as correntes a que nós haviamos grande medo nom nos leixar aver aquillo que desejavamos. » Rot., pg. 16-17. Trata-se da corrente de Moçambique, que atravessa o canal deste nome de norte para sul e, contornando a costa, se dirige para sul do Cabo das Agulhas : a armada tinha agora entrado nesta corrente.

67

Segundo, pois que. — *Noto*, I, 27.

68

Trazia, na volta do anno. — *O dia celebrado.* Tinham passado o dia de Natal defronte da costa a que pose-

ram este nome, e a 10 de janeiro (mas a 6 segundo Barros) chegaram á aguada de Boa Gente e rio do Cobre ou dos Reis, difficil de identificar mas situado entre a bahia de Lourenço Marques e a de Inhambane; talvez o rio Zavalla. — *Tres reis*, os tres Reis Magos, que, avisados do nascimento de Christo, partiram a adorá-lo. — *Um rei de pouco nado*, Jesus Christo, recemnascido. — *Outros tres*, tambem tres: as tres Pessoas da Santissima Trindade: Padre, Filho, Espirito Santo. — *Foi tomado*, entrado...

69

Algum, apesar de posposto, é positivo. Comp. V, 75[8]. — *Nenhum signal*. Comp. as est. 69-72 com a narrativa de Gaspar Correia nas Lendas da India, V. da Gama, VIII, e a curta notícia em Jeronymo Osório, *De rita et rebus Emmanuelis*, I, unicos entre os historiadores da viagem que mencionam uma tentativa de revolta.

70

Ceus não naturaes, climas differentes daquelle em que nascemos; em que a nossa natureza se dava mal.

71

Corrupto o mantimento... e nenhum contentamento, estando já corrupto... e não tendo nós nenhum contentamento. — *Regente*, o capitão mor Vasco da Gama.

72

Pego, o mar alto. — *Algum desvio*. « E daqui por diante começou de se afastar algum tempo de terra, com que de noite passou o cabo a que ora chamamos das Correntes; porque começa a costa a encurvar-se tanto para dentro passado elle que, sentindo Vasco da

Gama que as aguas o apanhavam pera dentro, temeo ser alguma enseada penetrante donde não podesse sahir. O qual temor lhe fez dar tanto resguardo por fugir a terra, que passou sem haver vista da povoação de Çofala tão celebrada naquellas partes por causa do muito ouro que os Mouros alli hão dos Negros da terra per via de commercio. » Barros, I, IV, 3. — *Noto*, V, 67.

74

Esta enseada, a bahia de Sofala. — *Leme*, i. e, as naus. — *Sacro Nicolau*, S. Nicolau, patrono dos navegantes. — *Inclina*, intransitivo.

75

Um rio, o rio dos Bons Signaes, V, 78₄, ou de Quelimane, braço do Zambeze que passa por esta villa. — *Novas algumas*. Comp. V, 69₁.

76

Ethiópes, V, 62. — *Palavra alguma*, V, 77₁.

77

Fernão Martins, I, 64. — *Se corta e fende*, I, 52₄. — *Lá donde sae...*, que havia navegação entre terras do oriente (a Arábia e a India) e a região do sul da Africa, i. é, Sofala.

78

Um padrão, V, 65 N. — *Trazia alguns*. Vasco da Gama pôs mais quatro padrões na sua viagem : S. Jorge em Moçambique, Santo Espirito em Melinde, S. Gabriel em Calecut e Santa Maria num ilhéo entre Bacanor e Baticalá. — *Bello guiador*, o archanjo S. Raphael, que, sem se dar a conhecer, sob o nome de Azarías, guiou até Ecbátana o moço Tobías, que ia de Nínive

á cidade de Rhagas, por ordem de seu pae, receber de outro israelita, chamado Gabello, certa quantia que o pae daquelle mancebo lhe tinha emprestado. Tobías não passou de Ecbátana, onde se casou, recebendo alli mesmo de Gabello a quantia devida. O anjo ensinou-lhe o meio de curar o pae, que estava cego, e, instado para acceitar recompensa, descubriu quem era (Bíblia, Livro de Tobías).

79

Limpos de todo o falso pensamento, II, 88_7.

80

Recompensa, compensa. — *Rhamnúsia* (de Rhámnus, povoação da Áttica, onde tinha um templo), Némesis, a deusa da vingança e da inveja que, segundo o pensar dos antigos, votavam os deuses ao mortal feliz, tornando-o desventurado. Assim explicavam as alternativas de felicidade e de desgraça a que os homens estão sujeitos. Diz Barros neste logar da viagem (I, IV, 3) : « Por este prazer não ir puro sem algum desconto de trabalhos adoeceu muita gente, de que morreu alguma ». — *Se dispensa*, VII, 3_5, se distribuem os destinos; comp. IV, 51. — *O pesar...*, o mal durará muito; o bem durará pouco.

81

Doença crua e feia, o escorbuto. — *A mais* crua e feia.

82

Astuto, habil. — O *medico*, cura com remedios ou indicações preventivas; o *cirurgião* faz operações. — *Subtil*, habil, II, 113_2.

83

Foram comnosco aventureiros, foram nossos companheiros nos perigos.

84

Nos partimos, a 24 de fevereiro de 1498. — *Emfim surgimos*, no 1º de março. Na chegada a Moçambique é que começou a narração, I, 42. — *Dura*, cruel, traiçoeira. — *Falsidade*, I, 69 sg. — *Enganos*, I, 103 sg.; II, 1-28.

85

Saúde a um vivo..., comp., X, 110₂. — *Alto assento*, o ceu; Deus. — *No teu seguro porto*, comp. II, 104-105.

86

Enéas; *Ulysses*, I, 3. — *Facundo*, II, 45. — *Esforço e arte*, I, 2s: VI, 73s, etc.

87

Esse, Homero, legendario poeta grego autor da Odysséa, I, 3, á qual àqui se refere Camões (comp. 88-89), e da Ilíada. Pretendia cada uma das cidades nomeadas ter sido o berço do poeta, algumas sem título algum para isso. — *Que bebeu...*, I, 32₄. — *Aónia*, da fonte de Agenippe na Aónia (na Beócia), consagrada ás Musas. — *Ess'outro*, Vergílio, I, 3. — *Esclarece*, illustra. — *Ausónia*, Italia. — *Ouvindo* (a sua voz). — *Míncio*, rio de Mántua, que passava tambem por Andes, patria de Vergílio, perto d'aquella cidade. O *Míncio se adormece*, ao som dos primeiros cantos de Vergílio, as Éclogas, compostas na sua terra natal e em Mántua, suaves cantos pastoris, *o Tibre*; rio de Roma, se *ensoberbece* com os sublimes versos épicos da Eneida, mais tarde composta por Vergílio para celebrar a origem e a grandeza de Roma, quando elle vivia na capital e em Nápoles.

88

Seus semi deuses, os heroes dos seus poemas : Ulysses, da Odysséa; Enéas, da Eneida. — *E* (os) *encareçam*. — *Magas*, *Circes*. Começa o poeta a enumerar os principaes episódios da Odysséa. Circe é uma feiticeira que deteve algum tempo Ulysses na sua ilha; « *Magas* » designa tambem Circe, não é simples epítheto do nome desta feiticeira. — *Polyphemo*, V, 28. — *Sirenas*, as sereias, IV, 614. Viviam numa costa e foram localizadas junto ao mar da Sicília. Com seus cantos attraíam os navegantes, cujos navios se iam quebrar nos cachopos. Ulysses, para resistir áquelle poderoso canto, mandou que lhe tapassem com cera os ouvidos e o amarrassem ao mastro. — *Cicones*, povo da Thrácia que Ulysses e seus companheiros visitaram e que os atacou. — *A terra*, no norte d'Africa, junto da Syrte Menor. — *Se esqueçam*. Quem provava o loto esquecia-se da patria : assim succedeu a dois dos companheiros de Ulysses, que só á força voltaram aos navios, Od. IX, 82 sg. — *Perder o piloto*, episódio de Palinuro na Eneida, V, 833-871; VI, 337-383. Este piloto adormeceu ao leme e caíu ao mar.

89

Ventos soltos. Ulysses nas suas peregrinações abordou á ilha de Éolo, rei dos ventos, que o recebeu e lhe deu á despedida um odre em que iam fechados todos os ventos excepto Zéphyro, que soltou para o fazer chegar á patria. Ulysses ia ao leme, mas, quasi ao chegar á vista de Íthaca, adormeceu, e os companheiros, entendendo que o odre estava cheio de oiro e prata que Éolo teria dado a Ulysses, e que era por isso que este tinha prohibido que lhe mexessem, abriram-no e os ventos, soltando-se, levantaram medonha tempestade. Ulysses foi ainda levado á ilha de Éolo, cujo auxílio

implorou, mas este, irritado, repelliu-o desdenhosamente. — *Imaginem dos odres*, contem historias a respeito de odres. — *Calypso*, II, 45. — *Harpýas*, IV, 80, episódio da Eneida, III, 211 sg. Estando Enéas e os seus companheiros jantando nas ilhas Stróphades, vieram as Harpýas sujar no jantar. — *Descer ás sombras...*, onde estão as almas dos mortos. Ulysses na Odysséa, XI, 14 sg., vae a um sítio mysterioso invocar os mortos, principalmente a alma do propheta Tirésias, para o consultar a respeito do seu futuro; na Eneida, VI, 236 sg., Enéas desce aos infernos para fallar com seu pae Anchises, vê da porta o Tártaro (região dos maus) e visita os Campos Elýsios (região dos bemaventurados). — *Nuas*, agora não envoltas num corpo. — *Fábulas sonhadas*, I, 4; VI, 664; X, 205.

91

Mancebo Délio, VII, 67, Apollo (o sol), nascido na ilha de Delos. — *Lampécia*, I, 46. — *Thètios*, de Thétis, deusa do mar, V, 52. A expressão significa « para se esconder no mar », i. é, a occidente.

92

Qualquer nobre..., cada varão de mérito se esforça por vencer ou igualar com seus feitos os dos outros. — *Louvor alheio*, de que outros são objecto.

93

Não tinha em tanto..., X, 156 7-8. Alexandre invejava menos a Achilles o seu valor do que a glória que adquirira, tendo sido celebrado por Homero na Ilíada. — *Numerosos*, I, 98, que tem o devido número, bem medidos, melodiosos. — *Milciades*, general atheniense que, á frente de 10.000 athenienses e 1.000 platenses, desbaratou na batalha de Marathona (490 A.C.) o exér-

cito persa que acabava de desembarcar na Áttica (primeira guerra persica). — *Themistocles* era um mancebo ambicioso, ávido de alcançar a glória que o seu talento e a sua actividade lhe faziam esperar. Dizia elle que « os tropheus de Milcíades o não deixavam dormir », Plutarcho, Them., III. Tendo conseguido finalmente em Athenas uma posição politica predominante, preparou a patria para a guerra que novamente seria preciso travar com os persas, e quando tornaram a invadir a Grecia, derrotou-os na batalha naval de Salamina, defronte de Athenas (480 A.C.). — Esta estancia foi inspirada por Cícero, *Pro Archia*, IX, 20 e X, 24.

94

Essas navegações, I, 3; V, 86 sg. — *Aquelle heroe*, Augusto, primeiro imperador romano (30 A.C. — 19 D.C.). — *A lyra mantuana*, os trabalhos poeticos de Vergílio, V, 87. Diz o poeta nas estancias 94 a 100 que os heroes portugueses não conhecem, em geral, as letras e por isso não sabem dar apreço aos poetas. Não são os portugueses menos heroicos do que os antigos : ainda o são mais; mas não consta bastante a sua heroicidade por falta de poetas que os celebrem. Aos poetas portugueses falta a animação que só a estima das letras poderia dar. Enéas não seria tão celebre se Vergílio o não tivesse celebrado ; e se Augusto não tivesse protegido e animado Vergílio, não teria este feito a Eneida. — *Sôe*, seja celebrada.

95

Scipiões, Césares..., i. é, heroes iguaes aos Scipiões... *Scipiões*. Os membros mais notaveis desta familia foram : Scipião o Africano, que venceu Annibal na batalha de Zama em 202 A.C., e Scipião Emiliano, que destruíu Carthago em 146 A.C. — *César*, I, 13. —

Alexandre, I, 3. — *Augusto* (Caio Julio César Octaviano Augusto, primeiro chamado Octávio), sobrinho e filho adoptivo de César. Morto este, veiu a Roma e formou com Antonio e Lépido o « segundo triumvirato », III, 136, que se assenhoreou do poder. Mais tarde, tendo rebentado a guerra entre Octávio e Antonio, foi este vencido na batalha naval de Áccio (31 A.C.) e pouco depois matou-se, e ficou Augusto (porque Lépido não tinha importancia) unico senhor do poder. Concentrou nas suas mãos quasi todos os poderes, appoiando-se no exército, e só deixou ao senado uma autoridade nominal. Assim se estabeleceu a forma de governo que mais propriamente se chama nos primeiros tempos principado e depois imperio. — *Robustos*, duros, insensiveis, incultos. — *Venustos*, graciosos. Suetonio, Octávio, 84 sg. — *Fúlvia*, mulher de Marco Antonio. — *Glaphýra*, mulher de Archelau, grande sacerdote de Bellona, em Comana, na Cappadócia, á qual Marco Antonio distinguiu por sua belleza; da sua intelligencia não fallam os autores antigos. Parece aqui haver confusão com Cleópatra, ou, como lembra Storck, com a actriz mimica Cythéris (Plut., Antonio, IX).

96

César, I, 13; III, 16_2. Allude ás campanhas das Gállias (aproximadamente a moderna França) nas quaes submetteu este paiz ao dominio de Roma. — *Nũa mão*, VII, 79_8; X, 155_{1-2}. Escreveu durante as campanhas das Gállias memorias dellas, « *Commentarii de Bello Gallico* » e durante a guerra da Hispánia compôs um escrito sobre a lingua latina. Escreveu ainda os « *Commentarii de Bello Civili* », e diversas obras que se perderam. — *Cícero*, orador e homem politico romano do seculo I A.C. Alem dos discursos, forenses e politicos, compôs diversas obras, principalmente philosophicas; César é-lhe comparado aqui menos como orador que

como escritor em geral. — *Scipião*, V, 95, Scipião Africano, o qual protegeu o poeta comico Teréncio, que fôra seu escravo, captivado em Africa, e a quem dera a liberdade. Referia uma tradição que Scipião tinha trabalhado nas comedias de Teréncio. — *Alexandre*, I, 3, era grande admirador de Homero e dizia, V, 93, que sobretudo invejava a Achilles a fortuna de ter encontrado um poeta como aquelle para celebrar seus feitos. Aristóteles, seu mestre, tinha-lhe preparado um exemplar dos poemas homéricos que elle sempre trazia comsigo guardado num cofre precioso que fôra encontrado entre as outras riquezas de Darío. Quando visitou as ruinas de Troia, Alexandre leu alli algumas partes da Ilíada. — *De maneira que...*, tão assiduamente que...

97

Lácia, latina. — *Bárbara...*, ou de qualquer nação bárbara. — *Pios Enéas...*, epithetos usuaes: *pius Aeneas*, *saevus Achilles*.

98

Por a poesia ser pouco prezada em Portugal, pouco se cultiva; por isso não temos tido Vergílios nem Homeros; mas como é proprio dos grandes heroes desejarem a glória de ser celebrados pelos poetas, como a ambição dessa gloria é o seu maior estímulo, faltando elle, deixa de manifestar-se o valor heroico; assim a falta de poetas entre nós, que cada vez será maior, pois que ninguem os anima e preza, ha de vir a ter por consequencia a falta de grandes heroes; mas esta funesta consequencia ninguem a prevê.

99

Ás musas agradeça. Nenhum heroe português, por conhecimento das letras, anima os poetas a celebrá-lo.

Isto mesmo se dá com Vasco da Gàma : se é celebrado neste poema, não é porque o poeta se sinta especialmente inclinado a honrá-lo, é porque o amor da patria o levou a celebrar todas as glórias portuguesas, e neste geral intento, adoptou um plano em que Vasco da Gama figura com os outros. Comp. a proposição do poema e o seu desenvolvimento na dedicatória. — *Musas*, III, 1. — *Obriga*, impelle irresistivelmente. — *Aos seus*, aos portugueses. — *Nem quem na estirpe...*, nem nenhum de seus descendentes tem protegido as letras a ponto de... — *Filhas do Tejo*, as Tágides, I, 4. — *As telas d'ouro*. Os poetas representavam as deusas aquaticas entretendo-se a tecer, semelhantemente ao que faziam as mulheres. As telas são d'oiro, provavelmente com allusão ás areias d'oiro do Tejo.

100

Fraterno, que dedicam aos portugueses. — *Puro*, unico, sem mistura de interesse. — *Presupposto*, *respeito*, intento ou movel. — *Porém não deixe...*, mas, embora em Portugal se não cuide de conservar e honrar pela poesia a memoria dos feitos heroicos, se alguem nisso pensar e se entristecer por não poder esperar vírem suas obras a ser celebradas, V, 98 3-4, não o demova tal pensamento de bem servir a patria, porque não são os elogios dos poetas a unica manifestação de apreço dos grandes feitos.

CANTO SEXTO

1

Pagão (de *pagus* aldeia), era o nome que nos primeiros tempos do christianismo se dava aos que ainda observavam os antigos cultos, quando já não eram numerosos senão nas povoações ruraes. Applica-se aqui o termo aos mouros e significa « não christãos » ; mas geralmente só se emprega para designar os sectários das religiões da Grecia e de Roma e dos outros povos da antiguidade, com excepção dos hebreus. — *Donde Hércules...*, III, 18.

2

Policia, VII, 128, cortezia, costumes polidos. — *A Lageia*, Cleópatra, III, 141, última raínha do Egypto (52-30 A.C.), da dynastia dos Ptolomeus, fundada por Ptolomeu Sóter (filho de Lago), que fôra general de Alexandre Magno e estava governando aquelle país em nome do grande conquistador quando este morreu (323 A.C.). Antonio, III, 136, esteve muito tempo no Egypto com Cleópatra, numa vida de festas e prazeres. Numa pescaria quis Antonio, que estava infeliz, enganar a raínha, mandando prender um grande peixe ao anzol com que pescava; Cleópatra, sem mostrar desde logo que percebera o ardil, mandou prender no dia seguinte ao anzol de Antonio um peixe salgado, lisonjeando, porém, o capitão romano, ao descobrir-lhe a

fraude, com um cumprimento: « a sua pesca, dizia ella, eram as cidades, os povos e os imperios ». Plut., Ant., 29.

3

O vento... o convida. Vocat Auster in altum. Aen., III, 70, etc. — *Salso argento*, I, 185.

4

Em quanto seu corpo o esprito reja. Dum spiritus hos reget artus. Aen., IV, 336.

5

Se partiu, a 24 de abril. — *No piloto.* Um guzarate muçulmano, Malemo Caná. Barros, I, IV, 6. Caná ou Canaca é nome de casta.

6

Thálamo, leito, aposento; aqui o logar donde o sol se levanta. — *Mas o mau...* Assim na Odysséa, quando Ulysses está quasi a chegar a Íthaca, Neptuno levanta uma tempestade, e o mesmo faz Juno na Eneida, quando Enéas está prestes a abordar ás costas de Italia. — *Thyoneu*, II, 127. — *Que sente*, a quem custam... — *Morre*, desespera-se.

7

Nova Roma, capital dum imperio tão poderoso como fôra Roma. — *De outro poder...*, I, 212. — *Aquelle...*, Neptuno. Desthronado Saturno, seus filhos dividiram entre si o mundo: Júpiter teve o ceu e a terra, Neptuno o mar e Plutão o Inferno.

8

No mais interno fundo..., Camões lembrou-se, ao escrever este episódio, de differentes lugares de Oví-

dio, Vergílio e outros poetas, mas usando muito livremente desses elementos e sem prejuízo da originalidade. — *Nereidas*, I, 31.

9

Assi, tão.

10

As portas. Esta descripção é inspirada pela das portas do palacio do sol nas Metamorphoses de Ovidio, II, 4-18, no episódio de Pháeton (I, 46), e pela dos elementos no mesmo poema, I, 5 sg. — *Aljófares*, II, 95s. As perolas são formadas por molluscos que vivem em conchas. — *Pace* (pasce), VII, 74s, attenta, se demora. Comp. Aen., I, 46s. — *Chaos* (propriamente abertura, fenda), accumulação primitiva de todos os corpos confundidos. — *Os quatro elementos*. A escola philosophica jónia considerava quatro elementos das coisas, de cuja combinação em differentes proporções suppunha serem todas formadas, e eram, por ordem de densidade crescente, Fogo, Ar, Agua e Terra. Os primeiros, como mais leves, tinham occupado as partes superiores. — *Trasladados*, representados.

11

Anima. Era o fogo considerado como o principio da vida. — *Prometheu*, IV, 103. — *Se sublima*, se eleva. — *E nem por quente...*, e não deixa vazio nenhum lugar, por mais quente ou mais frio que seja.

12

Das aguas desparzidas..., dos rios. — *Com seu humor*, segundo a concepção das cosmogonias e philosophias que ensinavam residir na agua o princípio fecundante e reproductor.

13

A guerra, II, 112; V, 51. — *Typhéo*, I, 42; IX, 42. — *Etna*, vulcão da Sicília, junto da costa oriental. — *Que as flammas lança...*, IX, 44; X, 1324. — *Quando as gentes*, III, 51. — *Ignorantes*, atrasados, que não conheciam o cavallo, nem a oliveira, nem em geral a agricultura nem os animaes uteis.

14

Lyéo, I, 49. — *O recebe* (Neptuno). — *No reino d'agua o rei do vinho*. A narração tem aqui o feitio ironico e levemente humoristico das Metamorphoses de Ovídio. A descripção de Tritão, que se segue, é do genero denominado « grotesco ».

16

Tritão, filho de Neptuno e da nympha Salácia.

Mulcet aquas rector pelagi, supraque profundum
Exstantem atque humeros innato murice tectum
Caeruleum Tritona vocat, conchaeque sonanti
Inspirare jubet, fluctusque et flumina signo
Jam revocare dato. Cava buccina sumitur illi
Tortilis, in latum quæ turbine crescit ab imo;
Buccina, quæ in medio concepit ubi aëra ponto,
Littora voce replet sub utroque jacentia Phoebo.
Tum quoque ut ora dei madida rorantia barba
Contigit et cecinit jussos inflata receptus,
Omnibus audita est telluris et æquoris undis,
Et quibus est undis audita coërcuit omnes.

Ovid., Met., I, 331-342.

Deste lugar de Ovídio, que inspirou as est. 16-19, se inspiraram tambem outros poetas modernos. — *Duma e d'outra banda*, II, 656; VI, 704.

17

Pèntem, lat. Pecten, inis. — *Gorra*, II, 988.

18

Cangrejo (de cancro), hoje caranguejo, por metáthese do *r* e introducção do *a* entre o *c* e o *r*. — *Recebem de Phebe* (a lua) *crescimento*, os crustáceos e molluscos estão mais nutridos no tempo da lua cheia. — *Ás costas...*, os caramujos com a casa ás costas.

19

Dardânia, Troia, do nome do seu primeiro rei e fundador Dárdano. Segundo uma tradição, os muros de Troia tinham sido construídos por Neptuno e Apollo. — *Da grega insânia*, pela furia dos gregos, II, 35 N; Comp. III, 76.

20

Padre, I, 22, 30. — *Neréo*, I, 31. — *Proléo*, I, 19; VI, 36; X, 7. — *Já sabia*, por ter o dom de prophecia.

21

Filha de Celo (o ceu) *e Vesta*, IX, 853, Téthys. A mãe desta deusa é, porém, Gea (a terra) e não Vesta, como suppõe o poeta. Thétys é esposa do Oceano e não de Neptuno, como aqui a faz o poeta, dando a este duas esposas, Téthys e Amphitrite. — *De maravilha*, de admiração. — *Beatilha*, tecido muito fino e ralo, de linho ou algodão, de que usavam toucas as beatas, isto é, as mulheres que, sem serem freiras, viviam em communidade como freiras e trajavam como ellas.

22

Não quis que fallecesse, não quis faltar. — *O delphim...* Ovid., Fast., II, 81. — *Qualquer* das duas deusas. — *Vencesse*, venceria, se se comparasse a luz dos seus olhos com a do sol. — *Igual partido*, companheiras iguaes em dignidade.

23

Aquella que das furias... Ino, mulher de Athamante, rei de Thebas, fugiu ás furias do marido, com o filho Melicerto ou Melicertes, para se ir lançar ao mar; os deuses transformaram-na e ao filho em divindades marinhas com os nomes de Leucothéa e Palémon. Ovid., Met., IV, 463-541. Parece este nome de Melicertes, apesar da differença das lendas, ser hellenização do nome semitico Melcart, do Hércules phenício, que se confundiu com o Hércules grego. — *Panopéa*, uma das Nereidas, Ovid., Fast., VI, 499.

24

O deus. Glauco, filho de Neptuno, era pescador em Anthédon, na Beócia. Um dia observou que quando punha os peixes sobre certas hervas, elles recobravam forças e voltavam para o mar. Lembrando-se de comer dessas hervas, lançou-se immediatamente ás aguas e foi feito deus marinho. — *Circe*. Glauco, amando a nympha Scylla e não vendo o seu amor bem acolhido, recorreu á feiticeira Circe, V, 88, para com sua arte lh'o obter. Mas Circe enamorou-se de Glauco e, vendo o seu amor desprezado, vingou-se da sua rival transformando-a num monstro horrivel. Ao ver-se em tal estado Scylla lançou-se ao mar, II, 45. — *Desta*, por Circe. — *Que a mais obriga*, que um amor desprezado, como foi o de Circe, leva a taes excessos e ainda a mais horriveis.

25

Estrados. O poeta assenta as deusas não em cadeiras, mas em estrados, como se usavam para as damas em Portugal e Hespanha, alcatifados e com almofadas. — O *Padre*, Neptuno, VI, 15, 16. — *Agasalhados*, honrados com attenções e mostras de cortezia (*recebi-*

mentos, est. 26₂). — O *Thebano*, I, 73. — *A rica massa...*, o ámbar cinzento, substancia que se forma nos intestinos dos cachalotes, e se encontra em suspensão nas aguas do mar. Neptuno usa um perfume tirado do proprio mar. — *E Arábia em cheiro passa*, e cujo cheiro é melhor que o do incenso que dá a Arábia.

26

Thyonéo, VI, 6.

27

Principe..., Neptuno. — *Juro*, direito. — *Mar irado*, I, 21₄. — *Que as gentes enfreias...*, que circundas todas as terras; fórmula usada, com variantes, pelos poetas antigos. — *Que rodeias...*, expressão conforme com a geographia, ainda muito rudimentar, da Odysséa e da Ilíada, em que a terra era considerada como um disco plano e cercada pelo rio Oceano.

28

Igual, proporcionado á offensa.

29

Commetter o ceu, II, 112; V, 51, 58. —*Tentaram o mar*, IV, 102; com especial allusão aos argonautas, VI, 31₁₋₂. — *Soberbas e insolencias*, II, 52₆.

30

Dum vassallo meu, Luso, I, 39; III, 21. — *Soberbo e altivo coração*, I, 14₃. — *Os vossos estatutos...*, V, 11₅, 12₃₋₄.

31

Minyas, IV, 83. — *Este caminho abriram*, navegaram pela primeira vez para um país distante. — *Bóreas*, I,

35. — *Áquilo*, vento norte, ou de NNE. — *Aventureiro*, IV, 83s.

32

Abatidas desta gente, I, 30, 32; comp. VI, 30ı.

33

Grão senhor, Júpiter. — *Fados*, I, 28, e I, 24, 28, 31. — *Mores*, maiores.

34

Por vêr, por vêr se por dita (porventura) acharei nos vossos mares o preço (a consideração) que perdi no ceu, e acharei nos deuses do mar o appoio e auxílio que não encontrei nos do ceu.

35

Conselho, deliberação. — *Desconto*, contrariedade, obstaculo. — *Éolo*, II, 105. — *Sem conto*, sem moderação, deixando-os saír com toda a furia.

36

Protéo, I, 19; VI, 20; X, 7. — *Dizer que sentia*. Dizer, pois era propheta, que era inutil tentarem oppor-se ao que havia de acontecer: chegarem os portugueses á India. Protéo annunciaria, se o deixassem, as futuras victorias dos portugueses no oriente, que delle aprendeu a nympha que as celebra em X, 7 sg.

37

Hyppótades, Éolo, filho de Júpiter e de Sergesta, filha de Hippotas, rei troiano ou thrácio; ou, segundo outra filiação, filho de Hippotas e Melanippe. — *Cárcere*. Éolo reinava sobre os ventos, numa ilha distante, onde os tinha fechados em cavernas. Já na Odysséa

apparece este mytho, que foi muito aproveitado pelos poetas posteriores; assim Verg., Aen., I, 54 sg.

38

Eôo, oriental.

39

Pelas antennas, ás vergas de sobrecellente, encostadas á amurada.

40

Leonardo Ribeiro, IX, 75, personagem historico.

41

Velloso, V, 30-36. — *Robusta*, II, 53_6; V, 95_4.

42

Sem que me reprendam..., e não merecerá a minha historia a censura de ser fabulosa, inventada. — *Doze de Inglaterra*. Não se sabe a origem desta historia. São historicos os nomes de differentes cavalleiros que se dizia terem sido dos doze, mas não se podiam ter reùnido todos em tal empresa, por grandes differenças de idade. Manoel Correia e Faria e Sousa nos seus commentarios, e Pedro de Mariz nos Diálogos de varia historia, referem-se a uma relação ou relações do facto que dizem ser antigas; o 2º conde da Ericeira (1614-1693) vira na livraria do conde de Vimeiro um *Catálogo dos doze de Inglaterra*. Jorge Ferreira de Vasconcellos no *Memorial das proezas da Segunda Távola Redonda*, cap. 16, allude a esta tradição.

43

João. D. João I, filho bastardo de D. Pedro I e de Theresa Lourenço. — *Vizinho poder*, Castella. — *De-*

pois que sossegado..., IV, 47 N. A época não está indicada com precisão : tem-se supposto cerca de 1390, como fez Manoel Soeiro nos *Anales de Frandes*. — *Boreal*, que cae nas regiões do norte. — *Erinnys*, nome das furias, aqui designa a Discordia. Nomeiam-se tres furias : Tisíphone, Alecto e Megera. — *Cizânia*, VII, 10_{5-6}, herva má que nasce entre os cereaes ; aqui discordia. — *Que lustre fosse*, a qual havia, porém, dar ensejo aos portugueses de praticar um feito glorioso.

44

Ou foi opinião ou foi porfia, ou estavam realmente convencidos do que affirmaram, ou por insolentes o disseram, e quiseram depois sustentar seu dito.

45

Em campo raso ou estacada, em campo aberto, sem árvores nem outros obstaculos, lutando sòsinhos, ou em campo cerrado por estacada (*champ clos*) diante de numerosa assembléa, combatendo segundo certas regras e sujeitos a juizes escolhidos.

46

Grandes e possantes, VI, 15_3; IX, 4_2 ; VII, 4_2. — *Alabastro*, calcáreo branco finissimo. — *Duque de Alencastro*. Sobre as est. 46-48 veja-se IV, 47 e N.

47

As forças e benigna estrella, II, 50_3; VIII, 29_{1-2}. — *Experimentara namorados affeitos*, reconhecera tambem quanto os portugueses eram namorados e dedicados ás damas. — *A filha viu...*, viu que a filha doma...

48

Iberinas, de Hespanha, do antigo nome *Iberus*, do rio Ebro.

50

D'est'arte os aconselha..., IX, 65_1.

51

Ser aventureiro, tomar parte nesta aventura.

52

Leal cidade. Allude especialmente á sua dedicação patriotica em seguida á morte de D. Fernando. Do seu antigo nome *Portus Cale*, III, 25 N, proveiu o nome ao condado que depois se transformou em reino de Portugal. — *Madeiro*, navio. — *Cimeiras, letras*, IV, 22_{7-8} e N.

53

Douro, o rio que banha o Porto. — *Experimentado*, III, 25_2. — *Magriço*, cognome de Álvaro Gonçalves Coutinho, irmão do 1º conde de Marialva e filho de Gonçalo Vaz Coutinho, primeiro marechal de Portugal.

54

Manhas. IV, 65_3, artes e costumes. — *Apparelho*, occasião propícia.

56

Leão, Navarra, III, 19. — *Patrio Marte*, III, 15_1; IV, 15_2, o valor dos portuguezes. Pode alludir aos tempos do conde D. Henrique e de D. Affonso Henriques, mas refere-se provavelmente á campanha feita por D. João I, com o duque de Lencastre, IV, 47 N; VI, 47. — *Grande empório de Frandes* (Flandres), a cidade de Bruges.

58

Que (o campo) *tinham segurado*, que estava sob a vigilancia dos arautos que o rei encarregara, conforme

o costume, de olhar que não houvesse dolo nem infracção alguma das condições estabelecidas. — *Grevas*, peças da armadura que protegiam as pernas do joelho para baixo. — *Mavorte*, III, 15; IV, 15; VI, 56$_4$.

59

Com tristeza, de luto.

60

Theatro, recinto destinado ao combate, rodeado de palanques, para a côrte assistir. A descripção do combate tem nos pormenores levissimas reminiscencias de differentes poetas, especialmente de Ariosto e de Bernardo Tasso. — *Tres e tres e quatro e quatro*, é fórmula epica. Comp. *En Troia entran los griegos, tres á tres y cuatro á cuatro.* Duran, Rom. Gen., Nº 474 (nota de Storck). — *Do Tejo ao Bactro*, VII, 61$_4$, i. é, em todo o mundo conhecido. Orl. Fur., XXXVIII, 57$_{7-8}$. *Bactro*, rio da Bactriana, II, 53 N, provavelmente o rio de Balque. — *Força, esforço*, X, 20$_8$.

61

Mastigam... Frena ferox spumantia mandit. Aen., IV, 135 e

> *Fulvum mandunt sub dentibus aurum.*
>
> Aen., VII, 279.

> *Facea mordendo il ricco fren spumoso.*
>
> Orl. Fur., XXVII, 70$_2$.

63

Se alegra e veste..., VI, 59$_{1-4}$. — *Do animal de Helle*, I, 18, de oiro, isto é, de brocado, VI, 58$_{7-8}$. Diz Petrarca da barca que leva Laura

> *Simil non credo che Giason portasse*
> *Al vello ond'oggi ogni uom vestir si vuole.*
>
> Son. 170.

Que a gente bruta...

Non quel che il vulgo cieco ama e adora,
L'oro...

Sann., Rime. I. 72.

Mida o Crasso
Con l'oro onde a virtu furon ribelli.

Pet., Trionfo della Fama, I, 56-57.

64

Qual qual. I, 92; IV, 90-91.

65

Vallo, estacada que limitava o campo da lide. — *Mais acham já...* Julgavam que lhes seria facil ferir os portugueses á espada, mas agora, que se defrontaram com elles, já reconhecem o valor com que os nossos se defendem.

66

Estremos, X, 27₈, proezas. — *Gastadores do tempo.* Allude aos poemas e aos romances de cavallaria. Camões, que segue sempre a verdade historica, não se compraz em pormenóres, em que a sua imaginação se poderia alargar, mas que fariam dispersar-se o interesse, que os grandes artistas procuram, ao contrario, concentrar. — *Fabulas sonhadas*, I, 11₆; X, 20₅. — *Basta por fim...* Assim Fernão Lopes, descrevendo a batalha de Aljubarrota : « Pera que dezemos golpes nem forças nem outras razões... de guiza que de historias verdadeiras façamos fabulosas patranhas, basta que de uma parte e da outra eram taes e tamanhos os golpes dados... » Chr. de D. João I. Cap. 42.

68

Lá, no estrangeiro. — *As coisas grandes*, VI, 54₆. — *Um serviço.* Como não se pode precisar a que anno

attribue Camões o torneio dos doze, pretenderam alguns que a condessa de Flandres a que se refere era a princesa Isabel, filha de D. João I, que casou em 1429 com Filippe o Bom, duque de Borgonha (1419-1467) e conde de Flandres, e que, pretendendo o rei de França ter direito de suzerania sobre o duque, a questão fôra resolvida por um duello entre Magriço e um cavalleiro francês, ficando este morto e ganhando assim o duque a contenda; pretendiam outros que Magriço matara em duello, em Dunquerque, um cavalleiro de Colónia, chamado Ranulfo, o qual teria levantado um aleive a uma condessa de Flandres chamada Leonor. — *Um francês.* Magriço teria vencido em duello, em Orleães, um cavalleiro chamado Lansay, tirando-lhe um collar d'oiro do pescoço, quer fosse a proeza anteriormente mencionada, quer fosse outra. — *Que lá teve*, pois (o Magriço) foi tão feliz como... — *De Torquato e de Corvino.* Recorda o poeta estes combates das guerras romanas, porque foram com gauleses, considerando que os franceses são na maior parte descendentes destes. — *Tito Mânlio* venceu um gaulês (da Gállia Cisalpina) notavel pela estatura, depojando-o do collar (*tórques*) que trazia, e adquirindo assim o cognome de *Torquato*... — *Valério Messala* venceu um gaulês terrivel. Durante a luta veio um corvo pousar no capacete do romano e deu bicadas no gaulês, auxiliando Valério, que por isso recebeu o cognome de *Corvino.* Liv., VII, 26.

69

Outro, Álvaro Vaz d'Almada, IV, 25 N, depois conde de Avranches, que se disse ter tido em Basiléa (Bâle) um duello com um allemão que, sendo canhoto, posera por condição do combate que levariam o lado direito descoberto. Almada, conhecendo o ardil, teria afogado o desleal adversario. Sobre outros cavalleiros andantes

portugueses, VIII, 26-27. — *Não faça tal desvio do caso*, não se limite a mencioná-lo tão succintamente.

70

Promptos, III, 3; VII, 59, 67; VIII, 43, attentos á historia que Velloso ia agora contar. — *O apito toca*. Os navegantes, quasi a chegar á India, são surprehendidos pela tempestade solta a instigação de Baccho, VI, 37. — *Duma e doutra banda*, II, 65₆; VI, 16₄. — *Os traquetes das gáveas tomar manda*, colher os rizes das gáveas para as encurtar. Gávea é a vela superior á vela grande. Veja-se Castilho, Fastos de Ovídio, II, pg. 450-452.

73

Talha, corda que se ata á canna do leme para governar melhor em occasião de tempestade. — *Força e arte*. I, 2₈, 75₆; VII, 71₁.

74

Torre de Babel, IV, 64.

75

Paulo da Gama, V, 81. — *Aquelle...*, Jesus Christo. — *Coelho*, V, 82.

76

Noto, etc.., nomes dos ventos. — *Pólo*, ceu.

77

Halcyonéas aves. Comp. Verg., Georg., I, 361-362; Ovid., Her., XVIII, 81; Séneca, Agamemnon, Act. III, e

E s'udir l'Alcione a la marina
De l'antico infortunio lamentar-se
Orl. Fur., X, 20₅-₆.

O alcyão ou alcýone (al-cyone, que põe os ovos no mar) dos gregos parece ser o maçarico (*ardéola marina*). Suppunham os antigos que elle fazia o ninho nas ondas e chocava os ovos durante quinze dias muito serenos, a que chamavam dias alcyonios, sete antes e sete depois do solstício do inverno. Consideravam-no como símbolo de serenidade, e era consagrado a Téthys. Segundo a mythologia, Alcýone era filha de Éolo e esposa de Ceýce (Ceyx). Este morreu em naufragio, e o cadáver, que o mar arrojou á praia, veiu ter aos pés de Alcýone, que o estava esperando. Alcýone atirou-se ao mar e Téthys metamorphoseou os dois esposos em alcyões. Veja-se Garrett, *Camões*, VIII, 33.— *Delphins namorados*, affectuosos para com os homens. Além da historia do poeta e musico Arión, salvo por um delphim, outras se contavam proprias a inspirar aquella crença.

78

Soberba dos gigantes, II, 112₁₋₂; V, 51. — *Grão ferreiro*, I, 22; II, 112; V, 51, Vulcano. — *Sórdido*, porque estava quasi sempre na forja. — *Obrou*, lavrou, esculpiu. — *Enteado*, Enéas, I, 3. Era filho de Anchises, príncipe troiano e da deusa Vénus, esposa de Vulcano. Na Eneida, VIII, 668-731, descreve Vergílio as armas que Vénus lhe mandou fazer por Vulcano. É episódio inspirado pelo da Ilíada em que Thétis manda fazer a Achilles, por Vulcano, novas armas, para substituír as que Pátroclo vestira, e de que tinha sido despojado por Heitor depois do combate singular em que o matara. — *Tonante*, I, 20. — Os *dous*, Deucalião e sua mulher Pyrrha. Tendo Júpiter resolvido exterminar os homens, por seus crimes, suscitou o dilúvio, que submergiu toda a terra, mesmo os pontos mais altos. Já todos os outros humanos tinham succumbido afogados e só restavam aquelles velhos esposos, notaveis por sua honestidade e pelo muito que veneravam os deuses. Já se não

elevavam acima das aguas senão os dois cumes do Parnaso: a um veiu ter a barca em que vogavam. Então Júpiter fez descer as aguas. Desejosos de que a terra se repovoasse, mas não podendo já ter filhos, por sua idade, Deucalião e Pyrrha foram consultar o oráculo de Thémis, que lhes indicou que atirassem para tras das costas os ossos da mãe. Entendendo que o oráculo designava assim as pedras, ossos da terra, mãe commum dos homens, atirou cada um para tras de si umas tantas pedras: as de Deucalião tornaram-se em homens, as de Pyrrha em mulheres.

80

Tão perto do fim. A situação é a da Eneida, I, 85 sg., em que Enéas se vê em perigo de succumbir, já proximo da Italia. Inspira-se Camões deste lugar da Eneida como Vergílio se inspirou nelle do episódio da Odysséa em que Ulysses, quasi á vista de Íthaca, é surprehendido por uma tempestade suscitada por Neptuno. — *Onde nenhum...*, nesta occasião em que nenhum..., como nesta occasião nenhum. .

81

Divina Guarda, II, 30-31. — *Os ceus...*, I, 214. — *Refúgio*, fuga para lugar seguro. — *Por metade*, por meio. — *Syrtes*, bancos de areia. — *Segundo poroador*, Noé, cujos filhos eram Sem, Cham e Japhet. Allude agora á versão biblica do dilúvio, emquanto que na est. 78 7-8 alludiu á versão grega. Deus, querendo exterminar os homens por meio dum dilúvio, communicou o seu intento a Noé, e mandou-lhe construír uma grande embarcação (a arca de Noé) em que se mettesse com sua familia toda e um par de animaes da cada espécie. Acabado o dilúvio a arca pousou sobre o monte Ararat, na Arménia, e os que estavam dentro saíram. Sem foi

o pae dos povos semitas, Japhet dos árias, Cham dos outros.

82

Tenho passados, I, 29 N. — Doutra Scylla e Charýbdis, II, 45, de logares tão perigosos como aquelle onde estavam S. e C. — *Acroceráunios* (dos altos raios), serra e promontório do Epiro, hoje Chimara, junto do qual havia pedras de má fama, onde se partiam os navios. *Infames scopulos Acroceraunia.* Hor , Od., I, 3_{20}.

83

Ó ditosos...!

O terque quaterque beati
Quis ante ora patrum, Troiae sub moenibus altis
Contigit oppetere.

Aen., I, 98-100.

Este lugar de Vergílio foi inspirado por exclamação análoga de Ulysses na tempestade alludida na nota á est. 80. Comp. Aen., III, 321-324. — *Se ganha a vida...*, IV, 78_{5-8}, ganha para si a vida, i. é, ganha, sacrificando a vida, a immortalidade da glória, e faz gostosamente o sacrificio para obter tão grande bem. *Dulce et decorum est pro patria mori.* Hor., Od., III, 2_{13}. A palavra vida está empregada na mesma oração em dois sentidos : representada pelo pronome, na accepção usual, e como complemento directo do verbo ganha, na accepção de immortalidade.

84

Enxárcia, os cabos. — *Os elementos*, VI, 10. — *Comsigo terem guerra*, desfazer-se a harmonia em que se encontram, voltando-se ao chaos, VI, 10_{6}. É expressão de muitos poetas; assim Luc., Phars., I, 634-635; Claud., Rap. Pros., I, 42-43.

85

Amorosa estrella, a chamada estrella da manhã (e da tarde), i. é, o planeta Vénus, que fica entre a terra e o sol e só pode vêr-se, em consequencia da sua pequena orbita, depois de se pôr o sol, ou pouco antes delle nascer. *Amorosa* porque Vénus é a deusa do amor e no ceu é astro de bonança.

> *Gia fiammeggiava la amorosa stella*
> *Per l'Oriente.*
>
> Pet., Son. 26.

Ensifero Orionte, Luc., Phars., I, 660, Orión ou Orionte, armado de espada. A constellação, bem conhecida, a que Orión deu o nome, era tida pelos antigos como mensageira de tempestades.

86

Aberto, largo, espaçoso.

90

Que com elle tudo acabe, que tudo delle conseguirá.

91

Se entregavam (os amadores, os ventos), se submettiam á vontade de Vénus (v. 7-8).

92

Enxergaram terra, a 17 de maio de 1498. — *Por onde o Ganges*. Refere-se o poeta á India em geral, pois Ganges corre muito longe do Malabar. — *Melindano*. II, 88$_{7-8}$; VI, 3, 5.

95

Por meio... Attingida a India, celebra o poeta nas restantes oitavas deste canto a constancia dos heroes

que, como Vasco da Gama e seus companheiros, se expõem ás maiores provações e perigos para conseguir grandes intentos. Devem os nobres imitar sempre taes exemplos : é com estes trabalhos e soffrimentos que se alcança a glória, e não na molleza e entre delícias, em que se effemina o carácter e se deixam escurecer os nomes illustres que se herdaram de heroicos antepassados. — *Troncos*, na dupla significação, figurada, de genealogia, ascendencia, os antepassados, a familia; e propria, de tronco d'árvore. — *Zebellinos*. A zebellina é um animal da Russia cuja pelle é muito estimada.

96

Exquisitos, delicados. — *Tem tão mimosos*, satisfaz tão bem.

97

Vigiando, velando. — *Torpes*, que entorpecem. — *Corrupto mantimento*, V, 71-2. — *Temperado com um árduo soffrimento*. Comp. « Comerás o pão com o suor do teu rosto ». Gen., III, 19.

98

Se enfia, se turva e empallidece. — *Para o pelouro*, encarando o pelouro.

99

Destarte... No meio de tal vida de trabalhos adquire o homem, além do hábito da virtude e do desinteresse, uma comprehensão superior das coisas humanas. Por isso num estado onde se dão os cargos aos que mais os merecem, e não se concedem por motivos de affeição, tal homem será chamado, sem o pedir, aos mais altos cargos, e mesmo contra sua vontade.

CANTO SETIMO

1

Chegados... Tinham partido de Melinde a 24 de abril, tomando o rumo de Calecut, cidade que lhes indicara o rei de Melinde como um dos principaes empórios indianos, e a 17 de maio avistaram a costa do Malabar. No dia 19 acharam-se em frente do monte de Eli, na costa de Cananor, que o piloto reconheceu, mandando seguir para o sul e passando á vista de Cananor; mas, enganando-se, mandou lançar ferro defronte de Capocate, aldeia de pescadores duas legoas ao norte de Calecut, tomando-a por esta cidade. — *De tantos*, VII, 51-54. — *Entre as correntes indicas* (o Indo) *e o Ganges que no ceu terreno mora*, i. é, o Ganges terrestre, em opposição ao Ganges celeste, ou parte celeste do seu curso, IV, 74_{1-2}. Pois conta a mythologia indiana que o Ganges (a deusa Gangá) vem do Paraíso, e o deus Xiva, abrindo os seus fartos e longos cabellos, fez com elles uma bacia, em que o recebeu, para amortecer o choque, e dahi correm as aguas para a terra. Comp. VII, 17_1, 18_{6-8}, 19_1. — *Sus!* (lat. *sursum*, de *subversum* ou *subvorsum*, para cima), alegrae-vos!

2

No curral amigo de Deus, i.é, na christandade, entre os christãos (ovelhas do Senhor). Comp. « Mettendo grande parte do povo idolatra no curral do Senhor. » Barros, I, 1, 2. — *Povo immundo*, $1, 8_6$, os muçulmanos. — *Cobiça*. Est. 7-9. — *Pouca obediencia da Madre...*, de-

sobediencia á Igreja Catholica. O pensamento destas bellas apóstrophes, est. 2 a 14, é o seguinte: chegastes finalmente á India, realizando vosso intento de tantos annos, ó portugueses! Sendo tão poucos, como são grandes as vossas obras, com que espalhaes a religião christã! Mas porque tão bem a servis? Porque sois valentes, e porque não guerreaes por cobiça nem para atacar a religião catholica. Os maiores povos da Europa consomem-se em lutas uns contra os outros e em combater os catholicos: diante do perigo muçulmano que a todos ameaça, se se hão de unir, dividem-se; ao passo que os muçulmanos contra os christãos estão sempre unidos. Dilacerae-vos, pois, ó povos christãos, que no entretanto o pequeno povo português a toda a parte do mundo vae levando a sua religião. Estas estancias desenvolvem um pensamento frequente na segunda metade do seculo XV e no seculo XVI: ante o poder crescente dos turcos na Europa parecia indispensavel colligarem-se os povos christãos para o atacar e parecia em tal occasião grande loucura e esquecimento dos deveres religiosos toda a guerra entre christãos. Foi aquella a grande preoccupação de alguns papas e foi um dos pontos tocados na célebre embaixada enviada por D. Manoel a Leão X em 1514. Tem o trecho reminiscencias de Orl. Fur., XVII, 73-78, e estreita relação com Barros, I, IX, 2.

3

Não pesaes, não reparaes como é fraco. — *Lei da vida eterna*, o christianismo, que dá a vida eterna, a bemaventurança, aos que o professam. — *Do ceu*, já no ceu. Comp. V, 80₃. — *Que tanto, ó Christo...*, comp. III, 15₈.

Tanto sovra ogni stato
Humiliate essaltar sempre gli piacque.
Petr., Son. 4.

4

Vêdelos alemães? vedes (l)os alemães? por assimilação do *s* ao *l* e sua queda subsequente, como em todolos (Gonçalves Vianna, Orthographia Nacional, Índice alphabetico). Assim no v. 5 com o pronome e na est. 5 outra vez com o artigo. — *Soberbo*, porque se rebelleram contra a autoridade do papa. — *Gado*, ovelhas, de que o papa até então era pastor; comp. VII, 24. — *Do successor de (S.) Pedro*, contra o papa. — *Novo pastor* (em vez do papa, segundo parece querer o poeta, mas não é exacto) *e nova seita*, Luthero e o protestantismo. O monge franciscano Martinho Luthero, queimando em 1417, em Nuremberg, as indulgencias, iniciou o movimento conhecido pelo nome de Reforma. Luthero condemnava, a principio, só o abuso da venda de indulgencias, depois condemnou as proprias indulgencias e successivamente a crença na intercessão dos santos e no purgatorio, a confissão auricular, os votos monasticos, o celibato ecclesiastico e a transubstanciação (transformação da substancia do pão e do vinho no corpo e sangue de Christo, na Eucharistía). Finalmente negou a autoridade do papa, e não reconhecendo mesmo a dos concílios, proclamou que não existia outra autoridade senão a Bíblia, que cada um tinha o direito de interpretar segundo a sua razão. Leão X condemnou Luthero numa bulla publicada em 1520 e ordenou que se queimassem seus escritos: o reformador queimou a bulla na praça de Wittenberg. — *Novo, nova*, inaudito e inadmissivel. — *Feias guerras*, entre protestantes e catholicos, que ensanguentaram o reinado de Carlos V. — *Que se não contenta* com o erro de rejeitar a autoridade do papa; mas luta com armas com os que lhe são fieis. — *Superbissimo*, III, 34, 99, poderosissimo. — *Otomano*, turco, III, 12; VII, 12. — *Jugo*, do papa.

5

O duro inglês. Allude especialmente a Henrique VIII (1509-1547). — *Santissima cidade*, Jerusalém. Os reis de Inglaterra tinham usado, ao tempo das cruzadas, e neste tempo retomado, o título de « rei de Jerusalém ». « Com as quaes vitorias... os reis deste reino... acrescentaram sua coroa com novos e illustres titulos que lhe deram, com mais justiça do que alguns principes desta nossa Europa tem nos estados de que se intitulam, dos quaes está em posse esta barbara gente de mouros, sem os poderem vindicar por lei de armas. Barros, I, 1, 1. — *Boreaes neves*, VI, 43_{5-6}. — *Torpe Ismaèlita*, I, 8_6, 64_6. — *Se recreia*, acha-se bem na sua patria, não quer saír della para ir tomar Jerusalém aos infieis. — *Nova maneira de christandade*, uma nova igreja christã, a igreja anglicana, constituída em 1534 por Henrique VIII e definitivamente organizada pela rainha Isabel em 1562, de que é chefe o soberano da Inglaterra. — *Para os de Christo.* Catholicos e não catholicos foram víctimas da crueldade de Henrique VIII e da preoccupação, que o dominava, de manter a supremacia da sua autoridade nas materias religiosas. — *A terra...*, Jerusalém.

6

Falso rei, o sultão da Turquia, que professa religião falsa, a muçulmana, e não tem por isso direito de possuir Jerusalém. — *Hierosòlyma*, forma grega da palavra Jerusalém. — *Celeste.* A opposição entre a Jerusalém terrestre e a celeste, i.é, entre o mundo e reinos temporaes, e a Igreja e reino de Deus, é logar commum na litteratura ecclesiastica. — *Gallo*, francês, III, 16; allude especialmente a Francisco I, rei de França (1515-1547). Os monarchas deste país tinham o título de christianissimos, I, 7. Por morte de Maximiliano I, imperador d'Alemanha, I, 7, em 1519, Carlos I, rei de Castella

(1516-1556) foi eleito imperador com o nome de Carlos V. Tambem Francisco I pretendia aquella corôa. Pouco depois começou uma longa luta entre os dois soberanos que, com varios intervallos, preenche o período de 1521 a 1544. Tratava-se da posse de differentes paises : o Milanês, Flandres, a Borgonha e a Navarra. Francisco I não só buscou o appoio dos protestantes da Alemanha, contra Carlos V, mas até o de Solimão, sultão da Turquia, que pelo oriente e sul ameaçava os estados do imperador e toda a Europa christã. Carlos V ainda teve depois que sustentar guerra com Henrique II de França. — *O nome christianissimo.* B. Tasso. Amor., II, Canz. I; Orl. Fur., XVII, 75; Barros, I, IX, 2. « Como assim se ganha na terra nome de defensores da fé, nome de christianissimos, catholicos...? »

7

Direito contra o Cinypho (hoje Ued Quaham, que se lança na Syrte Menor) e *Nilo* (IV, 62), de possuir o Cinypho e o Nilo. Estão os rios pelas terras : o primeiro pelas da Berbería (Tunes, Argel, Marrocos); o segundo pelo Egypto. — *Nome santo*, nome de christão : a religião christã e os christãos. — *Em quem...*, na mão de quem... — *Reprovar da Igreja o canto* (I, 91₃), a pedra da Igreja, isto é, a supremacia do papa (*Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam* disse Christo a S. Pedro (primeiro papa), Matth., XVI, 18). A expressão reprovar o canto, rejeitar, como se faz nas construcções a uma pedra que não é boa, vem do passo *Lapidem quem reprobaverunt aedificantes hic factus est in caput anguli.* Psalm. 117₂₂, a que alludem Matth., XXI, 42; Act., IV, 11; Pet., II, 7. Note-se a aproximação : *provar*, *reprovar*. — *Carlos* Magno, I, 13, que combateu os muçulmanos de Hespanha e sobretudo os germanos pagãos, a quem converteu ao christianismo, civilizando a sua terra com a criação de igrejas e mos-

teiros. — *Luís* (IX), S. Luís (1226-1270), que fez duas cruzadas, uma que se destinava a libertar a terra santa, mas que foi realmente dirigida contra o Egypto, e mal succedida, outra contra Tunes, em que o rei morreu de peste.

8

Divicias, riquezas. — *Valor antigo*, no tempo dos romanos. — *Inimigo de si*, i. é, umas partes do povo inimigas de outras, uns estados em guerra com outros tambem italianos (*de si mesma adversa*). Contrista-se o poeta ante o estado da Italia, que, se por um lado ostentava a brilhante civilização do renascimento, gosando as riquezas que accumulava o commercio e a industria, e comprazendo-se na producção de obras primas da arte e da litteratura, por outro lado se achava em lamentaveis condições moraes e politicas. A relaxação moral era extrema, mesmo nos homens da Igreja, e o país achava-se dividido em pequenos estados, dilacerados por lutas civis e inimigos uns dos outros. Os poetas italianos deploravam esta situação.

9

Pela ventura..., por ventura estaes destinados a matar-vos uns aos outros como os homens que nasceram dos dentes semeados por Cadmo? — *Dentes de Cadmo*. Dizia a lenda que fôra Cadmo, um phenício, que levantara a Cadméa, cidadella de Thebas e núcleo desta cidade; que antes disso, ao chegar á Beócia, matara um dragão que tinha devorado os seus companheiros; semeara depois os dentes delle por ordem de Minerva e da terra tinham nascido homens armados, que se mataram uns aos outros á excepção de cinco, que o ajudaram na sua empresa. — *Divina sepultura*, o Santo Sepulcro de Christo, em Jerusalém. — *Cães*, inficis.

Che'l sepolcro di Cristo è in man di cani.
Pet., Trionfo della Fama, II, 144.

...la sacra stanza
. . . . . .
Ch'ora i superbi e miseri cristiani
Con biasmo lor lasciano in man de' cani.
Orl. Fur., XVII, 73.

10

Aleto; cizânias, VI, 437. — *Elles*, os cães (os infieis). — *E vós...*, não são elles os vossos unicos inimigos; tambem vós o sois, porque, guerreando-vos uns aos outros, vos enfraqueceis.

11

Hermo, rio da Asia Menor; *Pactolo*, seu affluente. Das areias destes rios, especialmente do segundo, se dizia provirem as riquezas, tão celebradas, do antigo reino da Lýdia e do seu último rei, o famoso Creso.

Quod Tagus et rutila Pactolus volvit arena
Aurum.
Juvenal, XIV, 298-299.

Pattolo ed Ermo, onde si trae l'or fino,
Migdonia e Lidia.
Orl. Fur., XVII, 78.

Se na parte occidental da Asia Menor se não encontra actualmente oiro, acham-se comtudo variadas e valiosas riquezas mineraes. — *Lýdia*. Extendia-se este reino, no seu maior desenvolvimento, da costa do mar Egéo até ao rio Hály (Quisil Irmaque). O reino foi conquistado por Cyro, fundador do imperio persa, no reinado de Creso. — *Assýria*, região do Tibre medio, comprehendendo parte das montanhas de leste, e que foi núcleo dum vasto e poderoso reino, que chegou a englobar Babylónia e a extender-se até ao Mediterrâneo. — *Lavram* (trabalham, sem sujeito) *de oiro os fios*, fazem tecidos em que entram fios de oiro. São os bro-

cados da Asia Menor, Móçul e Bagdad. — *Luzentes veias*. Além do oiro da Guiné, que vinha a Portugal principalmente pela Mina, e tambem algum pelo forte de Arguim, sabiam os portugueses que no Benomotapa, X, 93_{5-6} (Sofala, Manica, Transvaal, Rhodésia Oriental), havia trato de oiro, e que já era muito antigo: assim desde logo tiveram conhecimento da grande região mineira da Africa do Sul, a que pertencem as grandes minas de Johannesburgo. — *Casa Santa*, o Santo Sepulcro, VII, 9.

12

Invenções feras. A pólvora, apesar de parecer ter sido já empregada no seculo VII no imperio romano (do oriente), talvez por indicação vinda da China, não continuou a empregar-se e seu uso esqueceu. Em 1314 o monge allemão Schwartz (Xvartz) descobriu de novo esta mistura explosiva, que passou então a empregar-se na artelharia, sendo a primeira vez pelos ingleses na batalha de Crecy, em 1346, na guerra dos cem annos. Na batalha de Aljubarrota tinham os castelhanos algumas peças. — *Fazei que torne*, I, 8; III, 12. Exhorta o poeta os europeus a expulsar da Europa os turcos, repellindo esses bárbaros para a sua antiga terra, mostrando que é vergonha permittir-lhes que vivam no meio da nossa civilização (*polícia*). — *Cáspios montes*, designa provavelmente os montes do Turquestão, considerados, porém, como continuação dos que a leste do Mar Cáspio separam a Pérsia do actual districto russo transcaspiano. — *Scýthia fria*, III, 128_7. Era uma designação que abrangia uma região enorme, habitada antigamente por povos nómadas, que se extendia desde o mar de Aral até aos Cárpathos. — *Multiplica*, intransitivo.

13

Georgianos, habitantes da Geórgia, no Cáucaso.

« Os Georgianos, Mingralianos, Charquezes, Roixos..., cativos e escravos de Tartaros e do Turco... » Barros, I, IX, 2. — *Povo bruto*, os turcos. Refere-se o poeta á violencia com que os turcos arrancavam os filhos aos christãos, para os converter ao islamismo e formar com elles a milicia dos janízaros. — *Alcorão*, III, 50.

14

Pequena casa, VII, 2_{2-4}. — *Quarta parte*, a America, onde possuíamos o Brasil, V, 43. — *E se mais mundo houvera...*, « uma nação a que Deus deu tanto ánimo que, se tivera creado outros mundos, já lá tivera mettido outros padrões de victorias ». Barros, I, IV, 11.

15

A branda Vénus..., VI, 85-91. — *Vão*, V, 58_3, orgulhoso; bravo. — *Repugnantes*, VI, 35_7, resistentes; bravos. — *Costume*, lei.

16

Á nova terra se chegaram, em frente de Capocate, VII, 1 N. — *Malabar*, VII, 22, faixa da costa occidental da India, entre os Gates e o mar, desde o Canará até ao Cabo Comorim. — *A terra toda possuía*. O rei de Calecut, o Samorim, era suzerano de differentes reis do Malabar, VII, 32, 36.

17

As est. 17 a 22 contém uma descripção de toda a India e correspondem a Barros, I, IV, 7. — *Além do Indo e aquém do Ganges*, VII, 19_1; X, 108_1; entre estes dois rios, posto que para o norte do Ganges ainda se extende uma região da India. — *Austral*, do sul. — *Abrange*, limita. — *Emódio*, forma grega de Himálaia (hima-alaia, morada da neve) nome da extensa e altissima cordilheira (o Gauri-Sancar ou Éverest, com 8.845^m,

é o ponto mais alto do globo) que se ergue ao norte da India. Os nossos empregaram ordinariamente a forma Imáo. — *Reis diversos*, de diversas raças e que professam differentes religiões, que mantém em seus reinos. — *Vicioso*, I, 2_3. — *Mafoma adoram*. Os muçulmanos não adoram Mafoma, que não é encarnação de Deus, é simplesmente seu propheta; mas tem por elle a maior veneração.

18

No grande monte, IV, 7_4; X, 105_{6-8}. Tanto o Indo como o Ganges, e todos os seus maiores affuentes que vem do norte, correm do Himálaia. Allude o poeta ás terras da Pérsia, que suppõe ligadas, como o Himálaia, ao Pamir, e pelo occidente, pela Arménia, ligadas ao Tauro; porém estas differentes serras não formam um systema de cordilheiras, como indicavam algumas cartas antigas. — *Chersoneso*, II, 5_4, península.

19

Entre um e outro rio, VII, 17_1; X, 108_1. — *Longa ponta*, a parte peninsular da India, o Decã, é triangular, formando o cabo Comorim a ponta meridional, proximo da qual está situada a ilha de Ceilão. — *Braço gangetico*, o rio Ganges. — *Do cheiro*. Comp. as redondilhas de Camões *Escrevem alguns autores...*

20

Mas agora, mas, para tratar agora dos habitantes... — *Novos*, VII, 4_4, 5_6. — *Delis*, de Deli (ing. Délhi). — *Patanes*, de Patna; povo notavel do Hindustão. — *Decanis*, do Decã. — *Oriás*, de Orixa, junto ao baixo Ganges. — *A esperança*. Julgam lavar-se de seus pecados banhando-se no Ganges, que consideram como rio sagrado, I, 8_8; X, 121_{1-4}.

21

Cambaia, reino que comprehendia a península de Guzerate. — *Poro*, rei do Panjabe, que combateu com Alexandre. Não parece haver motivo para suppôr que seus dominios se extendessem até onde depois se levantou o reino de Cambaia. — *Narsinga*, reino no Decã, assim designado, do nome de um dos seus reis, tambem chamado reino de Bisnaga, do nome da sua capital. Era rico em oiro e sobretudo em pedras preciosas. — *Do Canará*, de ataques do Canará. Este nome designa aqui o reino de Narsinga.

22

Gate, significa « escada ». — *Fralda estreita*, VII, 16. — *Calecut* já no seculo XIII era importante porto de commercio. — *Samori ou Samorim*, parece ser a palavra indiana *Samudri*, derivada de *Samudra*, mar, que deve significar marítimo, senhor do mar; deve ter sido um título dos reis de Calecut. — Termina aqui a descripção geral da India; a especial do Malabar encontra-se nas est. 32 a 41.

23

Um português, o degradado João Martins, christão novo, acompanhado do piloto mouro. — *Arte*, os modos. — *Gesto*, as feições.

24

Berberia, VII, 7 N. — *Anthéo*, III, 774. — *Ou pela vizinhança*... Segundo Barros, I, IV, 8, e Goes, Chron. de D. Manoel, I, 39, Monçaide era corretor de mercadorias em Calecut e teria tido trato com portugueses em Ourão (Oran). Gaspar Correia falla de um castelhano de Sevilha, que teria sido cativado e obrigado a adoptar a religião muçulmana. O Roteiro menciona, como Goes, dois mouros de Tunes que fallavam castelhano

e genovês. — *Assinalado do seu ferro.* « Do ferro dos quaes (portugueses) podia elle (um mouro de Moçambique) ou cousa sua andar assinalado ». Barros, I, 4_4; « por terem experimentado o seu ferro », Barros, I, IV, 9.

25

Quem te trouxe? « Al diabro que te doo : quem te traxo aquà ». Rot. pg. 51 ; Castanheda, I, 15. — *Por onde nunca veiu...*, I, 1_3, 27_3; V, 41_{-2}, 37_3. — *Por onde...*, com que (com a qual viagem) se acrescente, i. é, para que com esta viagem se acrescente a lei divina, se propague a religião christã.

26

Oppressões, riscos e trabalhos. — *Só para o rei relevava*, só ao rei devia a mensagem ser entregue. — *Fóra da cidade.* « El rei estava (habitualmente) fora da cidade, em uns paços que seriam della quasi meia legoa, entre palmares, e a gente nobre apousentada por derredor ao modo que cá temos as quintas ». Barros, I, IV, 7. Isto faziam para evitar a impureza que, segundo as crenças da India, lhes proviria do contacto com os mouros que habitavam a cidade. Nesta occasião estava, porém, o Samorim muito mais longe de Calecut, em Panane, segundo Castanheda e Damião de Goes.

28

Bem conhece, por ter visto em Ourão navios portugueses.

29

Prompto, III, 3_1; V, 24_6; VII, 59_2, 67_5; VIII, $43_{,5}$. — *Qual se ajuntava.* Orpheu, III, 1, poeta e musico da Thrácia percorria as florestas do Rhódope (Despoto Dagh) e o seu cantar e os sons da sua lyra tinham tal encanto que as feras, tornadas mansas, se lhe ajunta-

vam em torno a escutá-lo e as árvores se arrancavam do solo para o seguir. Sua esposa Eurýdice foi mordida por uma serpente venenosa e morreu. Orpheu desceu aos infernos e com o seu canto, acompanhado da lyra, moveu Plutão a restituír-lhe a esposa. Poseram-lhe, porém, a condição de que não pertenderia vê-la antes de chegarem á terra. Orpheu vinha adiante. Onde começou a penetrar no caminho a claridade do dia, ainda tenue, o poeta voltou-se para ver Eurýdice e perdeu-a para sempre.

30

Meu paterno ninho, I, 10_4; VII, 68_8; VIII, 3_3. — *Destino ou ventura* (acaso), como *fortuna ou caso*, I, 32_2. — *Commetterdes tal caminho*, I, 27_{1-2}; VI, 14_7. — *Não é sem causa*. Veja-se a nota á est. 31. — *Ignoto*, aos habitantes destas terras. — *Nunca doutro lenho*, I, 1_3, 27_3; V, 41_{-2}, 37_3, 41_8; VII, 25_{5-6}.

31

Algum serviço seu. « Não está em razão que homens tão occidentaes dos fins da terra venham ao Oriente por vias não sabidas senão para algum grande misterio que Deus quer obrar por vós ». Barros, I, IV, 11. — *Diverso povo*, povos distinctos na raça e costumes. — *Prosperado*, rico. — *Ouro luzente e fina pedraria*, VII, 21_{3-4}. — *Cheiro suave*, a canela (em Ceilão). — *Ardente especiaria*, a pimenta. Comp. II, 4_3; V, 28_7.

32

As est. 32 a 41 comprehendem a descripção politica e ethnographica do Malabar, em que o poeta segue de perto a Barros, I, IX, 3. — A lenda de *Saramá Perimal*, est. 32-36, encontra-se em Barros, I, IX, 3, Castanheda, I, 13 e Duarte Barbosa (na Collecção de notícias para a

historia e geographia das nações ultramarinas, II, pp. 312-313); e em Zinadim, Historia dos portugueses no Malabar, publicada e traduzida pelo Sr. David Lopes, pg. 20-24. Vejam-se as pag. LVI-LIX da Introducção. Comp. Couto VII, x, 10.

33

Seio (golfo) *Arabico*, o mar Vermelho.— *Instituiram*, criaram, doutrinaram. — *De sabias*, por serem sabias (as gentes). — *Lei*, a religião (a mahometana). — *Presuppôs*, formou o intento de...

34

Curioso, ansioso. — *Onde jaz...*, onde está sepultado Mahomet. Está em Medina, mas o poeta indica ao mesmo tempo Meca e Medina. — *Acceitos* (a elle), queridos.

35

Coulão, hoje Quilon. — *Trato*, commercio, VII, 41$_7$.

36

Samorim, VII, 32$_8$.

37

Lei, VII, 33$_7$. — *Não misturar*, por alliança de casamento ou mesmo de amores. — *Casta*. A est. 38 explica o que é, mas a respeito, não da *casta antiga* dos naires, mas da dos *Poleás* (Párias).

39

Samaria (aqui Samária), era uma cidade da Palestina, da tribu de Ephraím, que fôra capital do reino de Israél. Quando em 721 A.C. Salmanazar, rei da Assýria, submetteu e extinguiu este reino, arrasou Samaria, mas logo a reedificou, fazendo-a habitar e ao territorio

respectivo, por uma mistura de judeus e cutheus, estes últimos de proveniencia incerta e que conservaram algum tempo a sua religião. Depois passaram a professar todos a religião judaica, mas com certas particularidades, que faziam que os judeus os tivessem por scismaticos e quasi herejes. Quiseram os samaritanos oppôr-se á reconstrucção do templo de Jerusalém quando Cyro, rei da Pérsia, deixou voltar á Palestina os judeus que estavam em Babylónia e lhes permittiu levantar aquelle templo. Como o não conseguiram, levantaram outro templo em Samaria para ser o centro dos samaritanos. As differenças foram sempre crescendo: ao tempo de Christo os judeus odiavam os samaritanos e era esta palavra o maior insulto que dirigiam a alguem. — *Adarga*, escudo redondo.

40

São os seus religiosos. Pertencem as funcções religiosas á casta dos brámanes (em Camões brámenes), que é a primeira e muito orgulhosa de sua superioridade. — *Um que primeiro...* Dizia-se ter sido Pythágoras o primeiro que empregara as palavras philósopho e philosophia, que a si tinha applicado e á sua doutrina. Pythágoras nasceu na ilha de Samos, junto da costa da Asia Menor. Viveu a maior parte da sua vida nas cidades gregas do sul da Italia. Os seus discípulos, espalhados por differentes cidades, formavam até certo ponto uma confraria, com apertadas prescripções acerca do vestuario, alimentação e outras coisas da vida; na sua doutrina, que só indirectamente conhecemos, avultava a crença da metempsycose (*meta*, para além; *psyche*, alma) ou transmigração das almas, i. é, acreditavam os pythagoricos que cada alma tinha já vivido noutros corpos outras existencias e depois da morte por outras havia ainda de passar. Desta crença, que é uma das que caracterizam a philosophia e as religiões dos hindús, e de

outros pontos da doutrina pythagorica, como a abstinencia de alimentação animal, tem alguns julgado dever inferir-se que aquelle philósopho por qualquer via teve conhecimento das doutrinas indianas e dellas se aproveitou. Tambem Camões nota a semelhança das duas doutrinas.

41

Geraes são as mulheres, na casta dos naires. Cada mulher desta casta casa-se nominalmente com um naire, consistindo a cerimonia em este lhe lançar um cordão ao pescoço. Feita esta cerimonia, usa de toda a liberdade com os da sua casta. As heranças, de reino ou de propriedades, transmittem-se pela linha feminina, como é natural num regimen onde ha incerteza de paternidade. Barros I, IX, 3; Couto, VII, X, 11; Duarte Barbosa. — *Grossa em trato*, VII, 35. — *Que as ondas podem dar*, que os navios lhe podem trazer. — *Nilo*, IV, 62.

42

Buscar mandara. Vasco da Gama mandara dois portugueses ao Samorim a prevení-lo da sua vinda e a pedir-lhe audiencia. Mandou-o o Samorim esperar no porto de Pandarane, por não ser lugar seguro aquelle onde estava, e passados dias mandou alli o catual com muitos naires e carregadores, ao todo cerca de 200 pessoas, a recebê-lo e acompanhá-lo a Calecut. Sobre as contradicções dos historiadores acerca das localidades veja-se David Lopes, ob. cit., pg. 34, nota 2.

43

Parte. A 28 de maio.

44

Nos braços o levava, II, 101[2]. — *Portatil leito*, palanquim. — *Que* (o leito).

45

Torre de Babel, IV, 64; VI, 74.

46

Fábrica, construcção. — *Sumptuoso templo*. Referem os historiadores que os portugueses atravessaram um templo antes de chegar aos paços do Samorim.

47

Gestos, rostos. — *Lhe fingia*, lh'as fazia imaginar. — *Qual a Chimera...*, esculpturas que representam deuses em figuras mixtas de forma humana e formas de animaes, como se representava a Chimera. Era esta um monstro da mythologia grega, metade leão, metade cabra, com cauda de dragão; tinha tres cabeças que vomitavam chammas. Foi morta por Bellerophonte.

48

Na cabeça cornos, subentende-se *tinha* do v. 3. — *Júpiter Ammón*. O deus egýpcio Ammón, um dos principaes daquelle país, identificado com Ra (o Sol), tinha um santuario celebre no oásis hoje chamado Siva, numa depressão do deserto lybico situada a 70 m. abaixo do nivel do mar. Havia alli um oráculo famoso, i. é, os sacerdotes davam, ás consultas que àcerca do futuro lhe faziam, respostas que apresentavam como inspiradas pelo deus. Os gregos identificavam com os seus deuses os dos povos estrangeiros e assim a Ammón chamaram Júpiter. Ammón era representado com pontas de carneiro, como muitos outros deuses do Egypto eram representados com formas em parte ou totalmente animaes. — *Jano*, deus italico, era representado com duas cabeças. — *Briareu*, V, 51 N. — *Anúbis*, deus egýpcio, adorado em Mémphis e outras cidades, figurado com cabeça de cão.

49

Vão, que segue uma religião falsa.

50

Edificam-se, acham-se edificados.

51

Cêrca, o muro que rodeava os jardins. — *Subtileza*, II, 113₂. — *Dedálea faculdade*, IV, 104, arte da architectura. — *Em figuras*. Os portaes dos templos e recintos reaes indianos eram ornados de muitas esculpturas. Figura Camões que nos da cêrca dos paços se vêem relevos que representam as tres expedições mais célebres que se fizeram á India, a de Baccho, a de Semíramis e a de Alexandre, e que logo é communicada aos portugueses uma prophecia (est. 55) segundo a qual viria ainda um outro povo que sujeitaria toda a India (os portugueses). Das tres expedições a primeira é puramente mythica; a segunda é historicamente falsa; só a terceira se realizou. « Partes onde... excepto a illustre Semiramis, Baccho e o grande Alexandre, ninguem ousou commetter. » Barros, I, I, 1.

52

Terra que o Hydaspe lava, I, 55. — *Um capitão...*, I, 30-32; VI, 32, Baccho, representado como alegre mancebo (de fronte lisa), II, 10₁₋₂. — *Frondentes thyrsos*, varas ou lanças enramadas de folhas de videira e de hera. — *Nysa*, 1, 31. — *Proprio*, parecido. — *Sémele*, aqui Seméle, I, 30 N.

53

Secca o rio. Por ser muita. — *Assýria gente*, VII, 11. Na Assýria levantou-se um reino poderoso, que na época da sua maior expansão chegou a comprehender

Babylónia e as regiões a oeste, até ao mar do Levante. Teve fim este reino, cuja capital era Nínive, junto do rio Tigre, da qual restam ruínas, defronte de Móeul, em 623, quando Cyro, rei dos persas, o conquistou. — *Uma tão bella...* Semíramis. A historia da Assýria foi-nos transmittida pelos autores gregos e latinos numa forma muito alterada. Sobre a raínha Semíramis veja-se Diodóro Sículo, II, 4-20 e Justino I, 2. Eis os principaes elementos da sua lenda. Semíramis era filha da deusa Derceto, adorada em Ascalon, na Sýria, a qual a abandonara num sitio ermo. Crearam-na umas pombas e depois encontraram-na e tomaram cargo della uns camponeses. Casou com um official do rei Nino da Assýria; por sua formosura e intelligencia adquiriu grande ascendente sobre o ánimo do rei, mòrmente depois que, graças aos conselhos d'ella, conseguiu tomar Baetra (Balque.) Por fim o rei desposou-a. Mais tarde, morrendo Nino, fica Semíramis senhora do reino. Então executa uma série de campanhas, quasi todas victoriosas; mas na India dizia-se que fôra infeliz. Após muitos annos de reinado transformou-se em pomba e desappareceu. Outra versão diz que seu filho Nínyas, que lhe succedeu, a assassinou. Tambem se referia que a raínha amara incestuosamente este filho. Certas partes da historia de Semíramis tem o cunho lendario; outras são perfeitamente mythicas (a sua origem, os amores com o cavallo, Plin., H. N., VIII, 64₃, etc.). Nem na historia da Assýria, de que ja hoje temos bastantes informações directas tiradas das incripções, se encontra menção de tal raínha nem dos factos que lhe são attribuídos. Parece que em Semíramis se deve vêr uma deusa, á qual, dada como raínha da Assýria, se attribuíram diversos feitos militares e politicos, uns executados por differentes soberanos do país, outros talvez imaginarios. Nas inscripções assýrias encontra-se todavia menção duma princesa deste nome, Samuramita.

54

Terceira monarchia, que englobou a India (pequena parte della). — *E subjugavam* (a parte da India que se extende) *até as aguas*. — *Aguas Gangeticas*. Alexandre não chegou, porém, ao Ganges : não passou do Hýphase (Jalem), I, 13. — *Que já não de Philippo*... Alexandre era filho de Filippe da Macedónia. Tendo-o o oráculo de Júpiter Ammón (VII, 48), chamado filho de Júpiter, Alexandre deu-se dahi para diante como tal e assim pretendia que o considerassem. — *Sem falta*, sem dúvida. — *Se exalta*..., se vangloria de ser filho de Júpiter.

55

Magos, adivinhos. Vejam-se em Gaspar Correia, Lendas da India, Vasco da Gama 1497-1499, Cap. XV, as prophecias dos feiticeiros de Cananor. — *Especularam*, viram, pela arte magica.

56

Que contra o ceu..., comp. V, 58_5. — *Será no mundo ouvido*..., IV, 53, o vencedor será tido pelo mundo por glória do vencido, i.é, será considerado glorioso para os da India serem vencidos por um povo tão heroico como os portugueses.

57

Preço, valôr da materia; *lavôr*, trabalho. — *No recostado gesto*... Está recostado; em seu rosto se conhece... — *Gemmas*, pedras preciosas.

58

Herva ardente, betél, planta aromatica, que os indios usam mascar. misturada com outras substancias. — *Brâmene*... *preeminente*, VII, 40_1.

59

Prompto em vista, III, 3; VI, 70; VII, 67; VIII, 43. — *Lhe falla*, pelo intérprete.

60

As partes onde o ceu..., onde o sol desapparece, as terras do occidente, I, 1_2. — *Volubil*, que gira constantemente, dando volta completa (*roda*) em 24 horas. — *Com perpetua roda...* Os ceus executam o movimento diurno apparente, resultado do movimento de rotação da terra, levando comsigo o sol, e assim escondem sempre este astro de metade da terra, que o não vê, porque entre ella e o sol se interpõe a outra metade. — *Responde*, echôa. — *Como em ti...*, de que em ti...; explica a palavra *rumor* (notícia, fama).

61

Longos rodeios, II, 110_{1-2}. — *Manda* intransitivo. — *Do Tejo ao Nilo*, VI, 60_5, comp. III, 71. — *Plaga*, praia. — *Gelanda* ou *Zelândia*, provincia marítima da Hollanda, principalmente formada de ilhas. — *Até bem donde o sol...*, até ao equador, onde a grandeza dos dias não varia com as estações, porque o círculo descrito pelo sol em cada dia é sempre perpendicular ao horizonte e portanto este o divide em duas partes iguaes, uma superior ao horizonte, que corresponde ao dia, outra inferior, que corresponde á noite. A expressão *mudar o estylo*, usada por differentes poetas, refere-se ao estylo ou haste do gnómon. « O sol não muda muito o estylo » quer dizer o comprimento da sombra projectada pelo estylo do gnómon, ao meio dia, varia pouco com as estações no equador, em comparação do que succede nos outros pontos do globo. A distancia zenithal do sol varia no equador de 0°, a que não corresponde sombra, a 23°27'1/2. — *Ethiópia*, I, 42, Africa.

62

Nua, franca, sem dobrez.

63

Me dês..., e te pede que me dês... — *Certissima*, bem decidida.

65

Já nisto punha a noite...

> *Et jam prima quies mortalibus aegris*
> *Incipit et dono divum gratissima serpit.*
> Aen., II, 268-269

66

Regimento, instrucções. — *Lei*, VII, 33, 37; etc.

67

Mancebo Délio, V, 91. — *Monçaide*, VII, 24. — *Prompto*, III, 3; VI, 70; VII, 59; VIII, 43.

68

Porque (para que) *soubesse* (o rei). — *Meu ninho*, I, 104; VIII, 33. — *O sol*, porque se esconde na Europa e na Berbería da banda do Atlantico.

69

Lei, VII, 33, 37, 66. — *Um propheta*, Jesus Christo (os muçulmanos consideram-no como simples propheta), filho da Virgem Maria. — *Tal que por bafo...*, que se acredita ter sido concebido por obra e graça do Espírito Santo. — *Meus antigos*, meus antepassados. — *É vulgado delles*, corre a respeito delles. — *Se parece*, se mostra.

70

Na africana parte. Refere-se ás conquistas e lutas dos portugueses em Marrocos. O poeta cita algumas em IV, 48, 49, 54, 56.

71

Esforço e manha, I, 2_8 e N; II, 59_5; V, 86_7; VIII, $26_{3\ 4}$, 29_5, 41_4. — *Pyrene,* III, $16_{5\text{-}6}$. — *Assi que,* de modo que. — *Se tem,* lutam. — *Asselo,* asseguro. — *Marcello,* Marco Claudio Marcello, general romano, cinco vezes cónsul, que se distinguiu na segunda guerra púnica; bateu as tropas de Annibal em Nola (216 A.C.) e em Canúsium (210); tomou Syracusa (212) e morreu em 208 numa embuscada combatendo contra as forças de Annibal. III, 116.

72

Fundido metal, X, 103_5, artelharia, que tudo penetra. — *Policia,* VI, 2_2; VII, 12_8.

73

Idolátra, II, 54_3; VIII, 85_2; X, 147_6. — *Naira geração,* VII, 37. — *Capitaina,* II, 22_2, a nau do capitão mor Vasco da Gama.

74

Rico fio que o bicho gera, a seda. — *Aventureiras,* arriscadas. — *Os olhos apascenta,* VI, 10_4.

75

Seita epicurêa. A escola philosophica de Epicuro fazia consistir a felicidade do homem no sossego do espirito, livre de superstições e exercitado no estudo da natureza. Erradamente se entendeu que elle proclamava como ideal da existencia o prazer, e em especial

os prazeres grosseiros dos sentidos, e daqui proveiu o descrédito em que caíu aquella philosophia. — *O licôr*, o vinho, que Noé ensinou a produzir. — *Lho defende*, comer com pessoas doutra religião.

76

Diabolico instrumento, as bombardas.

77

Transunto, retrato. — *Soberano*, majestoso. É provavelmente o que se deve lêr em vez de *venerando*, que a rima não consente, no v. 4 desta estancia, tambem deturpada na edição de 1572 nos v. 1 e 3.

78

Um ramo na mão tinha, VIII, 1. — *Que commetto?* que emprehendo? — *Nymphas do Tejo e do Mondego*, I, 4_1; III, 135_1; V, 99_7, 100_4.

79

Agora... agora, umas vezes... outras vezes. — *Canace*, filha de Éolo, rei dos ventos, commetteu incesto com seu irmão Macareu. Éolo mandou deitar aos cães o filho nascido destes amores, para que o espedaçassem, e enviou a Canace uma espada para ella se matar, o que Canace cumpriu. Macareu fugiu para Delphos e foi depois sacerdote de Apollo. Ovídio inclue nas Heróidas uma carta, que suppõe escrita por Canace a Macareu, antes de se matar. Nesta se encontra o verso

Dextra tenet calamum; strictum tenet altera ferrum.
Her., XI, 3.

Comp. V, 96_3; X, 155_{1-2}.

80

Ás costas (a um naufragio em baixos costeiros) *escapando a vida*, oração de gerundio, X, 128. — *Dum fio,*

VIII, 28$_3$, expressão vulgar, proveniente da concepção que inspirou o mytho das Parcas. — *Rei judaico*, Ezechias, que, avisado pelo propheta Isaías de que era chegada a hora da sua morte, pediu a Deus, e obteve, mais quinze annos de vida. IV, Reg., xx, 1-6.

81

Tal premio, o que o poeta descreve nos quatro últimos versos. — *A troco*, em vez de.

82

Comp. esta est. com 92-100 do canto V.

85

Que por comprazer, que, para se insinuar no ánimo das pessoas e as fazer patrocinar os seus interesses, as lisonjeia, fingindo adoptar-lhes e approvar-lhes as inclinações e opiniões, simulando de cada vez as da pessoa com quem trata, e tomando portanto differentes formas, como as tomava Protéo, I, 19. — *Camenas*, V, 63$_8$, musas.

86

Razões aprende, está sempre inventando pretextos para pagar mal a quem serve, não reparando que, se fosse quem servisse, acharia escassa tal retribuição, e procedendo assim julga administrar bem. — *Escassa*, excessivamente parcimoniosa, avara.

87

Amada vida, III, 37$_7$, 134$_8$; IV, 29$_8$. — *Furia*, I, 5. — *Onde*, VII, 25$_8$, no qual acto (de arriscar a vida por Deus e pelo rei).

CANTO OITAVO

1

O mauritano sabio, VII, 24 sg., 77_2, Monçaide.

2

Donde (de quem) *a fama...*, I, 24, 39; III, 21.

3

Filho ou companheiro do Thebano, I, 30, 39; III, 21; VIII, 4. — *Ninho*, I, 10_4; VII, 68_8; VIII, 3_8. — *Parece vindo ter*. Na lenda de Hércules figuram alguns mythos, como o das Hespérides e o de Geryão, que eram localizados no occidente, o último na Hispánia. Com o heroe grego Hércules confundiu-se o deus phenício Melcart, cujo culto os phenícios levaram para toda a parte onde estabeleceram feitorias, por exemplo á Hispánia; por isso não admira dizer-se que tambem na Península tinha Hércules praticado suas proezas. — *Já dito Elýsio*. Segundo as crenças dos gregos, as almas dos bons iam depois da morte para os Campos Elýsios. O nome de Luso, Lysa ou Lýsias suscitou a lembrança de collocar na Lusitánia os Campos Elýsios, o que era uma maneira de engrandecer a amenidade e encantos de Portugal. A identificação, que se fez, do rio Lima com o Lethes, VIII, 27 N, pode ter concorrido para isso; e esta localização estava de accordo com as tradições

que collocavam o país dos mortos ao occidente, do lado onde o sol *morre* cada dia. Quis-se tambem estabelecer relação entre os nomes Lýsias, Elýsio e Elysa (Elisa), neto de Noé, Gen., X, 4, que teria vindo á Peninsula e teria sido o verdadeiro fundador de Lisboa.

4

Thyrso, VII, 52. — *Outro*, Ulysses, que, perdendo-se ao voltar de Troia para Íthaca, sua patria, teria vindo até á foz do Tejo, e teria fundado Lisboa, III, 57. A aproximação que se quis fazer entre o nome deste heroe e o antigo nome de Lisboa, Olisípo, é que deu origem á lenda erudita da fundação de Lisboa por Ulysses. Assim como as cidades da antiga Italia, Roma e muitas outras, se ufanavam de tradições que attribuíam a sua origem a heroes gregos da guerra de Troia ou seus descendentes, assim tambem nos seculos XVI e XVII se forjaram muitas lendas para explicar a origem das povoações portuguesas, attribuindo-a a heroes da antiguidade. O ponto culminante deste modo de encarar a historia encontra-se na *Monarchia lusitana* de Fr. Bernardo de Brito. A lenda a que allude o poeta deu assumpto a dois poemas epicos, a Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro, e o Ulyssipo de Antonio de Sousa de Macedo. — *Pallas*, Minerva.

5

Batalhas, batalhões. — *As aguias*, VIII, 8_{1-2}. insignias militares dos romanos. Não se pintavam em bandeiras, collocavam-se na extremidade de longas hastes.

6

Viriato, I, 26_4; III, 22_{1-4}. — *Injuriada tem*, I, 29 N. — *Primor*, glória, de vencer lealmente. — *Com*, comba-

tendo contra. — *Pyrrho*, rei do Epiro, que invadiu a Italia, vencendo os romanos em Heracléa (280 A.C.) e em Ásculum (279). Foi por fim vencido pelos romanos na batalha de Benevento (275).

7

Manha vergonhosa, I, 26 N. — *Espanta*, amedronta. — *Outro*, Sertório, I, 26, que, por ter sido da patria, contra elle irosa, desterrado, contra ella se alevanta, á nossa frente (á frente dos lusitanos).

8

Estas aves de Júpiter validas, VIII, 5s. A aguia era a ave de Júpiter. — *De nós*, por nós. — *É a sua divisa*, figura junto delle, como os animaes heraldicos acompanhavam, em pintura, os donos dos escudos.

9

O grão progenitor, III, 25 sg. — *Nado*, nascido. — *Lotharingia* (mod. *Lorraine*, port. Lorena), estado formado em 855, depois da morte de Lothário I, para seu filho Lothário II, e que mais tarde se encontra dividido nos dois ducados da Alta Lorena e da Baixa Lorena. É a este último que se allude. Sobre as tres versões acerca da origem de D. Henrique, Hungria, Lorena e Borgonha, veja-se Faria e Sousa, Lus. Com., III, 25; Mon. Lus. Parte III, VIII, 1; Sousa, Hist. Gen., I, 1; D. Ribeiro de Macedo, Nascimento e Genealogia do Conde D. Henrique; A. Pereira de Figueiredo, Mem. da Acad. R. das Sc., 1825, IX, pg. 270. — *Co' os mouros*, além dos mouros... — *Á Casa Santa*, III, 27.

11

No Estýgio lago, IV, 40. A fama, considerada com divindade, jura pelo Estýgio, como costumavam os deuses. — *Para quem...*, que Deus recebe no ceu.

12

César, I, 13. — *Alexandre*, I, 3. — *Se tiveram...*, se tivessem... não se extenderiam.

13

Alumno, D. Affonso Henriques, de quem Egas Moniz era aio. — *Torne ao campo*, na batalha de S. Mamede, contra a mãe III, 31. — *Espelho*, exemplo.

14

Vello? (vês-lo? VII, 41-5, 51; VIII, 20, 23, 27, 30) *cá vai co' os filhos*, III, 35-41. — *Siso*, prudencia.

15

O *cónsul*. Estando os romanos em guerra com os samnitas, achava-se o exército romano em 321 A.C., em Calácia, não longe de Cáudium (hoje Airola) cidade do Sámnium, entre Benevento e Catália, nas fronteiras da Campánia. Commandavam-no os cónsules Vetúrio Calvino e Postúmio Albino. Os samnitas, querendo surprehender os romanos, fizeram-lhes crêr que o exército samnita estava cercando Lucéria, na Apúlia. Os cónsules, para lhe levar prompto soccorro, resolveram seguir o caminho mais direito, no qual tinham que atravessar duas serras separadas por uma planície. Cada serra se passava em longo desfiladeiro (forcas, *Caudinae fauces*). Passaram o primeiro e a planicie, mas ao chegar ao segundo, encontraram-no vedado e as alturas occupadas pelos inimigos. Retrocederam, mas acharam o primeiro já semelhantemente obstruído e occupado. Não podendo forçá-lo, tiveram de acceitar as condições que lhes impunham os inimigos: entregar as armas e as vestes, conservando apenas uma túnica (como quem diria ficando em camisa) *e passar por debaixo do jugo*, cerimonia eminentemente affrontosa. O jugo era formado

por duas lanças cravadas no solo e uma horizontal presa naquellas. Os cónsules e todos os officiaes e soldados, em simples tunica, passaram por debaixo do jugo, frementes de vergonha; mas esta affronta incitou depois o odio dos romanos contra os samnitas e conseguiram tirar a desforra, submettendo por fim aquelle povo. Daqui a expressão « passar por debaixo das forcas caudinas » i. é, por debaixo do jugo, como os romanos nas forcas (desfiladeiro) junto a Cáudium, quer dizer « ficar vencido ». — *De ignorante*, por (ser) imprudente, inhabil. — *Pelo seu povo injuriado*. Indignado pela acceitação, aliás forçada, das condições impostas pelos inimigos, o exército increpou os cónsules e quis aggredí-los. Entre as condições figurava a do abandono de todas as conquistas e a entrega de 600 refens. Limitaram-se os cónsules, prudentemente, a prometter a entrega das conquistas, declarando-se incompetentes para celebrar um tratado. Roma não ratificou tal promessa.— *A si só*, i. é, sem a familia. — *Os filhos naturaes*, seus proprios filhos.

16

Vês este... D. Fuas Roupinho, alcaide mor de Porto de Mós, estando cercado nesta villa pelos mouros, conseguiu romper o cêrco, aprisionou os principaes e foi entregá-los a D. Affonso Henriques, que estava em Coímbra. — *Nesta armada*. Segundo tradições sem fundamento historico, D. Fuas Roupinho teria derrotado uma esquadra mourisca, junto ao cabo de Espichel; e teria levado depois as suas excursões até ao estreito de Gibraltár (Serra de Abyla, est. 17) perecendo, porém, ali num combate, est. 17_{5-8}.

17

Serra de Abýla, III, 18, 77.

18

Armada nova, armada de cruzados de Inglaterra, Flandres e Allemanha (segunda cruzada), que auxiliou D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa, III, 57 sg. — *Henrique*, de Bona (Bonn), morto na tomada da cidade, em cujo túmulo, no mosteiro de S. Vicente, referia a tradição que nascera uma palmeira e se operavam milagres. — *Por elles* (refere-se ao collectivo *ajuntamento*), em attenção á sua dedicação.

19

Um sacerdote, D. Theotonio, Prior de Santa Cruz, a quem D. Affonso Henriques dera Leiria, III, 55. — *Por quem...*, pelos mouros. — *Segurança*, sangue frio, presença de espirito. — *Primeira subindo*, Mem Moniz, filho de Egas Moniz (est. 20), na tomada de Santarem, III, 55$^{6-8}$.

20

Onde Sancho, III, 75$^{6-8}$, 85^{4}. — *Vandália*, III, 60, Andalusía. — *Hispalico*, sevilhano (*Hispalis*, Sevilha).

21

Que desce pela lança. Refere a tradição que Giraldo, cognominando Sem Pavor, nobre cavalleiro, se tinha retirado, por causa duma morte, á serra de Montemuro, onde tinha feito uma espécie de castello, e á frente dum bando numeroso passara a viver uma vida de incursões e rapinas. Desejando obter o perdão do rei, concebeu o projecto de tomar Évora aos mouros, para lh'a entregar, III, 63. Tendo ido a Évora propôr ao alcaide o seu auxílio contra D. Affonso Henriques, poude examinar as condições da cidade e das fortificações. Voltou depois de noite e deixando os companheiros a distancia, dirigiu-se sòsinho á torre de atalaia, que ficava fora da

cidade e completamente isolada. Tinha uma janella alta a que se subia por escada de mão. Deviam alli velar um mouro e sua filha, mas tinham adormecido. Giraldo, espetando dois ferros de lança nas juntas das pedras, sobe até á janella, precipita a moura, degola o pae e vae apresentar-se aos companheiros com as duas cabeças. Em seguida executa o seu plano. Volta á torre e accende o fogo, que indica ser aquelle logar atacado por christãos. Sae o alcaide com tropa, deixando a porta aberta. Giraldo entra, com alguns companheiros, e tranca as portas. Quando o alcaide volta co' os seus, é atacado pela retaguarda pelo resto da gente de Giraldo. Assim teria sido, segundo esta lenda, a tomada de Évora. — *Semelhança*, imagem. — *Forte peito*, heroe.

22

Um castelhano. D. Pedro Fernandes de Castro, por odio aos condes de Lara, que Affonso IX de Castella protegia, ligou-se com os mouros e combateu contra castelhanos e portugueses.

23

Bago, báculo (como *cabo* de *capulum*). — *Inteiro*, decidido. — *O signal no ceu*. Contava-se que, estando o bispo a orar, apparecera no ceu a figura de um velho encanecido e cercado de resplandor, com uma cruz roxa no peito: a sua vista influíra ánimo no exército.

24

Os reis. Os governadores de Córdova, Sevilha, Badajoz e Jaén vieram em soccorro de Alcácer, para obstar a que a tomasse o bispo de Lisboa, mas foram desbaratados e mortos. — *Não de espaço*, em pouco tempo. — *Se humilha*. Estes factos passaram-se em 1217. Os

portugueses foram auxiliados por uma armada de cruzados de Alemanha e Flandres. — *D. Matheus*. Não era este o nome do bispo, mas D. Sueiro Viegas. — *Corôa de palma*, a glória, alludindo ás corôas antigamente dadas aos vencedores.

25

Sete caçadores. Seis cavalleiros portugueses, indo á caça em tempo de trégoas, ao passar em frente de Tavira foram atacados pelos mouros. Um arrieiro christão que ia passando juntou-se a elles e ajudou-os a defender-se. Apesar de resistirem heroicamente foram todos mortos. Paio Correia vingou-os, tomando Tavira (1242). — *Um mestre*... Paio Peres Correia, cavalleiro português da ordem de San Tiago, cuja sede era no reino de Castella e cuja casa em Portugal era ao tempo em Alcácer do Sal, teve parte importante nas conquistas do Algarve de 1235 a 1242. Foi só neste último anno, e depois da tomada de Tavira, que Paio Peres Correia foi eleito mestre da ordem e partiu para Castella, onde continuou a combater os muçulmanos. A ordem de San Tiago foi instituída por Ramiro de Castella em 846, depois da batalha de Clavigo, em que os christãos julgaram ver o apóstolo, V, 9₂ N, a combater por elles. Teve seu primeiro assento no mosteiro de Santo Eloy, de cónegos regrantes de Santo Agostinho, na Galliza. Foi confirmada pelo papa Alexandre III em 1175. Em 1288 o papa Nicolau IV isentou os cavalleiros portugueses da sujeição em que estavam aos mestres de Castella e em 1291 foi eleito o primeiro mestre da ordem portuguesa; os papas Celestino V e Bonifacio VIII reúniram outra vez as duas ordens, mas em 1320 João XIII separou-as definitivamente. O mestrado de San Tiago foi reùnido á corôa portuguesa, como os das outras ordens militares, em 1551, por bulla do papa Julio III. Em 1862 recebeu esta ordem nova organização e o título de «an-

tiga, nobilissima e esclarecida ordem do mérito scientifico, litterario e artistico » que ficou destinada a galardoar. — *Manha* (habilidade em dirigir as operações militares, talento tactico), *e esforço*, II, 59$_5$; V, 86$_7$: VII, 71$_1$; VIII, 28$_{3-4}$, 29$_5$, 41$_4$. — *Benigna estrella*, VI, 47$_4$.

26

Não passes, sem nelles reparar. — *Os tres*, Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes e Fernando Martins de Santarém, cavalleiros andantes. Compare-se o episódio dos doze de Inglaterra, VI, 43-69, especialmente 68-69.

27

Velos? vês-los? — *Bellona*, deusa da guerra. — *Lei lethéa*, do esquecimento. Comp. I, 26, 14$_8$. *Lethes*, rio do inferno, X, 95$_{5-6}$, de que se suppunha beberem as almas durante muito tempo, até se esquecerem da sua anterior existencia, para virem reùnir-se a outro corpo e começar outra vida, VII, 40 N.

28

Dum fraco fio, VII, 80$_6$. — *Reprende*, IV, 14.

29

Estrella, III, 19; VI, 47$_4$. — *Vencer*, em Aljubarrota, IV, 23-45. — *Industria* (habilidade), *esforço*, est. 26$_{3-4}$. — *Outro estrago*, a batalha de Valverde, na Andalusía, IV, 45-46. — *Assi... como*, tão. . como... — *Tartesso*, antiga cidade e região nò sul da Andalusía, frequentada pelos phenícios, que é difficil de localizar.

30

O poder lusitano, I, 25$_2$; III, 25$_3$, 104$_3$, etc., o exército de D. Nuno, que estava combatendo em Valverde, emquanto elle se tinha retirado a orar.

31

Pompilio, Numa Pompilio, segundo rei de Roma, constantemente occupado de instituições e cerimonias religiosas. Plutarcho, *Numa*, 15.

32

Em Deus, confiado em Deus. — *Scipião*, Públio Cornélio Scipião, IV, 20, que animou os romanos a resistir a Annibal e o venceu na batalha de Zama, em Africa, em 202 A.C. — *Mais de D. Nuno Álvares se arreia*, mais se adorna com este nome que com o de Scipião português, porque os seus feitos excedem o daquelle capitão romano. — *O sol rodeia*, I, 21; VIII, 32_{6-7}. — *Globo de Ceres e Neptuno*, parte do qual forma continentes, cujo solo se cultiva, sob a protecção de Ceres, III, 62, e o resto está coberto pelos mares, IV, 84. Comp. X, 90_8. — *Alumno* (lit. alimentado), filho. Comp.

nec Romula quondam
Ullo se tantum tellus jactabit alumno.

Aen., VI, 876-877.

33

Commendadores, dois castelhanos, um commendador de Alcántara e um de Calatrava, que com sua gente tinham atacado Évora e se iam retirando com o gado que tinham arrebanhado. — *O preso amigo*, Álvaro Gonçalves. Este e Pero Rodrigues do Alandroal tinham tirado o governo a Vasco Porcalho, alcaide de Villa Viçosa, por ser do partido de Castella. Porcalho, tendo obtido do mestre de Avis a reintegração, prendeu Álvaro Gonçalves e mandou-o para Olivença. Pero Rodrigues, sabendo que os de Porcalho iam passar, esperou-os e libertou o prisioneiro. — *Por leal*, ao mestre de Avis.

34

Este desleal. Paio Rodrigues Marinho, alcaide mor de Campo Maior, da parcialidade de Castella, prendeu á traição Gil Fernandes de Elvas. Este, depois de resgatado, encontrou-se com Paio Rodrigues entre Elvas e Campo Maior e aprisionou-o. Os de Gil Fernandes mataram o prisioneiro. — *Vil perjurio*, porque violou a segurança que tinha dado a Gil Fernandes para vir á conferencia em que o prendeu. — *Xerez* de los Caballeros (templarios), cidade da Estremadura hespanhola a 60 k. ao sul de Badajoz. — *Ás galés*, no cerco de Lisboa em 1383. Tendo de passar a armada portuguesa, que acabara de chegar do Porto, por diante da de Castella, Ruy Pereira, com tres naus, abordou uma nau inimiga: em quanto durou o combate passaram as galés portuguesas e as restantes naus; mas Ruy foi víctima deste acto de bravura e dedicação.

35

Dezesete lusitanos que, estando a praça de Almada cercada pelos castelhanos, saíram a buscar agua e foram atacados por muitos inimigos.

36

Viriato, I, 26; comp. III, 22₁₋₂ e N. — *Vencimentos*, victorias. — *Nos deixaram*, herdamos delles valor que faz que, apesar de poucos, nunca temamos, por muitos, os inimigos, III, 99₃₋₄.

37

Dois infantes, IV, 50₈. — *Generosa*, V, 4₄. — *Joanne*, D. João I. — *Aquelle*, o infante D. Pedro, duque de Coimbra (o primeiro duque português), nascido em 1392, que foi um dos homens mais illustrados e de maior mérito

do seu tempo. Viveu doze annos no estrangeiro, provavelmente de 1416 a 1427, distinguindo-se em toda a parte por seus talentos. Combateu na Alemanha, no tempo do imperador Segismundo, contra os turcos e os venezianos. Diziam que tinha corrido as *sete partidas* (partes) *do mundo*. Visitou a Palestina e a Mesopotámia, esteve em Constantinopla, em Roma, na Polónia e no imperio. Queria Segismundo recompensá-lo de seus feitos d'armas dando-lhe a Marca Trevisana, mas elle não acceitou. Esteve depois na Dinamarca, em Inglaterra, e finalmente em Castella e no Aragão, donde regressou a Portugal. Regente de Portugal durante a mocidade de seu sobrinho D. Affonso V, em virtude de resolução das côrtes, foi depois víctima de intrigas do duque de Bragança, seu irmão, IV, 19 N, e de outros grandes fidalgos que lutavam por conservar grande predominio no reino, intrigas que excitaram contra elle o moço rei. D. Pedro pereceu em Alfarrobeira, a 20 de maio de 1449, combatendo contra a hoste real. Como monumento do seu amor ás letras e dos seus sentimentos deixou, além de outros escritos, o livro « Da virtuosa bemfeitoria ». — *Este*, IV, 50 N. — *Com que a morte engane*, I, 26, com que se torne immortal. — *Ceita*, IV, 49.

38

Conde D. Pedro, D. Pedro de Meneses, conde de Vianna, primeiro governador de Ceuta, que teve de sustentar dois cercos. — *Outro conde*, D. Duarte de Meneses, filho do antecedente. Teve parte na tomada de Alcácer Ceguer, em 1458, e foi nomeado por D. Affonso V governador da praça, que logo nesse anno e no seguinte teve de defender de cercos postos pelos mouros. Em 1464 D. Affonso V, empenhado em vencer umas tribus da serra de Benacafú, internou-se na serra e, vendo-se obrigado a retroceder, encarregou D. Duarte, já então conde de Vianna, de lhe proteger a

retirada. O conde, sustentando na retaguarda, quasi sòsinho, o ataque dos mouros, que vinham em perseguição dos nossos, foi por elles envolvido, sacrificando a vida para salvar a do rei.

39

Comp. as est. 39-42 com V, 95 sg.; VI, 95 sg.; VII, 81-82; X, 145. As queixas, que apparentemente se referem á pintura, devem entender-se das letras. É menos propria a sua attribuição a Vasco da Gama, numa exposição feita ao Samorim.

41

Esforço e saber, II, 59_5; V, 86_7; VII, 71_1; VIII, 26_{3-4}, 29_5.

43

Vária tinta, III, 54. — *Promptos*, III, 31; VI, 70; VII, 59, 69.

44

Antipoda dum ponto do globo terrestre é o habitante do ponto situado na outra extremidade do diámetro que passa pelo primeiro. Estão com os pés um contra o outro; daqui o nome. — *Generosa*, nobre.

45

Harúspices (observadores de entranhas), ministros religiosos que annunciavam o futuro pela inspecção do estado das visceras dos animaes sacrificados. — *Estudiosos*, com ardor.

46

Valia, haveres.

47

Mafamede, o propheta, I, 53.

48

Se apparelha pelo imigo : é apparelhado pelo inimigo. — *Esteis* (lat. *stetis*), forma antiga do conjuntivo, cujas formas proprias foram substituídas por outras, por analogia do conjuntivo de « ser », tomado do verbo *sedere*. — *Asinha*, depressa. — *Usado*, ordinario, como os sonhos do costume.

49

Preceito, religião. — *Rudo* (vocativo), porque não comprehendia a grandeza do perigo.

50

Sa-e, dissýllabo. — *Ordena como se resista*, prepara a resistencia.

51

Agareno, I, 53, muçulmano, propriamente árabe. — *Lavrando nelle...*, porque nelle está lavrando o veneno. — *Da torpe seita*, dos muçulmanos. Vão estes agora conseguir, por dinheiro, dos principaes magistrados que dissuadam o rei de acolher bem os portugueses.

52

Tra-i-ções, trissýllabo.

53

Conciliam, compram, para os fazer servir os seus intentos. — *Discretas*, que parecem boas. — *Ser perdição* (a gente que chegara, 52*c*). — *Gentes inquietas...*, I, 78.

56

O português despacho, o despacho, VII, 65, que Vasco da Gama solicitava do rei, i. é, a sua resposta á embaixada que trazia, que consistia num pedido de alliança e de estabelecimento duma convenção commercial, VII, 60, 63.

57

Alteza. Tal era então o tratamento dos reis de Portugal. Foi D. João IV o primeiro que usou do título de Majestade, que já então usavam os reis de Castella. — *Das terras a redondeza, orbis terrarum*.

58

Malina, indina, I, 21_1. — *O rei...* A oração prosegue na est. 58 : *este temor lhe esfria...*, havendo anacolutho.

59

Baixo peito, VIII, 94_6. — *A quem*. O pronome quem não se empregava, como hoje, unicamente com referencia a pessoas. — *Commette*, propõe.

60

Sobre, além de. — O *dinheiro*, est. 52, 53. — *Chegado*, assim que chegou.

61

Patria amada, III, 21_1; IX, 13_7, 17_1; X, 143_2. — *Vás*, contr. de *vaes*. — *Que quem...*, pois quem. — *Hespéria*, II, 108.

62

Que presentes. No dia seguinte ao da primeira audiencia quis Vasco da Gama mandar ao rei o seguinte

presente : « Doze lambés (pannos de algodão listrado) e quatro capuzes de gram e seis chapeeos e quatro rramaees de corall e hum fardo de bacias em que havia seis peças e huma quaixa d'açuquare, e quatro barris cheos, dous d'azeite e dous de mell. » Eram cousas proprias para pretos d'Africa. Os officiaes da côrte riram-se do presente, declarando que o não levariam ao Samorim, nem consentiriam que lh'o levassem. O capitão mor allegava « que nom era mercador, mas que era embaixador, e que d'aquyllo que trazia d'aquyllo lhe dava, o qual era do seu e nam do delrey ». Na segunda audiencia observou o Samorim que Vasco da Gama « lhe dissera como era de hum rreino muito rrico e que lhe nom trouxera nada : Respondeu a isto o capitam que elle lhe nom trouxera nada porque elle não vinha senão a ver e descobrir, e que quando quá tornasem outros navios elle veria o que lhe traziam ». Rot. pg. 63-65. Com esta narração concorda Castanheda. Mais tarde, segundo diz o Roteiro, « o capitam mor mandou hum serviço d'alambares (alambres) a el rey e tambem lhe mandou coraes e outras cousas muitas ». O Samorim nem quis vêr o presente. Rot., pg. 78-79. Diz Barros, I, IV, 8, que, a conselho de Monçaide, Vasco da Gama mandara ao Samorim « algumas cousas, as quaes foram com este recado de desculpa : que, quando partiu de Portugal, por não ter certo que podia passar á India, e vêr sua Real Pessoa, não fora apercebido como devia ; que aquellas cousas eram das que trazia pera seu uso... » No mesmo sentido se exprime Damião de Goes. Gaspar Correia descreve assim os presentes : « uma peça d'escarlata muito fina, e uma peça de veludo cremesym avelutado, e uma peça de setim amarello e uma cadeira guarnecida de brocado de pello rica e cravação de prata dourada, e uma almofada de setim cremesim com borlas de fio d'ouro, e outra almofada de setim roxo pera os pés, e um bacio d'agua ás

mãos lavrado dourado, e um gomil da mesma sorte cousa muito rica, e um espelho grande dourado muito fermoso e cinqoenta barretes de grã com botões e enxarafas de retroz cremesim com fio d'ouro postas em cima dos barretes e cinqoenta bainhas de facas de Frandes com taxas de marfim, que fizerão em Lisboa, e as bainhas douradas. » Refere depois que o Samorim recebeu bem os presentes e se assentou, como lhe mandara pedir Vasco da Gama, na cadeira offerecida. — *Lia*, liga. — *Não é*. Apesar do sujeito « palavras » ser do plural, como está primeiro o nome predicativo, representado successivamente por duas expressões do singular, com elle concorda o verbo. — *Vago*, VIII, 67₂, que se não sabe se tem patria, que pode ser pirata.

63

Toda a terra...

Omne solum forti patria est ut piscibus aequor.
Ovid., Fast., I, 493.

— *Se piratas sois...* Igual pergunta se dirigia no tempo da Odysséa aos estrangeiros chegados por mar. Od., III, 72-74; IX, 253-255.

64

Ordenava, VIII, 50. — *Donde vinha*, depende de *insidias*. — *Tão mal*, tão contra a verdade. — *Vénus Acidália*. Vénus é a divindade protectora dos portugueses. Desta vez a sua protecção effectua-se inspirando eloquencia a Vasco da Gama; por isso o poeta lhe junta o epitheto de *Acidália*, duma fonte da Beócia, perto de Orchómenos, consagrada a Vénus e ás Graças. Comp. II, 78₇₋₈.

65

Causaram, tivessem causado. — *O vaso da Niquicia* (malvadez), Mahomet. « Vasa iniquitatis », Gen., 49₅; « Vas

electionis », Act. Apost., IX, 15. A palavra latina *nequitia* não é cognata de *iniquitas*. — *Viera pôr...*, viesse tornar os homens inimigos uns dos outros, com a instituição e propagação da falsa religião muçulmana. — *Não conceberas...*, não terias concebido tão injusta suspeita, pois foi o odio aos christãos que fez que os mouros t'a inspirassem.

67

Undivago, VIII, 62_8 e N, que vagueia pelos mares. — *Antarcticos*, I, 51. — *Do Carneiro os moradores*, os habitantes da zona tórrida. A constellação de Áries (o Carneiro) fica situada no equador celeste.

68

Clima, I, 29_3.

69

Última Hespéria, II, 108. — *Conceito*, VIII, 71_1, resolução e arrojo.

71

Conceito, VIII, 69, intento, empresa. — *O ramo claro*, VIII, 37_{5-6}, o infante D. Henrique. — *O venturoso rei*, IV, 19. — *Arou*, V, 41_8. — *Ninho*, I, 10_4; VII, 30_2, 68_8. — *A parte...*, o hemisphério austral. Foram descobrindo as regiões do sul e portanto vendo elevar-se successivamente no horizonte as estrellas da parte correspondente do ceu. As constellações enumeradas são todas do hemisphério austral.

72

As sete flammas, a Ursa, I, 51, propriamente a Ursa Menor, já invisivel no sul da Africa. Da Ursa Maior apenas se vêem no extremo sul daquelle continente

algumas estrellas. — *Atrás deixando*, depois de termos deixado (os navegadores portugueses em geral).

73

Pôr a última columna, isto é, rematar esta série de navegações, alludindo provavelmente ás columnas de Hércules (extremo trabalho do thebano, III, 18$_4$), e não aos padrões de pedra que os portugueses levavam para assignalar a posse, V, 78 e N. Vasco da Gama mandou de bordo ao Samorim o padrão de S. Gabriel, que devia ser erguido em Calecut.

74

Gremio da madre Téthys, I, 16; *in grembo a Teti*. Pol. Stanz., I, 99.

75

Dobrada, fingida. — *Ajunta-me...*, além da graça de me despachar favoravelmente, faze-me a de me despachar depressa.

76

Mal julgados, como enganados, pois estão corrompidos.

77

Especiaria, a pimenta, principalmente.

78

Reinos gangeticos, da India, banhada pelo Ganges. Comp. VI, 92$_2$ — *Falleça*, falte. — *Lá da banda...*, III, 20$_3$, do occidente.

79

O resto deste canto, á parte as tres estancias finaes, e o principio do seguinte, formam o trecho mais fraco do

poema. Segue o poeta passo a passo os acontecimentos, demorando-se em pormenores estereis para a poesia.

80

Luz crástina, II, 88₁.

81

Se governavam, eram governadas. — *Não delira*, não desiste. Delirar significava primitivamente afastar-se do sulco (lira) que o arado vae abrindo a direito.

82

Successor de Perimal, VII, 32-36, o Samorim.

84

Eóa, VI, 38.

85

Idolátra, II, 54; VII, 73₁; X, 147₆.

86

Ordenava, preparava.

87

Qual o reflexo lume

Sicut aquae tremulum labris ubi lumen aenis
Sole repercussum aut radiantis imagine lunae,
Omnia pervolitat late loca; jamque sub auras
Erigitur, summique ferit laquearia tecti.

Aen., VIII, 22-25.

Angelo Policiano imitou estes versos de Vergílio nas *Stanze*.

89

Nunca louvarei... Scipio vero Africanus turpe esse aiebat in re militari dicere: non putaram. Val. Max.,

VII, 2. Turpissimam aiebat Fabius imperatori excusationem esse: non putavi. Sen., De Ira, II, 31.

Quantunque io sappia come mal convegna
A un capitano dir, Non me'l pensai...
Ar., Orl. Fur., XXXVIII, 38_{1-2}.

90

Pôr em ventura, arriscar.

91

Ordena, resolve. — *Commette-lhe*, VIII, 59_8. — *Asinha*, VIII, 48_5.

93

O negro, IX, 12_8, o indio : o catual.

94

Álvaro e Diogo : Álvaro de Braga e Diogo Dias. — *Peito vil*, VIII, 59_1.

96

Veja agora... Costumavam os moralistas citar os exemplos mencionados na est. 97 para mostrar o poder do oiro. — *Sede do dinheiro*. Comp. Ovid., Fast., I, 215-216; e *auri sacra fames*, Aen., III, 57.

97

O rei Threicio, Polymnéstor, rei do Chersoneso da Thrácia, genro de Príamo, rei de Troia. Quando começou o cerco desta cidade, Príamo mandou para a corte de Polymnéstor seu filho Polidóro, com grandes riquezas. Assim que Troia foi tomada, Polymnéstor matou o príncipe troiano e apoderou-se das riquezas. Aen., III, 49-57. — *Filha de Acrísio*. Acrísio, rei de Thebas, soube dum oráculo que sua filha Dánae teria um filho

que o havia de matar; mandou-a, por isso, encerrar numa torre de bronze. Júpiter conseguiu penetrar na torre, transformado em chuva de oiro, e de Dánae nasceu Perseu, que veiu o matar Acrísio. Hor., Od., III, 11₁-₈. — *Tarpeia*, filha de Tarpeio, governador da cidadella de Roma, no monte Capitolino, ao tempo da guerra com os sabinos, no reinado de Rómulo. Tendo Tarpeia saído fora da praça, encontrou-a Tácio, rei dos Sábinos, e della obteve que lhes abrisse as portas, com a condição, que ella pôs, de que lhe dariam o que levavam no braço esquerdo. Alludia a um bracelete que os sabinos usavam. Quando, porém, elles entraram, atiraram-lhe com os escudos, que tambem levavam no braço esquerdo, e com elles a suffocaram e mataram. Liv. I, 11.

98

Este rende... Comp. Hor., Od., III, 11, onde se allude ao dito de Filippe de Macedonia, que não havia cidade, por mais bem fortificada, que não podesse tomar, logo que lá podesse entrar um macho carregado d'oiro.

99

Este... Comp.

> *Por este justicia se nos deshereda,*
> *Por este los reyes se escandalizan,*
> *Por este los grandes se nos tiranizan.*
>
> Juan de Mena, copla 229.

CANTO NONO

1

Meca, cidade da Arábia, onde nasceu e prègou Mahomet e onde está a Caaba, a casa de Meca, a parte mais sagrada da mesquita, que todo o muçulmano deve visitar, pelo menos, uma vez na vida. É a sua cidade santa.

2

Seio (golfo, VII, 33_2) *Erythréo*, o mar Vermelho ou Roxo. — *Agua Mahometana*, a do poço de Zemzem, junto á Caaba, que os muçulmanos suppõem ter grandes virtudes.

3

Gidá ou Judá, cidade da costa occidental da Arábia, que é o porto de Meca. — *Trato*, VII, 35_8, 41_7. — *Este reino*, o do Egypto. — *Aos Malabares*, á terra delles. — *Especiaria*, VIII, 77.

4

E como fossem..., VI, 46_1. — *Flammas crepitantes*, VI, 13_4; comp. X, 132_4.

6

Se ordena. Comp. VIII, 48_2.

7

Trovões de Vulcano, I, 68. — *Segundo estava...*, III, 35$_8$.

8

Aos feitores, VIII, 94$_3$. Com elles estava o lingua Fernão Martins e mais quatro homens.

10

Quebram a barra, fazem força sobre as barras do cabrestante.

11

Se levava, levantava ferro.

12

Tornando, restituindo. — *Alguns negros*, VIII, 93$_1$; conserva os outros, IX, 14.

13

Patria cara, III, 21$_1$; IX, 17$_1$, 51$_2$; X, 143$_2$. — *Certos signaes*, VIII, 56$_{7-8}$, os indios, IX, 14$_1$.

14

Dos que o Samorim mandara. É outra versão; comp. a de IX, 12, que parece ser a verdadeira. — *A secca flôr de Banda*. A noz muscada, X, 133, vinha das seis pequenas ilhas de Banda, nas Molucas, mas tambem de outras ilhas vizinhas, como Gilolo e Amboina. A noz muscada é a semente da *Myriflica fragrans*, Houttuyn, mas julgavam muitos ser o fruto. A arilha que envolve a semente deram o nome de maça, mas chamaram-lhe flôr, como aqui o poeta. Duarte Barbosa diz que a noz é o fruto, sobre o qual está a maça á maneira de flôr,

Barr., III, v, 6. — *O negro cravo*, X, 132. O cravo é o botão do *Caryophyllus aromaticus*, L. As pétalas, ainda soldadas, formam bola acima das sépalas. Seeca-se ao sol e um oleo que escurece á luz e que impregna as céllulas do cálice dá-lhe então a côr escura que o cravo apresenta. — *Co' a canela*. Nem tambem ficou a canela. É a casca da canelleira, X, 51[4]. — *Ceilão*, I, 4.

15

Houvera, obtivera. — *Quer que se escreva...*, quer inscrever-se..., i.é, baptizar-se. — *Escura treva*, a da falsa religião muçulmana. — *Á patria verdadeira*, ao ceu.

16

Meta austrina da esperança boa, o cabo da Boa Esperança, V, 43 N. Não é a extremidade meridional da Africa (esta é, formada pelo cabo das Agulhas), mas a extremidade da costa occidental.

17

Patria cara, III, 21; IX, 13[7], 51[2]; X, 143[2]. — *Seus penates*, seu lar, sua casa. *Penates*, deuses domesticos dos antigos; talvez os antepassados divinizados. — *Vaso*, VIII, 65[3].

18

Deusa Cypria, Vénus, adorada em Chypre, I, 34. O episódio que aqui começa foi em parte suggerido pelas *Stanze* em que Ángelo Policiano (Poliziano), poeta e erudito italiano da renascença (1454-1494), se propôs celebrar a victoria de Julião de Médicis (de' Medici) num torneio, e pelo episódio dos jardins de Alcina no 6º canto do Orlando Furioso. No epithalámio de Claudiano para o casamento do imperador Honório com Maria, filha de

Stilicão, Cupido fere Honório e em seguida vae aos bosques de Chypre, onde se acha Vénus, contar-lhe a sua victoria. Policiano desenvolveu este dado. Suppõe o seu heroe semelhantemente insensivel ao amor e só occupado na caça; mas um dia, andando a caçar, vê uma nympha de quem se enamora; para possuír o seu amor tem de ganhá-lo num torneio. Policiano não continuou o poema. O Amor, depois de ferir Julião, vae contar a Vénus, que se encontra nos bosques de Chypre, o seu triumpho. Então o poeta descreve estes bosques com muito mimo e sentimento da natureza. Além de differentes pormenores, é grande a affinidade entre Camões e Policiano no modo de descrever a natureza vegetal, excedendo, porém, Camões consideravelmente ao poeta italiano. Vejam-se especialmente as est. 78 a 94 de Policiano. Em quasi todos os poemas epicos posteriores se encontra um episódio inspirado pelos de Policiano e de Ariosto a que nos referimos; as *Stanze* tem ainda a importancia de terem consagrado a oitava rima para a epopéa. — *Que ordenada...*, que de seu natural era inclinada a proteger os lusitanos, e que os protegia tambem por indicação de Júpiter, II, 44-56.

19

O deus..., Baccho, I, 30. — *Amphionéas*, cujos muros foram construídos por Amphión, poeta e musico, filho de Júpiter et de Antíope. Attraídas pelos sons da sua lyra, as pedras iam collocar-se no seu lugar. — *Thebas* em português é usualmente do singular. — *Se causaram*, foram causadas. — *Reino de crystal*, o mar.

20

Com interesse, para premio. — *Os deuses faz descer...*, faz que os deuses se enamorem das mortaes e as deusas dos homens. — *Ceu sereno*, I, 1067.

21

Arreio, adorno. — *O reino...*, o Oceano, que confina com a terra, mãe primeira. Em differentes cosmogonias, como na de Hesíodo, é do Ceu e da Terra que nascem os deuses e os homens. — *Dentro das Portas Herculanas* (estreito de Gibraltár, III, 18[3-4]), i. é, no Mediterraneo. São as ilhas de Chypre e Cythera, e outras em que Vénus tinha templos famosos, I, 34; V, 5[5-8]. — *Soberanas*, X, 51[3], em celebridade ou formosura.

22

Aquaticas donzellas, as Nereidas, IX, 40[2]. — *Glória* (gosto) *dos olhos, dor dos corações*, conceito proprio da poesia lyrica, como outros deste canto, essencialmente erotico. — *Choréas*, danças.

23

Tal manha, igual artificio : inspirar a Dido, raínha de Carthago, por intermedio de Cupido, amor por Enéas, para bem o receber, Aen., I e IV, como vae inspirar ás nymphas para bem acolherem os portugueses. — *Aquelle...*, I, 3; II, 35. — *No campo...*, em Carthago. Contava uma lenda que, quando Dido, fugida de Tyro, em consequencia da opposição dum partido que tinha feito assassinar o rei Sichéo, seu marido, acompanhada dos seus partidarios, abordara á costa em que fundara aquella cidade, obtivera dos habitantes que lhe cedessem o terreno que uma pelle de boi podia abranger; mas, cortando-a em delgadas tiras, obtivera todo o terreno em que construíra a cidadella, que se chamava Byrsa. Esta palavra grega significa pelle e é a origem do nosso vocabulo bolsa. A lenda referida encontra-se noutros povos. — *De espaço*, abrangendo grande extensão. — *Por subtil partido*, em virtude de engenhoso ardil. — *Só nelle tem todo o seu poder*, IX, 37[4-5]. — *Fero*

Cupido (II, 345 N), III, 1195; IX, 131, 471; Verg., Ecl., VIII, 47.

24

As aves, os cysnes, IX, 362, que se dizia que antes de morrer soltavam um canto muito melodioso.

> *Carmina jam moriens canit exsequialia cycnus.*
> Ovid., Met., XIV, 430.

E aquellas..., as pombas. Apostou Cupido uma vez com Vénus que colheria mais flores do que ella; mas perdeu a aposta, porque a nympha Perístera (pomba, em grego) auxiliou a deusa. Cupido, irritado, transformou a nympha em pomba. O carro de Vénus era uma concha puxada por cysnes e pombas. — *Lascivos beijos...* Comp. o hymno homerico a Aphrodite.

25

Idálios montes, junto da cidade de Idália, na ilha de Chypre, onde havia um templo célebre de Vénus. — *Filho frécheiro*, Cupido, representado com arco e aljava cheia de settas, que symbolizavam as paixões amorosas. — *Outros muitos* frécheiros, outros amores ou Cupidos, tambem representados como meninos e que se suppunham filhos de nymphas.

> *Mille pharetrati ludunt in margine fratres,*
> *Ore pares, similes habitu, gens mollis Amorum.*
> *Hos nymphae pariunt; illum Venus aurea solum*
> *Edidit. Ille deos coelumque et sidera cornu*
> *Temperat, et summos dignatur figere reges;*
> *Hi plebem feriunt.*
> Claud., Epith., 94-99.

26

Mostrar-lhe a formosura. II, 355-8. Suppõe o poeta neste lugar que ainda a morte de Acteón estava para

succeder. Quis-se vêr nesta estancia allusão a D. Sebastião. Foi certamente suggerida pelo que Policiano diz de Julião, IX, 18 N. Comp. Claud., Epith., 27-28.

27

Vê os principaes que nenhum... Comp. VI, 47₇₋₈. — *Imagina*, I, 33₇. — *E a quem Philaucia ensina*, e a outros que seguem, como elles, os dictames do amor proprio, que cheios de egoísmo e orgulhosos da sua posição social, não pensam no bem do povo. — *Mondar-se...* Significa provavelmente livrar-se o moço rei de ruíns tendencias. Nesta est. e na seguinte é evidente a allusão ás circumstancias em que se encontrava a côrte portuguesa.

29

O que sòmente mal deseja, unicamente o que não deve desejar. — *Se releve*, se suspenda, se adie. — *Seus ministros ajunta*, IX, 25₃. — *Conformes*, capazes de vencer.

30

Muitos destes meninos

Ferus et Cupido
Semper ardentes acuens sagittas
Cote cruenta.

Hor., Od., II, 8₁₄₋₁₆.

Lungo le rive i frati di Cupido,
Che solo usan ferir la plebe ignota,
Con alta voce e fanciullesco grido
Aguzzan lor saette ad una cota.

Pol. Stanz., I, 73₁₋₄.

Per le cima dei pini e degli allori,
Degli alte faggi e degl' irsuti abeti
Volan scherzando i pargoletti Amori;
Di lor vittorie altri godendo lieti,

Altri pigliando a saettare i cori
La mira quindi, altri tendendo reti :
Chi tempra dardi ad un ruscel piu basso,
E chi gli aguzza ad un volubil sasso.
Ar., Orl. Fur., VI, 75.

31

Lagrimas são. Pol., Stanz., I, 74_{3-4}.

32

Plebe ruda, IX, 25 N, 30 N. — *Mal feridos*, gravemente feridos.

33

Magas, V, 88_3. — *Hervas secretas*, succo de hervas venenosas, não conhecidas do vulgo.

34

Bibli ; Cinyrèa; mancebo de Assýria, Pet., Trionfo d'Amore, III, 75. — *Bibli*, de Mileto, que se enamorou de seu irmão Cauno e foi transformada em fonte. — *Cinyrèa*, Myrrha, filha de Cínyras, rei de Creta, que commetteu incesto com seu pae, sem este a conhecer, e foi transformada no arbusto daquelle nome. Do incesto nasceu Adónis, IV, 63_6; IX, 60_{7-8} ; X, 135_{5-6}, que foi amado de Vénus e morto por um javali. Adónis (o senhor) era um deus muito importante da Sýria. — *Mancebo de Assýria*, Nino, filho de Semíramis, VII, 53_7, segundo a lenda, amante de sua mãe. — *Um de Judéa*, Amnón, filho de David, que violou sua irmã Tamar, II Sam., XIII ; Pet., Tr. d'Am., III, 48.

35

Vulcàneas redès, allusão ao episódio que Demódoco, X, 8_3, canta na côrte dos Pheaces, na Odysséa, VIII,

266-366. Surprehendendo a esposa Vénus com Marte, o habil ferreiro Vulcano envolveu-os numa rêde de fio muito fino e chamou todos os deuses, reclamando de Júpiter, pae de Vénus, o valor dos presentes nupciaes que lhe dera para adquirir tão infiel esposa. — *É mais culpa* a da formosura (Vénus) que a do amor (Cupido), i.é. são amores sensuaes e não inspirados por sentimentos elevados. Comp. Verg., Ecl., VIII, 48-49.

36

Os brancos cysnes, IX, 24_{1-2}. — *Diône*, II, 21, 33. — *Rosas entre a neve*, III, 142_3, metáphora frequente nas obras lyricas de Camões e de outros poetas. — *Contra o ceu*, porque aos proprios deuses inspira paixões amorosas. — *Os Cupidos*, IX, 29_5, 30 sg.

37

Amado filho...

> *Nate, meae vires, mea magna potentia solus*
> *Nate, patris summi qui tela Typhoëa temnis,*
> *Ad te confugio et supplex tua numina posco.*
>
> Aen., I, 668-670.

> *O figlio, o sola mia potentia ed armi.*
>
> Pol., Stanz., I.

Armas typhéas, os raios, com que Jupiter fulminou Typhéo, um dos gigantes, I, 42; VI, 13.

38

Porque das Parcas, I, 34_{2-4}. — *Me hão de venerar* (os portugueses, implicitamente designados na palavra *lusitanicas*, dos portugueses). — *E porque tanto imitam*, I, 33_{3-4}.

40

Filhas de Neréo, I, 96; II, 19; IX, 22. — *Ponto*, mar. —

De dões..., adornada de floridos jardins e refrescada por brisas agradaveis e perfumadas.

41

Rosas, em volta dos copos, como nos festins da antiguidade.

42

Reino neptunino, I, 58_2; II, 2_4; III, 15_1; IX, 49_4. — *Onde eu nasci*, I, 33 N. — *Que* (nem) *muro adamantino*, muito forte.

43

Inico (iniquo), III, 119_5; IX, 23_6, 47_1, cruel. *Iniquus amor*, Prop., I, 19_{22}. — *Cýpria*, IX, 18_6. — *Ás aves*, IX, 24-36. Quando Pháeton, I, 46, morreu, Cycno (Cysne) rei da Ligúria, chorou tanto a sua morte que os deuses o converteram em cysne.

44

Terceira, intermediaria de amores. — *A deusa*, a Fama. Comp. as descripções dos poetas da antiguidade, especialmente Aen., IV, 173-188. — *Mentirosa e verdadeira*

Tam ficti pravique tenax quam nuntia veri.
Aen., IV, 188.

45

Deusa credulidade. Met., XII, 59.

46

Indignados por Baccho, VI, 6-35, entre elles as Nereidas.

47

Fero moço, III, 119$_{5}$; IX, 23$_{6}$, 43$_{1}$. — *Qualquer*, cada uma.

48

Ebúrnea lũa, (forma antiga de lua), II, 93$_{6-7}$; IX, 43$_{3}$, arco de marfim.

> *Lunavitque genu sinuosum fortiter arcum.*
> Ovid., Am., I, 1$_{23}$.

> *Al nervo adatta del suo stral la cocca,*
> *Poi tira quel col braccio poderoso*
> *Tal che raggiunge l'una a l'altra cocca.*
> Pol., Stanz., I, 40$_{2-4}$.

Thétys, I, 16. — *Mais do que todas*. Comp. VI, 36$_{7}$. — *Será para sentir....* subtileza lyrica.

49

Redondas, inchadas pelo vento. — *Agua neptunina*, I, 58$_{2}$; II, 24; III, 15$_{1}$; IX, 42$_{1}$.

50

Choréas, IX, 22.

51

Cortando vão..., IX, 13$_{7}$; X, 143$_{1-2}$. — *Memnónio*, Mémnon, II, 92$_{3}$.

52

Acidália, VIII, 61$_{7}$.

53

Como, assim que. — *Qual ficou Delos*. Uma das Cycladas, no mar Egéo, onde Latona deu á luz Apollo e Diana. Estando para nascer estes filhos de Júpiter,

Juno perseguia Latona por toda a parte, fazendo-a seguir da serpente Python. Júpiter fez surgir aquella ilha fluctuante, em que Latona ia fugindo. Apollo matou logo a serpente e tornou immovel a ilha de Delos.

54

Por entre pedras..., IX, 67$_{7-8}$. — *Sonorosa*, I, 5$_{1}$, 47$_{8}$; X, 128$_{7}$.

55

Propriamente, III, 142$_{6}$; VII, 52$_{7}$, exactamente.

56

Daphne (loureiro), III, 1$_{7}$, filha do rio Penéo, na Thessália. Fugindo á perseguição de Apollo, foi pelo pae transformada em loureiro. O loureiro era consagrado a Apollo e delle se faziam corôas para premiar os poetas.

57

Álemos; loureiros; myrtos.

> *Populus Alcidae gratissima, vitis Iaccho,*
> *Formosae myrtus Veneri, sua laurea Phoebo.*
> Verg., Ecl., VII, 61-62.

De Alcides, consagrados a Alcides, IV, 49.

> *Herculeaeque arbos umbrosa coronae.*
> Verg., Georg., II, 66.

Do louro deus, de Apollo, IX, 56; X, 139$_{4}$. — *Cybele*, deusa cujo culto veiu da Phrýgia. Era-lhe consagrado o pinheiro. Tendo-lhe Átys, a quem amava, sido infiel com a nympha Sangáris, Cybele inspirou-lhe taes furias que elle se mutilou; a deusa transformou-o em pinheiro. — *Cypariso*, cypreste.

58

Pomona, deusa dos frutos. — O *pomo*, o pêssego, que os paises occidentaes receberam da Pérsia — dahi o seu nome, *persicum* (malum), — e que se dizia que lá era venenoso. — *As amoras (morus nigra) que o nome tem de amores*, trocadilho com allusão á historia de Pýramo e Thisbe. Met., IV, 158-165.

60

A tapeçaria..., o tapete de relva é mais bello e macio que os tapetes persas. — *Acheménia*, a Pérsia, do nome de Achémenes, tronco da familia real persa que começou a reinar com Darío I. — *Flor Cephisia*, o narciso, em que foi transformado o formoso mancebo deste nome, filho do rio Cephiso. — *Filho e neto de Cyníras* (Cýniras), IV, 63_6; IX, 34, X, 135_{5-6}, Adónis, de cujo sangue, após a morte, nasceu uma flôr, o *Adonis autumnalis* L., vulgarmente chamado beijinhos. Met., X, 728-739. — *Deusa Páphia*, I, 34.

61

Violas, violetas : suppõe-se que se trata da *Matthiola incana* R. Br.

Nec tinctus viola pallor amantium.

Hor., Od., III, 10_{14}.

62

Flores Hyacinthinas. Hyacintho (Jacintho), mancebo de Esparta, foi involuntariamente morto por Apollo, que muito o prezava, quando estavam a jogar o disco, e por elle transformado na flôr do mesmo nome, que parece que não era, porém, para os antigos a que hoje chamamos jacintho. Suppõe-se que fosse o *Gladiolus segetum*, Gawl. Os antigos liam nesta flor as letras AI, que commemoravam os ais de Apollo pela morte

de Hyacintho, e as primeiras letras do nome de Ajaz Telamónio, X, 2_{13-4}, que se suicidara por lhe não serem dadas as armas de Achilles e de cujo sangue nascera a mesma flor. Met., X, 206-216; XIII, 394-398. — *Chlóris*, Flora.

63

Philomela. III, 32 N. o rouxinol. — *Acteón*. II, 35; IX, 26, o veado.

64

Argonautas, I, 18; Comp. IV, 85_8. — *Como incautas*, fingindo não dar por elles.

65

Assi lh'o aconselhara. VI, 50_1; IX, 50_5; — *Artificiosa formosura*, bellas vestes, destinadas a realçar a formosura do corpo, IX, 68_8.

66

Erycina, Vénus, que tinha um templo célebre no monte Éryx, no noroeste da Sicília.

67

Altas sestas, grandes calores. Do latim *sexta* (hora). Esta hora começava ao meio dia e comprehendia metade da tarde, variando sua duração com as épocas do anno. — *Por alvas pedras...*, IX, 54_{7-8}.

68

De quem, a respeito das quaes. — *Differente*, II, 99_4.

69

Velloso, V, 30 sg. — *A deusas*. Pergunta-se os entes que vêem serão deusas da floresta, como as

suppunham existir os antigos povos da Grecia e Italia e muitos outros. — *Imprudentes*, ignorantes, que não fazem por descobrir o desconhecido.

70

Ribeiras, I, 87: X, 10, 50_3, 101_6, praias (noutras partes costas em geral). — *Industriosas*, IX, 71_5, ardilosas.

73

Da deusa caçadora, II, 35; IX, 53_4.

74

Não era irmã de Phebo, não era esquiva como Diana.

75

Não dera um só, mas muitos, porque sempre...

76

Ephyre, nympha filha do Oceano e de Téthys. — *Ó formosura...* Começa o formosissimo lamento de Leonardo, est. 76-81, com os conceitos da poesia lyrica amorosa.

77

Que eu era..., que quem te seguia era um homem infeliz em amores (est. 75).

78

Tra la spiga. Petrarca, son. 43. Comp. os proverbios « *inter os et calicem...*, *Entre la coupe et les lèvres...* » e o proverbio português mais vulgar que começa « Da mão á bocca...» Sá de Meneses, na Malaca Conquistada, traduziu este verso.

83

Sesta, IX, 67_5. — *Melhor é...* Comp. Orl. Fur. XXVIII, 22_{2-3}.

85

De Celo e Vesta, I, 16_5; IX, 48_3. — *Enchendo de maravilha* (admiração), expressão vulgar nos poetas italianos. — *Honesta*, sumptuosa.

86

Fado, I, 24_6, 28_{1-2}, 31_1.

88

A formosa e a forte..., as nymphas e os navegantes. — *Alma*, deliciosa.

89

Angelica, I, 17_3; II, 38_1; III, 102_5; VI, 81_1; X, 5_8. — *Pintada*, pittoresca, com paisagens multicores.

90

Caminho da virtude alto e fragoso.

> *Virtutisque viam deserit arduae.*
>
> Hor., Od., III, 24_{44}.

> *quanto è spinoso colle*
> *E quanto alpestra e dura la salita*
> *Onde al vero valor convien ch'uom poggi.*
>
> Pet., Son. 21.

91

Não eram senão premios... Segundo a theoria mythologica conhecida pelo nome de evhemerismo, derivado do nome do escritor grego Evhémero, todos os deuses teriam sido mortaes que se teriam distinguido e a

quem os homens teriam passado a honrar como deuses. A divinização de Enéas, Rómulo e outros podia levar a esta supposição; mas se por um lado a adoração dos antepassados como deuses levava a divinizar os fundadores de estados, não resta a menor duvida de que a maior parte dos deuses e heroes eram personificações de forças naturaes e aspectos da natureza. A doutrina do evhemerismo convém aqui muito ao poeta, que procura resolver na doutrina christã a contradicção entre os seus sentimentos religiosos e a intervenção constante das divindades pagãs. Procura agora mostrar que são estas divindades : foram mortaes divinizados. No canto X, est. 82-84, torna a dizer que estes deuses não existem como taes, mas que com seus nomes tem sido designados bons e maus anjos. Deve ficar, portanto, entendido que esses anjos bons e maus é que sob a forma de deuses figuraram no poema e que quando se fallou em Júpiter se designou assim a Divina Providencia, X, 83_{1-2}. — *Esforço e arte*, II, 59_5; V, 86_7; VII, 74_1; VIII, 26_{3-4}, 29_5. — *Enéas*, I, 3. — *Quirino*, nome de Rómulo divinizado, que parece era epítheto do Marte sabino. — *Os dous thebanos*, Baccho e Hércules. — *Ceres*, III, 62. — *Palas*, II, 78.

92

Indigetes, deuses tutelares locaes. — *Manhos*, IV, 32_8. — *Por isso...*, Comp. as est. 92-95 com as est. 27-28, em que o poeta se dirigiu tambem aos cortezãos.

94

Ou dai... ou vos resti... fareis. Se na paz derdes..., se vos vestirdes... — *Grandes e possantes*, VI, 46_1.

95

Os vossos já passados, vossos antepassados. — *Impossibilidades não façaes*, não digaes que é impossivel reformarem-se os costumes da côrte e as normas de governo no sentido que digo : para isso basta vós quererdes.

CANTO DECIMO

1

Claro amador da larisséa adúltera, Apollo (o sol), que amou a nympha Corónis, de Larissa, na Thessália. Corónis foi-lhe infiel, com um mancebo da Thessália, facto que foi pelo corvo revelado áquelle deus, que matou a nympha. Comp. II, 1. — *Os animaes*, II, 110; V, 61, os cavallos que puxam o carro do sol. — *Grande lago*, V, 9_6; X, 8_2, o Oceano, e não o lago que circumdava a cidade de México. — *Temistitão* (Tenoxtitlan), outro nome da cidade de México, derivado do nome do seu fundador, o grande sacerdote Tenox: a palavra México deriva do nome do Deus Méxi. — *O grande ardor Favónio enfreia co' o sopro*, nesta hora começa a soprar Favónio, moderando o ardor do sol.

2

Mandados, mandados chamar (ás nymphas co' os (e os) amantes). — *A rainha*, Téthys. — *Tinha apparelhadas*, I, 29.

3

A quem (ás quaes iguarias) *não chega...*, que são superiores ao que a fama conta dos banquetes que Cleópatra, rainha do Egypto, III, 141_6, offerecia a Marco Antonio, cuja sumptuosidade se tornara proverbial.

Assim Orl. Fur., VII, 20. — *Atlantico thesoiro*, talvez o thesoiro dos paços submarinos dos deuses do mar; ou allude ao jardim das Hespérides, filhas de Atlas, onde havia pomos d'oiro, IV, 55[1-2].

4

Falerno. Tirou este vinho generoso o seu nome da parte da Campánia assim chamada, entre o monte Mássico e o rio Vulturno. Comprehendia differentes qualidades, sendo as principaes o Mássico, o Cécubo e o Faustino. Desappareceram as vinhas de Falerno no seculo VI. — *Ambrósia* (immortalidade), segundo a accentuação latina, conservada nos nomes proprios; ambrosía segundo a vulgar : alimento dos deuses, I, 41[4] N. Está aqui ambrosia por néctar, como muitas vezes nos poetas. — *O ajuntamento sempiterno*, os deuses immortaes. — *Onde em vão trabalha a lima*, que nada teriam que aperfeiçoar; ou então, de substancia que, como o diamante, não pode ser atacada pela lima.

5

Quaes fizeram, como os que fizeram descançar de seus tormentos as almas (*nús espritos*, V, 89[4], porque separados do corpo) dos condemnados do inferno. Assim se contava que succedera quando Orphéo, III, 1; VII, 29, tocando a sua lyra, desceu aos infernos a pedir Eurýdice. — *C'uma voz duma angelica* (IX, 89 N) *Sirena*, que acompanhavam o canto duma sereia ou duma nympha, delicioso como o das sereias, V, 88[4], entes mythicos, meio mulheres meio peixes.

6

Igual, harmoniosa.

7

Que estão por vir... Segundo o usado artificio dos poetas, os factos posteriores á epoca da acção são introduzidos no poema sob a forma de prophecia. Observe-se, porém, que, se os factos estavam por succeder, já viviam, ao tempo da primeira viagem de Vasco da Gama, muitos dos heroes, alguns já de idade. — *Idéas*, expressão tirada da philosophia de Platão, que suppõe existirem todas as cousas em idéa, na mente da divindade, antes de existirem de facto. — *Protéo*, I, 19; VI, 20, 36. — *Vão*, ôco. — *Em dom*, por sua divina graça. — *Reino fundo*, o mar. — *Vaticinando*. Comp. VI, 36.

8

Materia é dè cothurno, para ser tratada em estylo sublime, qual o da tragedia, e não no estylo simples e familiar que usa a comedia.

Materia da coturni, e non da socchi.
Pet., Trionfo d'Amore, IV, 88.

Cothurno, calçado alto, que usavam os actores tragicos para augmentar a estatura. — *Sócco*, calçado ordinario que tambem usavam os actores comicos. — *Immenso lago*, X, 1_3, 7_6 — *Íopas* (Iopas, Aen., I, 744 sg.), cantor que Vergílio faz tocar e cantar durante o primeiro banquete que Dido, rainha de Carthago, dá aos troianos. — *Demodóco* (Domódoco), poeta que na Odysséa vem por duas vezes tocar e cantar á côrte dos Pheaces. — *Calliope*, III, 1. — *Trabalho extremo*, fim do meu trabalho, do meu poema.

9

Rio do negro esquecimento, I, 32_7; VIII, 27_8.

10

As ribeiras (I, 87_1; IX, 70_4; X, 50_4, 101_6) *venceriam*, conquistariam as costas. — *O braço* dos portugueses.

11

Um que tem nos Malabares..., Triumpara, rei de Cochim. Quando Saramá Perumal dividiu o seu reino por diversos, sob a supremacia do Samorim, VII, 32-36, « quis que elle e os outros nas cousas da sua religião se submettessem a el rei de Coulão como a cabeça de todolos bramanes, ao qual leixou este nome Cobritim, que denota aquella dignidade que acerca de nós é a do Summo Pontífice ». Ao tempo de Vasco da Gama o rei de Cochim « é o que tem a dignidade Cobritim, por os antigos de Coulão, em que ella ficou, se passarem alli. » Barros, I, IX, 3.

12

Se embarcaria, a 6 de abril de 1503, na esquadra capitaneada por Affonso de Albuquerque. — O *grão Pacheco*, Duarte Pacheco Pereira. O epítheto de Achilles (III, 131$_3$; V, 93$_2$) lusitano é-lhe dado como caracteristico do seu valor sobrehumano e da rapidez e felicidade com que executava os seus planos nas mais difficeis conjunturas. — *Sentirão quando entraria*, sentiriam quando entrasse. — *Curvo lenho*, IV, 102$_2$. — *Troncos*, V, 1$_8$.

13

Deixado em ajuda. A pedido de Triumpara, que esperava tornar a ser atacado pelo Samorim e desejava que ficasse em Cochim um dos capitães portugueses para o defender, Affonso d'Albuquerque e Francisco d'Albuquerque, ao partirem da India no princípio de 1504, deixaram Duarte Pacheco em Cochim com 150 homens, uma nau, duas caravelas e uma chalupa e dezoito peças de differentes calibres. — *Rio*, o de Cochim, que separava o reino deste nome do de Calecut. — *Naturaes*, compatriotas (de Pacheco). — *Os Naires*, VII, 37-39, do exército do Samorim. — *No passo Cambalão*. O Samorim,

com grande exército e grande armada, ataca Pacheco e Triumpara, forcejando por passar o rio de Cochim no vao de Cambalão, a montante da cidade. Trazia artelharia, mas inferior á de Pacheco, e dois bombardeiros italianos.

14

Bipur e Tanor, na costa do Malabar. — *Narsinga*, VII, 21. — *Prova*, de seu valor. — *Cananor*, na costa do Malabar. — *Ambas as leis imigas*, ambas as regiões da India, a brahmanica e a muçulmana, inimigas da dos portuguezes. Era, porém, só entre os muçulmanos (arabes e turcos) que á inimizade commercial se associava o odio religioso.

16

Já não defenderá (Pacheco), sòmente os vaos que o Samorim tenta passar, mas, transpondo elle o rio, lhe queimará lugares, etc. — *Lassos*, cansados. — *Aquelles que...*, Pacheco e os seus. — *Escassos*, avaros. — *Por dois passos a um tempo*. No passo de jusante estavam as caravelas e a chalupa ligadas entre si, com parte dos nossos; Pacheco logrou defender, com grande difficuldade, o vao de montante, para onde mandara os bateis, até que, com a subida da maré, se tornou invadeavel; desceu então até aos navios e repelliu tambem alli os inimigos.

17

De sangue o tingirá. « Recolhido elle em um palmar vizinho á borda do rio, lá o foi pescar uma bombarda das caravelas, matando-lhe nove homens aos seus pés, do sangue dos quaes elle ficou borrifado. » Barros, I, VII, 6. — *Que muito estime*, de que se arreceie. — *Traições*. « Tambem foram lançados seis naires da parte do Sa-

morim para matar Duarte Pacheco » e « para queimar as caravelas. » Barros, I, VII, 7. — *Venenos.* « dar aviso aos mouros de Cochim que lançassem peçonha nas aguas de que os nossos bebiam ». Barros, I, VII, 6.

18

Máchinas de madeiros fóra de uso. Levantou oito torres de madeira, assente cada uma em dois paraos, donde atirava sobre os nossos navios um chuveiro de settas e balas, a fim de fazer cessar o fogo e tiros dos nossos e conseguir a abordagem.

19

Serras de fogo, brulotes, i. é, jangadas ou barcos carregados de materias a arder. — *Fará ser vão.* Os brulotes foram esbarrar numa estacada chapeada de ferro que Pacheco disposera diante da esquadra e ahi arderam, e os castellos foram derrubados ao fim de oito dias por um camelo (peça de grande calibre) que contra elles se assestou.

20

Muito pouco mais, X, 13. — *Celestes córos*, IV, 50_{3-4}; V, 60_{5-6}, os anjos. Comp. III, 82_{7-8}, 109_{7-8}; X, 50_{7-8}. — *Esforço, força*, VI, 60_{6}, etc.

21

Aquelle que nos campos marathónios. O atheniense Milciades, V, 93_{5}, á frente de 10.000 athenienses e 1.000 plateenses (a que é preciso, porém, accrescentar certo número de escravos, talvez duplo) desbaratou na planicie de Marathona (490 A.C.) as tropas persas enviadas pelo rei da Pérsia Darío I, commandadas por Dátis e Artaphernes, que alli tinham desembarcado para tomar Athenas e submetter a Grecia. — *Ou quem...* Na se-

gunda invasão persa na Grecia, em 480, os persas não vieram por mar, como na primeira, mas, tendo atravessado o Hellesponto, III, 121-2, marcharam pela Thrácia, Macedónia e Thessália sobre a Beócia e Athenas. O exército era consideravel, talvez de 900.000 homens. Para penetrar na Beócia tinham de passar pelo desfiladeiro das Thermópylas (portas (passagem estreita) das Caldas), nome proveniente dumas fontes thermaes que ainda existem na localidade. Ficava este desfiladeiro comprehendido entre as últimas escarpas do Callidromo, ramificação da Cordilheira do Eta, e a costa do golfo de Mália e era tão apertado que nalguns pontos mal podia passar um carro. Os gregos, sempre desunidos e levianos, não prepararam a tempo a resistencia, e quando Xerxes se aproximou, limitaram-se a mandar um pequeno contigente de tropas de differentes cidades, sob o commando de Leónidas, rei de Esparta, occupar o desfiladeiro : eram cerca de 6.000 homens. A esta pequena vanguarda devia seguir-se maior exército, mas antes de elle reùnido chegaram os persas. Defendeu Leónidas denodadamente a posição, mas vendo-a torneada, pois que um grego ensinara aos persas uma vereda pela montanha, e vendo-se prestes a ser envolvido, despediu os contigentes de outras cidades que tinha comsigo, para irem prevenir os seus compatriotas da imminencia do perigo, e deixou-se heroicamente matar com os seus trezentos espartanos, 700 thespianos que o não quiseram abandonar, e 400 thebanos que obrigou a permanecer, para demorar mais algumas horas a passagem do grosso do exército e assim facilitar aos gregos a organização da resistencia. — *Cocles.* Pouco depois do estabelecimento da república em Roma, Porsena, rei de Clúsium, na Etrúria, declarou guerra aos romanos, chegando, como está averiguado, a tomar a cidade e a impôr-lhe um tratado de paz. Refere a lenda que tendo sido os romanos repellidos

numa sortida que tinham feito para o campo inimigo além do Tibre, retiraram sobre a cidade, precipitando-se para a ponte de madeira, sobre pilares de madeira (pons sublicius), que atravessava o rio; e que os inimigos, perseguindo-os de perto, estiveram prestes a entrar na ponte. Então Horácio Cocles, atravessando-se á entrada da ponte, logrou deter os etruscos (*todo o poder tusco*) até os romanos a cortarem, e assim que a viu cortada, lançou-se á agua e chegou a nado á margem opposta.

E quel che solo
Contra tutta Toscana tienne il ponte
Pet., Tr. della Fama, I, 80.

— *Ausónios*, aqui, romanos. Era o nome dum povo antigo da Italia, provavelmente aparentado com os italiotas, que antes delles se tinha estabelecido na península italica. — *Tusco*, etrusco. — *Quinto Fabio* Maximo, cognominado *Cunctator* (contemporizador), dictador romano durante a guerra com Annibal (segunda guerra punica). Dirigiu com prudencia as operações, evitando recontros com Annibal, que, a julgar pelos desastres anteriores do Tecino, Trébia e Trasimeno, poderiam ser fataes, e esperando assim que os romanos fossem cobrando ánimo das suas derrotas, e que Annibal, privado de soccorros, se fosse gradualmente enfraquecendo.

22

Grande esforço, de Duarte Pacheco. — *Belisário*, general (529-565) do imperador byzantino Justiniano, que destruíu o reino dos vándalos, em Africa, III. 10 N, venceu os ostrogodos na Italia e defendeu o imperio contra os persas e os búlgaros. No fim da sua vida foi accusado de ter entrado numa conspiração contra o imperador, mas foi reconhecida a sua innocencia. Segundo uma tradição que apparece pela primeira vez em Tzetzes, escritor grego do seculo XII, Belisário teria

sido privado da vista e de todos os seus bens, vendo-se obrigado a mendigar. « Dae um óbolo ao general Belisário! » Esta tradição não é exacta : reconhecida a innocencia de Belisário, foram-lhe restituidos seus bens e dignidades; mas pouco sobreviveu. — *Serás engrandecido*, serás sempre cantado pelos poetas. — *Abatido o bravo Marte*, desconsiderado o valor militar. — *Com quem podes...*, Pacheco, que teve sorte igual á tua.

23

Galardão injusto, injustiça e dureza com que foi tratado, em vez de ser galardoado (premiado). — *Altos peitos*, I, 3₃, homens de grande ánimo. — *Morrer nos hospitaes*. Duarte Pacheco, regressando da India, chegou a Lisboa em 1505 e foi recebido por D. Manoel com honras extraordinarias. Trabalhou depois no seu livro *Esmeraldo de Situ Orbis* de 1520 a 1522; morreu depois de 1525. São inexactos os factos referidos por Damião de Goes acerca da prisão de Duarte Pacheco, que D. Manoel teria ordenado. O Esmeraldo devia conter uma descripção da costa da Africa occidental e oriental e da eosta meridional da Asia; mas ficou incompleto, contendo apenas a descripção da parte comprehendida entre o estreito de Gibraltár e o rio do Infante, V, 43 N. Este livro só foi publicado em 1892; o sr. prof. Epiphanio Dias está actualmente publicando no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa uma edição crítica e annotada : começa no nº 5 da 21ª série (1903). O título latino *De Situ Orbis*, que o livro tem, apesar de escrito em português, é o da geographia de Pompónio Mela, V, 50₃; quanto á palavra *Esmeraldo* veja-se a explicação proposta pelo sr. prof. Epiphanio Dias. — *Isto fazem os reis*. Refere-se a D. Manoel, X, 25. Não esqueça, porém, que Duarte Pacheco não foi por D. Manoel mandado retirar sob prisão do seu governo da Mina. D. Manoel morreu a

13 de dezembro de 1521 e Pacheco só em 1522 entregou a capitania ao filho de Affonso de Albuquerque, cuja carta de nomeação é de 4 de julho desse anno.

24

Apparencia branda, lisonjas mentirosas. — *Dão os premios*, dão a homens que só se distinguem na lisonja e artificiosas maneiras com que os levam, os cargos e proventos que só deviam dar aos que servem a patria militando com bravura e intelligencia. Quando no cerco de Troia, Achilles, o mais valoroso dos gregos, foi morto pelo troiano Páris, disputaram Ajace e Ulysses a honra de ficar com as suas armas. Era Ajace mais bravo; mas Ulysses, com a sua eloquencia artificiosa, logrou convencer os juízes e foram-lhe adjudicadas as armas, IX, 62 N. — *Vã*, falsa. — *Doces sombras, apparencia branda* : v. 2.

25

Emquanto fôr o mundo, VIII, 32_{6-7}. — *Fico*, X, 57_{8}, 156_{6}, affirmo.

26

Outro, D. Francisco d'Almeida. — *Com nome real*, com o título de viso-rei (vice-rei). Foi o primeiro (1505-1509). O título de viso-rei só se tornou inherente ao cargo de governador em 1550. — *O filho*, D. Lourenço d'Almeida. — *No mar*, em batalhas navaes. — *Quiloa*, I, 99; V, 45_{8}.

27

Se arreia, se adorna e se orgulha. — *Mombaça*, I, 103. — *Passados maleficios*, a traição feita a Vasco da Gama, que D. Francisco vingou, foi narrada no canto II.

28

Cobre ardente, X, 103$_{3}$, bocca de fogo.

29

Chaúl, cidade ao sul de Bombaím, na costa do Decã. — *As armadas*, a de Cambaia, commandada por Mir (emir) Hocem, e a do Egypto, commandada por Mélique Iaz. A palavra *Mélique*, que propriamente tem a significação de rei, príncipe, era na India synónima de emir. D. Lopes, Hist. dos port. no Malabar, pg. 41. — *Com fogo e ferro ferve*, I, 35$_{6}$; II, 53$_{2}$; 54$_{1-2}$; 93$_{1}$.

30

Grande esforço com força, VI, 60$_{6}$; X, 20$_{8}$. — *Os ventos que faltaram*, a falta de vento. — *Sceva*, centurião de César que, ferido e mutilado, nunca se quis render. Ces. De Bello Civ., III, 53$_{4}$; Luc., Phars., VI, 214-262.

31

Solta voou da prisão, V, 48$_{7-8}$. — *Onde*, com o que..., para logar onde...

32

Paz, a da bemaventurança. — *Quem o gerou*. D. Francisco, que devia entregar o governo a Affonso de Albuquerque, pediu-lhe que lhe consentisse adiar a entrega, não só por inimizade com elle, como porque queria vingar pessoalmente o filho, como vingou. — *Ordena*, prepara. — *Eterna*, porque vão para o inferno. — *Esperas*, peças de artelharia pequenas (provinha o nome da marca que se lhes punha, que era uma *espera* (assim se pronunciava e escrevia a palavra *esphera*), emblema de D. Manoel); *basiliscos*, peças grandes; *trabucos*, engenhos para atirar grandes pedras. — *Mamelucos*, milicia do Egypto muçulmano. Está designando a palavra todos os soldados de Mélique Iaz.

33

Trazendo furia e magua por antolhos, tão saudoso do filho e tão indignado contra os inimigos que o tinham morto, que nada mais via que a sua vingança. É perfeitamente verdadeira esta descripção. — *O Nilo, o Indo, o Gange*, I, 14; IV, 28.

34

Qual o touro... Comparação vulgar nos poetas. Verg., Georg., III, 232-234; Aen., XII, 103-106; Luc., Phars., II, 601-603. — *Dabul*, na costa do Decã, foi tomada pelos portugueses, seguindo-se horrivel carnificina, e em seguida, não se sabe bem se por acaso, se propositadamente, foi devorada por um incendio.

35

Na enseada de Díu, entre a ilha e a costa do Guzarate. Esta célebre batalha naval é conhecida por « batalha dos rumes », X, 62_2 N, 68_{1-2}. — *Illustre em cercos* (Díu), II, 50_2; X, 62, 67-71. — *Mélique Iaz*, X, 29.

36

Mir Hocem, X, 29. — *Raios de fogo...*, os portugueses parecerão raios de fogo a destruír os inimigos.

37

Próspera victoria, III, 118. — *Um successo*, V, 45. — *Tormentório*, V, 50. — *Toda a India e Egypto*. As forças combinadas da India e do Egypto, est. 35, 36, não tinham podido matar a D. Francisco de Almeida. — *Não terá pejo* (X, 42_3) *de...*, atrever-se-ha a...

38

Occultos os juizos de Deus são, V, 45_4. — *Sendo só providencia*. Assim como em IX, 90-92 e X, 82-85 o poeta

dá interpretações da mythologia empregada no poema compativeis com a religião christã, assim neste lugar apresenta a concepção christã que corresponde á dos fados a que por differentes vezes tem alludido, I, 24, etc.

39

Lamo, Oja e Brava, na costa ao norte de Melinde. — *Pelo Cunha...* Em 1506 parte para a India Tristão da Cunha, capitaneando uma armada, de que faziam parte cinco navios sob o commando de Affonso de Albuquerque, que deviam ficar cruzando diante do estreito de Bab el Mandeb, para dar caça aos navios árabes. Depois de descobertas as ilhas de Tristão da Cunha e de a armada se ter demorado algum tempo na ilha de S. Lourenço (Madagáscar), seguiu ao longo da costa d'Africa, destruíu as cidades de Lamo, Oja, e Brava e tomou a fortaleza da ilha de Socotorá. No dia 1º d'agosto de 1507 separaram-se os dois capitães. Affonso de Albuquerque, porém, logo deixou o cruzeiro do estreito e foi atacar as cidades da costa da Arábia, com mira em Ormuz, e para lá chegar precedido de grande terror. — *Austro*, I, 35. — *Que nunca extincto será seu nome*, anacolutho : cujo nome nunca chegará a extinguir-se.

40

Pàrseos, persas. — *Jugo* dos portugueses. — *Reciprocar-se*, II, 49, inverter o movimento. — *Tirou*, atirou.

41

Gerum, a ilha em que estava situada Ormuz. — *Mascate e Calaiate*, cidades da costa de sueste da Arábia. — *Onde se lhe ate*, para que nella se ate..., para que ella se ate com a obrigação. — *Barém*, pequeno archipélago onde se pescam muitas perolas. Forma hoje um estado que se acha sob o protectorado inglês.

42

Pejo, embaraço, receio. — *Duro ensejo*. Affonso d'Albuquerque (governador de 1509 a 1515), sabendo que o Hidalcão, a quem pertencia Gôa, tinha aquella cidade quasi desguarnecida, foi tomá-la (1509); mas o Hidalcão veiu atacá-lo com grandes forças e os portugueses tiveram de ceder, conseguindo, porém, retirar-se. — *Esforço e arte*, VIII, 29s, etc.

43

Torna. A segunda tomada de Gôa foi em 1510, a 25 de novembro, dia de Santa Catharina, de Alexandria (*egypcia*), X, 92s-2. — *Luz*, dia. — *Dina*, I, 22 e N.

44

Gremio, regaço. — *Malaca* era a cidade commercial das proximidades do estreito e chave do commercio dos mares da China. Perdeu depois a importancia, que hoje possue Singapura, e que a antiga cidade deste nome já possuíra, antes da fundação de Malaca no século XIII. — *Cris*, punhal malaio. — *Jaos*, habitantes de Java (Jáoa). — *Ao luso*, aos portugueses.

45

Mas lembrou-lhe. Aproxime-se esta severa apreciação das censuras a D. Manoel, X, 23-25. — *Sirena*, X, 5s. — *Inteiro*, rigoroso, inflexivel.

46

Trovões, X, 66s, tiros de peça. — *Sazão*, occasião.

47

Não será a culpa. O facto a que Camões allude nas est. 45 a 49 e lhe dá occasião para censurar asperamente Albuquerque é o seguinte. Tinha o grande

capitão cativado em Gôa certo numero de mulheres que, depois de repellido da cidade, tinha comsigo a bordo do seu navio e que ia casando com soldados seus. O soldado Ruy Dias, de Alemquer, foi encontrado, contra as ordens do governador, nos aposentos das cativas. Albuquerque mandou-o enforcar. Todos os capitães acharam severo o castigo e vieram á nau do governador pedir, com autoridade, que fosse atenuado; mas Albuquerque foi inflexivel e ás suas asperas observações respondeu prendendo-os e desembainhando a espada. Este facto, acontecido em tão difficil conjuntura e em que tanto se exigia de capitães e soldados, é boa amostra, não só da ira de Albuquerque, como da energia e pulso de ferro com que mantinha a obediencia dos seus.

48

Campaspe era uma cortezã grega que acompanhava Alexandre Magno. Mandou-a este retratar pelo grande pintor Apelles e, vendo que este se enamorara della, cedeu-lh'a. — *Não sendo seu soldado*, emquanto que Ruy Dias era soldado de A. de Albuquerque. — *Nem vendo-se num cerco*, como então Albuquerque, X, 46 1-4. — *Cyro*, fundador do imperio persa, tendo cativado *Panthéa*, mulher de Abradata, rei dos susianos, de notavel belleza, quis respeitá-la, provavelmente para excitar a gratidão do marido, e preparar a sua submissão. Não confiando, porém, na sua força de vontade, não quis vêr a cativa. Estranhando-lh'o Araspas, Cyro deu-lhe Panthéa a guardar. Araspas enamorou-se della e quis usar de violencia; Cyro censurou-o, mas perdoou-lhe. — *E promettia*, oração não relativa, coordenada com a relativa precedente : que elle tomara em guarda, promettendo...

49

Em fim, na verdade. — *Judilha*. Judith, filha de Carlos o Calvo, rei de França, depois de enviuvar de Duarte de Inglaterra, foi raptada por Baldovino Braço de Ferro, que com ella casou. Carlos perdoou-lhe e deu-lhe em dote Flandres, para povoar. — *Dispensa*, consente.

50

Soares, Lopo Soares d'Albergaria, 3º governador da India (1515-1518). — *Pôr espanto*. Na expedição, em geral, na verdade, pouco feliz, de 1516. — *Roxas ribeiras*, I, 87; IX, 70$_4$; X, 10, 101$_6$, costas do mar Roxo, II, 49. — *Medina*, VII, 34 N., cidade da Arábia, onde está o túmulo de Mahomet. — *Meca*, IX, 2$_6$. — *Gidá*, IX, 3$_1$. — *Abássia*, Abyssínia. — *Barbora* (ou Berbera), e *Zeila*, na costa dos Somális, na parte hoje inglesa.

51

Taprobana, I, 1$_4$. — *Soberana*, IX, 21. — *Cortiça cálida cheirosa*, a canela, IX, 14$_{7-8}$. — *Columbo*, principal cidade da ilha e actualmente séde do governo da colonia de Ceilão. — *Os proprios*, os naturaes.

52

Sequeira, Diogo Soares de Sequeira, 4º governador da India (1518-1522). — *Ondas Erythréas*, IV, 63$_1$; VI, 81$_4$. — *Grande imperio*, a Abyssínia ou Ethiópia. — *Te arréas*, VIII, 32$_4$; X, 27$_1$, te orgulhas. — *Candace*, nome de uma raínha da Ethiópia que no anno 20 A.C. invadiu o Egypto. — *Sabá*, nome duma região, de que uma raínha foi visitar Salomão, como refere a Bíblia, sendo tradição na Abyssínia que de Salomão e desta raínha descendeu uma dynastia de reis do país. Sabá aqui de-

signa, não o país, mas a propria raínha. — *Ninho*, I, 104, etc. — *Maçuà*, pequena ilha junto da costa, hoje capital da Erythréa, colonia italiana. — *Arquico*, porto da costa, proximo de Maçuá. — *Com cisternas*, Barros, III, III, 10. — *Remotas ilhas*, no mar Vermelho.

53

Meneses, D. Duarte de Meneses, 5º governador da India (1522-1524). — *Na Africa*, em Tánger, de que foi capitão. — *Erro*, rebellião. — *Tributo dobrado*. Elevou-lhe o tributo de 25 a 60 mil xerafins. — *Do desterro*, do sacrificio de vir agora tão longe da patria e depois tornar. — *Conde*, da Vidigueira. — *Virás mandar*. Foi o 6º governador e 2º viso-rei (*régia dignidade*, 54). Morreu ao cabo de tres mezes e meio do governo (1524). Já tinha voltado á India em 1504.

54

Outro Meneses, D. Henrique de Meneses, 7º governador da India (1524-1526). — *Cuja idade*, 28 annos.

55

Panane, *Coulete*, proximas de Calecut, destruídas na guerra com o Samorim. — *Inimigos d'alma*, os sete peccados mortaes.

56

Mascarenhas. A primeira carta de successão nomeava governador da India a Pedro de Mascarenhas; mas achando-se este em Malaca, Lopo Vaz de Sampaio, terceiro nomeado, tomou o governo e não o quis entregar a Mascarenhas quando este regressou, ficando sendo o 8º governador (1526-1529). — *A mandar*, a ser governador. — *Palmas*, glória das victorias a que se refere a est. 57.

57

Bintão, ilha ao sul da península de Malaca. — *Terá feitos*, I, 29 N...—*Abrolhos ferreos*. « Neste canal (da cidade de Bintão) mandou el rei fazer uma estacada de mastos mui grossos... deixando um tão estreito que não podia nelle virar uma galé e a cidade mandou-a cercar de uma tranqueira de duas faces, mui larga e grossa, entulhada, com seus baluartes grandes e formosos... Derredor da cidade, no logar da cava, havia tres ordens de estrepes (*abrolhos ferreos*) postos em revés, uns pera defenderem a entrada e outros a saída, todos muito crueis e perigosos, por serem hervados nas pontas ». Couto, IV, II, 2. O arranque das estacas postas no canal custou tanto aos portugueses « que lhe rebentou o sangue pelas bocas das forças que nos peitos punham ». — *Fico*, X, 25[6]; 156[6].

59

Raio. Duo fulmina belli Scipiadas. Aen., VI, 842-843. — *Bacanor*, porto do reino de Narsinga. Lopo Vaz de Sampaio logo no principio do seu governo destruíu uma armada do Samorim no rio de Bacanor. — *Cutiale*. Lopo Vaz destruíu outra armada do Samorim de 130 paraos, commandada por um muçulmano de Tanor, China Cutiale.

60

Chaúl temerá. Pedindo soccorro o capitão de Chaúl contra uma frota de Díu que o ameaçava, foi lá o governador com uma armada e Heitor da Silveira destroçou a frota de Díu (1529). — *Fará* (Sampaio). — *Co'a vista só*, muito rapidamente. — *Tanto damno*. Devastou a costa de Cambaia. — *O troiano*. Heitor, que era filho do rei Príamo e o mais valoroso dos troianos.

61

Feroz, bellicoso. — *Cunha*, Nuno da Cunha, 9º governador. — *Longo tempo*, 1529-1538. — *As torres altas*, a fortaleza de Chalé. — *Baçaim*, na costa do reino de Bombaím, ao norte de Cambaia. — *Melique* , o governador de Baçaím.

62

Noronha, D. Garcia de Noronha, 10º governador e 3º viso-rei (1538-1540). — *Cujo auspicio*, cujo governo, ou cuja boa estrella. Auspício (contracção de *avispicium*) se chamava entre os romanos a consulta que se fazia do vôo, pasto, etc., das aves para conhecer o futuro. Todo o general, antes de emprehender uma operação militar, devia consultar os auspícios e vêr se eram favoraveis. Assim militar sob os auspícios de alguem significava servir ás suas ordens. Daqui a expressão hoje usada « sob os auspícios de... » que significa « sob a protecção de... » — *De Díu*, logar donde. — *Rumes*, X, 68₁₋₂. Assim chamavam, Barros, IV, IV, 16, os muçulmanos da India aos turcos da Turquia Europeia, antigo imperio *romano* do oriente, para os distinguir dos outros. Já o reino turco de Icónium, I, 60 N, se chamava Rum. Á Thrácia e regiões adjacentes tinham ficado as denominações de Romania e Romélia; d'ahi o nome de rumes. — *Bem sustenta*. Primeiro cerco de Díu, de junho a novembro de 1538. A praça é primeiro atacada pelas forças do rei de Cambaia, commandadas por Cóge Çófar e Alu Can, e depois tambem por uma armada do sultão da Turquia, commandada por Solimão, pàchá do Cairo. Com algum auxílio que lhe mandou Nuno da Cunha e á custa de heroicos esforços de todos os portugueses, conseguíu Silveira sustentar-se, até que em novembro foi levantado o cerco, antes de vir o novo governador D. Garcia de Noronha (que a 14 de setembro

chegara a Goa) com a grande armada que juntara e com a qual se detivera muito tempo em Goa, indeciso sobre o plano que devia seguir nesta campanha. — *Um teu ramo*, I, 7₁; VIII, 71₁; X, 70₁, D. Estevam da Gama, filho de Vasco da Gama, 11º governador (1540-1542). — *Com medo...*, II, 49₁₋₂.

63

Um. Martim Affonso de Sousa, que foi depois (est. 66) 11º governador. Tinha sido enviado ao Brasil, com uma armada, para promover a colonização e obstar ás agressões dos franceses. — *Depois* de ir ao Brasil. — *Damão*, na foz do rio do mesmo nome, no golfo de Cambaia. Pertence a Portugal com o territorio adjacente e mais dois territorios interiores encravados na India Britannica, o de Dadrá e o de Nagar Aveli, o mais considerável dos tres, que todos formam o districto de Damão, com a superficie total de 384 kilometros quadrados.

64

Mogor (mogol, mongol) o imperador que possuía então o norte da India, com capital em Deli.

65

Beadala, no estreito de Manar. Nas proximidades se travou o combate (*marcio jogo*) a que se refere o poeta.

66

Com sceptro, como governador (1542-1545) : os feitos até aqui referidos praticara-os como capitão mor do mar, 63₅. — *Baticalá*, na costa no reino de Narsinga. — *Que* refere-se a castigos. — *Trovões*, X, 46₂.

67

Tem derivado..., X, 68. — *Castro*, D. João de Castro, 13º governador (1545-1548) e 4º viso-rei, título que recebeu quatorze dias antes de fallecer. — *Conforme successor*, semelhante áquelle a quem succederá. — *Ergue Diu* (a fortaleza), X, 64$_{1-2}$. — *A defende*. No segundo cerco, est. 68-71. A fortaleza de Díu esteve cercada, de maio a novembro de 1546, por um grande exército do rei de Cambaia, em que entravam voluntarios de differentes nações. Commandava-o primeiro Coge Çôfar, e depois da morte deste seu filho Rumecão.

68

Abassis, X, 50$_7$, abexins. — *Rumes*, X, 62$_2$. — *Trazido tem...*, X, 67. — *Descridos*, á força de odio que, como infieis, nos tem. — *De banhar...*, beber sofregamente o sangue dos portugueses.

69

Basiliscos, X, 32$_7$. — *Leão*, especie de peça. — *Trabucos*, X, 32$_7$. — *Mascarenhas*, D. João de M.

70

Ramo, I, 7$_1$; VIII, 71$_1$; X, 62$_6$. — *Onde o violento fogo*. Achava-se D. Fernando num baluarte quando se percebeu, pela retirada precipitada dos inimigos depois dum assalto, que ia allire bentar uma mina. D. João de Mascarenhas mandou retirar os defensores do baluarte, mas increpando-os Diogo de Reinoso de falta de ánimo, deixaram-se ficar. Dahi a pouco voava o baluarte pelos ares e os portugueses eram espedaçados. — *Ao ceu*, tem duplo sentido, principalmente o espiritual. — *Caminho húmido*, II, 67$_2$, 108$_8$; Comp. VIII, 48$_3$.

71

Que não caibam em verso, I, 5₈. O segundo cerco de Díu foi celebrado pelo poeta epico Jeronymo Côrte Real, V, 46 N.

72

Em campo. D. João de Castro desembarcou nos campos de Baroche, cidade no golfo de Cambaia, na presença do rei de Cambaia e de um grande exército, com muita cavallaria (*multidão quadrupedante*, Aen. VIII, 596) e tornou a embarcar ser ter havido batalha. — *Sustenta do braço*, defende contra o braço. — *Dabul*, X, 34. — *Pondá*, na India Portuguesa, entre o rio Zuari e o rio de Candiapor.

73

Partes, merecimentos. — *Maravilha*, admiração. — *Na terra Martes*, VIII, 38₄. — *Virão lograr...*, IX, 89, 95₈.

74

Sonoroso, I, 5₁; IX, 54₈; X, 128₇.

75

Mantimento nobre, X, 143₅. — *De graça ornada*, IX, 62₂.

76

A Sapiencia Suprema, Deus. — *Um mato arduo*, Comp. X, 90₇₋₈.

77

Que o lume por elle penetrava, de tal natureza que a luz o atravessava sem obstaculo.

78

Orbes, espheras. — *Verga*, vara, insígnia de poder, aqui poder, como na Bíblia e nos poetas italianos. — *Nunca se ergue ou se abaixa.* O centro deste globo conserva-se sempre no mesmo ponto : o globo gira occupando sempre a mesma posição no espaço.

79

Archetypo (archétypo), typo principal, primordial; Deus, que formou todas as coisas conforme as suas idéas. — *Desejo,* de saber.

80

Ethérea e elemental. Na sua parte ethérea (superior), est. 81-90$_4$; e na sua parte elemental, i. é, a que é formada pelos quatro elementos (VI, 10$_7$-12), est. 90$_{5-8}$. — *O Saber...*, Deus. — *Meta*, II, 1$_3$, fim. — *Quem cerca...* Comp. « Novem tibi orbibus, vel potius globis, connexa sunt omnia : quorum unus est cælestis extimus, qui reliquos omnes complectitur, summus ipse Deus arcens et continens ceteros, in quo sunt infixi illi qui volvuntur stellarum cursus sempiterni ». Cic., Somn. Scip. O poeta vae expôr a cosmographia de Ptolomeu, V, 50$_3$, accommodada ao christianismo. Neste systema suppõe-se occupar a terra o centro do universo. Em torno della giram, pela ordem seguinte, a partir do interior para o exterior, a Lua, Mercúrio, Vénus, o Sol, Marte, Júpiter e Saturno, em excentricos, isto é, círculos cujo centro não coincide com o da terra. Mas propriamente assim só se verifica, segundo este systema, o movimento do Sol ; para explicar os movimentos dos outros planetas era preciso suppôr que descreviam círculos cujos centros se moviam sobre os excentricos. A estes novos círculos chamava-se epicyclos. Por fóra de todos estes círculos move-se o firmamento, ou ceu das estrellas fixas, grande esphera, com o centro no

centro da terra, que arrasta comsigo tudo quanto encerra num movimento de rotação que executa em 24 horas; os planetas, participando deste movimento geral, tem cada um seu movimento proprio. Em Ptolomeu já não ha propriamente a concepção das espheras, I, 21, em que em tempos mais antigos se julgavam fixos os planetas, posto que elle empregue aquella expressão. O poeta emprega a palavra círculo por orbe ou esphera. Segundo a descripção de Camões são onze os círculos ou espheras. Marciano Capella, na sua obra « De nuptiis Philologiae et Mercurii et de septem artibus liberalibus » (século v), muito lida na idade média, tinha tratado este mesmo assumpto.

81

Vil, imperfeita (humana). — *Aquelle Bem*, Deus. O Empýreo é para o poeta o ceu dos bemaventurados. *Elle só se entende e alcança*, X, 80, verbos reflexos.

82

Verdadeiros divos. Muito bem empregado aqui este termo, que entre os pagãos designava os deuses e os imperadores romanos divinizados e passou a designar os santos. No Empýreo dos pagãos estavam os deuses; para os christãos estão os santos. — *Fomos* (divos) *fabulosos*. Neste passo audaz affirma o poeta, por bocca da propria Téthys, que os deuses greco-romanos não existem como taes; mas em seguida (83, 84) explica que podem considerar-se como representações de anjos bons e maus, e portanto os que tem figurado no poema exprimem, sob forma poetica, o auxílio prestado pelos espiritos ministros de Deus e os obstaculos levantados pelos espiritos maus. Comp. com a explicação de IX, 91-92. — *O nome nosso*. O vosso engenho pôs o nosso nome nestas estrellas. Os planetas tem os nomes dos principaes deuses.

83

Santa Providencia, Deus. — *Os* (espîritos) *que são bons...*

84

Logo, portanto. — *Pintura que varia* (comp. III, 54$_{3}$; VIII, 43$_{2}$)..., a poesia. — *Celeste companhia*, V, 60$_{5-6}$; X, 20$_{6}$. — *O sacro verso*, a Bíblia. — *Nem nega*. É idéa que se encontra nalguns dos padres da Igreja (grandes escritores, de grande autoridade, dos seus primeiros séculos) que os deuses adorados pelos antigos eram demonios que os tinham conseguido enganar.

85

Emfim que, V, 83$_{1}$, emfim é certo que. — *Summo*, supremo. É a causa primeira; obra no mundo por segundas causas, differentes espiritos, 83$_{3-4}$. — *Este círculo* (esphera), o Empýreo, 81. — *Mundas*, puras (immundo, não limpo). — *Almas divinas*, X, 82$_{1-2}$. — *Não se enxerga* (o movimento), porque é tão rapido que as imagens se sobrepõem na retina, não havendo tempo para ter percepção nítida de nenhuma. — *Móbile primeiro*, círculo (esphera) movel mais exterior.

86

Rapto, muito rapido. — *Por obra deste*, com o movimento de rotação que este primeiro movel imprime a todos os astros e se executa em 24 horas, se move o sol (*com curso alheio*) produzindo a alternação de dia e noite; além do seu movimento proprio, annual, est. 89$_{5}$. — *A tento*, com movimento regular. — *Outro*, o primeiro crystallino, imaginado pelos astrónomos da idade média para explicar o effeito da precessão dos equinócios, isto é, a apparencia dum movimento muito lento de todos os astros, de occidente para oriente, em direcção

parallela á da écliptica. Para attender a todos os movimentos, ainda os astrónomos medievaes tinham imaginado um segundo crystallino, de que não falla o poeta. — *Emquanto Phebo...*, emquanto o sol faz duzentos cursos, i. é, em 200 annos, o primeiro crystallino dá um só passo. Suppunha-se gastar a volta inteira cerca de 49.000 annos. O valor actual da precessão é de cerca de 50"; corresponde-lhe um periodo de perto de 26.000 annos para a volta completa do ponto equinocial.

87

Est' outro, o firmamento, ou ceu das estrellas fixas. — *Largo cinto*, o Zodíaco. — *Apousentos*, os 12 signos, I, 42 N.

88

Carreta, a Ursa Maior. — *Cynosura*, a Ursa Menor. *Seu pae*, Perseu. — *Drago*, o Dragão, entre a pequena Ursa, Cepheu, o Cysne e Hércules. — *Turbulento* não rima, deve estar por outra palavra; provavelmente « *vê tremendo*, ou *metuendo*. — *Morrendo*, IX, 24_{1-2}.

89

O ceu de Saturno, o 7º ceu. Começa a indicação das espheras ou orbes em que se suppunham mover os planetas. — *Júpiter* move-se com o 6º ceu, II, 33_7. — *Olho do ceu*, o sol. — *Quarto assento*, 4ª esphera. — *Com tres rostos...*, segue-se a lua. Tem tres rostos, porque é Lua no ceu, Diana na terra, Hécate no inferno.

90

Grave, pesado; portanto vagaroso. — *Ora fogem...* Veja-se em X, 80 N, a theoria dos excentricos e epicyclos. — *Centro* onde está a terra. — *Tem por seu centro*. O fogo e o ar, por mais leves, rodeiam a terra e o mar. — *Mais a dentro* que as outras espheras todas, no meio de todas.

91

Insanos, I, 21_4, turbulentos.

92

Policia, VII, 12_8, civilização. — *Dos bens do mundo avara*, VII, 11_6; X, 93_{5-6}. — *Co'o cabo* da Boa Esperança. — *Se habita*, I, 52_4, etc., é habitada.

93

Benomotapa, ou Manamotapa, antigo grande imperio da Africa Austral, que deveria corresponder aos territorios de Manica, Sofala e parte da Rhodésia. — *Gonçalo*, o padre jesuíta Gonçalo da Silveira. — *Nasce*, X, 131_7. Julgavam alguns philósophos da antiguidade que os planetas tinham acção nos metaes e os faziam crescer. Os modernos empregaram tambem a expressão *nascer*, fallando dos metaes, como se vê, por exemplo, no appéndice do livro de Duarte Barbosa. Do oiro do Manamotapa diz fr. João dos Santos : « andando eu nestas terras me affirmaram alguns homens que tinham experiencia dellas, que era coisa muito averiguada fazer o sol nellas tanta impressão, com as influencias de seus raios que, além de as apurar e converter em ouro, fazia brotar o mesmo ouro fora da terra. com tanta força como se fôra planta que quer nascer, e particularmente naquelles logares onde se cria na superficie da terra » Eth. Or., II, 13. — *O metal*... Comp. X, 139_4. — *Cuama*, o Zambeze. É hoje só nome dum dos braços do seu delta, a que antigamente se dava, no conjunto, a designação de rios de Cuama. O Nilo Branco sae do lago Victoria ; o Zambeze vem da região do Baroze; mas julgava-se então que saía tambem daquelle lago.

94

Nhaia, Pedro de Nhaia, de origem castelhana, que levantou em 1505 a fortaleza de Sofala. Arrependido o rei da terra da permissão que dera para a construcção, reùniu 6.000 negros e veiu atacar a fortaleza. Nhaia venceu-os e matou o rei. Barros, I, x, 3.

95

As alagôas, X, 93_{7-8}. O maior destes lagos é o Victoria. — *Abassis*, X, 50_{7}. — *De Christo amigos*, IV, 61 N, 62_{8}; VII, 2_{3-4}. — *Méroe*. É a região que fica entre o Nilo, o Atbara e o Bahr-el-Azreque, que os antigos julgavam ilha. Existiu alli um estado poderoso, cuja capital é designada pelo mesmo nome pelos escritores antigos, do qual saíu no século VIII A. C. uma dynastia que reinou no Egypto.

96

Contra os turcos. Quando D. Estevam da Gama, na sua expedição do mar Roxo, passou em Maçuá, mandou-lhe a rainha mãe da Abyssínia pedir auxílio contra o xeque muçulmano de Zeila. Enviou-lhe o governador seu irmão D. Christovam com 400 portugueses. D. Christovam venceu em differentes recontros os inimigos, mas atacado pelo xeque com o auxilio de mil turcos, que este pedira ao pàchá de Zebid, foi vencido, aprisionado na fuga e degolado pelo xeque, depois de insultos e torturas. — *Hospicio*, II, 14-19. — *Rapto*, rio mencionado na Geographia de Ptolomeu. Barros, I, VIII, 4; II, I, 2; III, IV, 1. Barros e Camões confundiram o Uebe, que corre muito ao norte e não tem saída para o mar, com o Sabaqui. — *Romance*, lingua vulgar. Quando no occidente o latim fallado pelo povo chegou a differenciar-se do latim escrito e fallado pelos eruditos, ainda bastante conforme com o latim antigo, a ponto de formar

outra lingua, chamou-se a esta na França e na Italia *romana* ou *romance*, em opposição á latina. — *Entra* no mar. — *Quilmance*, a uma legua ao norte de Melinde, Barros, l. cit. Significando a palavra « rio da Montanha » (é um dos nomes do Tana), deve ter designado primeiro o Sabaqui, e o rio ter dado o nome á povoação.

97

Arómata (aromas) era o nome da costa dos Somális, donde vinham perfumes. Deram tambem este nome ao cabo Guardafui, na mesma costa. — *Mar Roxo*, II, 49. — *Do fundo*. Pode ter derivado o nome, como suppõe D. João de Castro (Roteiro de Díu a Suez, pg. 256-260), da coloração produzida em diversos pontos pela presença de bancos de pedra coral vermelha ou revestida de algas vermelhas; ou, como indicou Montagne, da coloração produzida em grandes extensões por avultada quantidade de algas fluctuantes submarinas. Tambem querem alguns que de nomes de povos que habitavam perto deste mar, e que significavam vermelhos (Edom em hebraico, Himyar em árabe, e Punt dos monumentos egypcios), lhe viesse a designação. — *Maçuá*, *Arquico*, X, 52. — *Suanquem* (Suakim), porto do Egypto sobre o mar Vermelho : é o porto natural do Soldão Egýpcio.

98

Dos Hèroas a cidade, Heroópolis.— *Arsínoe*, IX, 2_{1-4}. — *Tem das frotas a potestade*, é o porto militar do Egypto. — *Patente estrada*, IV, 63_{1-2}; VI, 81_{3-4}.

99

Co'o sepulcro. No mosteiro de Santa Catharina do Monte Sinai guarda-se o corpo da santa, que, segundo

alli é tradição, os anjos para lá transportaram, de Alexandria, onde soffreu martyrio. — *Toro*, porto da peninsula do Sinai sobre o golfo de Suez. — *Gidá*, IX, 3.

100

Arábias tres, IV, 63₈. — *Tanta terra tomam*, occupam tão grande superficie. — *Vaga*, nómada. — *Outro estreito de Pérsia*, o de Ormuz. — *E faz a traça o cabo...*, oração não relativa, coordenada com a relativa : formando o seu contorno a saliencia do cabo Fartaque.

101

Dôfar, antiga cidade proximo da costa meridional da Arábia, a meia distancia entre o cabo Fartaque e as ilhas de Cúria Múria. Esta cidade, outr'ora floresceente, era já no tempo de Duarte Barbosa um simples lugar; restam della ruínas, no sítio denominado El Balad (a cidade), na planicie que ainda hoje conserva o nome de Dhafar. Todos são accordes em ser o melhor incenso o que é produzido pelos montes situados ao norte desta planicie. Servia de porto Mirbat, que ainda subsiste. Não se confunda esta cidade com Dhafar do Iémen. — *Cabo Roçalgate* (Ras (monte) el Hadd), á entrada do golfo de Oman. — *Ribeiras*, I, 87 ; IX, 70₄ ; X, 10, 50₄. — *Castel Branco*, D. Pedro de C. B., capitão de Ormuz, que venceu uma grande frota turca.

102

Por aqui entra o lago. Fica o cabo Maçandão no estreito de Ormuz, fronteiro á ilhas de Quéixome (Kichm) e de Gerum. — *O lago*, o golfo Persico. — *Barem*, X, 41₈. — *Imitantes á côr*, participio do presente com complemento directo. — O *Tigre* e o *Euphrates* reúnem-se formando o Chatt el Árab (rio dos árabes), que se lança no golfo Persico.

103

No campo e nos cavallos. Os persas, como tambem os antigos parthos, tornaram-se insignes na cavallaria. — *Se in-ju-ria* (trissýllabo), tem desprezo em... — *Fundido cobre*, X, 28, artelharia. — *Como descobre...*, como é exemplo das mudanças que o tempo traz : defronte desta ilha, no continente (provincia do Maghistan) havia a cidade de Ormuz; esta desappareceu e na ilha surgiu outra cidade, que se tornou célebre com o mesmo nome de Ormuz.

104

D. Filippe de Menezes, capitão de Ormuz, venceu os persas de Lara, cidade do Laristan. — *Golpes e reveses de D. Pedro de Sousa*, infligidos por D. P. de S., capitão de Ormuz. — *Ampaza* (hoje Faza) cidade na costa de nordeste da ilha de Pata, no archipélago de Uitu, ao norte de Melinde.

105

Cabo de Jasque, á entrada do estreito de Ormuz. — *Mal querido...*, esteril. — *Carmânia*, IV, 65₂. — *Teve* (o terreno). — *Aquella altura*, uma serra do Himálaia. — *Junto da qual*, IV, 69₇₋₈.

106

Terra de Ulcinde, a região do baixo Sinde, o delta do Indo, junto a cuja bocca mais occidental ficava o porto de Diul (Dayul-i-Sind). — *De Jáquete*. Fica a península de Guzarate ou Cambaia entre a enseada de Jáquete (Catch, Katch, e com orthographia inglesa Kutch) e o golfo de Cambaia. — *Intima*, muito reintrante. — *Onde do mar o seio...* Ao fundo do golfo de Cambaia fica a cidade que lhe deu o nome.

108

Entre um e outro rio, VII, 19, i. é, na India. — *Um... outro*, uns... outros. — *A quem*, aos reinos gentios. As suas religiões são tão estranhas que parecem inspiradas pelo demonio. Comp. X, 84 N. — *Tem escritas*, I, 29 N. — *Senhorio*, reino. — *Que a Jesu Christo...*, V, 128.

109

Meliapôr, faz hoje parte de Madrasta. — *Inica*, infiel. — *Thomé*. Já muitos séculos antes de os portugueses chegarem á India, havia lá, na costa do Malabar e na de Choromándel (Coromandel), alguns christãos, cujos descendentes ainda formam communidades importantes. Eram nestorianos, isto é, professavam a heresia de Nestório. Chamaram-lhes christãos de S. Thomé, por ser antiga tradição que este apóstolo tinha chegado a prègar o christianismo na India. Sobre a tradição da morte de S. Thomé, Barros, I, IX, 1. Sobre os christãos de S. Thomé, veja-se David Lopes, Os portug. no Malabar, pg. LXIV-LXXXI. Em II, 11 e 91 N, referimo-nos á menção que fazem os nossos escritores de christãos de S. Thomé encontrados por Vasco de Gama nos portos d'Africa: certamente se enganaram, tomando por christãos nomes, figuras e sýmbolos das religiões indianas.

110

Lenho, tronco d'árvore.

111

Nada abasta, nada é capaz de o fazer sequer mover. — *O núncio*, o apóstolo. — *Por derradeiro*, depois de todos estes esforços (110₇-₈).

112

Se com fé formada. Ev. S. Matth., XXI, 21; S. Marc., XI, 23. — *Brâmenes*, VII, 40.

113

São estes... (aquelles) *em quem...* — *Desvios*, modos disfarçados. — *O principal que ao peito..*, o principal brâmane. Trazem os brâmanes um cordão ao peito, insignia da sua casta. — *Que o mundo veja,* para que..., i. é, do qual vae resultar que veja.

115

E será crido por testemunho mais approvado, o seu.

116

Agua santa, do baptismo. — *O manto* de Thomé. — *Seu*, da inveja.

117

Lhe ordenava, lhe preparava...; tinha resolvido que elle soffresse martyrio.

118

Choraram-te o Gange e o Indo, I, 14$_6$.

119

E vós outros: apóstrophe ás ordens religiosas missionarias (*Mandados de Deus*). — *Se sois sal. Vos estis sal terrae.* Ev. Matth., V, 13. — *Onde o propheta...*, prov. « ninguem é propheta na sua terra ».

120

Debuxada, figurada no globo. — *Esta cidade*, X, 109$_{1-2}$. — *Se faz curva.* Começa a grande curva da bahia de Bengala (gangetica curva). — *Narsinga.* Este reino, com capital em Bisnaga (Vijaianâgara), occupava a

parte meridional da península, com toda a costa oriental correspondente e pequena parte da occidental. — *Orixa*, entre o reino de Narsinga e o de Bengala.

121

No qual... I, 8₈; VII, 20₅₋₇. — *Chatigão*, Chittagong, ao fundo da bahia de Bengala. — *Para o Austro...* A partir deste ponto a costa curva-se para S. E.

122

Arracão e *Pegú* fazem parte da Birmánia, hoje inglesa. — *Monstros*, Barros, III, III, 4. Sobre lendas análogas, V. Abreu, Frag. pg 29-33 ou Alguns Passos, pg. 5-10. — *Soante arame*, cascavéis. Garcia de Resende, Misc., 87, Barros, III, II, 5; III, 4; Duarte Barbosa; V. Abreu, Frag. e Alguns Passos.

123

Tavai, sobre o rio Tavai, que desagúa num golfo na costa do Tenasserim (Baixa Birmánia). A cidade actual está a 65 k. da foz. — *Tenasserim*, sobre o rio do mesmo nome, a 58 k. de Mergui. Está hoje em decadencia. — *Quedá*, na costa occidental da península de Malaca, capital do estado do mesmo nome, que é vassallo do Sião, mas se acha na esphera de influencia inglesa. — *Mar grande*, os mares da China e do archipélago Malaio.

124

Chersoneso, VII, 18₈. — *Epitheto;* aqui epithéto. — *Ophir*, terra donde a Biblia (Reg., III, IX, 28) diz que Salomão mandava buscar oiro e que se não sabe qual fosse. Tem-se localizado em differentes regiões da Asia; tambem julgam alguns que fosse a Africa Oriental. De resto Ophir podia não ser a terra do oiro, mas um porto onde fosse trazido para vender.

125

Cingapura (mod. Singapura), numa ilha ao sul da península de Malaca, X, 44 N. — *Onde o caminho...*, no estreito de Singapura, a oriente de Malaca, entre a costa da península de Malaca e a ilha de Singapura, de um lado, e do outro as ilhas de Bintão, Battam e Bulam, do archipélago de Riouw. — *Tornando á Cynosura*, X, 88, dirigindo-se para o norte. — *Para a aurora*, para leste. Quer dizer que a costa geral do continente asiatico, a partir do estreito de Singapura, se dirige para o norte, mas depois faz curva (o golfo de Sião), inclinando-se para leste. — *Pam* (Pahang), *Patane*, pequenos estados do sul da península de Malaca, este vassallo do Sião, mas na esphera de influencia inglesa, aquelle já actualmente sob o protectorado da Inglaterra. — O *Menão* nasce nas montanhas laocianas e passa pela cidade de Chieng-Mai ou Xieng-Mai. Suppunham os geógraphos do século XVI, e suppôs-se ainda posteriormente, que existia na China, entre 32º e 34º, um lago com aquelle nome, de que procedia o Menão, Barros, III, III, 4, e outros rios da Indo-China, Barros, I, IX, 1. A existencia do lago Tonlé-Sap, só em época muito moderna directamente conhecido, que em parte do anno recebe aguas do Mecom e noutra parte derrama nelle as suas, e confusão que se estabeleceu entre Menão e Mecom podem ter contribuído para se suppôr a existencia do lago Chiamai. V. Abreu, Frag. pg. 25-27. Comp. X, 93 7-8.

126

Pintam com ferro ardente..., usam a tatuagem.

127

Se interpreta, se traduz, significa. — *D'outro*, do emissario do Tonlé-Sap. — *Como indiscreta*, porque é

ignorante. — *Pena e glória.* Suppõem que os animaes tem, depois da morte, premios ou castigos, como terão os homens. Acreditavam na transmigração das almas, crendo que tinham de passar por diversos corpos de animaes e de ser julgadas depois de cada existencia. Esta crença indiana tinha sido levada á Indo-China pelo budismo.

128

Este receberá... Quando Camões, demittido do seu logar em Macau, foi mandado apresentar em Gôa, naufragou na viagem, na foz do Mecom. Conseguiu salvar os Lusíadas. O poeta parece indicar que os habitantes o acolheram bem. — *Dos procellosos baixos*, VII, 85_5. — *Sonorosa*, I, 5_7, 47_8; IX, 54_8.

129

Champá, hoje Cochinchina. — *Cauchinchina*, o imperio de Annã. — *Pao cheiroso*, o lenho áloes, liináloes, calambaco, calambuco ou garo. — *De Ainão a enseada*, o golfo do Tonquim.— *Afama*, X, 39_8, 131_4.— *Cinto frio*, o círculo polar arctico. Indica neste logar apenas o norte, pois a China fica muito afastada do mencionado círculo.

130

O muro e edificio, a grande muralha da China, feita ha muitos séculos para defender a China propriamente dita das incursões dos tártaros. — *Estes*, os chinas. — *Não foi nascido principe...* Não é exacto : a autoridade imperial transmitte-se na China por hereditariedade, havendo dynastias de imperadores, que só terminam com alguma grande revolução politica.

131

Mas não deixes no mar as ilhas. Terminada a indicação das terras desde a Europa e Africa até ao extremo

da China (a Europa e a Africa occidental não se desenvolveram porque já foram tratadas, a primeira no canto III e a segunda no canto V, e no I e II, e se trata aqui tão sòmente de indicar as terras onde os portugueses aínda se haviam de distinguir), passa Téthys a enumerar em sentido inverso as ilhas mais notaveis, desde o archipélago do Japão até Madagáscar. — *Afamar-se*, X, 39$_8$, 129$_5$. — *Responde*, está fronteira. — *Donde vem buscar-se*, donde se parte para vir a ella. — *Japão*, a ilha de *Nippon*. — *Onde nasce a prata*, X, 93$_5$. — *Lei divina*, o christianismo, que os missionarios alli irão prègar.

132

Infinitas ilhas, o archipélago Malaio. — *Tidore e Ternate* pertencem ao archipélago das Molucas. — *Fervente cume*, vulcão. — *Ardente*, de sabor ardente. — *Inda compradas*, que hão de ser compradas. — *Aureas aves*, as aves do paraiso, muito notaveis pelas cores e brilho da plumagem, das quaes se contavam muitas fábulas. Nas Molucas, onde não ha estas aves, vendiam-se as suas pelles, trazidas da Nova Guiné, preparadas de forma que se não distinguia o logar dos pés. D'aqui a crença de que os não tinham.

133

O roxo fruto, IX, 14 e N, a noz muscada.

134

Timor, uma das mais orientaes das ilhas da Sonda. É portuguesa a parte de leste, além do territorio de Ambeno, adjacente á costa setentrional, separado do resto da colonia pelas possessões hollandesas, que occupam todo o resto da ilha. Pertence tambem a Portugal a ilha proxima de Pulo Cambing. A área provavel da nossa

colonia de Timor é de 18.982 k². — *Sunda*. Esta palavra, que designa hoje o archipélago, disposto em arco, que se extende do estreito de Malaca até ás ilhas de Timor Laut, designava primeiro a parte occidental da ilha de Java, que se suppunha constituír uma ilha distincta, julgando-se que o rio Chiamo era um braço de mar. Era desconhecida a vertente meridional da ilha. Barros, IV, I, 12.

135

Aquella que o tempo tornou ilha, X, 124₁₋₄, Sumatra, que um cataclysmo separou em tempos antigos da península de Malaca. — *Flammas trémulas vapora*, tem Sumatra vulcões em actividade, e em diversos pontos da ilha saem jactos de vapor. — *Oleo*, naphta. — *Cheiroso licor*, benjoím. — *Filha de Cinyras*, IV, 63₆; IX, 34₇. — *Onde ella mora*, onde principalmente se dá a myrrha.

136

O monte, o pico de Adão, de 2262 m. Numa depressão existente na parte superior, que tem alguma parecença com um pé humano, julgam os buditas vêr uma pègada de Buda; os muçulmanos crêem ser uma pègada de Adão, que a alli deixou quando pela última vez pôs pé na terra. Ha em Ceilão outro monte mais alto, o Pedrotagalla, de 2.538 m., porém menos fallado, por se vêr difficilmente do mar. — *Ilhas de Maldiva*, ou Maldivas, archipélago formado de numerosas pequenas ilhas corallígenas, que se extende no oceano Indico, entre 7°6' lat. N. e 0°40' lat. S. — *Nasce... no profundo das aguas a planta soberana* (utilissima) que dá os cocos de Maldiva. Barros, III, III, 7. A palmeira que os produz, a *Lodoicea Seychellarum*, Labill., apenas se encontra nalgumas das ilhas Seychelles, que só foram descobertas

no século XVIII. Os seus cocos, que são muito grandes, caíndo ao mar, eram levados para o oriente pelas correntes marítimas, ajudadas parte do anno pela monção de sudoeste, sendo arremessados ás praias em differentes regiões, sobretudo nas Maldivas. Não se conhecendo a sua origem, julgavam os orientaes, que provinham de palmeiras submarinas. Devido á fama de antídoto que tinham, muitos soberanos do oriente os compravam. Na Europa, onde eram rarissimos, eram tambem muito estimados, montando-se em oiro e prata e dando-se por elles sommas consideraveis.

137

Roxo estreito, o de Bab el Mandeb, que dá entrada para o mar Roxo. — *Socotorá*, X, 39 N. — *Massa do cheiro mais perfeito*, VI, 25_{7-8}. — *S. Lourenço*, I, 42_{5-6}; X, 39_8. — *Afamada*, I, 42_5; X, 39_8. — *Madagáscar.* O verso mostra que era esta a primitiva accentuação; comp. malgache.

138

Um lusitano, II, 55; X, 140-141.

139

Grande terra, a America, que se extende de norte (Callisto, I, 51_2,) a sul. — *Luzente mina*, as minas do Perú e do México. — *Louro Apollo*, IX, 57_4. — *Provincias*, VII, 32_1.

140

Co'o pao nota, que se tornará célebre pelo pao brasil, V. 44 N. Era ha muito tempo conhecida na Europa e empregada na tinturaria a madeira vermelha da *Caesalpinia Sappan*, L., árvore muito espalhada na India, Indo-China e archipélago Malaio. Esta madeira era designada

pelo nome de *brasil, bresil, verzino* (ital.). O Roteiro, pg. 110, faz menção desta árvore como existente no Tenacerim (?). Em diversas partes da America se encontra ella. Os indígenas do Brasil chamavam-lhe ibirapitanga. Hoje é conhecida pelo seu nome malaio, *Sappan*. — *Primeira* que foi (1500), depois da primeira viagem de Vasco da Gama (1497-1499). — *A parte mais remota*. Fernão de Magalhães fez para o Atlantico occidental e para a America o que Bartholomeu Dias fizera para o Atlantico oriental e para a Africa : achou o extremo das terras e communicação para outro mar.

141

Mais que meia, mais de 45º de latitude sul. — *A linha*, o equador. — *Da terra...*, da Patagónia. — *Se arreia*. III, 10_3; VIII, 33_4; X, 27_1. — *Outro mar*, o Pacifico. — *Terra que fica...*, a Terra Incógnita, que suppunham existir para a banda do pólo.

143

Patria amada, III, 24_1; VIII, 61_3; IX, 17_1.

144

O premio e glória dão por que mandou, dão conta de ter cumprido o intento para cuja realização o rei os tinha mandado, realização que vae cobrir o rei de glória. — *Titulos novos*, IV, 101_{7-8}.

145

No mais (não mais cantarei), III, 67_8 e N, aqui termino o poema. Está realmente acabado, mas o poeta simula que ainda não queria concluír, porém o desalento a isso o força, aproveitando a occasião para mais uma vez se queixar dos contemporáneos e pedir ao rei que resista ás influencias nefastas que o rodeiam. É certo

que no alvará de privilegio para a impressão do poema, com data de 24 de setembro de 1571, se lêem as palavras « se o dito Luís de Camões tiver acrescentado mais alguns cantos », mas alludem provavelmente a trabalho diverso (est. 155_{5-8}), de que o poeta fallava como continuação dos Lusíadas, ou que consideravam como tal. — *Gente surda...* Comp. V, 94-100.

146

Divino conselho (deliberação), vontade divina. — *E vêde as outras gentes*, comp. I, 10_{7-8}.

147

Idolàtras, II, 54_3; VII, 73_1.

148

De vós tão longe, apesar de estarem tão longe... — *Comvosco*, para vos servir.

149

Logo, portanto. — *Desaliviae-os*, alliviae-os. Era forma usual; assim Couto VI, x, 18. — *Se tem bondade*, se á experiencia reúnem intelligencia e saber, além de probidade. — *Cabem*, devem ser feitas.

150

Segundo tem das vidas o talento, na profissão que cada um tiver escolhido; uns de religiosos; outros de cavalleiros... — *Pelos vicios*, em expiação dos vicios. — *Vento*, cousa vã.

151

A lei de cima, a religião christã. — *Uns* (inimigos), que são os homens.

152

Alemães, VII, 4. — *Que, posto que em scientes...*, pois ainda que o saber dá grande autoridade aos homens, muito maior é ella quando é acompanhada da experiencia. Assim na arte militar (153) : não basta estudá-la nos livros ; é mister que esse estudo se complete com a prática.

153

De Phormião. Phormião ensinava em Épheso. Tendo ido Annibal um dia ouví-lo, o philósopho pronunciou um discurso em seu louvor, em que fallou muito de coisas militares, mas sem nenhum acêrto. Todos admiraram muito o discurso ; perguntando, porém, a Annibal a sua opinião, elle respondeu que tinha ouvido muito velho tonto, mas ainda nenhum que dissesse tanto disparate. Cic., De Oratore, II, 18. — *Annibal*, III, 141.

154

Mas eu que fallo? A ordem das idéas desde a est. 145 é a seguinte :

Concluí o poema e não me sinto agora inclinado a continuar a compôr, porque me desgosta o pensar dos fidalgos da côrte, que nem apreciam os poetas nem os que com as armas servem a patria. Olhae vós pelos que vos servem, ó rei ; tratae-os condignamente a seus serviços ; e aos que reúnem a maior intelligencia e saber mais larga experiencia, chamae-os para junto de vós e com elles vos aconselhae ; que só os que tem experiencia são competentes para vos dar conselhos. Mas posso eu, humilde como sou, cujo nome vós mesmo ignoraes, fallar-vos deste modo? Alguma qualidade tenho para isso, pois em mim concorrem engenho, estudo e experiencia : tenho-vos servido com as armas e a vós consagrei os meus versos. O meu desejo mais

ardente é que acceiteis este poema que vos offereço. Se me couber essa felicidade, quando vós fizerdes empresas heroicas, como estou certo que fareis, invadindo as terras de Marrocos, vosso favor me animará a tomar de novo a penna para vos celebrar num poema sublime.

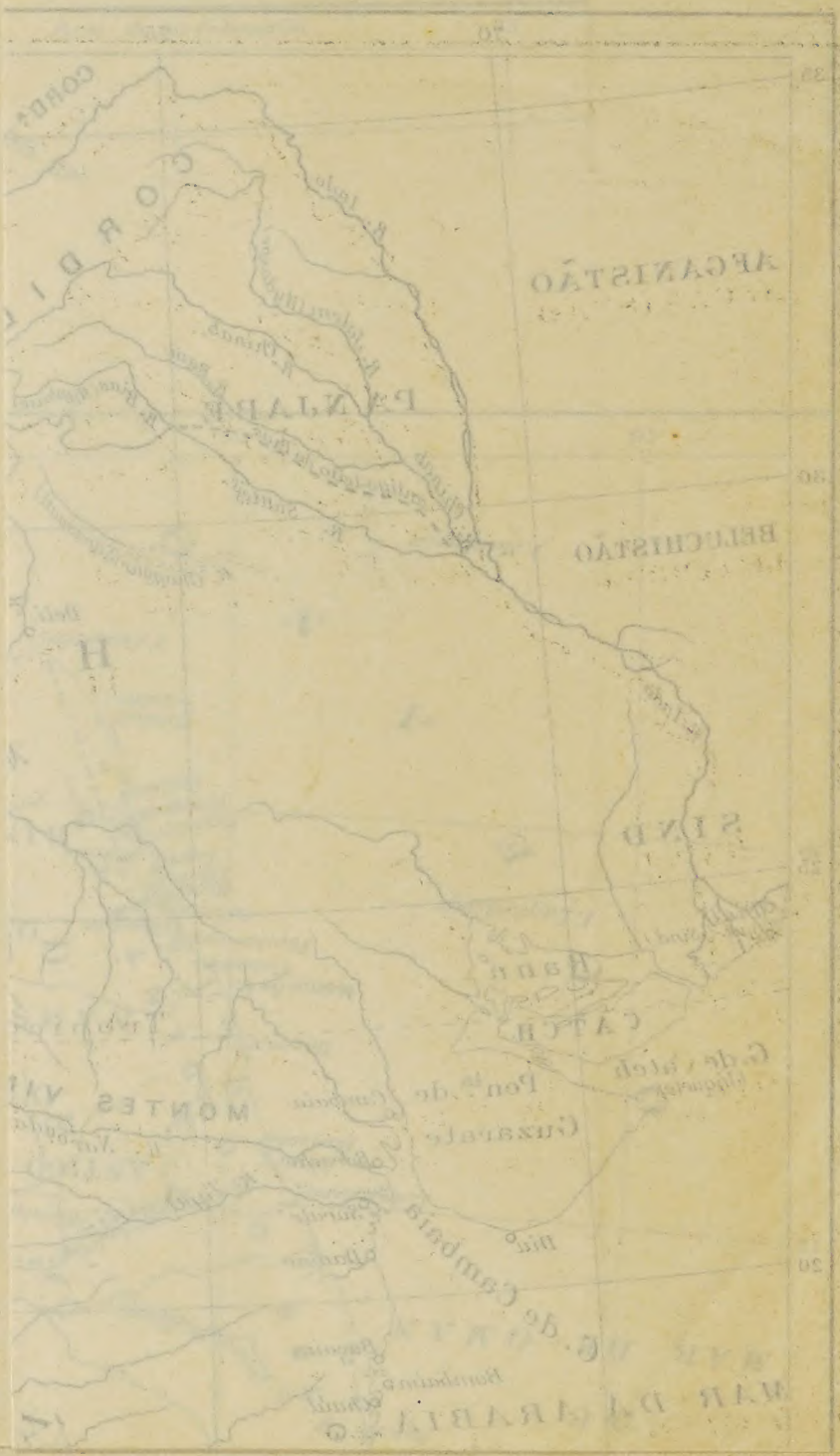
155

Para servir-vos..., V, 96_3; VII, 79_8. — *Digna empresa tomar*. Comp. I, 15-17. — *Inclinação divina*, ánimo heroico.

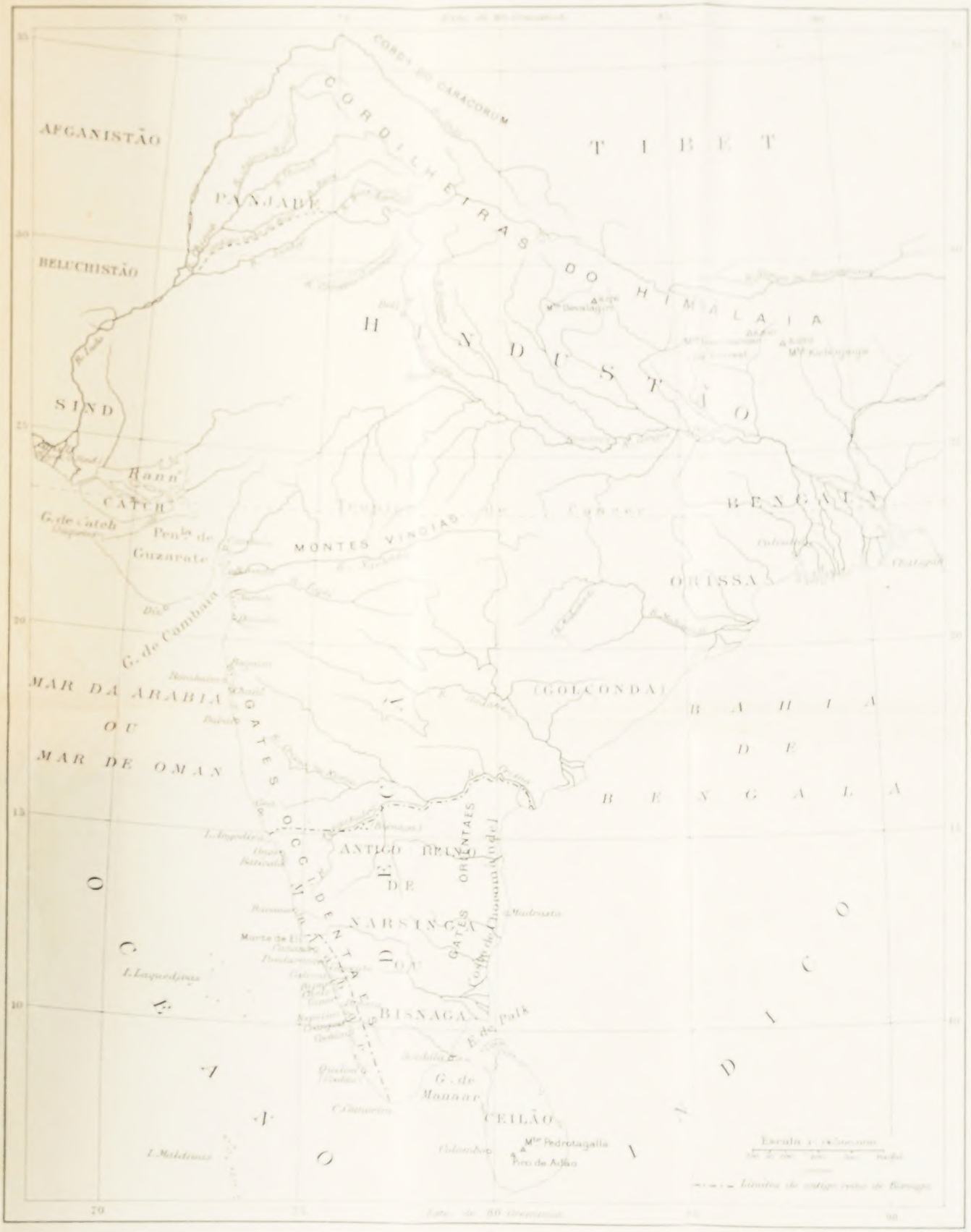
156

Ou fazendo... ou rompendo explica *digna empresa* — *Mais que a de Medusa*, III, 77_{1-2}. — A forma *Atlas* vem do nominativo latino; a forma *Atlante* dos casos obliquos. — *Ampelusa*, III, 77_3. — *Trudante*, cidade de Marrocos. — *Já estimada* (por vós, 155_{3-5}), *e leda* (com o vosso favor). — *Fico* (estou certo de) *que a minha musa de vós cante*, prometto cantar-vos. — *Ter inveja*, V, 93_{1-4}. Sereis outro Alexandre por vossos feitos, sem terdes que invejar, como o primeiro, a glória de Achilles, que foi celebrado por Homero, porque eu celebrarei em versos sublimes os vossos feitos.

AFRICA E ASIA



INDIA


AFGANISTÃO
BELUCHISTÃO
SIND
PANJABE
CORDILHEIRAS DO HIMALAIA
CORDILHEIRA CARACORUM
TIBET
HINDUSTÃO
BENGALA
ORISSA
MONTES VINDIAS
Kann
CATCH
G. de Catch
Pen.la de Guzarate
G. de Cambaia
MAR DA ARABIA OU MAR DE OMAN
GOLCONDA
BAHIA DE BENGALA
GATES OCCIDENTAES
GATES ORIENTAES
ANTIGO REINO DE NARSINGA
BISNAGA
G. de Manaar
CEILÃO
Mte Pedrotagalla
Pico de Adão
Escala 1:

Livraria Aillaud—Rua Aurea, 242, LISBOA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Mappas das Cinco Partes do Mundo

Pelo General *Niox*, Edição de 1906, com os rios e linhas principaes dos C. de Ferro. Coloridos a cinco côres, nitidamente impressos formato 120×100.
Em papel 750
Montado com regoas e panno ..... 2$100

A Collecção comprehende os mappas seguintes: **Europa; — Africa; — Asia; — America do Norte; — America do Sul; — O mundo planispherio — 1.º**: *Europa Asia Africa*; **O mundo Planispherio — 2.º** — *Americas e Oceania*.
Cada mappa vende-se separadamente.

A B C dos termos geographicos

Magnifico quadro impresso a côres em papel 750
Formato 120×100 montado com regoas ..... 2$100

Contra o impaludismo, pelos D.res *Et. e Ed. Sergent* quadro a côres mostrando o **Mosquito (Anophele)** larva, cabeça e insecto completo que inocula o **impaludismo**, e o **mosquito (Culex)** larva, cabeça e insecto completo que não transmitte o **impaludismo**, em papel 300
Montado com regoas e panno ..... 2$100

Livros francezes redigidos segundo o programma das classes primarias dos Lyceus; adoptados officialmente pelas escolas da Cidade de Paris.

Grammaire Française por M.elle *L. Troufleau*, Directrice du lycée de Brest.
Cours préparatoire, 1 vol. cart. 200
Cours Elémentaire 1 vol. cart. 250
Cours moyen 1 vol. cart. 300

Morale pratique, Lectures et résumés por M.elle *L. Troufleau*, 1 vol. cartonado de 540 pag. 700

Histoire Narrative de la France (Petite) por M.elle *H. Wurmser*, agrégée d'histoire, professeur au Lycée d'Amiens.
1.ª *partie*: Gaule Romaine—Henri IV, 1 vol. illustr. cart. 300
2.ª *partie*: Louis XIII—1875—1 vol. illustr. cart. 300

Histoire narrative de l'Antiquité, (1.er Cycle-classe de 6.e) por M.elle *H. Wurmser*.
1.ª *partie*: Peuples de l'Orient, 1 vol. illust. cart. 250
2.ª *partie*: Grèce, 1 vol. illust. cart. 250
3.ª *partie*: Rome, 1 vol. illust. cart. 250

Leçons de choses por M.elle *S. N. de Montille*, agrégée de l'enseigt secondaire. Directrice du Lycée de jeunes filles de Castres.
1.ª *partie*: Animaux et plantes utiles et nuisibles—Minéraux—L'Eau et L'Air, 1 vol. illustr. de 135 grav. cart. 200
2.ª *partie*: Matières premières et matières ouvrées—Les moyens de Communication, 1 vol. illustr. de 213 grav. cart 300
3.ª *partie*: Notions usuelles de Sciences physiques et naturelles, 1 vol. illustr. de 335 grav. 400

English Lessons—For the Little ones, por M.me *Hebert*—Professeur d'Anglais au Lycée d'Amiens, 1 vol. cart. 250